



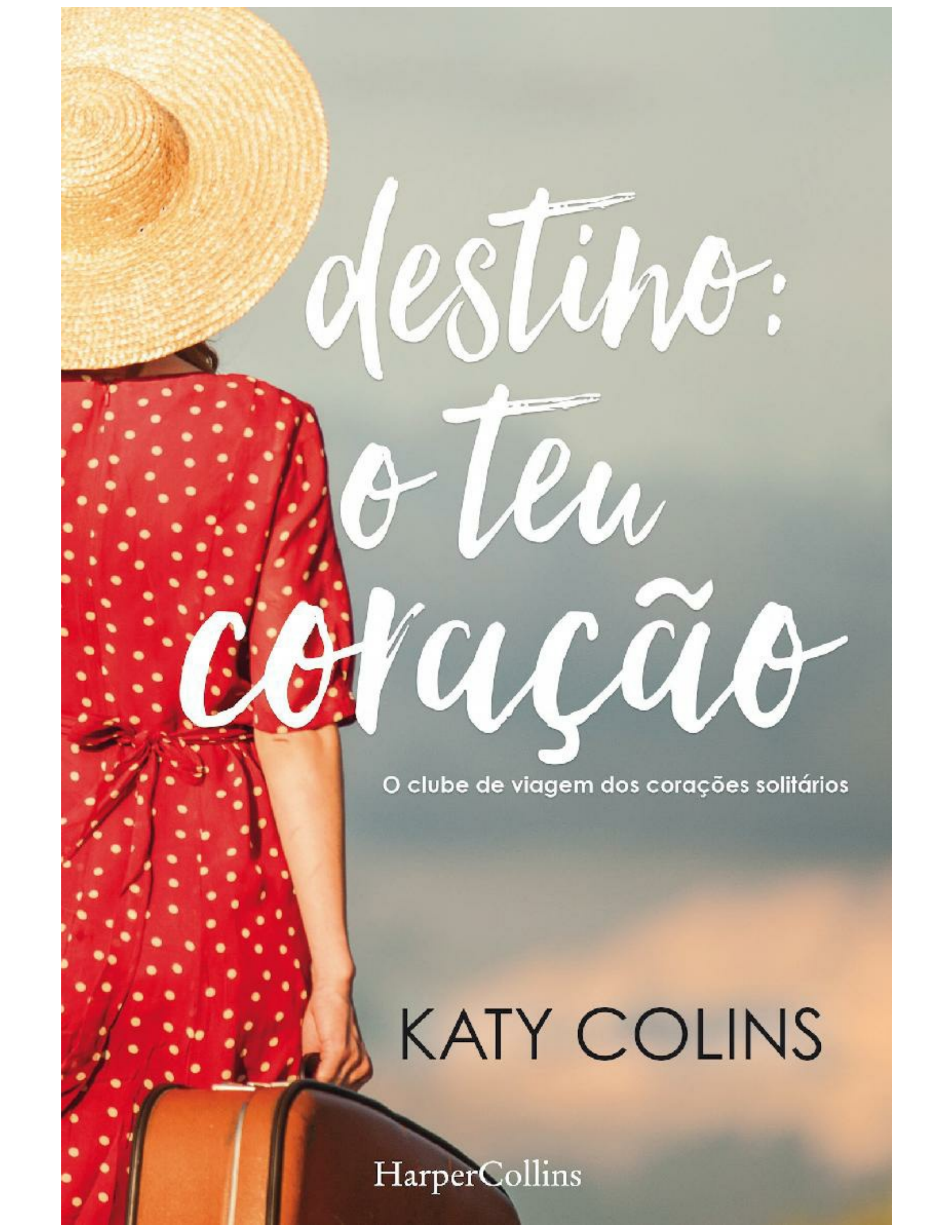
destino: o teu coração

O clube de viagem dos corações solitários

KATY COLINS

HarperCollins





destino: o teu coração

O clube de viagem dos corações solitários

KATY COLINS

HarperCollins

*destino:
o teu
coração*

KATY COLINS

Editado por HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

Destino o teu coração
Título original: Destination India
© 2016, Katy Colins
© 2018, para esta edição HarperCollins Ibérica, S.A.
Publicado originalmente por Carina UK
Tradutor: Fátima Tomás da Silva

Reservados todos os direitos, inclusive os de reprodução total ou parcial em qualquer formato ou suporte.
Esta edição foi publicada com a permissão da Harlequin Books, S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são usados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, factos ou situações são mera coincidência.
Imagem da capa: Dreamstime.com
1ª edição: Julho 2018

ISBN: 978-84-9139-276-7

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

[Página de título](#)

[Créditos](#)

[Sumário](#)

[Dedicatoria](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Agradecimentos](#)

[Se gostou deste livro...](#)

*Querida, não deixarei que caias quando sei que podes
voar.*

Isobel, isto é para ti.

Capítulo 1

Túrbido (adj.): inquietante, perturbador.

A primeira coisa que ouvi foi as chaves na porta, a tilintar umas contra as outras, enquanto a fechadura rodava lentamente.

Bolas, voltara a fazê-lo.

Afastei a cabeça do computador portátil. Percebi que tinha ficado com a palavra «qwerty» gravada na face. Esfreguei os olhos cansados e, certamente, espalhei os restos de rímel pela cara. Ouvi o som metálico da campainha quando a porta se abria e, rapidamente, escondi-me por baixo da secretária com um ar de dor, porque bati com o osso do cotovelo. Encolhi os joelhos, pu-los por baixo do queixo e tentei aninhar-me contra o canto, com a esperança de que ele não visse os sapatos que tinha deixado perto da secretária.

Ouvi os passos dele nos ladrilhos do chão, ladrilhos que tinham sido importados de Marrocos pela dona anterior e que, apesar de uma vez terem conhecido a areia do deserto, agora, tinham a lama e a sujidade de Manchester nas juntas estreitas. Eram lindos, mas também era muito difícil mantê-los limpos. Ele assobiava suavemente e eu distingi a melodia de uma série de televisão de que todos falavam, mas que ainda não tinha tido tempo de ver. Mentalmente, voltei a esbofetear-me por estar naquela situação outra vez, mas não ia permitir que ele me encontrasse assim. Nem pensar!

De repente, parou. Fiquei com falta de ar. Dali, via os seus sapatos elegantes e castanhos, uns sapatos que eu vira durante os saldos de janeiro na montra da sapataria que havia um pouco mais abaixo, na mesma rua. Pensara que lhe ficariam muito bem.

Naquele momento, aqueles sapatos apontavam para mim. Tentei manter-me imóvel e ouvi que ele parava de assobiar e deixava escapar um suspiro profundo. Porque não se mexia? O meu coração batia com força no peito. Porque voltara a fazê-lo? Voltara a pôr-me naquela situação ridícula e era a única culpada. Quando os seus pés se aproximavam ainda mais da minha secretária, ouvi que a porta se abria novamente.

— Tudo bem? — cumprimentou Kelli, no seu típico tom rouco matinal, no meio do silêncio da sala.

— Bom-dia, Kel, deixaste as luzes acesas ontem à noite, antes de ires? — perguntou ele.

Ouvi Kelli resmungar. Imaginei-a a revirar os olhos, que pintava sempre com *Kohl*, e a lançar-lhe o seu melhor olhar sarcástico.

— O quê? Não, fui eu. Saí antes da Georgia — defendeu-se e bocejou sonoramente. Agora, eu também via os seus ténis *Converse* desgastados e sujos, cujos atacadores, que uma vez tinham sido brancos, estavam cheios de algo que parecia lama. Realmente, precisava de fazer uma boa limpeza

àquele chão. Mais outra tarefa na minha lista de coisas para fazer, que crescia sem parar. Talvez alugasse um aspirador industrial ou a vapor. Tinha a certeza de que a minha mãe tinha um que ganhara no bingo há anos. «Concentra-te, Georgia. Concentra-te para que não te vejam.» Voltei a retesar o corpo. Doíam-me os ombros de ter estado encurvada toda a noite por cima do computador portátil e estava a começar a ter câibras nas pernas.

— Oh, claro — disse Ben. Os seus pés saíram do meu campo de visão. Ouvi que virava o letreiro de madeira da porta para que indicasse «Aberto» para a rua. — Bom, importas-te de apagar a candeeiro da Georgia? Falarei com ela quando chegar. Talvez seja alguma nova medida de segurança que pôs em prática — comentou, de longe.

Merda! Tinha-me esquecido de que o deixara aceso.

— Sim, muito bem — murmurou Kelli e aproximou-se da minha mesa novamente. Vi a pele pálida das suas pernas através dos rasgões das calças de ganga desgastadas. — Não é capaz de apagar a maldita luz? — resmungou, em voz baixa, enquanto se inclinava sobre a minha secretária. Fechei os olhos com força. Como ia sair dali sem que me vissem?

— Ena, acabou o leite. Podes ir buscar-nos uns cafés? Tira o dinheiro do fundo comum — pediu Ben, da pequena cozinha que havia ao fundo da loja.

— Está bem — resmungou Kelli e atirou uma das minhas canetas ao chão.

— Tem cuidado — avisou Ben. — Não desarrumes a secretária.

— Sim, já sabemos que tem transtorno obsessivo compulsivo — troçou Kelli, com um risinho malicioso.

— Organizada, Kelli. A palavra que procuras é «organizada» — corrigiu Ben e eu percebi que falava com um sorriso.

— Hum... Na minha opinião, é uma maníaca do controlo — murmurou Kelli, em voz baixa.

— Como?

— Nada, nada. Só disse que não vou desarrumar nada.

Não era uma maníaca do controlo nem tinha um transtorno obsessivo compulsivo. Só gostava de ordem. Gostava de organizar as coisas, de ter um plano, de saber que tudo correria como era devido e, sim, isso requeria um certo nível de organização, algo que Kelli devia aprender.

Kelli pôs a mão por baixo da secretária e apalpou o chão a poucos centímetros dos meus pés em busca da caneta. O seu braço magro foi seguido pela sua cabeça, com o cabelo pintado com madeixas azuis, e pela sua cara pálida. Os seus olhos avermelhados fixaram-se nos meus.

— Oh!

Apertei o dedo indicador contra os lábios.

— O que se passa? — perguntou Ben.

Abanei a cabeça e apontei para a parte superior da secretária. Kelli sorriu com um ar de gozo e ergueu-se.

— Nada, nada. Acabei de encontrar um agraphador que procurava há dias — mentiu. Depois, os seus pés afastaram-se e continuou: — Eh... Na verdade, acho que devias ir buscar os cafés. Eu tenho um problema feminino e não devia sair com frequência com este ar tão frio.

Eu tive de conter a gargalhada. «Muito bem, Kelli. Boa desculpa.»

Imaginei a cara de Ben, a corar, ao ouvir que gaguejava.

— Está bem. Está bem. Não há nenhum problema. Tu... eh... começa a trabalhar que eu vou buscar o café para os dois.

Kelli deixou-se cair na cadeira e disse:

— Obrigado, Ben. Agradeço-te muito. Prometo-te que irei assim que me passar o período.

Ouvi o barulho da roupa e a campainha da porta, que se abriu e se fechou rapidamente. Olhei com nervosismo para fora da mesa para me certificar de que tinha o caminho livre.

— Podes sair. Foi-se embora — avisou Kelli. Eu saí de baixo da minha secretária e tirei uma penugem da saia amarrotada. — Então, dormiste aqui outra vez?

— Não sei como aconteceu. Estava a trabalhar nas viagens pela Europa e, imediatamente, o Ben entrava pela porta e acordava-me. Não pode voltar a encontrar-me assim e muito menos depois do que aconteceu da última vez — replicou. Kelli e eu trememos ao recordá-lo.

Há algumas semanas, adormecera enquanto trabalhava arduamente para acabar uma apresentação para um novo operador turístico com que queríamos associar-nos. Ben encontrara-me a babar-me em cima de um dos diapositivos e acordara-me tão bruscamente que eu, acidentalmente, entornara uma chávena inteira de chá frio em cima do meu computador. O computador em que guardara todo o nosso trabalho árduo, sem fazer uma cópia de segurança. Todo aquele esforço para nada. Os técnicos não tinham conseguido recuperar a informação. Ben encolhera os ombros como se fosse apenas uma daquelas coisas que podiam acontecer, uma lição para aprendermos a fazer uma cópia de segurança do nosso trabalho, mas eu sabia que estava zangado.

Quando fundámos aquela empresa, eu tinha a ideia de que íamos passar o dia a trabalhar muito, mas que também íamos divertir-nos e que passaríamos as noites abraçados um ao outro na cama. Não sabia como a agência de viagens ia afastar-nos. Os olhares de convite para o leito tinham-se transformado em olhares de desilusão.

Já eram nove em ponto. Não tinha tempo para ir a casa e mudar de roupa sem que Ben se questionasse porque estava tão atrasada. Ia ter de alisar as rugas da saia e esperar que ele não se apercebesse de que usava a mesma camisa que no dia anterior. Calcei os sapatos e fui à casa de banho para tentar arranjar o cabelo, que parecia um ninho de pássaros.

— Tenho maquilhagem, se quiseres — indicou Kelli, enquanto me afastava.

Ao ver as olheiras escuras, os olhos avermelhados e a pele cinzenta, aceitei a oferta dela. Um instante depois, parecia fazer menos parte da noite dos mortos vivos e mais da manhã dos mortos vivos. Tinha uma camada espessa de maquilhagem nas faces, uma mancha de batom bordô nos lábios e uma risca de *Kohl* nos olhos, que completava a minha imagem. Não sabia se era uma melhoria, mas, pelo menos, disfarçava o meu olhar de sonolência e as rugas que tinham ficado marcadas na cara. O cabelo era outro assunto: Precisava de atenção imediata, mas eu nem sequer me lembrava da última vez que tinha podido ir ao cabeleireiro. Tinha o cabelo sem brilho e emaranhado, era um desastre.

— Toma, apanha o cabelo — sugeriu Kelli, passando-me alguns ganchos.

— Obrigada, Kel, agradeço-te muito — agradeci. Aceitei-os e comecei a apanhar as madeixas de cabelo que tinha na cara.

— De nada, chefe. Eu... eh... não falava a sério quando disse que és uma maníaca do controlo — replicou, enquanto arrastava as solas dos ténis no chão.

— Não sei a que te referes — repliquei, com um sorriso. Naquele momento, a campainha da porta tocou e ambas nos assustámos.

— Kel? — inquiriu Ben, num tom de voz bem audível. — Não tinham o teu café com leite de tamanho extra com leite semidesnatado e duas doses de café, portanto, deram-me outro que parece

que é para alguém chamado Heyli.

Kelli deixou-me para continuar a arranjar-me.

— Ah, bom, obrigada.

— A Georgia já chegou? Porque é que o casaco dela está no chão? — perguntou ele e ouvi que as suas calças de ganga faziam barulho quando se baixou para apanhar o meu casaco, que eu tinha deixado cair com a pressa para me arranjar.

— Eh, bom, eh... — murmurou Kelli.

— Estou aqui! — exclamei e saí com um sorriso, tentando transmitir a sensação de que tinha dormido muito bem. — Lamento, devo ter deixado cair o casaco ao entrar a correr na casa de banho...

— Ah, bom-dia! — cumprimentou Ben, com um ar de confusão ao ver a minha nova aparência. — Eh... estás bonita. Toma, serviram o teu café sem erros.

— Obrigada — agradei e, rapidamente, sentei-me na secretária, agindo com toda a normalidade que podia e tentando não reparar na sua testa franzida, que dava a entender que Ben tentava adivinhar o que eu tinha de diferente naquele dia. — Bom, estão prontos para a reunião de pessoal?

— Sim — afirmou ele. Rapidamente, concentrou-se no trabalho e dirigiu-se para a sua secretária.

As reuniões de pessoal apareciam em todos os livros de gestão empresarial que eu tinha tentado ler. Bom, os livros de áudio que eu tinha descarregado no telemóvel para me ajudarem a amortecer o barulho dos adolescentes que iam para a escola todas as manhãs no mesmo autocarro que eu. Supostamente, aquelas reuniões eram muito importantes para nos certificarmos de que todas as tarefas eram distribuídas equitativamente, de que tínhamos um objetivo claro e de que todos eram apreciados, para além de manter um contacto frutífero com os colegas e reforçar a relação da equipa... Ou algo do estilo. Nunca era capaz de me concentrar na voz monótona da gravação de *1001 Formas de Melhorar a sua Empresa* quando algum adolescente estava a ouvir Justin Bieber a todo o volume com os auscultadores minúsculos do telemóvel.

Quando sugerira que fizéssemos reuniões semanais, Kelli e Ben tinham tentando não se rir de mim. Éramos apenas três, para além de alguma visita de Trisha, a madrinha de Ben, que era a anterior dona do negócio. Por isso, tinham-me dito que não eram necessárias, mas eu insisti, sobretudo, para me certificar de que estava tudo sob controlo.

— Kel? Pronta? — perguntei.

— Sim.

Pegou no caderno, sentou-se na beira do sofá e, ignorando o meu olhar de reprovação, pôs os pés no almofadão.

— Bom... — Olhei com cansaço para a minha lista de tarefas e recordei que devia acrescentar a limpeza a vapor do chão e também trazer uma muda de roupa limpa para o caso de voltar a adormecer ali. Só pelo sim pelo não. — Enviaram-nos a apresentação da nossa campanha de verão, a que vos mandei aos dois. Não tinha tempo para vos perguntar o que achavam, portanto, aceitei, mas, não se preocupem, é verdadeiramente boa. Por outro lado, no princípio desta semana, temos a viagem guiada pela Islândia. Kelli, podes enviar a informação dos passaportes de todos ao guia do grupo por correio eletrónico?

Ela assentiu.

— Bom, na verdade, também posso fazê-lo. Só demoro dois minutos. Também precisamos de enviar o itinerário atualizado. Já o comecei, portanto, posso acabá-lo — declarei e risquei a tarefa

no papel.

Ignorei o olhar de confusão de Ben e continuei a ler a lista.

— O próximo ponto é o *tour* da Índia, que começa dentro de duas semanas. Como sabem, é uma das viagens que mais vendemos. Por isso, devemos concentrar a maior parte dos nossos esforços nela, portanto, acho que temos de pensar na nossa relação com a empresa de tramitação de vistos com que estamos a trabalhar.

— Qual é o problema? — perguntou Ben.

— Nenhum, nenhum, mas acho que seria melhor se o fizessemos nós. Parece que quantos menos serviços externos tivermos de contratar, mais valor terá uma empresa — expliquei e ignorei o sobrolho franzido dele. — Eu estudo-o e...

— Georgia... — interrompeu-me Ben.

— Sim?

— Há alguma coisa que queiras que a Kelli e eu façamos?

— Oh, sim, lamento — desculpei-me, timidamente. — Kel, se pudesses alugar um aspirador a vapor para limpar os ladrilhos do chão, agradeceria — pedi. Tinha a certeza de que não ia fazer uma tarefa tão simples mal. — E, Ben, tu já estás ocupado com os preparativos para a Convenção de Turismo e a acabar os conteúdos para a página de Internet. Disseste que ativarias o compartimento «O que está a acontecer?» na semana passada e... Bom... Ainda não está acabado.

— Pediste-me para fazer isso ontem, não na semana passada — corrigiu ele, com o sobrolho ligeiramente franzido.

— A sério? — perguntei. Meu Deus, só passara um dia? — Bom, de qualquer forma, tem de ficar resolvido, por favor.

— Parece que sim — respondeu ele, com um piscar de olho que fez com que as minhas zonas femininas experimentassem uma vibração estranha.

Pigarreei e obriguei-me a voltar a concentrar-me.

— Obrigada. Finalmente, estava a pensar também que devíamos aprender uma língua nova. Talvez pudéssemos ter aulas à hora de almoço ou algo do estilo. Falar outra língua seria de grande ajuda para encontrar novos clientes e para estabelecer relações com os guias estrangeiros.

Ao olhar, expectante, para as suas caras, apercebi-me de que a minha nova ideia caíra em saco roto.

— Acho que talvez possamos deixá-lo para o futuro — concedeu Ben, em voz baixa, tentando não se rir, enquanto Kelli bocejava exageradamente.

— Sim, bom, mas talvez devêssemos voltar a falar disso em breve. Li que o mandarim é a língua mais falada do mundo, portanto, na verdade, deveríamos pensar nisso para entrar nesse mercado. Ah, por último, uma coisa muito importante: Consegui uma reunião com o Hostel Planners no fim desta semana, para ver se conseguimos fazer um dos nossos *tours* com eles.

— Não nos disseste nada.

Ben fixou os seus olhos castanhos profundos nos meus e um brilho de confusão e dor apareceu brevemente no seu rosto.

— Descobri esta manhã. Quero dizer, ontem à noite — corrigi, gaguejando.

— Queres que te acompanhe a essa reunião? Parece-me que a tua lista de tarefas é cada vez mais pesada. Não seria conveniente partilhar um pouco a carga de trabalho, Georgia? — perguntou ele, ao mesmo tempo que inclinava a cabeça para mim.

— Está tudo sob controlo. Confia em mim — pedi e sorri fracamente sem olhar para Kelli, porque sentia que estava a lançar-me um olhar com que me dava a entender que sabia que as coisas não estavam sob controlo.

— Bom, se tiveres a certeza... — murmurou Ben, que não estava disposto a deixá-lo assim.

— Sim, tenho a certeza — afirmei, com um pouco mais de ênfase do que queria. Depois, suavizei o meu tom e acrescentei: — Lamento, mas acho que tens trabalho suficiente a preparar-te para a convenção. Como vai o teu discurso? Queres praticá-lo connosco? Talvez possas enviar-mo para que possa revê-lo antes de ires — sugeri, com todo o tato que pude e com a esperança de parecer uma colega de trabalho muito atenciosa e não uma maníaca que precisava de controlar tudo o que ele ia dizer.

— Está tudo sob controlo — respondeu, com um sorriso, tocando com o dedo indicador numa das têmporas.

— Mas, escreveste-o?

Ben sorriu e mexeu as mãos vagamente.

— Sim, vai correr muito bem.

Não o escrevera. Ele dizia sempre que preferia improvisar, mas eu tremia só de pensar nisso. Assenti e acrescentei outro ponto à lista do meu caderno: «Escrever o discurso de Ben.» Tentaria pôr-lho no bolso para que o tivesse quando precisasse dele. Ele voltaria da convenção agradecendo-me por o ter ajudado.

— Muito bem, então, alguém quer acrescentar alguma coisa? — perguntei.

Ben abanou a cabeça, mas Kelli levantou o seu braço magro.

— É uma coisa que não está relacionada com o trabalho, mas a minha banda vai tocar na Academia amanhã à noite.

— Ena, isso é incrível! — exclamou Ben.

Kelli corou.

— Bom, não é para tanto, não é a verdadeira Academia, é a que existe em Rusholme, por cima de um restaurante indiano, mas, mesmo assim, é um concerto. Suponho — disse e fez uma pausa para ordenar as ideias. — Bom, questionava-me se quereriam vir. Se quiserem, posso pôr-vos na lista de convidados. Já sabem, se não estiverem demasiado ocupados ou algo do estilo — acrescentou e mordeu o lábio inferior.

— É claro que estaremos lá. Não é? — inquiriu Ben e interrompeu-me. Naquele momento, eu estava a rever a agenda de trabalho do meu telemóvel.

— Talvez não seja o vosso estilo de bar, mas as bebidas são baratas e, se vierem, dão-vos dez por cento de desconto em qualquer caril e *poppadums* grátis.

— Georgia? Vens? — insistiu Ben.

— Sim, sim, parece-me bem — acedi, distraidamente, com um sorriso tenso. — Bom, agora, vamos voltar a concentrar-nos no trabalho.

Aquele foi um dia bom, na verdade, excetuando o início dramático e pouco profissional. Entraram quatro clientes sem marcação prévia que reservaram as suas viagens *in situ* e outros seis que levaram folhetos e fizeram comentários positivos sobre a ideia de voltar para pagar um sinal. Eu estava absorta a rever o correio eletrónico quando o meu telemóvel tocou. Era uma chamada da minha mãe.

— Olá, mamã, não tenho muito tempo. Tenho muito trabalho — avisei, rapidamente.

— Dizes sempre isso — replicou ela, estalando a língua, e eu revirei os olhos. — Bom, não vou distrair-te muito, era só para me certificar de que não te esqueceste desta noite.

«Esta noite? Esta noite?» Comecei a rever febrilmente a minha lista de tarefas. O que acontecia naquela noite?

— Eh... Não, mamã, não me esqueci. Está tudo sob controlo — menti.

Ela respirou fundo, com alívio.

— Ótimo. O teu pai está tão contente por te ver... Vamos sair quando passar a hora de ponta. Sabes que não gosta de conduzir quando as estradas estão cheias de loucos. A que horas reservaste no restaurante?

Fiquei em branco. Então, de repente, lembrei-me. Olhei rapidamente para o calendário para verificar se estava certa. E estava.

Merda! Era o aniversário do meu pai e há semanas que tinha prometido à minha mãe que conseguiria uma mesa para jantar no Chez Laurent, um restaurante francês luxuoso de Manchester, de que os famosos diziam maravilhas, e um lugar onde era necessário reservar com uma antecedência absurda.

— Eh... Às nove em ponto — menti.

— Perfeito! Bom, vou deixar-te continuar a trabalhar. Até mais tarde, amor.

Despedi-me da minha mãe e desliguei com um nó no estômago. Esqueci o que estava a fazer e procurei o número de telefone do restaurante, rezando para que acontecesse o milagre de haver um cancelamento de última hora para aquela noite. Não tive sorte.

A rececionista petulante, falando com um sotaque francês descaradamente falso, disse-me que não era possível. Disse-lhe para não se preocupar e concentrei toda a minha atenção em navegar na Internet para encontrar outras opções.

De repente, a minha carga de trabalho parecia-me menos importante. Tinha ligado os alarmes do meu telemóvel e do correio eletrónico para me recordarem que tinha de comprar um presente para o meu pai e reservar aquele lugar, mas cada vez que tinham tocado, adiara-os, pois estava sempre a meio de alguma tarefa. Naquele momento, tinha vontade de me estrangular. Depois de o final do ano anterior ter sido tão enervante, tencionara tratá-lo com atenção no seu aniversário, celebrar o facto de estar connosco depois de ter estado prestes a perdê-lo. Suspirei, reprovando-me por ser tão má filha.

Todos os restaurantes de cinco estrelas estavam cheios ou só tinham mesa para as cinco da tarde e dentro de duas semanas. Estava a custar-me muito e a ocupar-me muito tempo. Se continuasse assim, teria de passar mais uma noite em branco para resolver o que não conseguira fazer naquele dia.

Suspirei novamente e isso chamou a atenção de Ben.

— Estás bem, Georgia?

— Não conheces nenhum *chef* com estrela Michelin que queira vir fazer um jantar esta noite, pois não? — perguntei, com a cabeça entre as mãos.

— Desculpa?

— É o aniversário do meu pai e prometi que o levaria a jantar num restaurante de cinco estrelas, mas esqueci-me por completo — queixei-me, com um gemido.

Kelli levantou o olhar.

— O meu amigo Shaun, o Peganhento, trabalha no TGI Fridays. Posso tentar arranjar uma mesa lá... Não, esquece. Tem essa alcunha por algum motivo.

Ben fez uma careta de nojo e virou-se para mim.

— Porque não mudas de planos e fazes um bom jantar em tua casa?

Riu-se.

— Quero tratar o meu pai com atenção, não matá-lo. Não te lembras do que cozinhei quando estávamos na Tailândia?

A minha mente encheu-se de lembranças daquela tarde numa cozinha que cheirava a especiarias em Ko Lanta e corei ligeiramente ao pensar em como estávamos unidos naquele momento, em como estava convencida de que teria podido acontecer qualquer coisa entre nós nessa altura, para além de trocarmos presentes no Natal e partilhar ideias de negócios de uma maneira amistosa, mas profissional.

Ben sorriu ao lembrar-se.

— Sim, talvez devas seguir em frente com o teu plano de os levar a um restaurante.

Virei-me para o meu computador, desejando concentrar-me no trabalho e não no que poderia ter acontecido entre nós, quando Ben me chamou.

— Ouve, não foste a um evento para a criação de contactos empresariais, ou uma coisa dessas, no Verde, esse restaurante italiano novo? Podes ligar à pessoa que o organizou e ver se consegue arranjar-te uma mesa para hoje.

— É uma ideia fantástica! Obrigada! — exclamei e revi os cartões de negócios que tinha na secretária. Pensei naquele dia tão aborrecido durante o qual a minha mente inquieta vagueara da *overdose* de PowerPoint para as flores frescas e os enfeites de noqueira do restaurante. Tinha passado o resto daquela reunião aborrecida a questionar-me se devíamos redecorar a agência com tons parecidos.

Encontrei o cartão de Luigi, o diretor do restaurante, um italiano sensato e amável que me tinha dado bons conselhos sobre lugares para visitar em Roma quando lhe falei das nossas viagens pelo país. Cinco minutos depois, conseguira uma mesa para três às nove em ponto da noite. Bingo! Talvez, afinal de contas, conseguisse fazer bem aquilo.

Capítulo 2

Desilusão (s. f.): Libertar-se, ou ser libertado, da ilusão.

— É muito elegante, não é? — perguntou a minha mãe, pegando no saleiro de porcelana por cima da toalha de linho engomado. — Mas... não íamos àquele restaurante francês? A Viv fala sempre dele desde que o filho, Adam, a levou uma vez quando veio a Londres de visita. Juro-te que ouvi falar mais do maldito *crème brûlée* desse lugar do que da ciática da Viv e, realmente, ela nunca para de falar da ciática.

— Mas soa muito bem, de todos os modos. Refiro-me à sobremesa, não à dor de costas da Viv — comentou o meu pai, antes de olhar para a minha cara.

— Tentei conseguir mesa, mas estava cheio — expliquei, para me desculpar, e tive de ignorar a careta da minha mãe por Adam ter conseguido levar a mãe ao restaurante francês. — Embora digam que este lugar também é muito bom. É o melhor italiano de Manchester ou uma coisa dessas.

— Hum... — murmurou a minha mãe. — É um pouco pequeno.

— Podia dizer-se que é acolhedor, não é? — sugeri, para tentar ver o lado positivo do grande pilar de mármore falso que havia à frente da nossa mesa. Luigi dera-nos mesa, mas não especificara que íamos estar atrás do Coliseu romano, junto da casa de banho. O cheiro reconfortante a alho e alecrim do restaurante cheio não conseguia disfarçar as baforadas de lixívia que nos chegavam cada vez que se abria a porta da casa de banho.

— Bom, parece-me que é ótimo e é uma mudança de estar a ver as notícias enquanto como as famosas batatas com carne da tua mãe — declarou o meu pai, rindo-se suavemente. Depois de pedirmos o jantar a uma empregada de mesa enervada que se esquecera de nós, a julgar pela sua cara corada e brilhante, começámos a comer os palitos salgados.

— E vieste diretamente do trabalho, Georgia? — perguntou-me a minha mãe, apontando com a cabeça para a minha roupa amarrotada. Eu tinha uma mancha de tinta e outra de café no punho da camisa e ainda tinha a maquilhagem inspirada em Kelli.

— Sim, lamento muito. Tencionava passar por casa antes de vir, mas...

— Atrasaste-te — concluiu ela e suspirou. — Bom, de qualquer forma, alegro-me muito por poder sentar-me a falar contigo por um momento, finalmente. Embora tenha de dizer que estás um pouco pálida, querida.

— Eu... eh... Hoje, experimentei uma maquilhagem nova, mas não vou voltar a usá-la — declarei, enquanto sacudia as migalhas do colo. — Bom, papá, muitos parabéns! — exclamei. Levantei o meu copo de Chianti para brindar enquanto lhe dava um beijo na face e senti o seu cheiro familiar a linho limpo e tomateiros. — O teu presente vai chegar por correio — indiquei. Era mentira, mas só a

meias. Assim que chegasse a casa, escolheria algo ótimo na Internet e pediria que o velho enviasse o quanto antes.

— O único presente de que preciso é ver-te — afirmou, passando-me a mão pelo cabelo. — Agora, conta-nos como está tudo. Há séculos que não te vemos, querida. Espero que não estejas a trabalhar demasiado.

— Bom, sabem que o primeiro ano de um negócio é sempre um pouco difícil, mas estamos a lutar para encontrar um lugar no mercado e até temos uma pequena rentabilidade — expliquei e pisquei o olho, com um sentimento de carinho. Era para isso que trabalhava como uma louca: Para conseguir resultados.

— Uma notícia excelente — afirmou o meu pai. Com um sorriso e brindámos.

— E para além do trabalho? Não há nenhum homem sobre quem queiras contar-nos alguma coisa? Sempre pensei que o Ben e tu fariam um casal muito bom. Com a tua inteligência e os seus olhos castanhos, os vossos filhos seriam génios e supermodelos.

— Mamã! — exclamei e, rapidamente, limpei do queixo um pouco de vinho que tinha entornado.

— O que foi? — perguntou ela, encolhendo os ombros com inocência. — Não trabalhes tanto ao ponto de te esqueceres de te divertir, Georgia.

— Eu divirto-me — afirmei, com uma careta. Tive de conter um vômito por causa do cheiro de um senhor gordo ao sair da casa de banho e passar ao nosso lado. — Neste momento, estou a divertir-me.

— Sair para jantar no aniversário do teu pai não conta. Não acho que vás conhecer o homem da tua vida aqui — replicou a minha mãe.

— Eu penso o mesmo, querida — concordou o meu pai e apontou com a cabeça para a casa de banho dos homens, antes de se rir.

— Não tenho tempo para essas coisas neste momento — disse, mexendo as mãos à minha volta. Desejava que a empregada aparecesse com os nossos pratos e, assim, desviar a atenção do facto de ser um fracasso em tudo o resto, à parte da minha carreira profissional. Não queria que os meus sentimentos por Ben se reavivassem, porque tinha passado muitos meses a mantê-los guardados numa caixa em que dizia: «Não abrir».

— Hum... Bom, estamos preocupados contigo, é apenas isso — replicou a minha mãe, ao mesmo tempo que pousava a mão na minha com suavidade. — Quando voltaste da tua viagem, estavas emocionada com a ideia da nova empresa e parece-me ótimo que esteja a correr tudo tão bem. A sério, filha — acrescentou, com um suspiro. — Mas, Georgia, tens de te certificar de que não ocupa todo o teu tempo.

Eu afastei a mão, bebi um bom gole do meu copo de vinho e sorri.

— Já te disse que estou bem, mamã.

A minha mãe continuou a olhar para mim e arqueou uma sobrancelha antes de assentir, lentamente.

— Bom e como está a Marie? E o pequeno Cole? Há séculos que não os vejo. De certeza que o menino está a crescer rapidamente...

— Estão bem... — murmurei, pensando na minha melhor amiga e no seu filho. — Há algum tempo que não os vejo, mas sabes como são estas coisas... Ela está no seu trabalho e eu estou no meu. Vou ligar-lhe em breve.

— Bom, diz-lhe que os teus pais lhe mandam um beijo.

— Sim, prometo. Papá, como passaste o resto do teu dia de aniversário? Deram-te algum bom

presente? — perguntei ao meu pai, para mudar rapidamente de conversa. Com os meus pais, às vezes, voltava a ser uma adolescente mal-humorada que não queria falar de rapazes. Ou, pelo menos, daquele rapaz em concreto.

— Sim, sim — respondeu o meu pai. — Este ano, a tua mãe superou-se e ofereceu-me um rádio digital de gama alta — explicou, rindo-se. — Tens de o ver, Georgia. Sintoniza programas de rádio que nem sequer sabia que existiam. Qual será a próxima ideia das pessoas?

Estava a ouvi-lo enquanto me contava que tinha começado a ouvir um programa de jardinagem apresentado por um homem chamado Wayne, de Dorset, quando o meu telemóvel tocou.

— Lamento muito, tenho de atender esta chamada. Não te esqueças da conversa, papá. Demoro um minuto — repliquei e levantei-me, com cuidado para não bater com a cabeça nas vigas por baixo das quais estávamos sentados.

— Ah, bom. Está bem — disse o meu pai e assentiu com tristeza.

Para conseguir ouvir melhor a chamada, saí rapidamente do calor agradável do restaurante e senti a gelada brisa do princípio da primavera. Tinha-me esquecido por completo de que tinha combinado ter uma conversa telefónica com Dan Milligan, o chefe de vendas da revista de viagens mais importante do país, *Itchy Feet*. Tentara conseguir um espaço publicitário para pôr um anúncio naquela revista, porque me apercebera de que todos os nossos adversários tinham anúncios muito atraentes de página completa nela e qualquer coisa que eles pudessem fazer, nós podíamos fazer melhor.

— Boa-noite, sou a Georgia Green — declarei, no meu tom mais rígido.

— Olá, Georgia, sou o Dan. Liguei-te porque, como sabes, hoje é o último dia para adquirir um espaço publicitário no próximo número da revista. Tenho uma boa oferta para te fazer.

Então, começou a fazer um discurso sobre o número de leitores da revista e outros números que eu não compreendia por completo, mas que pareciam impressionantes. Depois, fez uma pausa para lhe dar mais emoção.

— Portanto... como estamos muito interessados em incluir os novos operadores turísticos na revista, para manter um estilo fresco e para refletir o que acontece agora, podemos oferecer meia página ou uma página completa a... — disse e fez outra pausa —, quarenta por cento abaixo do preço normal.

— Ena, isso é muito menos do que esperava — redargui, depois de deixar escapar uma tosse por causa da surpresa.

Ele deu uma gargalhada forçada.

— O que se passa é que só posso oferecer-te este preço porque estamos prestes a começar a impressão, ou seja, precisaria da informação muito em breve. Tem de ir para a imprensa o mais depressa possível, entendes?

— Esta noite? Não pode esperar até amanhã? — perguntei e olhei para o relógio. Teria de deixar o jantar de aniversário do meu pai para voltar a correr para a agência e preparar qualquer coisa. Além disso, não ia poder falar disso com Ben antes de fazer o acordo. Não podiam esperar até à manhã seguinte?

— Não, não podemos. Já estou a adiar tudo porque queria oferecer-te este grande desconto. É praticamente um presente!

Eu fiquei calada, a pensar. Mesmo com o desconto, aquele anúncio levaria uma boa parte do nosso orçamento para publicidade.

Dan devia ter-se apercebido dos meus reparos.

— Sabes? Tenho a Aventuras Totalmente Incríveis à espera. Queria fazer-te a oferta primeiro, mas sei que, assim que lhes ligar, aproveitarão o desconto sem pensar duas vezes.

Normalmente, era Ben que se encarregava de administrar o orçamento para a publicidade, mas aquela era uma oferta demasiado boa para ser rejeitada. Teria de pedir desculpas ao meu pai, mas tinha a certeza de que ele entenderia. Respirei fundo.

— Sim, está bem. Aceito. Podes incluir-nos no próximo número.

— Excelente! Deixa-me fazer algumas chamadas e já te ligo para confirmar. Então, precisarei da cópia do teu anúncio dentro de uma hora.

— Tens a minha palavra — prometi. Sorri e desliguei.

Tinha perdido a noção do tempo. Tinha pele de galinha e tiritava, mas conseguira uma página completa a cores no número seguinte da revista. Estava impaciente por contar a Ben. Certo, havia a possibilidade de ele se zangar um pouco por causa do dinheiro do orçamento que eu acabara de gastar em cinco minutos, mas estava convencida de que era o melhor que podia fazer.

As coisas estavam a correr cada vez melhor para O Clube de Viagens para Corações Solitários, a nossa agência de viagens, que era especializada em ajudar as pessoas que acabavam de sofrer um desengano amoroso, para que o seu sentimento de perda e confusão se transformasse num desejo de viajar com pessoas parecidas com elas. Desde que tínhamos começado, em novembro do ano passado, eu tinha vivido para a empresa. Estava desesperada para que fosse um sucesso. E, espantosamente, parecia que estava a correr bem. Esfreguei os braços e entrei no restaurante.

— Lamento muito. Demorei mais do que pensava... — comecei a dizer, mas fiquei sem palavras ao ver a cara de aborrecimento da minha mãe e a desilusão do meu pai, que tinha a testa franzida. Os seus pratos estavam vazios e o meu esparguete carbonara estava frio e começava a transformar-se num monte peganhento de cor amarelada com um ar repugnante.

— Não podíamos esperar mais — disse a minha mãe e fez uma careta.

— Oh, sim... claro. Lamento — desculpei-me, tentando cravar o garfo no molho ressequido, depois de afastar uma camada da parte superior. Não conseguia comê-lo, portanto, afastei o prato. — Bom, conta-me que mais coisas te ofereceram no teu aniversário — pedi ao meu pai.

— Bom — respondeu ele —, os rapazes do bar ofereceram-me um...

O som do meu telemóvel interrompeu-o.

— Lamento — desculpei-me, encolhendo-me. — Não vou demorar.

Peguei no telemóvel e saí outra vez para a rua.

— Georgia! — exclamou Dan, alegremente, quando atendi a chamada. — Combinado!

— Bom... eh... ótimo — afirmei. Tinha um nó de preocupação no estômago, mas... não ia deixar passar aquilo e muito menos com aqueles idiotas da Aventuras Totalmente Incríveis à espera para ocupar o nosso lugar.

— A única coisa que se passa é que preciso do anúncio em menos de uma hora. Será um problema?

— Não, não. Vou tratar já disso.

Desliguei o telemóvel e estava prestes a entrar quando a porta do restaurante se abriu e os meus pais saíram, com os casacos vestidos.

— Georgia, vamos para casa. Tínhamos vindo para te ver, não para olhar para uma cadeira vazia nem sermos gaseados pelos peidos de um estranho! — queixou-se a minha mãe. — Esqueceste-te de

que é o aniversário do teu pai? A única coisa que queria era ver-te e passar algum tempo com a família!

Embora eu também precisasse de me ir embora, não queria que a noite acabasse assim. Senti um nó no estômago e corei.

— Lamento muito, mamã. Só que me apanhaste no meio de algo que tinha de resolver. Mas já acabei. Consegui pôr um anúncio na *Itchy Feet*, sabes, a revista de que te falei há algumas semanas.

O meu pai pigarreou e sorriu apagadamente.

— Fico feliz, querida. Lamento ser um desmancha-prazeres, mas sinto-me um pouco cansado. Sabes como é envelhecer. Fica para outra altura?

Eu assenti e mordi o lábio inferior.

— De certeza que estás bem?

— Georgia, é tarde. Vamos esquecer o assunto. Podes voltar ao trabalho e vemo-nos depois — replicou a minha mãe, enquanto abotoava o casaco e me dava um beijo na face.

— Bom, liguem-me em breve. Ah, e feliz aniversário, papá — afirmei, enquanto se afastavam.

Estava prestes a entrar no restaurante para ir buscar o meu casaco e pagar quando ouvi que a minha mãe dizia ao meu pai:

— Além disso, viste como está cansada? Acho mesmo que esta empresa é demasiado para ela.

— Eu acho que só precisa de dormir bem e cuidar-se um pouco mais, Sheila — indicou o meu pai.

— Hum... espero que tenhas razão. Não é normal que esteja a trabalhar tanto, que se esforce tanto para demonstrar uma coisa que não precisa de demonstrar. Estou preocupada com ela, Len.

— Sim, eu sei. Eu também, mas não vai acontecer. Vai resolver tudo. Afinal de contas, é uma Green.

Eu entrei no restaurante. Todos pensavam que eu era um fracasso? Não. Estava bem. Melhor do que bem.

Capítulo 3

Viciado no trabalho (adj. e s. m.): Pessoa que trabalha compulsivamente em detrimento de outras atividades.

— Ouvi dizer que ajudam pessoas como eu... Na verdade, entrei porque segui um impulso. Acho que ninguém será capaz de me ajudar.

A mulher que estava sentada à minha frente sussurrava e o peito tremia-lhe. Estava a destruir um lenço de papel que tinha entre os dedos compridos e magros e, sem se aperceber, estava a encher o chão de pedacinhos de papel, para além da saia comprida e arroxeadada. Percebi que tinha as unhas impecavelmente pintadas de uma cor vermelha que brilhava em contraste com a palidez da sua pele. Lembrei-me de que, quando me encontrava na sua situação, também tinha pensado que, se as minhas unhas estivessem perfeitas, o resto da minha vida seguiria esse caminho e que, com um pouco de verniz, tudo se resolveria. No entanto, quando as pontas das unhas começavam a perder a cor, tinha de voltar à realidade.

Olhei para as minhas mãos enquanto ela bebia um gole de chá. Eu tinha as cutículas e as unhas roídas e, daquela vez, não era por causa da tristeza, mas por causa dos nervos. Tinha de fazer uma manicura, para além de ir ao ginásio, aprender a usar a máquina de fazer batidos de frutas que a minha mãe me tinha oferecido no Natal, estar em casa tempo suficiente para poder utilizar a máquina, sair com a minha melhor amiga, ligar mais vezes aos meus pais... Todas essas coisas, incluindo fazer a manicura, tinham ficado esquecidas há muito tempo. «Amanhã», pensava sempre. «Amanhã.»

— Portanto, fez as malas enquanto eu estava fora no fim de semana por trabalho e foi-se embora. Quando cheguei, encontrei o apartamento vazio e um bilhete em que me explicava o que tinha feito — explicou a senhora das unhas bonitas.

Tremi.

— Meu Deus, lamento muito.

Inclinei a cabeça e passei-lhe um lenço limpo. Ao mesmo tempo, tentei não perder de vista Kelli, que estava a falar com um homem de atitude tão insegura como a da minha interlocutora.

Não me apercebera de todo o tempo que ia passar a fazer de conselheira dos meus clientes. Tinham acabado uma relação recentemente e entravam a cambalear na agência à procura de um lugar calmo para falar com pessoas que entendessem que o amor nem sempre corria como esperávamos. Criara aquela empresa depois de passar pela experiência de o meu noivo me abandonar poucos dias antes do casamento. Passara pela mesma situação em que eles estavam e sentira-me insegura e assustada, mas também desesperada por mudar a minha vida. Aquele fora o momento em que pusera uma mochila às costas e fora de viagem. Aqueles clientes ainda estavam a tentar aceitar o que lhes

acontecera, mas eu sabia que reservar uma das nossas viagens organizadas os curaria muito depressa da melancolia que sentiam pelos ex-amantes.

— Tinha uma aventura com a nossa vizinha — continuou a senhora das unhas bonitas, com um soluço, e pegou noutro lenço de papel para assoar o nariz.

Tive pena dela. Sabia o que era aquela dor. No entanto, também sabia que ia melhorar. Tive vontade de a agarrar pelos ombros e de a sacudir, de lhe agitar as pérolas que tinha ao pescoço e de lhe dizer em voz bem alta que cada vez seria mais fácil, que provavelmente lhe fizera um favor, que ela olharia para trás dentro de uns anos, abanando a cabeça por ter ficado tão triste com algo que lhe pareceria tão insignificante. Para mim, viajar, passar tempo longe de tudo o que conhecia em casa, servira-me para resolver muitos dos meus problemas, devolvera-me a confiança em mim própria e fora a inspiração para fundar aquela empresa. Além disso, durante a viagem, conhecera Ben e recuperara a esperança e o desejo de amar novamente. Oxalá pudéssemos passar essa etapa de sedução em que estávamos, uma etapa em que não éramos apenas amigos, mas também não estávamos perto de ter uma relação sentimental.

— Isto foi há seis meses e, depois, tenho vivido um pesadelo. Só quero ser feliz outra vez, voltar a ser a mesma pessoa de antes. Fui de viagem a Espanha com um programa de intercâmbio quando era mais jovem e lembro-me de ter passado uma temporada feliz, despreocupada. É como se aquela rapariga, aquela versão de mim própria, tivesse morrido, mas estou desesperada para a recuperar e é por isso que estou aqui — disse.

Assoou o nariz novamente e sorriu com tristeza. Depois, falou-me dos seus dias de estudante numa povoação espanhola, durante os quais também trabalhara como professora de inglês para umas crianças adoráveis, bebera sangria ao ar livre à noite e desejara que o vizinho do lado reparasse nela.

— Chamava-se Juan. Que curioso que aquele vizinho tenha tido tanto impacto na minha vida — comentou, com um sorriso. Pelo menos, via o lado irónico das coisas. Era a primeira vez que sorria nos vinte minutos que passara ali. Ao recordar a sua juventude, apagaram-se as rugas de preocupação do semblante pálido e magro. — Vi um anúncio das viagens que organizam, para pessoas como eu, suponho, e esperava que tivessem alguma coisa para mim — replicou. Parecia tão perdida que tive vontade de lhe dar um abraço, mas tinha reparado que o homem que estava a falar com Kelli não parava de nos observar e estava a destruir a intimidade daquele momento com um olhar estranho de frieza.

Assenti e dei-lhe umas palmadinhas na mão.

— Vamos fazer o possível para conseguir recuperar essa jovem feliz.

Comecei a escrever para procurar viagens para ela. Tínhamos um índice de êxito incrível na hora de escolher países e desafios para tirarem as pessoas da sua zona de conforto e de as ajudar a voltar a ser elas próprias. Atrás de mim, na parede, havia imensos postais de agradecimento de outros clientes que tinham estado sentados no mesmo lugar que ela. Aquele era o motivo por que adorava o meu trabalho. A satisfação de ajudar as pessoas a recuperar era incomensurável, portanto, o que importava se havia outras coisas na minha vida que deixara de lado?

Pouco depois, a senhora das unhas bonitas tinha uma reserva para ir a Barcelona para reviver a sua juventude espanhola. Ia num grupo pequeno para recordar o espanhol que aprendera quando era jovem, desfrutar das noites e perder-se na arquitetura da cidade. Saiu da agência com a informação da viagem agarrada contra o peito e com um sorriso resplandecente. Não pude evitar sorrir também.

Apercebi-me de que o homem estranho que estava a falar com Kelli também se fora embora.

— O que queria? — perguntei a Kelli, enquanto apanhava os pedaços de lenços de papel do chão. Kelli encolheu os ombros.

— Era um bicho-do-mato. Perguntei-lhe o que procurava, mas só queria informação sobre a empresa — explicou. Pôs uma pastilha elástica na boca e começou a mastigar ruidosamente.

— Falaste com ele tal como te explicámos?

Tremi ao recordar os primeiros dias depois de contratar Kelli. Tínhamos feito um favor a Trisha, que era amiga da tia de Kelli. Algumas semanas depois de começar, entrara uma cliente nova, alguém que estava numa situação parecida com a senhora que eu acabara de atender, com os olhos e o nariz avermelhados pelo choro. Ben e eu estávamos ao telefone, portanto, Kelli aproximara-se dela e pusera os nossos folhetos à frente do nariz da mulher pobre e triste. Quase imediatamente, a cliente começara a chorar ao ver a *t-shirt* de uma banda de rock que Kelli usava e explicara entre soluços que era o grupo preferido do seu ex. Em vez de a consolar, de lhe oferecer uma chávena de chá e uma cadeira confortável, Kelli começara a rir-se e dissera-lhe que usava aquela *t-shirt* como símbolo de ironia, porque aquela música era uma porcaria. A cliente saíra pela porta e nunca mais voltara.

Kelli chegava sempre atrasada, com as rugas da almofada nas faces pálidas, e não se desculpava. Nunca usava a roupa adequada para aquele trabalho e mal escovava o cabelo. No entanto, Ben queria que a mantivéssemos no trabalho para agradar à tia Trisha e dizia que, se a encorajássemos, a rapariga melhoraria. E tinha razão. Ele passara muito tempo a explicar a Kelli que tinha de ouvir os clientes antes de os julgar pela música de que o ex-namorado gostava e que não podia enfiar-lhes as viagens organizadas pela garganta. Alguns dos clientes não estavam prontos para ir explorar o mundo. Ainda estavam a sofrer por causa da perda da sua relação e não estavam prontos para virar a página e começar uma nova vida.

Kelli suavizara-se, a sua pontualidade melhorara e perdera aquela atitude mal-humorada de adolescente, que se transformara numa segurança vulnerável. Não era a empregada perfeita, mas tinha um coração de ouro e entendia o que estávamos a tentar fazer, embora, algumas vezes, tivesse muito pouco tato.

— Eh... sim — disse Kelli, revirando os olhos com resignação. — Embora ele se tenha comportado de uma maneira suspeita, ofereci-lhe um chá. Mas disse-me que não.

— Suspeita? A que te referes?

— Não sei... só me perguntava como estava a agência... As contas...

— Perguntou-te pela faturação da agência?

Ela encolheu os ombros. Aborrecera-se com aquela conversa.

— Talvez. Disse-lhe que estava bem, embora pudessem pagar-me um pouco mais.

Disse-o com tanta seriedade que tive vontade de me rir.

— Sabes que, se pudesse, o faria — respondi eu, sorrindo, e ela revirou os olhos. — Achaste que queria marcar uma viagem?

— Bom, perguntou-me pela Índia, sabes, a que não teve sucesso — disse.

— Teve sucesso — corrigi e fiz uma careta. — A única questão é que tivemos algumas críticas que não foram ótimas, mais nada.

Outra das minhas tarefas pendentes era chegar ao fundo daquele assunto. Tínhamos conseguido pontuações de cinco estrelas em todas as outras viagens que oferecíamos e, ao princípio, a viagem à Índia também tinha críticas parecidas. No entanto, agora, parecia a ovelha negra da família.

Ela assentiu lentamente.

— Bom, de todos os modos, dei-lhe um folheto.

— Ah, muito bem — elogiei, distraidamente. Dentro de algumas semanas, sairia outra viagem para a Índia e eu estava decidida a fazer com que fosse a melhor de todas.

— Eh, porquê essa cara? — perguntou Ben, depois de desligar o telefone. Levantou-se para ligar a chaleira.

— Nada. Só estava a pensar nas críticas da viagem à Índia outra vez — expliquei, com um suspiro. — A Kelli acabou de estar com um cliente que perguntou pela viagem connosco. Não consigo suportar ter de ver outra crítica de uma estrela.

Ben tirou o leite do frigorífico.

— Não te preocupes, Georgia. Essa rajada de críticas imbatíveis tinha de acabar mais cedo ou mais tarde. Eu estou espantado por termos conseguido tantas cinco estrelas. É normal que não consigamos contentar todos.

— Mas devíamos! Trabalhamos muito para escolher os melhores guias, os melhores hotéis e as atividades mais divertidas! — exclamei eu. — Todas as viagens deviam correr lindamente.

— Sim, claro e os My Chemical Romance deviam voltar a juntar-se e a fazer concertos, mas nem tudo corre como queremos — interveio Kelli.

— Obrigada por dizeres isso, Kel, foi uma grande ajuda — trocei, sarcasticamente.

— Acho que tem razão — indicou Ben, enquanto me passava uma chávena de chá cheia até ao topo. Aceitei-a e sorri com agradecimento. A chávena tinha uma fotografia nossa num jornal local, que nos tinham tirado quando inaugurámos a agência no ano anterior. Tínhamos um ar de felicidade, porque ainda não sabíamos no que estávamos a meter-nos nem as aventuras que nos esperavam. Ainda guardava aquela chávena como um tesouro, embora a máquina de lavar louça tivesse levado quase toda a cor e o meu sorriso se tivesse apagado.

— Saúde — disse e ele piscou-me o olho. — Porque dizes que a Kelli tem razão?

— Bom, olha, sei que queremos oferecer as melhores viagens aos nossos clientes, que queremos fazer com que sejam mais felizes do que antes de nos conhecer, mas nem sempre é assim, Georgia. Não podemos resolver os problemas de todos. As más críticas fazem parte do negócio, sobretudo, quando estamos a trabalhar com pessoas que têm o coração partido. As coisas são assim — declarou. Encolheu os ombros e voltou para a sua secretária.

Eu suspirei. Talvez tivesse razão. Talvez precisasse de dominar a perfeccionista que tinha dentro de mim.

— Mas... não achas que é estranho que a maioria dessas críticas nos chegue da viagem à Índia?

— Estive na Índia várias vezes e é um país de loucos — disse Ben, abanando a cabeça enquanto recordava as suas viagens. — Tenho a certeza de que as pessoas se zangaram por causa do país e não por causa da organização da viagem. Aquilo é outro mundo, algo muito diferente da vida que vivemos aqui e, para alguns, é muito difícil entender aquela cultura. Vamos, peço-te, por favor, para não te enervares com isso. Como disseste, temos os melhores guias e as melhores viagens, mas não podemos controlar tudo.

Assenti lentamente.

— Não, suponho que não.

— Bom e como correu o jantar de aniversário do teu pai? Gostaram do restaurante? — perguntou Ben, mudando de assunto.

Bati com a mão na testa.

— Oh, meu Deus, tinha-me esquecido de te contar.

— O quê?

— Conheces esse comercial, o Dan, da *Itchy Feet*? — perguntei-lhe. Ben assentiu lentamente. —

Bom, consegui que nos façam um desconto enorme por uma página inteira na revista. Quarenta por cento menos!

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Ena! Como conseguiste?

— Com os meus encantos — declarei, com um sorriso. — Enviei-lhe uma cópia do anúncio ontem à noite e vamos aparecer no próximo número, que sairá dentro de algumas semanas.

O sorriso de Ben apagou-se num segundo.

— O quê?

— Tinha de agir com rapidez e aceitar a oferta, porque o Dan tinha outros à espera e eu não estava disposta a deixar que a Aventuras Totalmente Incríveis se aproveitasse desse preço.

— Espera... Portanto, aceitaste a oferta e enviaste uma cópia sem falar comigo primeiro?

Assenti, enquanto o meu entusiasmo se desvanecia.

— Sim, porque, caso contrário, teríamos perdido a promoção — expliquei, em voz baixa. Kelli também reparou que o ambiente mudava e foi à casa de banho, murmurando qualquer coisa pelo caminho.

— Georgia — queixou-se Ben —, prometeste-me que tomaríamos sempre as decisões importantes juntos, as que custam dinheiro. Mesmo com o desconto, de certeza que isto vai custar-nos todo o orçamento para publicidade.

— Lamento muito. Mas não queria perder essa oportunidade.

— É o truque mais velho do mundo: Dizer que têm outros interessados para que o primeiro pardal compre tudo sem pensar duas vezes.

— Ah...

— Sim, «ah» — disse ele e esfregou a cara com a palma da mão. Ultimamente, parecia que estava muito mais cansado. — Achava que tínhamos combinado que não tomaríamos decisões importantes sem falar um com o outro.

Corei.

— Lamento muito. Achava que era o melhor. Vais ver que nos trará muitos clientes — insisti e ri-me fracamente, com a esperança de que fosse verdade.

A tarde passou a voar e, antes de dar por isso, Kelli fora-se embora, nervosa com a atuação daquela noite. Ben e eu ficámos a sós.

— Lamento o que aconteceu com o anúncio — desculpei-me, enquanto esvaziava o caixote do lixo.

— Não faz mal. Lamento ter agido assim — desculpou-se Ben e sorriu com sinceridade. — Só quero que saibas que estou aqui para ajudar. Quero tanto como tu que esta empresa tenha sucesso — acrescentou e pôs-me uma mão quente no ombro. Aquilo causou-me um formigueiro de excitação. O meu corpo derretia-se com o seu contacto, por muito pequeno que fosse, ou por muito infrequentemente que acontecesse.

— Sim, eu sei — respondi, sorrindo também.

— Bom, o melhor será irmo-nos embora. Disse à Kelli que iria mudar de roupa e que, depois, a

ajudaria a pôr tudo no palco — redarguiu ele. Afastou a mão e o momento acabou. — Sabes que o Jimmy e a Shelley também vão?

— Sim, a Shelley enviou-me uma mensagem de correio eletrónico há um momento para me avisar. Dizia qualquer coisa sobre não renunciar a um convite para um caril, por muito mau que fosse o grupo da Kelli — repliquei.

Embora vivêssemos na mesma cidade, há muito tempo que não via Jimmy, o melhor amigo de Ben, e Shelley, a namorada, que era minha amiga desde a viagem que ambas tínhamos feito de mochila às costas. Por muito pouco que me apetecesse ir ver o grupo de rock de Kelli, tinha de admitir que seria agradável sair para o mundo real com amigos a sério e estar com Ben fora do trabalho. Aquela era a primeira vez que Ben me convidava para sair. Bom, não era exatamente um encontro íntimo, porque eu ia estar com Ben entre centenas de pessoas, mas, pelo menos, era uma boa oportunidade para socializar fora da agência.

— Ótimo. Vemo-nos depois, então. Tens a certeza de que não te importas de fechar sozinha?

Fiz-lhe um gesto para que se fosse embora.

— Fora! É claro que não me importo. Até mais tarde. Guarda-me um bom lugar.

Parecia que Ben ia dizer mais qualquer coisa, mas parou e despediu-se com a mão enquanto saía da agência. Ia acabar algumas coisas e depois iria para a minha casa. Ia sair dali a uma hora razoável e demonstraria aos meus pais que havia mais coisas na minha vida, para além do trabalho.

Só tinha mandado uma mensagem de correio eletrónico e já eram dez horas. Estava atrasada. Muito atrasada. Tencionara ir a casa, tomar um bom banho e arranjar-me calmamente. Antes, adorava a parte dos preparativos quando ia sair. Marie e eu púnhamos a música no volume máximo, servíamos copos de vinho branco e dançávamos enquanto nos arranjávamos, antes de entrarmos num táxi entre risinhos, com a emoção do que a noite ia proporcionar-nos. Na maioria das vezes, o melhor de tudo era arranjarmo-nos. Nunca tinha gostado de ir a discotecas e detestava sentir-me como se fosse um objeto de exposição enquanto os desconhecidos passavam por perto com copos de cerveja, a observar-nos dos pés à cabeça. No fim, voltávamos para casa com os porta-moedas mais leves e os pés inchados, dizendo que éramos demasiado velhas para aquilo até à vez seguinte, em que o ritual começava de novo. Realmente, tinha de ligar a Marie. Há quanto tempo não a via? O meu telemóvel tocou na secretária e afastou-me dos meus pensamentos.

— Olá! Já estou a caminho — disse rapidamente a Ben.

— Georgia, ainda estás no escritório? — perguntou ele e percebi a tensão na sua voz.

— Sim, mas juro-te que ia para a porta quando me apercebi de que não tínhamos enviado os itinerários para a viagem à Islândia. Sei que era uma das minhas tarefas, mas esqueci-me por completo. De todos os modos, estou a sair agora...

Ben interrompeu-me com um tom de desilusão.

— Georgia, prometeste à Kel que não ias chegar atrasada — recordou-me e a sua voz começou a ouvir-se mais apagada por causa do som da bateria no local. — Ela conta com o nosso apoio. Sabes, tens de pôr em prática a tua teoria do trabalho em equipa. Além disso, o Jimmy e a Shell estão a perguntar por ti.

— Eu sei. Lamento muito. Não queria ficar aqui a trabalhar. Chegarei antes de dares por isso — prometi, com um nó no estômago. A minha intenção nunca fora ficar na agência, a trabalhar, naquela noite.

— Vem o mais depressa possível, por favor. Bom, vou desligar. Já quase acabaram de afinar —

disse e desligou.

Ena, merda! Dera um pontapé à perna da minha mesa e o bilhete do concerto caiu ao chão, voando suavemente. Peguei nele e olhei para o relógio. Se conseguisse apanhar um táxi naquele momento, chegaria a tempo. Seria a única que estaria vestida como uma empregada de escritório, mas, pelo menos, estaria lá. Vesti o casaco e desliguei o computador, com a esperança de que houvesse uma longa fila de táxis pretos à espera junto da calçada da rua principal. Pus a mala na secretária para procurar as chaves da loja e, por acidente, deixei cair um monte de papéis que ainda não tinha conseguido rever.

— Merda!

Inclinei-me para apanhar as folhas de papel, os bilhetes e os folhetos. Deixei-os novamente na secretária, tentando não me irritar por o meu espaço de trabalho estar tão desorganizado, e vi uma folha cinzenta que se destacava entre as outras. Era uma das folhas que Kelli usava quando nos escrevia as mensagens: «Outra crítica de uma estrela para a viagem à Índia. Não tem sucesso!»

Rapidamente, li o texto que ela imprimira da Internet e senti um sabor amargo na boca. As outras críticas que tínhamos recebido eram ligeiramente negativas, mas aquela ia mais além. Era algo pessoal, virulento e mordaz, sem um único erro de ortografia. Abri o meu computador pessoal e escrevi a morada da página onde tinham escrito aquela crítica. Era um blogue de viagens que eu não conhecia. Aquele *post* recebera centenas de *likes* e comentários e fora partilhado imensas vezes. Até tinha o seu próprio *hashtag*. Aquilo era grave. A nossa próxima viagem à Índia começava muito em breve e, ao ser uma das nossas maiores fontes de lucros, tinha de fazer alguma coisa rapidamente.

Peguei no telefone e marquei o número de telefone de Kelli para saber se lera mais críticas como aquela e não nos dissera. Alguns segundos depois, uma mensagem que deixara gravada no atendedor de chamadas dizia-me que estava a tocar num concerto. Suspirei. Ia ligar a Ben, mas parei. Se lhe contasse naquele momento, ele perceberia que ainda estava no escritório e pedir-me-ia para esquecer o assunto. Diria que tudo podia esperar até ao dia seguinte, mas eu sabia que não era assim. Tinha de me encarregar daquele assunto imediatamente.

Mandeí uma mensagem de texto a Shelley a dizer-lhe que ia chegar atrasada, mas que estaria com eles em breve. Tirei o casaco e voltei a acender as luzes. O trabalho era o mais importante. Haveria mais concertos. Tinha a certeza de que Kelli e Ben entenderiam, não era?

Capítulo 4

Espontâneo (adj.): Que surge de um impulso momentâneo.

Desliguei o telemóvel quando começou a tocar constantemente ao receber mensagens de texto de Shelley, que me perguntava onde estava, me dizia que, na verdade, a banda de Kelli era ótima e que ainda havia caril suficiente para mim se me encontrasse com eles. Precisava de me concentrar. Não podia permitir que o meu negócio seguisse o mesmo caminho que a minha vida social e ficasse devastado.

No Natal e no Ano Novo, tínhamos tido uma atividade frenética, porque queríamos atrair as pessoas que tinham o propósito de viajar para cumprir os seus sonhos. Depois, chegara o Dia de São Valentim e tínhamos tido imensas reservas de pessoas solteiras decididas a não ficar sentadas em casa, a soluçar. Aquele também fora o dia em que perdera a coragem que juntara para perguntar a Ben se queria beber um café ou talvez até sair para jantar, já que ambos estávamos em diferentes eventos de criação de contactos e de promoção. O que importava que a minha vida amorosa fosse inexistente? Pelo menos, a nossa empresa fortalecia-se cada vez mais graças ao trabalho árduo, à determinação e ao sacrifício. Aquela noite era apenas um desses sacrifícios.

O guia indiano, Nihal, não estava a atender nenhum dos números que tínhamos dele. Deixei escapar um suspiro profundo. Percebi que era o *tour* da manhã, portanto, não me surpreendia que as minhas mensagens de correio eletrónico ficassem sem resposta e que ele não estivesse ativo no Skype. Estava prestes a redigir uma mensagem de correio eletrónico para o autor daquele *post* horrível, a pedir-lhe para o retirar, quando a porta se abriu. Tinha-me esquecido de a fechar depois de Ben se ter ido embora.

— Está fechado — avisei, enquanto pensava em qual era a melhor forma de começar uma conversa com um *troll* da Internet.

— Eh! Tu nunca fechas. Esse é o problema — acusou Shelley, com um sorriso resplandecente e algumas garrafas de vinho nos braços. Tinha uma linda cara de boneca e uma expressão alegre.

— O que estás a fazer aqui? — perguntei. Levantei-me e dei-lhe um abraço. Cheirava a caril e o meu estômago queixou-se. — Achava que estavas no concerto da Kelli.

— Bom, quando disseste que ias chegar atrasada, imaginei que teria de vir aqui buscar-te com o incentivo do vinho. Mas o concerto e o caril acabaram e continuava sem haver rasto teu. Bom, mudando de assunto, como estás? Tens muito má cara — disse, com o seu sotaque australiano, olhando para mim com uns olhos frágeis. O concerto devia ter sido muito bom.

— Obrigada, Shell, é sempre um prazer ver-te também — trocei, com um sorriso. Tirei-lhe o vinho e fechei a porta da agência atrás dela. — Tenho má cara porque acabei de ler outra má crítica

de uma das nossas viagens, a pior de todas as críticas. E, para o piorar ainda mais, tornou-se viral e o maldito guia da viagem está ilocalizável, portanto, não posso averiguar o que aconteceu.

— Ah, sim — murmurou ela, enquanto rebuscava algumas chávenas na cozinha. — O que significa isso?

Suspirei e passei os dedos entre o cabelo emaranhado.

— Isso significa que não podia ir ao concerto da Kelli, que não conseguia suportar a ideia de comer um caril, porque a única coisa relacionada com a Índia que o meu cérebro consegue processar é os nervos que tenho por tentar entrar em contacto com o Nihal. Significa que temos muitos clientes que planearam ir a Nova Deli dentro de duas semanas para fazer um *Tour* Indiano para Corações Solitários e o guia está desaparecido. Também significa que, certamente, o Ben e a Kel estão zangados comigo por não ter aparecido esta noite, sobretudo, por causa do sermão que lhes dou sempre sobre o valor do trabalho em equipa — repliquei, com um suspiro, e esfreguei as têmporas.

— Ah, sim, isso é um golpe — replicou Shelley, enquanto enchia as chávenas de vinho e me passava uma. Aceitei-a com gratidão e ela continuou a dizer: — Bom, se não vais sair daqui até dentro de um bom bocado, o mínimo que posso fazer é ajudar-te a resolver este assunto. Senta-te e conta-me tudo.

E foi o que fiz. Enquanto bebíamos as duas garrafas de vinho, contei-lhe que era muito importante que aquela viagem corresse bem, expliquei-lhe que tínhamos trabalhado muito para conseguir Nihal, que tinha muito boas referências, para além de outros fornecedores que eu selecionara pessoalmente. Passara horas e horas a fazer entrevistas pelo Skype e tínhamos gastado muito dinheiro a fazer publicidade.

— Merda! — exclamei, com uma palmada na testa. — Acabei de gastar uma fortuna num anúncio na *Itchy Feet*!

— O quê? — perguntou Shelley, rindo-se.

— É a revista de viagens número um do país e paguei um anúncio para esta viagem asquerosa à Índia — esclareci e dei um murro na mesa. Que idiota! — O Ben ainda não sabe nada disto. Queria resolver tudo sem que ele descobrisse.

— Hum... Bom e, a respeito do Ben, o que há entre vocês? — perguntou ela, pondo as pernas por baixo do corpo no sofá.

— Nada — disse e acabei o resto do vinho que tinha na chávena. — Passa-me a garrafa, por favor.

— Toma, serve-me também — pediu Shelley e, ao inclinar-se para pegar na garrafa, deixou cair um monte de folhetos. Eu estava tão enervada que nem sequer me senti afetada por aquela desordem. — Bom, Georgia, vou dizer-te claramente o que penso desta situação: És viciada no trabalho.

— O quê? Não, não. Claro que não — neguei e tive de afastar o dedo com que estava a apontar para mim de uma forma acusadora. Depois, enchi a minha chávena até ao topo e entornei um pouco de vinho nas minhas calças.

— És, sim. És uma viciada no trabalho que está tão empenhada em conseguir fazer com que esta empresa funcione que se esqueceu do resto da vida. Nem sequer encontras coragem para dar um passo em frente com o Ben — acusou a minha amiga e recostou-se nas costas do sofá com um olhar de petulância e as faces coradas por causa do álcool.

Suspirei.

— Shell, agradeço a tua opinião, mas não sou uma viciada no trabalho. O que se passa é que investi tanto tempo e tanto dinheiro nesta empresa que preciso que corra bem. Sou exatamente como

qualquer outro dono de um negócio.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Sim, claro. Então, onde está o Ben agora? Onde está o teu sócio? Se estão a gerir a empresa juntos, porque é que ele não está sempre a trabalhar aqui?

— Ele trabalha imenso.

— Sim, mas também sabe quando deve fazer uma pausa e sabe viver um pouco. Sentiu a tua falta esta noite — disse e eu senti um aperto no coração.

— A sério? Disse-te?

— Bom, não é que me tenha dito — corrigiu Shelley e o formigueiro do meu estômago cessou imediatamente. — Mas sei o que sentia. Foram feitos um para o outro. Todos se apercebem, menos vocês, claro.

— A sério? — perguntei.

Ela assentiu.

— Psiu... claro! Todos sabemos. Mas nem sequer o Romeu se teria declarado à Julieta se pensasse que ela não tinha nenhum interesse por ele. Certamente, ter-se-ia casado com alguma prima afastada dos Capuleto e teria tido imensos filhos, enquanto a Julieta teria envelhecido e teria murchado a reprovar-se por não ter tido coragem para lhe dizer quais eram os seus sentimentos.

Ri-me.

— O Shakespeare deve estar a remexer-se na sepultura com esta versão que estás a dar da maior história de amor de todos os tempos.

— Estou a falar muito a sério, Georgia. Como achas que o Ben pode dar o passo se nem sequer sabe que te babas por ele? Não vai arriscar-se a convidar-te para sair e a ser rejeitado para depois ter de trabalhar contigo todos os dias com o orgulho ferido, nem vai deixar que a empresa fique destruída por causa do mau ambiente que se geraria.

Com tantas perguntas de Shelley e dos meus pais sobre a minha vida amorosa inexistente, estava a começar a sentir-me como se tivesse sido detida pela Santa Inquisição.

— Acho que ele já sabe.

Ela deixou escapar uma gargalhada.

— É um homem, Georgia. Os homens nunca sabem, a menos que te ponhas à frente deles como Deus te trouxe ao mundo e abanes um preservativo.

— Bom, faz comentários sobre o meu aspeto, diz-me que estou bonita e coisas assim. E eu ligo sempre o radiador que está ao lado dele para ficar mais quente do que o meu, para que ele não passe frio e se sintam bem.

Ela coçou a cabeça, deixando-me falar.

— Ah! Ena, e o que mais?

— Bom... eh... Ele faz-me sempre o chá na minha chávena favorita, a que tem a nossa fotografia impressa. E temos uma brincadeira secreta que... Bom, quando estamos a falar com os fornecedores ao telefone, por exemplo, dizemos palavras combinadas para nos rirmos. Eh... na verdade, não o fazemos há algum tempo, mas era muito divertido — expliquei, pensando em voz alta.

No entanto, tinha de reconhecer que nenhum dos dois estava a enviar uma mensagem subliminal de: «Por favor, leva-me para a cama.» E eu tinha de me comportar como se não me importasse. Oxalá o meu próprio coração deixasse de me sussurrar que sim, que me importava muito.

— Claro... — murmurou Shelley, revirando os olhos, como se não tivesse ficado impressionada

com a minha estratégia de sedução. — Olha, se quiseres que te dê a minha opinião...

— Quero que me dêes a tua opinião?

— Sim. Se quiseres que te dê a minha opinião, parece-me que a rapariga que o enlouqueceu na Tailândia ficou lá.

— O quê?

— Porque a Georgia divertida e despreocupada, que vivia o momento, e que ele conheceu, já não existe — esclareceu Shelley e bebeu um pouco de vinho ao mesmo tempo que ignorava o meu olhar de surpresa. — Quando foi a última vez que fizeste alguma coisa só para te divertires? E não me refiro a jogar bingo no telemóvel, refiro-me a algo divertido.

Bebi um longo gole da minha chávena e fiquei pensativa.

— Beber vinho no escritório é divertido. Atrevido, até — indiquei e pisquei-lhe o olho enquanto ela fazia uma careta.

— A sério, Georgia. Onde está a rapariga que eu conheci, que estava disposta a tomar banho nua no mar da Tailândia, que teve a coragem de viajar depois de o noivo a deixar quase no altar, que dizia sempre que sim às coisas novas, sem ver primeiro se tinha espaço na agenda?

— Sei divertir-me... — murmurei.

— Quando foi a última vez que fizeste algo espontâneo?

— Shelley, gerir uma empresa não tem nada de espontâneo — queixei-me. Naquele momento, ouvi o assobio que me avisava de que recebera uma mensagem de correio eletrónico. Ignorei o seu ar de resignação e olhei para o ecrã para ver se era uma mensagem de Nihal a explicar-me o motivo daquela crítica tão mordaz.

— É esse tal Nihal ou não? — perguntou-me Shelley.

— Não. É apenas uma resposta automática que me avisa de que os vistos para a Índia já estão prontos e de que podemos ir buscá-los! — respondi, com tristeza. Que ironia!

— Isso! — exclamou Shelley e mexeu a chávena com tanto ímpeto que o vinho se entornou nas pernas. Ela levantou um dedo no ar.

— O quê? Os vistos?

— Não, tonta. Já tenho a resposta para os teus problemas — declarou e, com um sorriso enorme, depois de uma pausa para lhe dar emoção, acrescentou: — Devíamos ir à Índia.

— Claro, claro. Que engraçada — murmurei, com sarcasmo.

— Falo a sério, Georgia. Devíamos ir conhecer o tal Nihal pessoalmente, descobrir o que está a acontecer e acabar de uma vez por todas com as más críticas. Porque não? Adoro as chamuças e até fiquei em primeiro lugar num concurso de comer vindalho na minha terra — declarou, com orgulho. — Além disso, sempre quis ir à Índia. Tu podes ir procurar o guia. Até podíamos ir disfarçadas! Sim, isso seria perfeito. Assim, saberíamos realmente o que se passa e, além disso, seria algo realmente espontâneo da tua parte! — exclamou. Parecia que ia explodir de emoção.

— Parece-me que tens de começar a beber água.

Abanei a cabeça ao pensar na ideia absurda. Não podia deixar o trabalho durante duas semanas para fugir para a Índia. Como é que a agência ia sobreviver sem mim?

— Não estou bêbada. É a melhor ideia que alguma vez tive. Tu nunca tiras férias nem dias de folga e seria muito bom para ti. Além disso, assim, demonstrarias ao Ben que consegues voltar a ser a Georgia divertida e atrevida de antes. Posso fazer uma viagem com a minha melhor amiga e tu resolverias o problema da empresa. São apenas vantagens!

— Achas mesmo que ia correr bem? — perguntei e inclinei a cabeça ao pensar melhor no que ela estava a sugerir. O álcool toldava-me a mente e não conseguia pensar com clareza. Talvez fosse boa ideia. Na verdade, seriam apenas duas semanas.

— Sim! O facto de teres recebido essa mensagem de correio eletrónico do consulado é um sinal. O universo quer que vás! — exclamou e começou a rir-se. — Bom, se não te tornaste demasiado aborrecida, claro. A velha Georgia teria reservado um voo imediatamente...

Fechei os olhos.

— Não, não me tornei demasiado aborrecida. Sim! Sim. Vamos. Vou fazê-lo agora mesmo!

— Ainda bem! — gritou Shelley e começou a dar voltas a um pano de cozinha por cima da cabeça, cheia de emoção. Então, hesitou: — Espera... Não queres contar ao Ben primeiro? Não vais perguntar-lhe se podes ausentar-te durante algumas semanas?

Abanei a cabeça, certamente, com demasiada veemência, porque apareceram uns pontinhos à frente dos meus olhos.

— Não, temos de o fazer no calor do momento. Tenho a certeza de que vai parecer-lhe muito boa ideia que tomemos medidas e sejamos ativos, ouve o que te digo!

Shelley esboçou um sorriso resplandecente.

Olhei para a minha imagem sorridente, que se refletia no monitor.

«Sim, isto vai ser a solução para todos os problemas. A Shelley e eu somos génios, isso é o que somos!»

Capítulo 5

Repercussão (s. f.): Efeito ou resultado, com frequência indireto ou distante, de algum acontecimento ou ato.

O barulho dos camiões do lixo que desciam pela minha rua acordou-me. Abri os olhos e, imediatamente, tive a sensação de que me atravessavam as córneas com facas, porque a luz do sol entrava pelas janelas da agência. Enjoada, virei-me e quase vomitei. A sala estava um desastre. Sentei-me com cuidado e segurei a cabeça, que me pulsava de dor. Tinha a boca seca como a lixa e cheirava a álcool. Tinha dormido outra vez no escritório, só que, daquela vez, tinha Shelley e o seu ressonar melódico como companhia.

Passei os dedos pelo cabelo e tremi ao ver que caía um bocado de *kebab* gorduroso no sofá onde tinha dormido, o sofá que usávamos como zona de espera para que os clientes se sentassem e folheassem os folhetos, que agora tinha manchas húmidas de vinho e baba. Com cansaço, levantei-me, peguei num pano e limpei as manchas. Depois, peguei no telemóvel e dei um empurrão a Shelley para que acordasse. Tinha chamadas perdidas, uma mensagem de voz de Jimmy e três mensagens de texto de Ben, cada uma mais dececionada do que a anterior pelo facto de não ter ido ao concerto de Kelli e nem sequer me ter incomodado em desculpar-me.

— Shell, Shell, acorda! — exclamei, dando-lhe empurrõezinhos.

— *Mdnasudhu* — murmurou ela, enquanto se virava e se acomodava ainda mais nas almofadas do chão.

— A sério, Shelley. Tens de te levantar. O Ben e a Kelli vão chegar a qualquer momento.

— O quê? — perguntou ela, endireitando-se com um salto. Esfregou os olhos e tossiu. — Que horas são?

— Hora de te levatares e arrumares este desastre. Meu Deus, a que horas adormecemos? Sinto-me mal...

— Er... Não sei. Talvez às três ou às quatro. Quando acabámos a terceira ou quarta garrafa de vinho — replicou Shelley, enquanto se levantava.

— Como? Achava que só tinhas trazido duas — disse. Endireitei as almofadas do sofá e fui a cambalear até à casa de banho.

— Sim, mas disseste que podíamos abrir esta garrafa que alguém te trouxe...

Eu pestanejei, tentando recordar o que estava a dizer-me. Então, recordei de repente.

— Shelley, não era vinho, era uma garrafa de rum que um cliente nos ofereceu. Não é de estranhar que me sinta tão mal. Detesto rum!

Tapou a boca com a mão como se tivesse de conter o vómito.

— Ah, eu também. Preciso de dormir, de um duche e de comida gordurosa, já. Precisas que te ajude a arrumar primeiro?

Olhei para a sala. Cheirava a cervejaria, mas, a julgar pela cor das faces de Shelley, talvez fosse melhor que se fosse embora rapidamente.

— Não, não te preocupes. Vou abrir todas as janelas para ventilar a sala. Ligo-te depois.

Ela saiu da agência com agradecimento, cambaleando, e eu peguei nas garrafas vazias e nas caixas de *kebab*, que estavam cheias de gordura, e tentei arrumar o local antes de Ben e Kelli chegarem. Espalhei ambientador por todo o lado, incluindo a minha roupa amarrotada, e lavei rapidamente a cara para tirar as manchas de rímel que tinha por baixo dos olhos, com a esperança de conseguir lembrar-me de tudo.

Depois de arrumar o máximo possível, tendo em conta que mal dormira e que tinha a roupa do dia anterior, porque ainda não me lembrara de que tinha uma muda por baixo da secretária, suspirei e liguei a chaleira. Podia começar a trabalhar. Há muito tempo que não me embebedava tanto. Porque abrisse aquela garrafa de rum? Porque bebera como se fosse um peixe? Do que tínhamos estado a falar até às quatro da manhã? De onde tinham saído os *kebabs*? O meu cérebro cansado recusava-se a acordar e a dar-me as respostas de que precisava. Desgraçado...

— Kelli, não sabes que temos cadeiras? — perguntou Ben e, comicamente, arqueou uma sobrancelha, olhando para a nossa jovem empregada, que estava sentada com as pernas cruzadas no chão, rodeada de pastas de plástico, etiquetas com adesivos e uma pistola de cola. Estivera toda a manhã fora, numa reunião, portanto, felizmente, quando voltara, já desaparecera o cheiro a carne do *kebab* e a álcool.

— Não importa, estou melhor aqui — afirmou Kelli. Deitou o cabelo para trás e continuou com a sua tarefa.

— Sabes que perdeste uma noite ótima ontem, Georgia? — perguntou-me Ben, enquanto se sentava na sua secretária e ligava o computador. — Quem diria que a nossa Kel tinha tanto talento oculto?

Kelli sorriu e evitou o meu olhar como passara toda a manhã a fazer. Quase nem me dirigira a palavra desde que chegara. Tentara desculpar-me por perder o seu concerto e perguntara-lhe como correria tudo, mas ela só me dera respostas curtas.

— Prometo que irei ao próximo. Tive de fazer algumas coisas aqui — desculpei-me, novamente. — Bom, é a minha vez de ir buscar o café. Todos querem o mesmo do costume? — perguntei. Ben assentiu com agradecimento, enquanto Kelli se limitou a encolher os ombros. — Está bem. Volto num minuto.

Vesti o casaco e saí para a rua. O vento gelado da primavera, que soprava naquele momento, era exatamente o que precisava para me livrar um pouco daquela ressaca horrível que tentava esconder aos dois.

Quando voltei do Starbucks com um café com leite, um chocolate quente e um capuchinho numa bandeja de cartão, reparei que havia uma tensão estranha na agência. Kelli estava sentada no sofá, a virar os polegares à volta um do outro.

— Olha, aqui tens o teu — disse e entreguei-lhe o chocolate quente. Ela pegou na chávena e sorriu com tensão para me agradecer. Sabia que estava mais pálida, ainda mais do que o normal. Talvez não fosse a única que sofria em silêncio. — Pedi o que tem as nuvens de gomas de que gostas. E, Ben,

perguntaram-me se queria que pusessem xarope no teu, mas disse-lhes que não, que já era suficientemente doce — comentei e aproximei-me dele, que estava rigidamente sentado no seu lugar. Olhou para mim com uma expressão grave. — Está tudo bem? — perguntei.

— Kelli, podes deixar-nos a sós por um momento? — pediu Ben, ignorando a minha pergunta. Parecia que ela estava à espera daquilo, porque se levantou, pegou no casaco e saiu rapidamente, sem tocar no chocolate.

— Ben, o que se passa? — perguntei, enquanto me sentava na minha secretária. Tive uma estranha sensação na nuca.

— Georgia... — murmurou ele, com um suspiro. — Prometeste-me que não haveria mais segredos entre nós.

Abanei a cabeça, esbugalhei os olhos e estendi as mãos.

— Sim, é verdade. E não há.

Ele olhou para o céu com resignação e cerrou os dentes.

— Então, porque me mentes?

— Não estou a mentir. O que se passa, Ben?

Ele levantou-se, pôs as mãos atrás da cabeça e fechou os olhos. Estava a tentar acalmar-se.

— Quando estavas fora, a Kelli atendeu uma chamada da Indian Airways. Queriam saber se a Shelley e tu gostariam de ter acesso a um *upgrade* para o vosso voo.

Eu fiquei completamente em branco.

— Que voo?

— Que sai dentro de duas semanas para Nova Deli — esclareceu, incapaz de conter o seu aborrecimento.

Recostei-me com estupefação.

— Para a Índia? Deve tratar-se de um erro. Não sei do que estás a falar.

— Isso foi o que pensámos, portanto, a Kelli pediu-lhes para enviarem o teu itinerário por correio eletrónico e... Bingo! A Shelley e tu reservaram um voo para Nova Deli. Parece que a reserva foi feita à uma da madrugada de ontem.

Oh, meu Deus... comecei a recordar tudo. Falara-lhe das más críticas da viagem à Índia e do desaparecimento de Nihal e, então, ambas tínhamos decidido que iríamos procurá-lo disfarçadas. Merda.

— Oh!

— Sim. Sabes que pareço um sócio de negócios completamente idiota? Descubro que vais viajar porque ligaram à Kelli. Sem contar com o facto de estares demasiado ocupada para ir ao concerto dela, porque tinhas coisas muito mais importantes para fazer, reservaste umas férias para a Shelley e para ti.

— Não me lembro de ter feito isso! Era muito tarde, ontem à noite, e tínhamos bebido... — Fiz uma pausa e tentei esclarecer as ideias. — Sabes que a viagem à Índia não tem tido muito sucesso e...

Ben interrompeu-me.

— Sim e já falámos sobre isso. Não podes controlar tudo, Georgia.

— Eu sei, mas encontrei um blogue onde tinham publicado um *post* com a pior crítica de todas sobre a viagem. Era horrível e fiquei a tentar resolver isso. E já sabes como é a Shelley... — defendi-me e fiz uma pausa. — Queria fazer algo espontâneo.

Ben respirou fundo.

— Georgia, não me importo que vás de férias. Não se trata disso. Trata-se de não teres pensado em dizer-mo antes de a Kelli descobrir e nem sequer me teres perguntado se era conveniente que te fosses embora com tão pouco tempo de antecedência. Porque não me falaste da crítica?

— Não queria que te preocupasses — disse, em voz baixa.

— Mas isso é precisamente o que significa sermos sócios: Se tu te preocupares, eu preocupo-me — indicou e a sua expressão suavizou-se.

— Juro-te que não me lembro de ter reservado esta viagem. Foi uma ideia tola e impulsiva, mas vou ligar para cancelar o voo rapidamente — prometi e peguei no auscultador do telefone.

Ele suspirou.

— Não.

— Como?

— Não canceles. Mereces umas férias para descansar e não te enervares tanto com a empresa. Sempre quiseste ir à Índia e, além disso, o cancelamento custaria quase tanto como a viagem. Talvez seja o que precisas, o que precisamos. Ter um pequeno descanso da agência e um do outro.

— Um descanso de nós? — perguntei, gaguejando. Tive a sensação de que alguém me punha uma mão gelada na nuca.

— Não, sabes a que me refiro. Um descanso de tudo isto — disse ele, apontando para a sala com um movimento do braço. — Vai de viagem, Georgia. Acho que vai ser algo positivo, apesar da surpresa.

Esboçou um sorriso apagado e pegou no telefone, que começara a tocar ao seu lado.

Aquilo não correria como devia ter corrido. A ideia brilhante de Shelley para Ben se interessar mais por mim não dera resultado. Imaginara que olharia para mim com admiração por ter tanta coragem e tomar as rédeas da situação, não que ia olhar para mim como se tivesse voltado a defraudá-lo.

Abri o correio eletrónico e escrevi com fúria para perguntar a Shelley se sabia que íamos à Índia. Tínhamos de fazer com que aquilo funcionasse.

Capítulo 6

Trémulo (adj.): Excessivamente sensível. Que se agita ou se transtorna facilmente.

Na verdade, não tivera tempo para assimilar a decisão apressada de ir à Índia. Estava demasiado ocupada a organizar tudo para que a passagem das minhas tarefas para Ben e Kelli fosse o mais simples possível. Limpava a minha agenda, mudava a data de algumas reuniões que devia ter e rejeitara amavelmente alguns eventos para a criação de contactos empresariais, a cujos organizadores pedira que me enviassem por correio eletrónico a informação das apresentações dos assistentes.

O mais urgente de tudo era conseguir os vistos, porque, sem eles, não podia fazer a viagem. Telefonei a Sanjay, que trabalhava para a Visa Express, para ver se ele conseguia tratar dos nossos vistos, tal como fazia com os dos nossos clientes. No entanto, chegara-lhe a notícia de que tencionava parar de trabalhar com a empresa dele porque queria que tratássemos da nossa própria tramitação, portanto, disse-me, amável, mas firmemente, para ir para o inferno.

Portanto... ali estava eu, numa manhã chuvosa, à espera que abrissem o consulado para pedir o visto. Refugiara-me por baixo de um toldo porque me esquecera do guarda-chuva. Chegara muito cedo porque queria ser a primeira, mas parecia que todos em Manchester tinham tido a mesma ideia. Havia cerca de trinta pessoas à minha frente e Shelley, como de costume, estava atrasada. Os minutos passavam e as portas não se abriam. Eu tinha frio, estava triste e não queria perder tempo daquela forma. Onde raios estava Shelley?

— É a primeira vez que vem? — perguntou o senhor indiano que estava à minha frente, um homem muito alto, quando estiquei o pescoço pela enésima vez para ver o que estava a acontecer. Já eram nove e dois minutos e não parecia que alguém tencionasse abrir as persianas enferrujadas.

— Eh... hum... sim — respondi. Não tinha vontade de conversar com ninguém.

Ele desatou a rir-se e formaram-se rugas ao redor dos olhos, que eram de uma cor castanho-clara, rodeados por um círculo verdade.

— Já tinha percebido. Sabe? Dizem que isto é o primeiro passo da preparação para ir à Índia — replicou, com um sorriso.

— A que se refere? — perguntei, enquanto me apercebia de como era bonito. Aqueles olhos tão inquietantes destacavam-se na sua pele escura e tinha a barba arranjada como um estilista. Tinha um cabelo espesso e preto e um sorriso irónico, descarado e brincalhão ao mesmo tempo.

— Paciência — disse, rindo-se.

Apesar de aquele tipo ser incrivelmente bonito, não tinha vontade de me deixar enfeitiçar por ele. Tinha demasiado para fazer para imaginar como seria aquele corpo por baixo do fato elegante.

Suspirei.

— Não estamos na Índia — disse —, mas em Manchester, onde as coisas abrem à hora a que têm de abrir.

Ele abanou a cabeça.

— Se achar que isto é mau, espere até chegar lá. Aprenderá coisas sobre si própria que nunca teria descoberto. Vai adorar.

Eu já conhecia aquele tipo de homem: Bonito, consciente disso e cheio de uma arrogância condescendente. Pensava que, por ter caído do céu, era melhor do que eu.

— Acho que já me conheço bastante bem, obrigada — declarei, com um sorriso. Oxalá aquela fila avançasse com rapidez, para não ter de ver mais a sua cara incomodada e petulante. Ia correr tudo bem na Índia. Muito bem.

— Georgia! Estou aqui! — gritou Shelley, que se aproximava a correr, com a cara muito vermelha e a cumprimentar com a mão. — Desculpe-me. A minha amiga guardou-me o lugar.

Abriu caminho entre as pessoas da fila, fingindo que não via as expressões de desgosto nem ouvia os suspiros de aborrecimento.

— Lamento ter chegado atrasada, querida — desculpou-se, com falta de ar e abanando as faces coradas com o telemóvel. — Meu Deus, que fila. Não podias pedir a algum dos teus contactos para tratar desta papelada?

— Se pudesse, tê-lo-ia feito.

Ela assentiu. Parecia que percebera o meu tom de aborrecimento. Por causa daquelas férias espontâneas, tinha de fazer muitas coisas e esperar numa fila para que pusessem um visto no meu passaporte não era uma delas. Ao perceber que a nossa decisão apressada não nos afetava apenas a nós, tentara facilitar a situação a Ben e Kelli, incluindo o facto de encontrar uma substituta para os ajudar durante a minha ausência. Ben dissera que ficariam bem, mas eu não estava convencida, portanto, pensava que era melhor contratar alguém temporariamente. Ben agradecê-lo-ia, tinha a certeza.

O único problema era que, dos muitos candidatos que tinham respondido ao anúncio, quase nenhum parecia adequado. Fizera dois montes de candidaturas: Um com os possíveis escolhidos e, o outro, com os que não tinham nenhuma possibilidade. No entanto, precisava de seleccionar um deles depressa.

— Ah, já entendo. Com sorte, sairemos num abrir e fechar de olhos — redarguiu Shelley, com um sorriso. — Bom e como está tudo? Arrependes-te?

— Não, não me arrependo. Só que nunca mais voltarei a beber rum — redargui e percebi que o tipo de Bollywood começara a olhar para o telemóvel, por sorte.

Shelley fez uma careta.

— Eu também não. Como correu tudo com o Ben? Não se importou que reservasses esta viagem? Suponho que se tenha alegrado por teres tomado a iniciativa para resolver o assunto das críticas negativas.

Eu não tivera tempo para lhe fazer uma chamada em condições desde que ele descobrira.

— Bom, digamos que não ficou impressionado com a minha decisão espontânea de viajar para a Índia. Teve uma desilusão ao descobrir que não lhe tinha falado da ideia com antecedência.

— Ah, ena... — murmurou, assentindo. — Eh, não te preocupes. Vais ver como, com a distância, sentirá a tua falta e se afeiçoará mais ainda...

— Espero que sim — murmurei, com tristeza.

De repente, ouviram-se uns vivas patéticos, quando finalmente se abriu a porta e as pessoas começaram a entrar no consulado. Era um local tão cinzento e monótono por dentro como por fora. Havia uma mesa calçada com um jornal amarelado, cheia de folhetos e canetas atadas com uma corda à madeira para que ninguém as roubasse. Ao fundo da sala havia três balcões cor-de-rosa, por trás dos quais estavam os empregados, com cara de cansados. Começaram a puxar cadeiras para que os clientes pudessem sentar-se.

Eu tirei a senha para a minha vez e esperei bem afastada do senhor indiano que sabia tudo, com a esperança de que se apressassem e chamassem o nosso número.

— Ainda não acredito que vamos à Índia — comentei, assentindo para um póster enorme do Taj Mahal que havia na parede da frente.

— Eu sei! Vai ser incrível — afirmou Shelley, com um sorriso.

— O que é que o Jimmy te disse? Não achas que vai ter muitas saudades?

— Provavelmente — concedeu. — Já te disse que, assim, se afeiçoam ainda mais a nós...

Uma voz robótica chamou o número trinta e dois.

— Somos nós! — exclamei e levantei-me com um salto da cadeira.

Aproximámo-nos do balcão onde havia uma senhora de meia-idade com uns óculos grossos, que nos observava com expectativa.

— Bom-dia, precisamos de vistos para a Índia, por favor — pedi e passei-lhe os nossos passaportes por baixo de uma ranhura que havia no vidro.

— Têm os formulários? — perguntou a mulher dos óculos, com uma voz nasal e um tom de monotonia.

Levantei a cara e observei-a.

— Formulários? Que formulários?

Ela revirou os olhos com resignação.

— Os seus formulários. Precisam deles para tratar do visto — explicou, com um suspiro. — Toda esta informação estava na nossa página da Internet.

Bolas!

Limitávamo-nos a pôr os nossos clientes em contacto com Sanjay e ele encarregava-se de resolver tudo. Não sabia que tinha de preencher uns formulários.

— Eh... Não, não temos nenhum formulário.

A mulher suspirou e olhou para a fila de pessoas que havia atrás de mim. Senti os olhos do senhor indiano petulante fixos em mim. De certeza que tinha os malditos formulários.

— O que se passa? — perguntou-me Shelley.

— Tínhamos de preencher uns formulários.

— Que formulários? Achava que só tinham de nos carimbar o passaporte.

— Eu também — disse. Suspirei e virei-me para a senhora dos óculos. — E não tem os formulários aqui para que possamos preenchê-los?

— Não, terá de os descarregar da página da Internet — disse ela.

Tentei manter a calma.

— Então, temos de voltar a casa, descarregá-los, preenchê-los e imprimi-los e, depois, voltar aqui? Para esta fila outra vez?

— São as regras.

— A sério? — perguntei, com uma expressão suplicante. No entanto, ela continuou a olhar para nós como se nada fosse.

— Voltem com os formulários e as fotografias. Suponho que as terão, não é?

Mordi o lábio inferior e abanei a cabeça.

— Bom, então, têm de se apressar. Fechamos dentro de duas horas.

Sorri com tensão.

— Muito obrigada pela sua ajuda. Vamos, Shell — repliquei. Virei-me e encaminhei-me para a saída.

— Não, não pode ser — queixou-se Shelley, com um suspiro. — Pareceu-me uma pessoa muito desagradável. O que disse sobre as fotografias?

— Temos de tirar fotografias rapidamente.

Shelley assentiu. Depois, acrescentou em voz baixa:

— Achava que sabias estas coisas.

— Por favor, não comeces.

— Estão bem, meninas? — perguntou-nos o muito bonito e presunçoso senhor indiano, enquanto eu punha o meu passaporte na mala.

— Sim, obrigada — murmurei.

— Não saberá onde podemos tirar fotografias aqui perto, pois não? Ou onde há um café com Internet? Precisamos de descarregar uns formulários — disse Shelley, com um sorriso resplandecente.

— Não precisamos de ajuda — declarei. — Encontraremos tudo — acrescentei, pondo-lhe uma mão no ombro para tentar afastá-la daquele tipo tão irritante.

— Tenho alguns formulários a mais e posso dar-vos — ofereceu-se e rebuscou na pasta preta. Claro, é claro que os tinha.

— Ena, é muito amável da sua parte. Não é, Georgia? — comentou Shelley, sem parar de sorrir.

— Hum... Não terá uma minicâmara aí dentro também para nos tirar as fotografias, pois não? — perguntei, mal-humoradamente. Porque é que aquele homem me incomodava tanto? Tinha alguma coisa que me deixava nervosa.

Ele desatou a rir-se.

— Não, mas há um Asda muito perto daqui, onde podem tirá-las. Se quiserem, guardo-vos um lugar na fila.

Estava prestes a dizer-lhe que não precisávamos de ajuda, mas Shelley bateu palmas de alegria e agradeceu profusamente, antes de me puxar para o supermercado.

— Que agradável! — exclamou. — E que bonito!

— És demasiado ingénua — queixei-me, enquanto andávamos pela calçada.

— Puf... E tu és demasiado cautelosa. Podemos confiar nas pessoas, até mesmo nos desconhecidos. Às vezes, a única coisa que querem é ajudar os outros.

— Veremos — redargui. Queria acrescentar que tinha experiência na hora de me enganar com as pessoas em quem podia confiar ou não, mas fiquei calada, como se quisesse que, no fim, se demonstrasse que eu não tinha razão.

O senhor indiano cumprira a sua palavra e estava à espera pacientemente na fila, com os nossos formulários. Até tinha um tubo de cola.

— Aqui têm, meninas — replicou e deu-nos os formulários com as fotografias coladas. —

Portanto, são a Georgia Green e a Shelley Robinson — disse, lendo os nossos nomes. — Espero que se divirtam imenso na Índia. Bom, vou-me embora. Ah, a propósito, o meu nome é Rahul.

— Muito obrigada, Rahul! — agradeceu Shelley, exatamente quando voltavam a chamar o nosso número. — Meu Deus, que homem tão simpático. Que pena que ambas estejamos comprometidas. Bom, pelo menos, tens o coração comprometido. É uma pena, porque, caso contrário, esta viagem poderia ser muito mais picante e não me refiro às especiarias dos caris — troçou, rindo-se. Eu respondi com um murmúrio.

— Vamos resolver isto de uma vez.

— Que rapidez — disse a senhora dos óculos, enquanto pegava nos formulários. — Ah, muito bem. Vou tramitá-los e, depois, aviso-vos se conseguirem o visto.

— Um momento... Se o conseguirmos? Portanto, depois de perdermos toda a manhã aqui, nem sequer temos a certeza de que vão conceder-nos o visto?

Ela abanou a cabeça.

— E quanto tempo vão demorar a tomar essa decisão? — perguntei.

— Se forem aprovados, receberá o passaporte com o visto no seu domicílio dentro de dez dias úteis.

— Dez dias? Só para pôr um carimbo? Vamo-nos embora dentro de dez dias!

Lançou-me um olhar com que queria transmitir-me que isso não era um problema dela e apontou para um pequeno bilhete colado ao vidro em que dizia que não eram toleradas as faltas de respeito para com os empregados. Tentei acalmar-me.

— Então, reze para que chegue a tempo — declarou, com um olhar fulminante, e chamou o próximo da fila. — Número cinquenta e nove!

— É mesmo bom ser espontâneo... — resmunguei eu, enquanto saíamos do consulado.

Começara a chover a potes e o vento sacudiu-nos as faces enquanto íamos para a paragem de autocarro. Shelley esteve calada durante toda a viagem até à outra ponta da cidade.

Entrei na nossa agência completamente encharcada e com pele de galinha. Tinha a sensação de que aquela viagem estava sentenciada, mesmo antes de começar. No entanto, animei-me assim que vi que tínhamos uma visita: Era Trisha, a madrinha de Ben e minha amiga. Ao vê-la sentada na minha cadeira, a beber um chá, não consegui conter o sorriso.

— O que fazes aqui? — perguntei, enquanto a abraçava.

— Olá, querida, parece que a tempestade te apanhou, não foi? — observou, olhando para as minhas calças encharcadas. — Bom, sei que, nesta época do ano, o tempo é muito melhor em Nova Deli do que aqui — acrescentou e piscou-me o olho.

— Ah, portanto, o Ben contou-te.

— Sim, que emocionante! Vais adorar a Índia. Juro-te que, sempre que fui, me senti como se tivesse mudado — comentou, com deleite. — Afinal de contas, é o lugar de nascimento da espiritualidade e tem uma aura especial. A Índia inspira-nos, entusiasma-nos e exaspera-nos como nenhum outro país consegue fazer.

— Sim, acredito sobretudo na parte de ser exasperante — resmunguei, enquanto pendurava o meu casaco, que gotejava. — Passei toda a manhã na fila do consulado e talvez não nos enviem os passaportes carimbados a tempo para a viagem — expliquei, suspirando. Vi a expressão petulante de Rahul, a abanar a cabeça por termos ido tratar daquele trâmite tão tarde.

— Ah, sim, sei que é uma chatice, mas tudo valerá a pena quando saíres do avião num país tão

maravilhoso. É um enigma. Não há nada que afete a alma como a Índia. Vais ver.

— Hum... Não sei se quero fazer alguma coisa que me afete a alma.

— Bom, mas isso não pode evitar-se. A mãe Índia fará o que quiser.

Eu assenti como se soubesse do que estava a falar.

— Bom e como estás?

— Muito bem, muito bem. Estou a habituar-me à minha nova vida. A reforma foi uma grande mudança — declarou, com um sorriso que, daquela vez, não lhe iluminou os olhos.

— Sabes que podias ter continuado a trabalhar aqui.

Quando decidimos fundar O Clube de Viagens para Corações Solitários, Trisha já estava há muitos anos a gerir a sua agência de viagens, A Fábrica de Lembranças, mas encarregámo-nos rapidamente da sua clientela leal e juntámo-nos para criar a Jovem de Coração. Preparávamos viagens para grupos pequenos em destinos europeus, em que homens e mulheres maduros e solteiros podiam experimentar alguns dos nossos *tours* menos animados, mas igualmente maravilhosos. Kelli gostava de lhes chamar «Reformados Quentes». Até ao momento, correrá muito bem, porque havia muitos reformados de mais de sessenta anos que queriam gastar a herança dos filhos em viagens. Trisha passava pela agência de vez em quando, mas as suas visitas eram uma surpresa deliciosa, em vez de um assunto de trabalho.

Deu-me uma palmadinha na mão. Eu fiquei espantada por as suas mãos parecerem tão translúcidas e enrugadas junto das minhas.

— Eu sei, mas agora, esta empresa é tua e do Ben. É o vosso bebé! — exclamou e eu corei. — Sabes a que me refiro! — acrescentou, rindo-se. — Por aqui, tudo tem um aspeto ótimo. A Kelli estava a contar-me que tiveram imenso trabalho. Acho que queria um aumento de salário — concluiu, piscando-me o olho.

— Como todos — disse eu, revirando os olhos. — Bom, conta-me, já começaste algum passatempo novo? Quando o meu pai se reformou, de repente, começou a demonstrar que tem jeito para as plantas.

Trisha abanou a cabeça.

— Não, eu não. Até os gatos morreram. Tenho lido muito e saído com amigos, agora que tenho mais tempo livre — replicou, como se fossem tarefas, em vez de liberdade. — De certeza que me habituarei depressa.

Sorriu alegremente e começou a folhear um dos nossos folhetos. Então, tive uma ideia.

— Trisha, o que vais fazer no dia vinte e sete?

Ela levantou o olhar.

— Nada, porquê?

— O que achas de deixar a reforma durante uns dias?

Capítulo 7

Insipiência (s. f.): Falta de conhecimento, ignorância.

— Bom, despediste-te do teu apaixonado? — perguntou Shelley, enquanto fingia que endireitava uma almofada na minha pequena sala. Eu estava a fazer a mochila para a viagem.

— Hum... Despedi-me do meu colega de trabalho que só vou voltar a ver dentro de umas semanas — corrigi, pensando em como aqueles últimos quinze dias de trabalho tinham sido tensos. Evitara falar da Índia, porque sabia que atravessara um limite invisível que havia entre nós. — Não entendo. É verdade que não o consultei em relação à ideia de ir à Índia e descobriu por acaso, tudo isso graças a ti — disse a Shelley, olhando para ela significativamente. — No entanto, foi ele que disse que achava que eu devia ir. Que o melhor era que nos afastássemos durante uma temporada — repliquei e senti um nó no estômago ao recordar o seu olhar e a sua expressão de desilusão.

— Bom, certamente, tem um pouco de inveja — indicou Shelley, encolhendo os ombros.

Levantei o olhar e observei-a.

— A que te referes?

— Adora viajar. Sabes desde que o conheceste — esclareceu Shelley.

Lembrei-me da coleção de postais enviados de lugares exóticos de todo o mundo que vira na agência de Trisha da primeira vez que entrara. Lera-os sem pedir permissão. Eram de um tipo chamado Stevie, o afilhado de Trisha, sem saber que Stevie era Ben Stevens.

— Certamente — continuou Shelley —, o Ben estava de mau humor porque não pode ir à Índia contigo.

— Talvez — concedi, lentamente.

Era verdade que, provavelmente, Ben se sentisse como se lhe tivessem cortado as asas desde que tínhamos criado a empresa. Algumas vezes, via-o a olhar para os folhetos e a observar fotografias de praias idílicas e selvas remotas, mas, quando lhe perguntava, levantava a cabeça, esboçava um sorriso e dizia-me que não se arrependia de ter criado a agência. Gostaria que acrescentasse «contigo» no fim da frase.

— Bom, acho que temos de acabar e ir ao *pub* — decidiu Shelley, levantando-se com um salto.

— Não sei, ainda não verifiquei se guardei tudo o que preciso — redargui, apontando com a cabeça para a minha mochila quase cheia.

— Puff... só vamos estar fora durante duas semanas. Só precisas de algumas cuecas, uma escova de dentes e o passaporte.

Os nossos passaportes tinham chegado naquela mesma manhã, com o visto indiano para turistas. Eu tive vontade de chorar de alegria ao ver que Kelli assinava o recibo.

— Vá lá, menina Espontânea, vamos beber uma cerveja e ficar de bom humor para a viagem de amanhã!

Ao entrar no bar do meu bairro, ouvi o barulho da *Slot Machine*, inalei o fumo do tabaco que disfarçava o cheiro a lixívia e recordei porque nunca ia lá. Mas era barato, era perto de casa e os clientes eram simpáticos. Shelley ficou ao balcão, a pedir as nossas bebidas, e eu sentei-me num dos bancos e tirei o telemóvel. Trisha adorara a ideia de trabalhar enquanto eu estava de viagem e parecia que Ben também gostara. Isso resolvera o problema de encontrar um substituto temporário e eu estava tranquila ao deixar tudo nas mãos de Trisha. Sabia que só estaria fora durante duas semanas, mas havia muitas coisas que podiam mudar em tão curto espaço de tempo. Estava a ver as minhas mensagens de correio eletrónico e a certificar-me de que lhes tinha enviado tudo o que era necessário, quando alguém me chamou.

— Georgia?

Levantei o olhar e encontrei Mike, o namorado de Marie, que sorria para mim.

— Olá! Como estás? — perguntei, sorrindo ao ver o fato-macaco de trabalho salpicado de tinta.

— Acabaste de sair do trabalho?

— Sim, não te escapa nada, eh? — replicou e sorriu ao ver que Shelley se aproximava com dois copos de cidra. — Ah, olá, Shelley, tudo bem?

— És o Mike, não é? — perguntou Shelley, depositando cuidadosamente os dois copos na mesa. Mike assentiu. — Alegro-me muito por voltar a ver-te. Meu Deus, a última vez foi na inauguração da Georgia, não foi?

— Como o tempo passa, eh? — comentou Mike, rindo-se.

— A quem o dizes... Como está o pequeno Cole?

— Muito bem, obrigado. Está a aprender lentamente os prazeres de utilizar um urinol — explicou Mike e fez uma careta. Entornou um pouco da cerveja ao sentar-se e perguntou: — E o que fazem aqui? Georgia, tu nunca vens!

— Amanhã vamos para a Índia, portanto, pensámos em beber algo rápido para nos dar forças — comentou Shelley, com orgulho.

Ainda não tinha contado a ninguém. Não era como quando fora à Tailândia, no ano anterior. Aquela viagem era apenas de trabalho. Tinha de chegar ao país, encontrar Nihal, resolver o problema e voltar.

Mike esbugalhou os olhos.

— Ena! A Marie não me tinha dito. Que emocionante!

— Sim, foi uma decisão repentina — expliquei, sem acrescentar que estava completamente bêbada por ter ingerido um rum muito caro e muito forte. — Ela está cá? — perguntei e olhei ao meu redor à procura da minha melhor amiga.

— Foi deixar o Cole a casa da mãe. Vamos tirar a noite e não teremos de limpar porcaria e poças do chão, graças a Deus! — exclamou Mike e olhou para o seu relógio, rindo-se. — Chegará a qualquer mom...

Marie entrou exatamente naquele momento. Percorreu o local com os seus olhos verdes até nos ver.

— Meu Deus, Georgia! — exclamou, com um sorriso enorme, enquanto me abraçava com força. — Tu nunca sais. O que fazes aqui? Há séculos que não sei nada de ti.

Tremi.

— Lamento muito, mas estive muito...

— Ocupada, sim, sim, eu sei. Mas, bom, podias ter-me respondido a alguma mensagem — queixou-se e abanou a cabeça. — E então, como estão as coisas?

— Marie! — exclamou Shelley, com um vozeirão que fez com que Marie se assustasse. — Como estás, linda?

Marie teve uma surpresa.

— Shelley, o que fazes aqui? Achava que estavas a viajar pela Europa.

— Sim, fiz um Interrail por vários países, mas, no fim, Manchester roubou-me o coração.

— Sim, Manchester e o Jimmy — corrigi, na brincadeira.

— O melhor amigo do Ben? O bonito e musculado?

— Sim, esse mesmo — confirmei, rindo-me.

— Bom e o que fazem? Decidiram fazer uma noite de raparigas? — perguntou Marie. O seu tom de voz foi leve, mas percebi que estava um pouco incomodada.

— Sim, mais ou menos. Decidimos esquecer a bagagem e vir beber uns copos para nos prepararmos para amanhã — informou Shelley.

— Bagagem? Amanhã? — repetiu Marie.

— A Georgia não te contou? Vamos à Índia! — exclamou Shelley, enquanto me passava um braço por um ombro e me apertava contra ela.

— À Índia? — inquiriu Marie. Eu assenti. — Ah, que bom! — exclamou, embora o seu tom de voz já não fosse leve. — Não... eh... A Georgia não me tinha contado.

Shelley não percebeu a simpatia forçada e continuou a falar com entusiasmo.

— Sim, amanhã vamos para Nova Deli e, depois, vamos viajar pelo país, Bollywood e Goa... À praia. Certamente, esta australiana precisa de uma boa dose de vitamina D — comentou, rindo-se, e esfregou os braços cheios de sardas.

Mike aproximou-se, deu um beijo na face de Marie e passou-lhe um pequeno copo de vinho, que ela bebeu quase de um gole.

— Vais... vais a Bollywood? — perguntou-me Marie.

— Que fixe, não é? — inquiriu Mike.

Marie virou-se para ele.

— Tu sabias?

— Descobri mesmo antes de chegares, querida — esclareceu Mike, levantando as mãos num gesto defensivo. Depois, voltou para o bar, murmurando qualquer coisa sobre comprar um pacote de aperitivos.

— Bom, espero que se divirtam muito — replicou Marie, com os dentes cerrados.

Daquela vez, Shelley apercebeu-se da tensão que havia entre nós, porque se afastou rapidamente para as *Slot Machines*.

— Lamento não te ter ligado antes. Há séculos que quero fazê-lo — desculpei-me, em voz baixa.

— Hum... — começou a dizer Marie, sem me olhar nos olhos. — Não mudei de número.

A música do local e o ruído das *Slot Machines* eram os únicos sons que alteravam o silêncio que se fez entre nós.

— Portanto, Bollywood, eh?

— Marie, não é o que pensas.

— Ah, não? — perguntou ela. Afastou o cabelo ruivo dos ombros e semicerrou os olhos: — Diz-

me, Georgia, o que é, na verdade?

— A verdade é que é uma história divertida — disse, revirando os olhos ao pensar na forma como aquela viagem à Índia surgira.

— Parece-te engraçado? — perguntou Marie. Parei de sorrir e olhei para o chão. — Sabes o que é divertido? Encorajo a minha melhor amiga a fazer uma viagem depois de o noivo a deixar antes do casamento. Estou lá para a apoiar e ajudar a superar o que lhe aconteceu e o que consigo?

— Espera, eu...

— Não, espera tu. Se não disser isto agora, quando vou ter outra oportunidade para o fazer?

Assenti e engoli em seco para tentar desfazer o nó que tinha na garganta.

— Entendo que estejas muito ocupada com o trabalho, mas já não sei nada sobre ti. Não me devolves as chamadas nem respondes às minhas mensagens. Então, entro aqui por acaso para beber um copo com o meu namorado e vejo-te aqui sentada com a tua nova amiga mochileira, a rir-te. Além disso, descubro que vais viajar para a Índia amanhã, um país que eu sempre quis conhecer. Bollywood! Não pensaste que talvez, só talvez, a tua amiga, que é atriz, tivesse gostado de experimentar isso contigo? Ou estás demasiado ocupada a ser Georgia, a empresária mochileira, para pensar nisso?

Os olhos de Marie encheram-se de lágrimas, mas pestanejou para que não se derramassem.

— Marie, lamento muito. Entendo que te pareça assim, mas, a sério, não tem nada a ver com isso — expliquei e pus a mão no peito, porque eu também tinha vontade de chorar.

— É porque tenho um filho? Ou porque só trabalho como cabeleireira ao domicílio? Já não tenho cultura suficiente e não sou suficientemente interessante para ti?

— Não! Claro que não tem nada a ver com isso. Lamento ter sido tão idiota. Tive muitos problemas, mas assim que voltar, vou compensar-te, prometo-te.

No entanto, ela continuou a olhar para mim de um modo fulminante.

— Talvez, nessa altura, já seja demasiado tarde.

E, com isso, levantou-se, virou-se e afastou-se pelo bar.

Devia tê-la seguido e ter-lhe pedido perdão, porque, ultimamente, tinha sido muito má amiga, mas estava cansada. Estava cansada de estragar tudo, de as pessoas me dizerem que estavam preocupadas comigo, de falhar aos outros e de me aperceber da sua desilusão comigo.

Estava cansada de tudo.

Capítulo 8

Emaciado (adj.): Magro, desfigurado.

Tínhamos adormecido. Devia ter desligado os três alarmes que tinha posto no meu telemóvel, porque o que me acordou foram as buzinas do táxi que tínhamos pedido na noite anterior.

— Merda! Shell, acorda... é muito tarde!

Levantei-me com um salto, vesti-me e calcei os sapatos.

— O quê? Ai, meu Deus! — gritou Shelley e levantou-se do sofá, cambaleando.

Depois da minha discussão com Marie, tínhamos ficado no bar até fechar, a beber uma garrafa de vinho, enquanto eu concluía que aquela viagem seria a solução para todos os meus problemas. Seria como Trisha e voltaria mudada. Aquele plano parecera-me possível às onze da noite anterior, mas não me parecia tão bom naquela manhã.

O meu pequeno apartamento transformou-se num redemoinho de atividade. Corri de divisão em divisão, a pegar nas últimas coisas e a pô-las na minha mochila. Verifiquei três vezes se desligara o aquecimento, fechei as janelas e certifiquei-me de que o forno estava apagado. Nem sequer recordava quando o usara pela última vez, mas nunca se tinha cautela suficiente.

— Temos de ir. O taxista está furioso! — avisou Shelley, da porta principal, enquanto eu dava uma olhadela final e desligava tudo. — Georgia, vamos!

— Já vou! — exclamei e pus a mochila aos ombros. Senti-me bem ao sentir o seu peso.

No táxi, conduzido pelo taxista mais zangado do mundo, comecei a sentir um formigueiro de impaciência e de emoção no estômago vazio. Ao trabalhar numa empresa de turismo, pensava que estaria sempre a viajar para lugares exóticos, mas estivera demasiado ocupada para ter férias. Mesmo que as circunstâncias daquela viagem não fossem as ideais, pelo menos, conseguia outro carimbo no meu passaporte.

Pagámos ao taxista e percorremos os corredores do aeroporto a correr, olhando para os painéis para encontrar a nossa viagem. Estávamos tão atrasadas que nem sequer era divertido.

— Ali! — exclamei, apontando para o painel. — Nova Deli, balcões vinte e nove a quarenta e um. Merda, diz que os balcões fecham dentro de cinco minutos. Despacha-te!

Continuei a correr o mais depressa que podia com a mochila pesada às costas. Shelley bocejava, com o cabelo despenteado, atrás de mim.

— Bom-dia! Podem dar-me os vossos passaportes e os bilhetes, por favor? — pediu a mulher do balcão, que estava muito arranjada. Ao lado dela, parecíamos um desastre. — Chegaram um pouco tarde, meninas — avisou, franzindo uns lábios carnudos e brilhantes.

— Tome e tome — disse e sorri a modo de desculpa enquanto lhe entregava os meus documentos e

Shelley procurava os dela na mochila.

— Aqui tem o meu bilhete — disse Shelley e pô-lo no balcão —, e o meu passaporte está... Um momento, tenho-o aqui...

— Shelley? — inquiri. Ao vê-la a procurar freneticamente por entre as dobras de algodão às cores, senti um nó no estômago.

— Tenho-o aqui. Estas mochilas malditas... O Jimmy chama-me sempre Mary Poppins por causa da quantidade de coisas que se acumulam aqui dentro — comentou. Sorriu com tensão e continuou a pôr as mãos nos bolsos.

A assistente de terra ao balcão arqueou uma sobrancelha e olhou para o bilhete de Shelley.

— Algum problema, menina Robinson?

— Não, não — negou Shelley, com mais tranquilidade do que realmente aparentava.

— Shell? Puseste-o na mochila, não foi? — perguntei, com pânico.

— Menina Robinson, receio que, se não tiver o seu passaporte, não possa viajar hoje — informou a empregada, recordando-nos o óbvio e demonstrando com a sua atitude que não estava disposta a ajudar. Depois, olhou para o seu relógio.

— Entendo — disse Shelley, com um sorriso falso, como se estivesse a conter-se para não saltar por cima do balcão e dar-lhe um murro.

— Adormecemos — justifiquei-me, para preencher aquele silêncio tão incómodo. Ela assentiu e olhou para nós de cima a baixo como se isso explicasse tudo.

Um momento mais tarde, Shelley levantou o olhar. Estava pálida.

— Não... não o tenho.

Senti um nó no estômago.

— Não! — exclamei, com um suspiro. Fiquei a olhar para ela. Parecia que ia desmaiar, chorar ou ambas as coisas ao mesmo tempo.

— Shell, tens a certeza absoluta de que não o tens? — perguntei e comecei a rebuscar na minha própria mochila, no caso de o ter guardado lá por engano. — Esvazia tudo e vamos voltar a procurar! — ordenei, para descontentamento da empregada. Tinha de estar ali. Não tínhamos tempo para ir a casa e voltar para apanhar o voo.

— Meninas, por favor, apressem-se. Devia ter fechado o balcão há cinco minutos — queixou-se a empregada, tentando ignorar a desordem que estávamos a formar no chão frio e duro da zona de *check-in*.

— Tem de estar aqui! — gritei, abanando a minha mochila, enquanto caíam meias e canetas. Era óbvio que o passaporte de Shelley não estava em nenhum das duas bagagens. — Procura nos bolsos. Espera, não o terás deixado no táxi? Tens a certeza de que o tinhas?

Shelley puxou os bolsos vazios e limpou os olhos.

— Sim, absoluta. Pu-lo no bolso interior da mala antes de ir ao bar. Até levei esta mala porque estava paranoica e tinha medo de o perder... — murmurou e ficou pensativa. Depois, levantou a cabeça. — A Marie.

— O que foi? — perguntei. — O que se passa com a Marie?

— Deixei a mala na mesa enquanto vocês falavam. Bom, discutiam. Não te lembras? E, depois da vossa discussão, deixaram-na sem vigilância — sussurrou, mordendo o lábio inferior.

— O quê? Então, pode ter sido qualquer pessoa do bar, não é? — inquiri. Estava atordoada de preocupação. A Marie não teria sido capaz de sabotar aquela viagem, pois não?

— Desculpe, menina Green — queixou-se a empregada. — Preciso que se dirija para o avião agora. O seu voo vai descolar imediatamente. Menina Robinson, receio que, se não tiver o passaporte, não possa viajar hoje.

Levantei uma mão para tentar ganhar tempo.

— Talvez continue no apartamento. Ou tenha caído da mala no bar. Talvez alguém o tenha encontrado e o tenha entregado no balcão. Ou talvez esteja no táxi — sugeri.

Shelley abanou a cabeça com tristeza.

— Ontem à noite, tinha-o e, agora, não.

— E não pensaste em verificar outra vez esta manhã? — perguntei, quase a gritar. Estava a ficar histérica. Shelley tinha de ir comigo. Não podia fazer aquela viagem sozinha.

— Lamento imenso, Georgia. Vais ter de ir sem mim.

— Menina Green, por favor, se não passar agora mesmo pela segurança, terei de lhes dizer para fecharem o voo sem si.

— Está bem! — exclamei e disse a Shelley. — Lamento imenso. Mas não consigo acreditar que a Marie tenha feito uma coisa dessas.

Shelley começou a chorar.

— Eu consigo. Estava furiosa contigo. Talvez assim te lembres dela, finalmente, e não voltes a abandoná-la no futuro.

Abanei a cabeça com veemência.

— Não, a Marie não faria uma coisa tão desprezível. Não é possível.

— Desculpe, menina Green, vai viajar hoje ou não?

— Não há outro voo, talvez o próximo, em que possa dar-nos um lugar? — perguntei à empregada.

Ela suspirou e começou a escrever com irritação no seu computador.

Shelley virou-se para mim.

— Espero que tenhas razão sobre a Marie. Bom, pelo menos, assim posso voltar a tua casa e procurar, ir ao bar e perguntar, telefonar para a empresa de táxis e...

Shelley mencionou todas as opções que tínhamos para ela poder fazer aquela viagem e que não envolviam a minha melhor amiga no desaparecimento do passaporte.

— Sim, boa ideia. Volta para trás, encontra o passaporte e apanha o próximo voo para te encontrares comigo.

— Lamento — desculpou-se a empregada. — O próximo voo está cheio. E o próximo com lugares disponíveis seria na próxima quinta-feira, mas o bilhete custa o dobro do que o que reservou para hoje. É claro, se tiver encontrado o seu passaporte nesse dia.

Fiquei atónita.

Shelley ficou ainda mais pálida.

— Então, acabou — disse, com um suspiro, pestanejando para não começar a chorar. — Não posso ir. Lamento muito. Vais ficar bem se fores sozinha?

Não tive tempo para responder. A empregada levantou-se e desligou o computador.

— Menina Green, por favor, siga-me ou nenhuma das duas viajará hoje.

— Tenho de ir — declarei, entre lágrimas, e dei um abraço a Shelley. — Liga-me assim que encontrares o passaporte.

Ela assentiu.

— Tem cuidado, Georgia... e boa sorte! — exclamou, enquanto eu seguia apressadamente a

empregada.

Aquilo ia correr bem. Muito bem. Engoli em seco e senti o sabor da bílis que me queimava a garganta. A sério?

Passei as medidas de segurança e corri pelos corredores intermináveis até entrar no avião e me deixar cair no meu lugar, entre suspiros. Olhei nervosamente pela janela com a esperança de que Shelley aparecesse por milagre e se sentasse ao meu lado. No entanto, quando fecharam as portas, perdi toda a esperança. Estava sozinha e não podia voltar atrás.

Os outros passageiros estavam a falar animadamente sobre a viagem, os amigos e a família que iam ver ou os lugares que iriam visitar, mas eu só conseguia pensar em como ia sobreviver. Comecei a chorar e ignorei os olhares de estranheza dos outros. Como ia enfrentar uma viagem por aquele país enorme sozinha? A espontaneidade tinha as suas desvantagens. Aquilo fora ideia de Shelley e, agora, ela não estava ali para me ajudar.

Pensei em como Marie olhara para mim na noite anterior, em como estava magoada e zangada. Não era possível que tivesse escondido o passaporte de Shelley. Nunca faria algo tão malvado e estúpido, pois não? Uma vozinha ecoou na minha mente: «Faria, sim, se quisesse dar-te uma lição, se quisesse que fosses a mochileira valente que ela pensa que és.»

Mas, na verdade, eu não era valente. Nem pensar.

Capítulo 9

Pávido (adj.): timorato, medroso.

Quinze horas depois, aterrei no aeroporto de Nova Deli. «Consegues fazê-lo», repeti mentalmente, para me animar, enquanto me dirigia para a zona das bagagens. Respirei fundo, peguei na minha mochila, esfreguei os olhos chorosos e segui a multidão para as portas de saída. «Vamos, acalma-te. Estás na Índia, não em Marte. Consegues fazê-lo.»

No entanto, se chegar ao aeroporto de Bangucoque me parecera avassalador, não era nada comparado com sair do ar condicionado do terminal de Nova Deli para algo que me pareceu uma muralha de barulho. As pessoas gritavam e cheirava a comida frita, a especiarias e a esterco de vaca. Estava tanto calor que parecia um forno e os homens lançavam-me olhares intimidantes. Tive vontade de me virar e de apanhar o primeiro voo de volta para casa.

Há mais de um bilião de pessoas na Índia e era como se todos se tivessem congregado naquele espaço tão pequeno para dar as boas-vindas ao meu voo. A energia vibrante da multidão estava contida por uma cerca fraca mesmo à minha frente. Via braços morenos e magros a passar através dos buracos e a agarrar o ar. As vozes gritavam «táxi», competindo para oferecer a melhor tarifa aos turistas que passavam ao seu lado.

O sol magoou-me os olhos cansados. Sentia-me como se estivesse no edifício da Bolsa, empurrando e recebendo empurrões para fazer o melhor negócio de todos. Ao sentir que alguém me tocava no braço, assustei-me. Olhei para baixo e vi um menino da rua, que sorria. Faltavam-lhe metade dos dentes. Estendeu a palma da mãozinha para me pedir umas moedas, mas eu tinha o dinheiro todo num cinto de viagem de cor bege que, naquele momento, estava colado contra o meu estômago suado.

— Oh, lamento muito, eh... Não tenho dinheiro — disse. Desculpei-me e tirei do bolso um punhado de rebuçados que me tinham dado no avião. — Toma, rebuçados.

— Ordinária! — acusou ele. Atirou os rebuçados ao chão e cuspiu para os meus pés poeirentos. Fiquei a olhar para ele com espanto e vi-o a escapulir-se entre as pessoas para continuar a pedir dinheiro.

A cabeça dava-me voltas com tantas pessoas ao meu redor, que não paravam de me empurrar e de me afastar do seu caminho. Tentei concentrar-me nos letreiros escritos à mão que via à minha frente, procurando o nome de Shelley ou o meu. Não encontrei nenhum dos dois. Nós esperávamos que todos os guias que trabalhavam para a Corações Solitários estivessem no aeroporto para cumprimentar e ir buscar os viajantes ao chegar e que lhes proporcionassem um meio de transporte seguro e preferivelmente com ar condicionado para os levar para o hotel, onde pudessem conhecer

os outros hóspedes e começar a sua aventura. Eu nem sequer conseguia avançar para chegar ao lugar onde deviam estar os táxis oficiais. Ao ver o caos que reinava à minha frente, recordei uma das más críticas:

«Fiquei abandonado no aeroporto, desacompanhado, como a chamada de um vendedor a uma porta fria exatamente quando vamos começar a jantar. Depois de um voo tão longo que me tinha deixado emocionalmente cansado, não eram as boas-vindas que esperava, nem as que pagara. E não sabia que aquilo era apenas uma amostra...»

De repente, alguém agarrou na minha mochila com tanto ímpeto que quase me fez cair.

— Senhora, lamento muito, mas o seu hotel ardeu. Enviaram-me para vir buscá-la e levá-la para outro hotel — explicou um senhor alto e magro, embora com uma força surpreendente. Assentia rapidamente enquanto puxava as alças da minha mochila.

— Como? Espere. Pode largar a mochila, por favor? — pedi, com espanto. O meu hotel ardera? Oh, meu Deus! Precisava que me soltasse para poder respirar e pensar, algo impossível com aquele barulho incessante ao meu redor.

— Menina, temos de ir. Venha, venha — insistiu e começou a puxar uma das correias da mochila como se eu fosse um cão com uma trela. Então, ouvi que alguém gritava:

— Menina Green?

Virei-me e vi um homem idoso, com o cabelo grisalho, que tinha uma folha de papel com o meu nome escrito e que mexia o braço para chamar a minha atenção. O homem que estava a puxar a minha mochila soltou-me imediatamente e desapareceu. O que raios...? Abri caminho para o homem com aspeto cansado que tinha o letreiro.

— Menina Green? — perguntou, novamente.

Assenti.

— Sim, sou eu. É o Nihal? — perguntei. As coisas deviam estar verdadeiramente mal, porque eu tinha a certeza de que a pessoa com quem tinha falado há uns meses pelo Skype era muito mais jovem e tinha muito melhor aspeto.

O senhor desatou a rir-se.

— Não, eu sou o Deepak. O Nihal é muito mais feio do que eu. Bom, bem-vinda a Nova Deli! — exclamou, com um sorriso agradável.

Eu também sorri, enquanto limpava o suor da cara.

— Obrigada. Eh... é verdade que o hotel ardeu? — perguntei, com os olhos esbugalhados.

Deepak suspirou e murmurou algo entredentes.

— Não, menina Green, é uma fraude. Dizem isso para a levar ao seu hotel. Por favor, não se preocupe. Vai correr tudo segundo o previsto.

Sorri apagadamente. Maravilhoso. Cinco minutos depois de chegar, já estivera prestes a cair numa armadilha clássica. De certeza que Shelley teria sabido.

— Ah, está bem. Então, por favor, como vamos sair daqui?

— Um momento, não tinha de vir buscar duas meninas? — perguntou e desdobrou uma folha de papel com o nome de Shelley.

— Houve um problema. Só vim eu — expliquei e os meus olhos encheram-se de lágrimas.

Com amabilidade, Deepak pousou a mão na minha mochila e guiou-me por entre centenas de

homens que o observavam com um ar de inveja por ter conseguido uma cliente.

— Bom, então, foi a sortuda — afirmou, com um sorriso. Eu permiti que me dirigisse, pensando em como estava enganado.

Em poucos minutos, estávamos fora do caos, no seu táxi, um veículo limpo amarelo e verde, a percorrer as ruas e a passar junto de corpos aninhados e juntos no pavimento que, aparentemente, estavam a dormir sob um manto de fumo de carros. Havia barulho por todo o lado, desde as buzinas constantes às vozes agudas das mulheres que saíam da rádio, passando pelo pigarrear de Deepak, que cuspiam os escarros pela janela.

— Bom, e é a primeira vez que vem a Nova Deli? — perguntou ele, olhando para mim pelo espelho retrovisor.

— É assim tão óbvio? — brinquei.

— Não se preocupe, menina Green, venho buscar muitas pessoas como a menina ao aeroporto. Estão nervosas, preocupadas e tensas, mas algumas semanas depois, levo-as de volta ao aeroporto e sabe uma coisa?

— O quê?

— Não querem ir-se embora! — exclamou e deixou escapar uma gargalhada enquanto passava um dedo pelo bigode cinzento e denso. — Vai ver...

Assenti distraidamente e comecei a olhar pela janela, pensando no que o petulante e fastidiosamente sensual Rahul me dissera no consulado: A Índia mostra às pessoas um lado diferente delas próprias. Puff... De certeza que o dizia a todas as mulheres que conhecia e que a maioria delas caía rendida aos seus pés. No entanto, eu, não. Conhecia-me bem e não tinha nada para aprender, exceto como voltar para Manchester o mais depressa possível.

— Não sei. Não tenho a certeza de quanto tempo vou ficar. Talvez seja uma questão de dias.

Durante o voo, pensara que talvez devesse encurtar a minha estadia para uma semana, descobrir qual era o problema e, depois, voltar para casa para o resolver. Agora que Shelley já não estava comigo, a diversão da viagem desaparecera.

— Dias! Não, isso não é tempo suficiente, menina Green — declarou ele, que quase passou um sinal vermelho com o susto.

— Tempo para quê?

Deepak não pôde responder, porque outro condutor apitou. Dei um salto.

— Menina Green, esqueci-me de lhe dizer que deve trancar a sua porta. É melhor, faça-me caso.

Fiz o que me dizia com cautela, questionando-me se queria fechar-me lá dentro ou se queria manter alguém lá fora.

Chegámos a um cruzamento de loucos, onde os sinais de circulação não existiam, a julgar pela proximidade dos outros veículos. Um homem sem membros estava a pedir esmola junto de uma das numerosas barracas que havia junto da estrada, sem prestar atenção às buzinas, aos gritos e aos motores que passavam tão perto dele. Estava prestes a perguntar a Deepak se sabia onde Nihal estava quando, de repente, uns dedos fantasmagóricos tocaram no vidro sujo da janela e eu apanhei um susto de morte.

Vi as caras magras de duas crianças da rua. Tinham o cabelo mal cortado e cheio de pó e estavam desnutridas. Usavam *t-shirts* rasgadas e cheias de suor e manchas. Estavam descalças e a menina tinha um bebé apoiado na anca quase inexistente. Fiquei atónita. O bebé não podia ser mais velho do que Cole. Ao recordar a sua carinha corada e as suas faces gordinhas, vi a expressão magoada de

Marie no bar. Talvez fosse melhor que não estivesse ali. Uma mãe sentir-se-ia desolada ao ver aquelas pobres crianças sem lar.

Ia abrir a janela quando Deepak me parou.

— Não, menina Green. Por favor, não o faça.

— Porquê?

— Não lhes dê nada — pediu, olhando para mim pelo retrovisor.

— Porquê? — perguntei.

Outra criança aproximou-se dos carros que estavam à nossa frente. Apanhou uma garrafa de plástico vazia do chão e rodeou-a com força entre os braços. A menina estava quase colada à minha janela e tinha uns olhos enormes e cheios de tristeza. No olhar rápido que trocámos, falou-me das coisas que vira, coisas que achava que ninguém devia ver, com nenhuma idade.

— O proxeneta deve estar a vigiar — avisou Deepak, com tristeza. Naquele momento, o semáforo ficou verde e ele continuou o trajeto.

— O proxeneta? — perguntei, com horror.

Ele assentiu.

— Todas as crianças da rua têm proxenetas. Homens que as obrigam a pedir ou a apanhar as garrafas que os turistas deitam fora para ganhar dinheiro, mas as crianças não veem um tostão. Entendo que deva ser muito difícil para si ver uma coisa destas, mas, para nós, é um modo de vida — explicou, com calma, ao mesmo tempo que se esquivava de uma vaca malnutrida que estava a bloquear a saída e a mastigar qualquer coisa preguiçosamente, alheia ao perigo em que se encontrava.

— Oh, meu Deus! Não sabia! — exclamei, com lágrimas nos olhos.

— Se quer ajudá-las, então, tem de ir diretamente a uma das ONG que trabalham com elas. Temos muitas pessoas a fazer um bom trabalho. Vão buscar as crianças, lavam-nas, dão-lhes de comer e educam-nas. Muito bem. Se lhes der o dinheiro, então, saberá com certeza que vai parar a uma criança e não a um homem malvado.

Abriu a janela e cuspiu para a calçada enquanto continuava a conduzir.

Ben trabalhara numa ONG antes de fundar O Clube de Viagens para Corações Solitários comigo. Falara-me muito bem das coisas que faziam, das famílias que tinham ajudado e das vidas que tinham melhorado por isso. Nunca mencionara o lado escuro e eu nunca pensara em perguntar-lhe. Agora, os olhos vazios daquela menina ficariam gravados para sempre nas minhas pálpebras.

Lembrei-me dos muitos eventos de beneficência que se organizavam para angariar fundos. Mascarávamo-nos, fazíamos os silêncios patrocinados para que as pessoas nos pagassem uma quantia para não falar durante um dia e fazíamos bolos na escola. Depois, víamos documentários de crianças desnutridas que morriam por causa da fome por todo o mundo e não conseguíamos acreditar que vivíamos no mesmo planeta. No entanto, a verdade era que, quando se desligava a televisão, as caras daquelas crianças desapareciam das nossas mentes antes de termos acabado a chávena de chá seguinte. Nunca imaginei que estaria cara a cara com crianças como as das imagens que vira na televisão, separada apenas por um vidro sujo. Era por isso que precisava que Shelley estivesse ali comigo, que partilhasse aquilo comigo para poder falar. Não era suficientemente forte para o suportar sozinha.

— Sabe se falta muito para o hotel? — perguntei a Deepak, quando nos dirigimos para o que parecia uma autoestrada. De repente, estava desesperada por me deitar, acordar no dia seguinte e

descobrir que tudo aquilo fora um pesadelo.

Capítulo 10

Odioso (adj.): Desagradável, que causa maus sentimentos.

A receção do hotel era pequena, mas estava limpa. Ao entrar, foi como se se desligasse o volume da rua caótica e cheia. Uma vez lá, tinha de me fortalecer e resolver as coisas, começando pela minha nova pessoa. Durante a viagem, pensei que ia usar o meu segundo nome, Louise, e dizer a todos que era uma cabeleireira de Manchester. Pensei que, como Green era um apelido muito comum, ninguém juntaria as coisas e pensaria que eu era a gerente da agência de viagens com que tinham ido à Índia.

Registei-me sem problemas no hotel e, depois de me entristecer ao recordar que não ia partilhar o quarto com Shelley, comecei a sentir-me um pouco melhor, embora ainda não tivesse visto Nihal nem o resto do grupo. O rececionista agradável disse-me que o guia do grupo preferia deixar que os membros chegassem por separado para que não se sentissem incomodados e que as apresentações teriam lugar mais tarde. Assentira como se o compreendesse, mas pensei que era mais seguro se o grupo se formasse no aeroporto, sobretudo, tendo em conta o que era o vestíbulo de chegada a Nova Deli.

Depois de um duche refrescante e de uma pequena sesta, estava pronta para enfrentar o meu desafio. Vesti um vestido creme leve, e esperava que fosse elegante e fresco para ir ao restaurante. Pus um xaile da Primark nos ombros e voltei para a receção para, finalmente, conhecer o esquivo Nihal e o resto do grupo.

Sabia que tínhamos cinco viajantes naquele grupo: Oliver Chalmers, Christopher Kennings, Rebecca Jackson, Liz Lowes e Felicity Black (Flic). Conhecera Liz, uma mulher pálida e magra, em Manchester, quando ela fora à agência, mas os outros tinham reservado a viagem online ou por telefone, portanto, não sabia nada sobre eles. Esperava que Liz não se lembrasse de mim. Afinal de contas, fora Ben que a atendera.

Cheguei primeiro, portanto, sentei-me embaraçosamente num sofá de couro bege que havia perto da porta. Dez longos minutos depois, apareceu um tipo com o cabelo curto e loiro e com sardas nas faces e nos braços, pálidos e tonificados. Viu-me e, no seu semblante, apareceu uma expressão de alívio enquanto se aproximava para me cumprimentar.

— Olá! Tu também estás no grupo? O meu nome é Ollie — apresentou-se, com um sotaque amistoso do nordeste de Inglaterra. Aquele tipo tão bonito, que se parecia com o Ed Sheeran, estendeu-me a mão e sorriu, mostrando uns dentes brancos e perfeitos.

— Olá, sim, claro que sim. O meu nome é... eh... Louise. É um prazer conhecer-te, Ollie — disse, apertando-lhe a mão.

— Bom e sabes qual é o plano? — perguntou, enquanto se sentava à minha frente, esfregando a nuca. — É a primeira vez que faço uma viagem organizada e não sei o que devo esperar, para ser sincero — explicou. Tinha uma voz grave e amigável. As comissuras dos olhos verdes enrugavam-se ao sorrir e formavam-se duas covinhas adoráveis nas faces.

— Sim, ficamos um pouco nervosos, não é? O primeiro dia é sempre um pouco embaraçoso.

— Ah, então, já tens experiência neste tipo de viagens?

— Eh... não. Bom, no ano passado, fui numa viagem organizada à Tailândia, mas não era como esta — redargui.

Ele assentiu.

— Ah, acho que vêm aí mais companheiros.

Virei-me para seguir o seu olhar e vi que apareciam três mulheres na receção, tão perdidas como nós. Dirigiram-se para Ollie e para mim.

— Olá, eu sou a Bex. Também estão no *tour* do triste celibato? — perguntou a mais baixa e gordinha de todas. As outras duas estavam um pouco escondidas por trás da sua figura ampla.

— Sim, eu sou a Louise e este é o Ollie — apresentei, com um sorriso, e desviei-me no sofá para lhes dar espaço.

— Muito bem. Apresento-vos a Liz e a Flic — disse Bex, apontando com a mão para as duas mulheres que estavam atrás dela.

Liz assentiu para cumprimentar. Tinha um lenço de papel amarrotado nas mãos e os olhos chorosos esbugalharam-se ao ver Ollie. Tinha as maçãs do rosto altas e um corpo esbelto e gracioso e parecia que saíra de qualquer passarela de Milão. No entanto, a julgar pelos ombros encurvados e pela forma como lhe tremiam as mãos, estava claro que não tinha segurança em si própria.

— Eh, bem-vindas ao clube. Ena, espero não ser o único homem — comentou Ollie, rindo-se.

— Tens medo de entrar em contacto com o teu lado feminino? — perguntou a outra mulher, Flic, com tensão, antes de se deixar cair no sofá, ao meu lado. De repente, senti uma baforada de *ylang-ylang*. Cheirava como um creme que a minha mãe punha nos pés depois de um longo dia no trabalho.

— Não, não. Estou muito contente entre as mulheres. De facto, sinto-me feliz — declarou Ollie, timidamente, sob o olhar fulminante de Flic.

Ela era o que podia denominar-se a típica mochileira hippie. Tinha o cabelo cheio de rastas e descolorido pelo sol e apanhara-o no topo da cabeça. Tinha os braços morenos e usava centenas de pulseiras, umas de metal e outras de linha entrançada. O vestido castanho sem forma que usava, em forma de saco, completava perfeitamente o aspeto hippie elegante que ela procurava. De repente, senti-me muito limpa e arranjada ao seu lado.

— Era apenas uma brincadeira — disse Flic a Ollie, antes de bocejar. Quando inclinou a cabeça, o *piercing* que tinha no nariz brilhou à luz. Ollie murmurou que já sabia. — Bom e alguém sabe para onde vamos esta noite?

Liz, que se sentara num braço do sofá e estava a brincar com a bainha da manga, abanou a cabeça. Tinha o cabelo castanho-claro e comprido, que se mexeu suavemente com o movimento.

— Esqueci-me de imprimir o itinerário que nos enviaram — sussurrou, olhando para o chão.

— Acho que estamos aqui para nos conhecer antes de sairmos para jantar — informei.

Onde raios estava Nihal? Esperava que não chegasse atrasado. Segundo as minhas contas, ainda faltava chegar um membro do grupo. Tentei captar a atenção do rececionista para ver se estava a preparar uma bebida de boas-vindas para todos, como esperávamos em todas as nossas viagens

organizadas, mas estava a olhar com uma grande concentração para o ecrã do computador.

— Meu Deus, estou cheia de fome. O que nos deram no avião não era comida — queixou-se Bex. — Nem sequer a daria à minha cadela e a *Brenda* come de tudo! Uma vez, encontrei-a a comer uma caixa de tampões, toda feliz. Não te preocupes, não estavam usados — acrescentou, ao ver a cara de horror e de susto de Ollie.

Flic franziu o sobrolho.

— Sabes? Não devias ser tão desdenhosa com o tempo, o esforço e o custo dessa «comida para cães». As pessoas que morrem de fome em África não a achariam tão nojenta — disse. Depois, abanou a cabeça e aliviou o tom. O seu sotaque inglês não concordava com a roupa hippie. — Este é outro exemplo de como o mundo ocidental nos lava o cérebro através do estômago. Só porque não cumpre com as nossas regras culturais ou não se parece com o que há no supermercado, não tem de saber pior.

— Claro — concedeu Bex. — E eu que pensava que era apenas uma papa de grande altitude.

Ollie conteve a gargalhada enquanto Flic revirava os olhos.

— É como as cenouras que têm uma forma estranha e que se desperdiçam porque ninguém as quer? — perguntou ele, com falsa inocência.

Bex desatou a rir-se.

— Para ser sincera, gosto das cherovias nodosas.

Flic fez uma careta e murmurou em voz baixa que duvidava que Bex soubesse como era uma cherovia. Liz, que aparentemente não sabia onde se meter, sorriu com agradecimento ao ver um homem que saiu de trás de uma coluna branca.

Usava uns calções de tecido caqui e tinha as pernas cor-de-rosa e peludas. Olhava para o telemóvel com um ar tenso e o sobrolho franzido.

— Está tudo bem, amigo? Tu também estás no grupo? — perguntou Ollie, que devia estar contente por poder acabar a conversa sobre a comida do avião e por não ser o único homem.

O tipo, embora parecesse que só tinha mais alguns anos do que eu, tinha o cabelo completamente grisalho, coisa que aumentava a severidade da sua expressão. Virou a cabeça e olhou para Ollie. Levantou uma mão como se lhe pedisse para esperar. Depois, voltou a concentrar-se no telemóvel e começou a escrever uma mensagem.

— Bom, bom — disse Ollie e encolheu os ombros. Rapidamente, voltou a sentar-se.

O homem do cabelo grisalho acabou de escrever a mensagem e, lentamente, dirigiu-se para nós com um ar de tristeza. Tinha umas olheiras escuras e marcadas e os olhos de uma cor cinzenta muito clara. A sua expressão séria era um contraste com o sorriso de atrevimento de Ollie. Enquanto Ollie estava entusiasmado, parecia que aquele homem queria estar em qualquer outro lugar menos ali, como se tudo aquilo fosse apenas um incómodo odioso. Tentei tirar aquela impressão da cabeça. Com certeza, só estava cansado. Acabara de fazer um voo muito longo e, certamente, sentia-se afetado, como todos nós, depois de aterrar ali. No entanto, por algum motivo, tive uma sensação de inquietação ao tentar acreditar naquilo.

— É este o lugar de encontro do grupo? — perguntou, num tom tão monótono e cinzento como o resto da sua pessoa.

— Bom, se não for, todos nos enganámos no sítio — declarou Bex, sorrindo. Depois, fez as apresentações: — Eu sou a Bex, estes são o Ollie, a Liz, a Louise e... Lamento, esqueci-me do teu nome... — disse a Flic, embora não parecesse que aquilo importasse muito à aludida.

— Flic — disse, secamente.

— Muito bem. Não vou lembrar-me de nenhum. Chamo-me Chris — apresentou-se, também secamente, o recém-chegado, e olhou para nós com intensidade antes de consultar as horas no seu relógio de pulso. — Então, onde está o guia?

— Eh... deve chegar em breve. Senta-te, se quiseres — convidei, tentando verificar se as bebidas alguma vez se materializariam. Nunca tinha precisado tanto do lubrificante social por antonomásia. Chris murmurou alguma coisa sobre a pontualidade e ficou de pé. De repente, a sua cara pareceu-me familiar, mas poderia jurar que não o conhecia.

Estava prestes a aproximar-me da receção quando entrou um homem indiano, suado e ofegante. Dirigiu-se rapidamente para o balcão, mas parou ao ver-nos nos sofás. Respirou fundo, enxugou o suor da testa e ergueu-se, antes de se aproximar de nós.

— Olá. O Clube de Viagens para Corações Solitários, não é? — perguntou e todos assentimos. Chris revirou os olhos ao ver aquele homem confuso com as faces vermelhas e eu respirei fundo bruscamente. Aquele não podia ser...

— Nihal? — perguntei, ignorando os olhares dos outros devido ao facto de saber como se chamava. Nihal também não se apercebeu disso.

— Sim, sou o Nihal, o guia da vossa viagem — declarou. Estendeu o braço e apertou a mão a todos com a palma suada, antes de a limpar sem dissimulações na perna das calças. — Fantástico... eh... Bem-vindos à Índia.

Pigarreou como se acabasse de recordar o que tinha de dizer depois, embora, tendo em conta o seu aspeto, parecesse ter acabado de se levantar da cama, portanto, talvez ainda não tivesse acordado por completo.

— Por favor, sigam-me. Vamos andar durante alguns minutos até ao restaurante. Pomo-nos a caminho?

Levantei-me do meu lugar com a mesma incerteza que o resto do grupo. Recordei de repente um fragmento de uma das más críticas que tínhamos recebido:

«O guia do *tour*, se é que pode dizer-se isso dele, era impontual e preguiçoso e tinha as mesmas habilidades sociais que um bêbado. Não acho que seja a melhor pessoa para controlar a segurança e o prazer de um viajante que visita a Índia pela primeira vez. A sério.»

Engoli em seco e preparei-me para o que aquela noite me proporcionaria.

Capítulo 11

Galvanizar (v.): Reativar subitamente uma atividade; estimular.

Sei que não devemos julgar os outros pela primeira impressão, mas foi muito difícil não me sentir decepcionada e zangada com aquele homem. Não era apenas o aspeto desarranjado de Nihal, que até tinha a camisa amarrotada e mal abotoada, mas, também, o facto de demonstrar tão pouco interesse pelos viajantes do seu grupo. Andava a tanta velocidade que tive de correr para conseguir segui-lo. Guiava-nos pelas ruas ruidosas e cheias da cidade sem se incomodar em verificar se continuávamos juntos.

Ollie aproximou-se de mim.

— Eh, Louise, não é? Sou muito mau com os nomes — replicou, com as mãos nos bolsos, distraíndo-me de Nihal.

— Sim, é verdade. Louise — confirmei, embora o nome me parecesse estranho.

— E porque escolheste vir à Índia?

— Bom, eh... Sempre quis conhecer este país, sabes?

Ollie assentiu e, rapidamente, esquivou-se de uma bosta de vaca que havia no meio da calçada.

— E tu?

Ele suspirou e passou uma mão pelo cabelo cor de gengibre. Tinha os braços muscudos e, no direito, vi que tinha uma tatuagem complicada.

— O mesmo que tu. Sempre quis vir aqui, mas nunca tinha tido nem o tempo nem o dinheiro necessários para fazer a viagem. Eu... eh... acabei com a minha namorada há um ano e pensei que, se não viesse agora, nunca teria outra oportunidade — explicou, com timidez.

— Ena, é uma desculpa tão boa como qualquer outra.

Ele desatou a rir-se.

— Sim, há males que vêm por bem e tudo isso. Não me interpretes mal, fiquei devastado quando acabámos — declarou e coçou o nariz sardento. — Depois, à medida que o tempo passava, percebi que eu também tinha mudado. Talvez a minha mãe tivesse razão ao dizer que a minha ex-namorada era a rapariga adequada para o momento adequado, mas que tínhamos um prazo de validade. Portanto, depois dessa epifania profunda, reservei esta viagem — explicou e, ao sorrir, mostrou uns dentes brancos como pérolas. Esticou os braços, abrangendo a rua caótica por onde íamos quase a correr e perguntou: — Lamento, foi demasiada informação?

Abanei a cabeça e sorri.

— Não, claro que não. Se te sentires melhor, posso dizer-te que, às vezes, me esqueço de lavar os dentes aos fins de semana — declarei.

— Ena, isso é demasiada informação — respondeu Ollie e deixou escapar uma gargalhada. — Interrogo-me como seria o cheiro.

Empurrei-o a brincar, de facto, a seduzir. Naquele momento, percebi que os outros tinham parado e que eu mal conhecia aquele rapaz tão bonito. «Deve ser o *jet lag*», pensei. O resto do grupo congregou-se à frente da porta de um grande restaurante. Cheirava-se a comida com especiarias dali. Percebi que Flic estava a olhar com desdém para Bex, que ofegava sonoramente, inclinada para a frente e com as mãos apoiadas nos joelhos, por causa da corrida até ali.

— Esperem aqui — indicou Nihal e entrou no local, deixando-nos num canto da rua mal iluminada. Liz teve de dar um salto para se afastar rapidamente de uma mota que quase a atropelou.

— Então, é dos silenciosos — disse Flic, apontando com um gesto da cabeça para as portas por onde Nihal desaparecera.

Eu sorri apagadamente e tentei disfarçar a irritação que sentia.

— Sim, parece que sim.

Cinco minutos depois, Nihal voltou para perto de nós.

— Mudança de planos — declarou. Esfregou as mãos, olhou por cima dos nossos ombros para a rua poeirenta e acendeu um cigarro. — Sigam-me.

— Há algum problema? — perguntei, ignorando Chris, que estava a suspirar ruidosamente, e ignorando também o nó que sentia no estômago.

— Não, sigam-me — pediu Nihal, depois de exalar uma baforada de fumo.

— Acho que não reservou em nenhum restaurante — sussurrou Ollie.

— Sim, eu tenho a mesma impressão — confirmei, com um arrepio.

Tivemos de andar mais trinta minutos por calçadas que se desfaziam, evitando as bostas de vaca e os riquexós selvagens, até pararmos novamente. Nihal entrou noutra restaurante, um que não era tão luminoso nem bonito como o anterior. No entanto, eu estava tão cansada e tão faminta que já não me importava.

— De certeza que, agora, gostarias de ter a comida do avião à mão — comentou Flic, cantarolando e olhando para Bex, que continuava a ofegar.

— Vou comer-te dentro de um minuto — avisou Bex.

— Bom, podem entrar — indicou Nihal que, por sorte, interrompeu a resposta sarcástica de Flic e abriu a porta, comportando-se como se aquele tivesse sido o plano desde o começo.

Entrámos num restaurante muito grande. Com uma luz ténue, parecia muito melhor por dentro do que por fora. Deixei escapar um suspiro de alívio ao pensar que, afinal de contas, aquela noite ia correr bem. As toalhas brancas de linho, sobre os quais havia talheres de prata brilhante e velas, contrastavam com a cor castanho-escura das paredes. Havia empregados sorridentes e bem uniformizados a atender na sala de jantar, que estava cheia de gente de todas as idades, a comer uma comida de aspeto delicioso. Havia um palco à direita com instrumentos que eu não conhecia e que estavam prontos para quando a banda chegasse para tocar.

— Graças a Deus que podemos sentar-nos finalmente — comentou Bex, secando o suor da testa com um guardanapo.

— Não sei quanto a vocês, mas estou impaciente por provar o meu primeiro caril a sério. De certeza que o restaurante indiano do meu bairro não tem nada a ver com este — comentou Ollie, com um sorriso.

— Bom, não como carne, hidratos de carbono, ovos de quinta ou algo de produção intensiva... —

explicou Flic, enquanto ia enumerando com os seus dedos compridos. Aquilo fez com que Bex deixasse escapar um gemido do outro extremo da mesa. Então, Flic prosseguiu. — A sério, não sabem até que ponto a indústria alimentar controla o que comemos. Se soubessem, pensariam duas vezes no que levam à boca.

Ollie arqueou uma sobrancelha enquanto tentava entender o que Flic estava a dizer.

— O governo mente-nos sobre tantas coisas em relação à origem do que comemos... Esta indústria é como as grandes empresas de tabaco e os fabricantes de armas, mas ninguém questiona a política que se faz por trás das portas fechadas. É fascinante e aterrador que as pessoas não saibam nada disto — continuou Flic, antes de Nihal a interromper.

— A ementa já está decidida — declarou, sem pensar duas vezes. — Vamos provar comida indiana, portanto, podem escolher o que comem ou não.

Flic baixou o olhar para a mesa, murmurando alguma coisa sobre o seu direito básico de escolher o que comia.

— Bom e o que vamos beber? — perguntou Bex, esfregando as mãos e ignorando a careta de Flic. — Questiono-me se terão cerveja *Guinness*.

Chamei o empregado de mesa para pedir as nossas bebidas, porque Nihal estava a falar ao telemóvel. Ignorara o grupo desde que nos tínhamos sentado e, como me sentia responsável, tentei tomar as rédeas.

— Eh... poderia trazer-nos uma garrafa de vinho tinto, uma de vinho branco, água mineral e... oh, têm *Guinness*?

— Não, lamento muito, menina — disse o jovem empregado, desculpando-se.

— Ah, não se preocupe, traga duas garrafas de tinto e duas de branco! — gritou Bex. — Depois de alguns copos, não me lembrarei da cerveja — acrescentou e desatou a rir-se.

Quando, finalmente, chegaram as bebidas, seguidas por um monte de pratos cheios de arroz, caris e molhos de cores brilhantes, Nihal desligou o telemóvel. Pareceu que se animava um pouco. Gritou ao empregado que servisse os pratos começando pelo *korma* mais suave, com uma base de iogurte, até ao *phaal*, que era ainda mais picante do que o vindalho. Eu vi que Ollie dava uma olhadela.

— Queres experimentar comigo, Chris? Como somos os únicos homens do grupo, será melhor demonstrarmos a estas damas que conseguimos suportar o picante — brincou Ollie, ignorando o olhar carrancudo de Flic.

Chris olhou para ele com a expressão desdenhosa que tinha sempre no semblante.

— Não, obrigado.

— Ah, está bem. Não te preocupes — murmurou Ollie e partiu um pedaço de pão *naan*. — Mais fica para mim!

Enquanto jantávamos, as luzes do restaurante atenuaram-se ainda mais e uma banda dirigiu-se para o palco entre aplausos. Em breve, a única coisa que se ouviu na sala foi o som hipnótico e melódico do *sitar*.

Olhei ao meu redor para ver se os outros componentes do grupo estavam em transe, como eu. Nihal saíra para fumar um cigarro. Chris estava a afastar alguns grãos de arroz do seu prato vazio, iluminando com a luz do telemóvel, para cravar pedaços de cenoura de um dos molhos menos picantes. Ollie fez-me um gesto com os dois polegares para cima e Liz e Flic continuaram a balançar suavemente ao ritmo daquela música calmante.

Bex olhou-me para os olhos e apertou-me o braço com delicadeza.

— Bem-vinda à Índia — sussurrou, com emoção, antes de pôr um garfo de *dahl* de lentilhas na boca e, depois, limpar uma mancha que lhe caíra na *t-shirt*.

Retribuí o sorriso e senti-me feliz por estar sentada num restaurante indiano com um grupo de desconhecidos, a comer caril a sério e a ouvir três barbudos que, naquele momento, estavam a cantar algo que parecia uma canção de amor lenta da Índia.

À medida que a emoção dos seus cânticos aumentava, não consegui evitar pensar em Ben. Questionei-me o que estaria a fazer, se sentia a minha falta ou se se alegrava por se ter livrado de mim por uns dias. Ele era uma das poucas pessoas que me entendiam. Sabia quando era melhor deixar passar as coisas e quando era melhor enfrentar-me e dizer-me que estava a comportar-me como uma idiota. Adorava isso nele. Havia muitas coisas que adorava nele.

Percebia a paixão do cantor e da música e isso causou-me um formigueiro no estômago, mas, também, uma pontada de desilusão comigo própria. Tivera coragem suficiente para me afastar do meu noivo infiel, viajar para a Tailândia sozinha e fundar a minha própria empresa, mas não arranjava coragem suficiente para dizer a Ben que significava muito para mim.

Respirei fundo e tentei tirá-lo da cabeça. De todos os modos, não podia fazer nada enquanto estava na Índia, portanto, recostei-me na cadeira para desfrutar do resto da atuação dos três homens. Quando a música acabou, todo o restaurante, incluído o nosso grupo, começou a aplaudir para mostrar o seu apreço por aqueles músicos tão bons. Quando as luzes começaram a intensificar-se um pouco, apercebi-me de que Nihal não estava lá.

— Alguém viu para onde foi o Nihal? — perguntei, com um calafrio que me percorreu as costas. Não podia continuar a fumar, pois não? Todos os outros encolheram os ombros. Olhei ao meu redor. O local esvaziara ligeiramente quando a banda acabara de tocar. Não havia rasto de Nihal.

— Foi à casa de banho? — sugeriu Bex, enquanto chupava os dedos. — Ou pode ter ido fumar outro cigarro.

— Sim, talvez — concedi.

No entanto, à medida que passava o tempo, apercebia-me de que o nosso guia não fora à casa de banho, mas desaparecera. Além disso, à medida que o restaurante esvaziava, o espírito do grupo também desanimava. Liz estava a brincar com a palhinha do seu copo de *Coca-Cola*, Chris estava a consultar outra vez o seu telemóvel, Flic estava a bocejar e parecia que Ollie e Bex tinham entrado em coma por terem comido tanto. Precisava de animar aquele grupo e rapidamente. Que importância tinha se Nihal nos abandonara? De qualquer forma, ele também não era a alegria do grupo. Era eu que tinha de tomar o controlo e conseguir fazer com que aquele *tour* fosse memorável no melhor sentido da palavra. Sentia-me responsável pelo grupo e, embora tivesse preferido voltar para o hotel, ainda era cedo e queria que desfrutassem de tudo por que tinham pagado, até ao último minuto.

O facto de a banda ter acabado a atuação e ter sido substituída pelo pior músico de *sitar* de Nova Deli não ajudava a animar o grupo. Estava sentado com as pernas cruzadas no único lugar iluminado do palco e era um senhor idoso com o cabelo grisalho e comprido, que lhe caía sobre os ombros encurvados. Estava a murmurar uma canção de letra incompreensível com os olhos fechados, alheio ao facto de ninguém estar a ouvir.

— Já todos comeram o suficiente? — perguntei.

Ainda havia muita comida na mesa, mas todos disseram que estavam cheios. Enchi o meu copo de vinho branco e tentei encher também os dos outros. O álcool era sempre o melhor modo de quebrar os silêncios incómodos.

— Não acho que o nosso guia incrível vá voltar — declarou Chris, contendo um bocejo.

— O que se passa? Segundo o que dizia na página da Internet de O Clube de Viagens para Corações Solitários, é o melhor guia da Índia — comentou Flic. Senti uma pontada no coração. — No entanto, este tipo não quer saber de nós. Certamente, só nos trouxe aqui para poder conseguir uma comissão do restaurante ou algo do estilo.

— Não viram essa crítica? — perguntou Bex.

— Que crítica? — perguntei. Embora me sentisse angustiada, esperava que a minha cara não me denunciasse.

Sabia de que crítica estava a falar. Era o motivo por que estava sentada ali naquele momento.

— Não a leram? — perguntou Bex e dirigiu-se aos outros: — Vocês leram, não foi?

— Quase cancelei a viagem por causa dessa crítica — admitiu Liz, em voz baixa.

— Bom, eh... e o que dizia a crítica? — perguntei, enquanto me servia de um bom copo de água para refrescar a boca seca.

— Que era um completo desastre, que o guia era um inútil, que as atividades eram uma idiotice e que estava completamente desorganizado — disse Ollie.

— Oh, ena... Meu Deus, isso é... horrível — repliquei, respirando fundo bruscamente. — Então, porque decidiram vir?

— Bom, não podemos acreditar em tudo o que lemos na Internet — indicou Ollie, encolhendo os ombros. — A pessoa que a escreveu tinha razão quando disse que o Nihal é um idiota, mas, mesmo que seja para conseguir um dinheiro extra, trouxe-nos para um bom restaurante. Provavelmente, esta é a melhor comida que alguma vez comi.

— Nota-se que és um homem, a pensar apenas no teu estômago. E a ética? — queixou-se Flic, fazendo uma careta. — Falo a sério. Se este tipo, o Nihal, não fizer bem o seu trabalho, exigirei à agência que me devolva o dinheiro. Ou, no mínimo, farei uma crítica muito má.

O meu coração acelerou. Apercebi-me de que Chris levantava os olhos do ecrã do telemóvel quando Flic acabava de falar e bebia um gole de água.

— Bom, acho que vou deitar-me — decidiu Chris. Daquela vez, bocejou abertamente.

— Não! — exclamei.

Chris ficou a olhar para mim. Eu tomara uma decisão. Não me importava com as críticas más nem com Nihal. Eles estavam ali para se divertir e ia certificar-me de que o faziam.

— Vou ver se consigo mudar esta atuação e... porque não bebemos outra rodada? É a nossa primeira noite na Índia e temos de celebrar.

Aproximei-me do músico e ajoelhei-me junto dele. Ao sentir o movimento, o músico abriu os olhos e observou-me.

— Eh... desculpe, questionava-me se poderia tocar algo... não sei... mais ao estilo do jazz.

Observou-me.

Como me preocupava que não tivesse entendido, voltei a perguntar-lhe em voz mais alta e mais lentamente.

Ele assentiu ligeiramente e apontou para o microfone que o cantor da banda anterior usara.

— Quer... que eu cante?

Ele assentiu. Parecia que aquilo estava a diverti-lo. As pessoas que estavam no local, incluindo o grupo do *tour*, já não estavam concentradas no jantar, mas na mulher que interrompera aquela música horrível.

— Oh, não! Não acho que os presentes queiram ouvir-me — declarei, enquanto sentia que me ardiam as faces.

— Vá lá, Louise! — exclamou Ollie. Tinha o punho elevado no ar e observava-me.

— Sim, Louise! — gritou Bex, seguida por Liz, embora ela o fizesse um pouco mais baixo.

Oh, bolas!

O músico mexeu-se na almofada e assentiu para mim. Ainda estava ajoelhada, com a esperança de que a terra me engolisse. Olhei para a nossa mesa nervosamente. Estavam todos a sorrir para me encorajar. Prometera-lhes que iam divertir-se e precisava de fazer qualquer coisa para que esquecessem aquela crítica estúpida. Respirei fundo e subi, com as pernas trémulas, para o palco.

O músico tocou algumas notas e apontou para o microfone com um movimento da cabeça. Eu não conhecia nenhuma canção indiana. O que raios ia cantar? Então, enquanto ele continuava a tocar, apercebi-me de que conhecia aquela canção! Era uma versão *bhangra*, um género musical da região de Punjab, pouco comum de *Já Passou*, do *Frozen - O Reino de Gelo*. Achei muita graça que aquele homem tão idoso tivesse ouvido aquela canção e soubesse tocá-la.

Apercebi-me de que todos estavam à espera que cantasse a canção. Senti um nó no estômago, começaram a suar-me as mãos e a boca ficou seca.

— Coragem, Louise! — gritou Bex. — Tu consegues!

O músico prolongou a primeira nota o máximo possível. Era a minha vez.

— «Já passou, já passou, não vivo mais com temor...» — cantei.

Surpreendeu-me que os copos não rebentassem quando cantei as notas agudas. Enquanto imitava Elsa com movimentos trôpegos das mãos e algum balanço das ancas, as pessoas começaram a aplaudir. E a aclamar-me. Ena, talvez cantasse melhor do que pensava...

— «Já passou... O frio nunca me fará estremecer.»

Acabei com um movimento teatral da mão e bati com o pé no chão.

— Uau, uau, mais, mais! — gritavam as pessoas, não só as da minha mesa, mas também grupos de autóctones que, certamente, estavam a desfrutar muito daquela atuação improvisada. Quem saberia que tinha tanto jeito para entreter as pessoas? Adoravam! Estava impaciente por contar a Shelley e a Marie, não iam acreditar. Fiz uma reverência e ouvi mais vivas e gritos do público, dos meus fãs, do meu povo.

— Muito bem, mais uma? — perguntei e começaram a dar murros nas mesas. Não via as suas caras porque os focos halogénios me cegavam, mas, se queriam outra canção, ia cantar.

— Conhece mais canções como essa? — perguntei ao músico, que assentiu e pôs os dedos nas cordas.

Estava prestes a começar a imitar a Whitney Houston quando vi que Liz se aproximava do palco. Talvez quisesse pedir-me mais alguma canção, pensei, emocionada. Há séculos que não ia a um *karaoke* e que não tinha um microfone nas mãos. Normalmente, o meu ex-namorado, Alex, tirava-mo, dizendo que lhe sangravam os ouvidos, mas Marie ignorava-o e continuava a dançar para apoiar a minha atuação. Talvez fosse isso que Liz queria, juntar-se a mim! Conseguiria convencer as três raparigas a subirem ao palco e mostrar-lhes a dança da *Single Ladies*. Interroguei-me se, no restaurante, teriam argolas de guardanapos para podermos usar como alianças.

Liz estava a morder o lábio inferior.

— Louise — sussurrou, com força, ao mesmo tempo que apontava para qualquer coisa com os olhos esbugalhados. Aproximei-me dela, coisa que originou mais gritos de entusiasmo por parte do

público, e baixei-me para fora da zona iluminada do cenário. O músico já parara de esperar e começara a cantar outra canção indiana, muito mal.

— Estás bem? — perguntei a Liz, abanando as faces com a mão e afastando as madeixas de cabelo húmido do pescoço.

— Tu... eh... Não sei como te dizer isto, mas... — balbuciou e apontou para mim com nervosismo.

— O que foi? Queres subir comigo? Podemos fazer um dueto! — sugeri, alegremente.

Liz ficou pálida.

— Não, mas acho que devias parar.

— Porquê?

— Porque... eh... tu... Vê-se tudo!

Olhei para baixo lentamente. O meu vestido creme e leve era completamente transparente por baixo dos focos. O público não gostava da minha voz, gostava da minha roupa interior!

— Oh, meu Deus! — exclamei e saí do palco torpemente.

As pessoas começaram a gritar do fundo da sala. Quando fiquei fora da luz dos focos e os meus olhos se habituaram à luz mais ténue, apercebi-me de que as pessoas que eu tinha pensado que tinham desfrutado da minha atuação, eram, na verdade, uma mesa de cinco ou seis trabalhadores e os empregados da cozinha, que já tinham fechado. Arrastei-me até à nossa mesa, mortificada.

Bex estava a chorar de tanto rir.

— Quem o teria dito de ti, Louise? Que surpresa! Verdadeiramente, mostraste tudo! — exclamou, arrastando as palavras ao falar.

Já acabara a garrafa de vinho que eu deixara ao seu lado na mesa antes de subir para o palco e dar, literalmente, o espetáculo. Parecia que Ollie não sabia para onde olhar, portanto, concentrou-se numa manchinha de caril vermelho que havia na toalha. Liz e Flic ficaram humilhadas por causa da vergonha alheia e Chris estava sentado na cadeira, com os braços cruzados por trás da cabeça, enquanto esboçava um sorriso estranho e lento.

— Bom, bom, eh... sim. Bom, o que vos parece de voltarmos? — perguntei. Lamentava não ter um casaco para me embrulhar bem nele e conservar a pouca dignidade que me restava.

Sentia-me humilhada. Que magnífico começo de viagem: A chefe, a mostrar a roupa interior para entreter. Tremi. Graças a Deus que eles não sabiam quem era realmente. Estávamos num país onde se esperava que as mulheres se cobrissem e se vestissem de uma maneira conservadora e eu tinha violado centenas de regras culturais no tempo que durava uma canção aos gritos.

— Então, não vai haver uma atuação em grupo? — perguntou Chris, inocentemente.

— Não. Espero por vocês lá fora.

Tudo aquilo era culpa de Nihal. Se ele não se tivesse ido embora, eu nunca teria feito um *striptease* à frente daquele grupo de desconhecidos. E, falando de Nihal, onde estaria?

Afastei-me a toda a pressa da mesa, em que todos ficaram em silêncio, e deixei cair algumas cadeiras por causa da pressa que tinha de sair dali.

Capítulo 12

Petulante (adj.): Insolente ou mal-educado no seu discurso ou na sua conversa.

Sonhei que ia a andar nua pela rua principal de Manchester, apenas com um turbante de seda azul, a tentar fugir dos estranhos que me faziam comentários lascivos enquanto eu tentava desesperadamente tapar as minhas vergonhas. Acordei assustada e ofegante, a suar, e respirei fundo para me acalmar ao perceber que era apenas um sonho. Até, lentamente, recordar que, na noite anterior, me expusera à frente de todos os membros do grupo. Maravilhoso.

Para ser sincera, dormira como um bebé, cansada do voo e das descobertas que fizera naquela noite. No entanto, ao abrir as cortinas do meu pequeno quarto, apercebi-me de que Nova Deli nunca dormia. Através das janelas, que tinham um vidro duplo, vi que já havia muito trânsito. Havia carruagens puxadas por cavalos, vacas e grupos de mulheres que levavam sacos de arroz à cabeça e cães que perseguiam tudo.

Ainda estava a assimilar que estava na Índia e sem Shelley. Se estivesse ao meu lado, nunca teria permitido que eu fizesse o *striptease* da noite anterior. Tive uma pontada de melancolia e, no fim, liguei o *wi-fi* do hotel, que era bastante má, e enviei-lhe uma mensagem de Whatsapp a perguntar se encontrara o passaporte ou se as suas suspeitas sobre Marie eram verdadeiras. Depois, perdi a ligação. Também não soubera nada sobre Ben desde que saíra de Manchester e senti um nó no estômago ao ver que estivera ligado há apenas uns minutos. Aquele era o problema do registo da última hora de ligação dos *iPhones*. Tornavam as pessoas obcecadas e obrigavam-nas a controlar as ondas de emoção que esse excesso de informação produzia. Pensei no que Shelley me dissera há alguns meses, quando estava a passar por uma fase de verificação obsessiva de mensagens para ver se Ben me enviava qualquer coisa que não estivesse relacionada com o trabalho ou se respondia às minhas mensagens de sedução dissimulada.

— Para de te torturar para ver se te escreveu — pediu, pela enésima vez.

— Mas, o Whatsapp diz que esteve ligado há um minuto, porque não respondeu? — queixei-me.

— Controlo. Trata-se de controlo — explicou ela. — Tu és como todos e queres ser desejada e amada, portanto, se a pessoa de quem gostas não o faz, então...

— Então, não gosta de mim?

Shelley revirara os olhos.

— Não, se não te enviarem nenhuma mensagem, acabas por te convencer de que não vales nada, de que não és desejável, de que és um verme, quando, na verdade, só porque acrescentaste um beijo extra no fim da tua mensagem prévia, não significa que o Ben tenha percebido que estavas a tentar seduzi-lo. Já te disse que os homens não captam as mensagens subliminares.

Com o estômago a queixar-se de fome, desci as escadas para tomar o pequeno-almoço, depois de tomar um duche e certificar-me de que a minha roupa daquele dia não era tão reveladora.

— Bom-dia, menina Green, dormiu bem? — perguntou-me alegremente um empregado do hotel, que tinha o cabelo cheio de gel e penteado para um lado e tinha um olhar de amabilidade, ao entrar na sala dos pequenos-almoços. Era uma sala luminosa e arejada que estava completamente vazia. — Chamo-me Rashid. Por favor, sente-se.

Questionei-me se estava atrasada. Segundo o itinerário que tinha, íamos passar o dia a visitar a parte antiga de Nova Deli. A visita começava às oito e meia da manhã. Olhei para o relógio e vi que já passava das oito e vinte. Os outros viajantes deviam estar a dormir e eu não tivera notícias de Nihal.

— Oh, sim! Dormi lindamente, obrigada — disse, com um sorriso, e sentei-me numa mesa junto da qual havia um quadro grande de Ganesh, o deus elefante hindu.

— Ah, fico feliz por saber — redarguiu e brilharam-lhe os olhos. — O que gostaria de comer?

— Daria tudo por uma chávena de chá! Não terão *Tetley's*, pois não? — perguntei, rindo-me.

— Oh! — exclamou. — Lamento muito, mas só temos café ou *chai*. Posso enviar alguém para ir buscar um chá a algum dos restaurantes desta rua, se desejar.

Corei.

— Oh, não, por favor! Não se incomode. Pode ser uma chávena de café.

— Bom, posso ajudá-la com mais alguma coisa hoje? Podemos pedir um carro para a levar a ver os lugares mais famosos da cidade ou também posso explicar-lhe onde comprar a melhor confeitaria da Índia.

— Ena, isso é interessante — afirmei, rindo-me. — Mas acho que vou encontrar-me com os outros, incluindo o Nihal, para passar o dia na zona antiga da cidade.

Rashid voltou a ficar sério. Devia ser um jogador de póquer muito mau.

— Penso que não há nada planeado para hoje, menina Green, segundo o que o Nihal me disse. É um dia de descanso.

Nenhum plano. Era o segundo dia da viagem e não havia nada organizado. Isso, em conjunto com o facto de o guia ter chegado atrasado na noite anterior e ter abandonado o jantar sem se despedir... Não gostava nada daquilo. Embora, claro, estivesse a descobrir o motivo daquelas críticas tão más: Era tudo devido a Nihal. Suspirei ao pensar que, quando o tínhamos contratado, tinha umas referências muito boas. O que raios lhe acontecera?

— Ah, bom — murmurei, enquanto tirava uma torrada. Rashid sorriu a modo de desculpa e começou a limpar um jarro de água de aço inoxidável. — Eh... O Nihal não está por aqui? Não sei se sabe, mas, ontem à noite, saiu do jantar sem dar explicações e precisava de falar com ele.

Depois de uma longa pausa, Rashid pigarreou.

— Não está aqui, mas posso entrar em contacto com ele. O Nihal não está bem neste momento.

«Sim, já tinha percebido.»

— A que se refere? Está tudo bem, Rashid? — perguntei, arqueando uma sobrancelha.

Ele mexeu a cabeça de uma maneira que podia significar um «sim» e um «não».

— Rashid, há alguma coisa que não estás a contar-me sobre o Nihal ou sobre a viagem? A sério, gostaria de saber.

Ele corou. Parou de limpar o jarro e virou-se para mim, mordendo o lábio inferior.

— Sei quem é.

Assustei-me.

— Desculpe?

— Sei quem é — repetiu ele. — A Georgia Green, a dona de o Clube de Viagens para Corações Solitários, não é?

Baixei a cabeça e não disse nada. Rashid aproximou-se de mim e continuou a falar em voz muito baixa.

— Um dia, alojou-se aqui um membro da família real. Bom, era um duque ou uma coisa dessas, mas importante de qualquer forma, e só soube quando se foi embora. Fiquei muito aborrecido comigo próprio por ter sido tão pouco profissional e não me ter dirigido a ele da maneira correta. Portanto, depois disso, procuro o nome dos nossos hóspedes no Google para não voltar a cometer um erro assim. Ao procurá-la, descobri que é a dona da agência que organiza estas viagens.

Assenti lentamente.

— Portanto, leva o seu trabalho muito a sério.

— Enganei-me?

Suspirei.

— Não, não. É verdade — confirmei. Olhei em redor para o caso de alguém ter entrado de repente na sala de jantar sem termos ouvido. — O Nihal sabe?

— Não, ainda não. Queria falar consigo primeiro para saber se ele ou eu temos algum problema. Tenho a certeza de que esse é o motivo por que veio de tão longe, para nos pôr à prova.

— Não estou a pô-lo à prova, Rashid — disse. — A verdade é que tivemos algumas críticas más sobre este *tour* — expliquei e apareceu uma expressão de horror na sua cara. — Não se preocupe, não tem nada a ver com o seu hotel, mas com a desorganização do itinerário. Portanto, pensei em vir disfarçada para descobrir qual era o problema e resolvê-lo. Imagino, a julgar pela forma como correu tudo ontem à noite, que o principal causador disto é o Nihal.

Rashid pousou o jarro com força na mesa do pequeno-almoço.

— Disse-lhe! Disse-lhe que tinha de ultrapassar ou que ele, e todos os que trabalham com ele, iam pagar caro! — exclamou. Ao ver a minha expressão de espanto, acalmou-se ligeiramente. — Lamento, Georgia, Louise, menina Green... ou deveria chamar-lhe «chefe»?

— Não, Rashid, Louise serve, sobretudo à frente dos outros hóspedes. É o meu segundo nome.

Ele assentiu e eu respirei fundo.

— Bom e o que se passa com o Nihal?

Ele abanou a cabeça.

— Lamento muito, Louise. Não acho que deva ser eu a dizer-lhe. Tem de ser o Nihal. Sou amigo dele e estou preocupado com ele, sobretudo, agora que sei que a grande chefe está a vigiar.

— Por favor, Rashid, agora, deixaste-me muito nervosa.

Ele suspirou e olhou através da porta de vidro para se certificar de que ainda não havia ninguém por ali.

— Como não há planos para o dia de hoje, quer que lhe peça um carro para poder ir descobrir pessoalmente?

— Referes-te a ir visitar o Nihal? — perguntei, olhando para ele fixamente. — Mas... e os outros viajantes?

— Posso pedir carros para eles também, para os levarem à parte velha da cidade. Um dos empregados da cozinha fala muito bem inglês e pode servir de guia. Não será tão maravilhoso como

o que organizou, mas é melhor do que nada.

— Não pode dizer-me o que se passa?

Ele ficou pensativo por um instante e, depois, inclinou-se para a frente com uma palavra nos lábios. No entanto, naquele preciso instante, abriu-se a porta e entraram Bex e Ollie, rindo-se de qualquer coisa. Rashid ergueu-se imediatamente e sorriu para os hóspedes.

— Bem-vindos! Por favor, sentem-se que vou buscar uma chávena de café.

— Olá, amigo. Oh, bom-dia, Louise, tudo bem? — perguntou Ollie, alegremente.

— Ah, aqui está a princesa Elsa — troçou Bex e piscou-me o olho enquanto eu revirava os meus.

— É uma brincadeira. Ontem à noite, foste ótima, embora tenhas de pagar muito caro hoje. Tenho uma ressaca terrível! — exclamou. Esfregou a cara e resmungou.

— É o *jet lag* — disse, distraidamente, enquanto tentava captar o olhar de Rashid.

— Ou das duas garrafas de vinho que bebeu? — brincou Ollie. Ao ouvi-lo, Bex empalideceu.

— Não menciones a palavra que começa por «v» ou vou vomitar-te em cima.

Ollie e eu fizemos um ar de nojo, enquanto Bex tentava conter um arroto.

— Já tomaste o pequeno-almoço, Louise? — perguntou Ollie, apontando para a minha torrada.

Estava prestes a responder quando vi, pelo canto do olho, que Rashid estava a tentar ir-se embora antes de eu conseguir enchê-lo de perguntas sobre Nihal.

— Eh... sim. Desculpem. Vejo-vos dentro de um momento. Desfrutem do pequeno-almoço! — Rashid — chamei-o, em voz baixa, antes de desaparecer. — Está bem, vou falar com o Nihal.

Trinta minutos depois, estava sentada num carro prateado, de aspeto velho, conduzido por um rapaz de dezanove anos que olhava com o sobrolho franzido e que não falava nem uma palavra de inglês. Ir num carro que quase não era apto para a circulação por uma cidade estrangeira caótica e não poder comunicar-me com o condutor que me levava para um lugar desconhecido para ter uma conversa de trabalho com um guia turístico incompetente aumentou os meus nervos.

E o facto de as estradas serem tão caóticas como quando Deepak me trouxera do aeroporto para o hotel não servia para me acalmar. Achava que Banguécoque era populosa e frenética, mas, na verdade, circular por ela era como dar um passeio de carro pelo campo num domingo em comparação com aquilo. Não havia sinais de trânsito e parecia que também não havia regras de circulação, porque o condutor se desviou, travou e gritou, gesticulando como um louco para os outros carros com que conseguira não chocar, espantosamente, apesar de se aproximar tanto deles.

De repente, entendi o motivo por que tantos condutores daquela cidade tinham figuras e cabeças de deuses e deusas coladas ao tabliê do seu carro: Assim, os passageiros podiam rezar àquelas divindades minúsculas enquanto a vida inteira passava à frente dos seus olhos naquelas ruas frenéticas. Olhei para a figurinha de um homem de cor azul. Acho que era Krishna, um deus hindu sobre o qual Flic tentara falar na noite anterior. Rezei em silêncio para que tudo corresse bem.

Estávamo-nos no carro há vinte minutos, quando o motorista saiu da avenida principal e entrou numa rua lateral estreita e por pavimentar, cheia de lojas situadas em edifícios inclinados, tanto que parecia que cada um deles se apoiava no seguinte para se manter de pé. Havia uma multidão de homens nas esquinas, a conversar e a fumar cigarros enrolados junto de montes de lixo que se empilhavam nos lados da rua poeirenta. De repente, parámos.

Não havia nenhum carro à frente nem atrás de nós e olhei pela janela, questionando-me pelo motivo daquela paragem. O condutor ainda tinha o motor a trabalhar, mas afastou as mãos do volante e dobrou-as no colo. O que raios se passava? Inclinei-me para a frente e senti que o cinto de

segurança ficava tenso contra o meu coração acelerado.

— Está tudo bem? — perguntei.

Virou-se para mim, com a cara de bebé completamente em branco, sem entender uma palavra do que estava a perguntar. Mexeu a cabeça de uma maneira perturbadora que não me esclareceu se queria dizer que sim ou que não e virou-se novamente para olhar atentamente para dois homens que estavam a descarregar uns sacos enormes de batatas de um carro azul.

— Há algum problema? Porque não nos mexemos? — perguntei, num tom abafado, enquanto tentava controlar o pânico desesperadamente. O adolescente não se incomodou em virar a cabeça. Limitou-se a assentir, como antes.

Alguns dos homens que estavam na esquina tinham parado de conversar e olhavam para nós sem dissimulação. Encolhi-me no banco. Tinha ouvido tantas histórias de mulheres que, ao viajar sozinhas, se tinham visto em situações de risco naquele país, que me sentia estúpida por me ter posto numa posição tão vulnerável só para esclarecer umas críticas más. Os meus pobres pais enlouqueceriam de preocupação se soubessem.

De repente, quis estar em qualquer lugar, exceto ali, naquele pequeno beco, num país estrangeiro, com um condutor que não me entendia, rodeada de homens intimidantes que não paravam de olhar. Porque não se mexia? Era uma armadilha? Uma emboscada? E se Rashid lhe dissera para me levar até ali para que um daqueles homens me puxasse pelos cabelos do carro? Era, talvez, uma forma de se vingar de mim por ter pensado que podia espiar os meus empregados?

— Por favor, leve-me para o hotel — pedi, com firmeza, embora me tremesse o lábio inferior. — Hotel. Não quero continuar aqui parada.

Apontei com o dedo para a saída da rua e pus as mãos como se estivesse a mexer um volante, para lhe dar a entender que queria que conduzisse o carro.

O rapaz voltou a abanar a cabeça.

Os homens tinham deixado cair os sacos e começaram a aproximar-se lentamente de nós.

«Oh, meu Deus, o que vou fazer? Está bem, respira fundo. O carro tem as portas trancadas. Estamos em plena luz do dia. Tens o teu passaporte e o teu dinheiro.»

Estava a questionar-me quais eram as minhas opções de fugir quando ouvi o barulho de uma mota. Um motorista parou ao lado da janela do condutor. O meu motorista adolescente agiu como se estivesse à espera do motociclista misterioso e abriu a janela.

O que estava a acontecer?

O motorista esticou um braço gordinho através da janela entreaberta e deu um pacote ao condutor, que o aceitou e assentiu para lhe agradecer. Oh, bolas, era um traficante de drogas! Ia envolver-me nos seus negócios? A mota afastou-se pela rua e o meu motorista pôs o carro a trabalhar e seguiu-a.

— Pode deixar-me sair? Quero andar — pedi, batendo na porta. Ele não se virou, mas passou o pacote por cima da sua cabeça, para mim, enquanto se esquivava de algumas galinhas que bicavam no chão.

— O que é? Não o quero — declarei. Dobrei os braços, mas ele continuou a sacudir o pacote para que eu o agarrasse. Tive medo de que tivéssemos um acidente ao ver que conduzia apenas com uma mão e olhava com pouca atenção para a estrada, portanto, peguei no pequeno pacote, contrariada. Estava demasiado assustada para ver o que havia lá dentro. Tornara-me cúmplice pelo facto de aceitar voluntariamente um pacote de um traficante de drogas? Acabara de deixar todas minhas impressões digitais no pacote. Oh, merda, aquilo era muito mau.

Com um olho fechado e o outro aberto, atrevi-me a olhar finalmente para o pacote e tive de me rir.

Entre as mãos trémulas não tinha um pacote cheio de narcóticos, mas uma caixa de saquinhos de chá *Tetley's*. Rashid devia ter pedido ao motorista para me levar ali para ir buscá-los, depois de eu lhe ter dito que queria chá ao pequeno-almoço. Deixei escapar um suspiro profundo e ri-me de mim própria por ser tão ridícula. Que dramática...

Recordei o que Trisha me contara sobre as suas viagens à Índia.

«É um lugar que te enche o coração de felicidade e humildade ao experimentar a bondade de pessoas desconhecidas», explicara-me, com um sorriso, «mas também nos enfurece, põe os nossos limites à prova e fortalece a nossa paciência. Realmente, é um país de extremos, mas também, por esse mesmo motivo, é encantador e nunca aborrecido», dissera, no fim, rindo-se.

Inclinei-me para a frente no banco.

— Obrigada — agradei, suavemente.

O rapaz voltou a mexer a cabeça com o seu movimento típico para baixo e para cima e para ambos os lados, tudo ao mesmo tempo. Certamente, e por sorte, não sabia como tinha acabado de ser paranoica.

Capítulo 13

Desgraçado (adj.): Caracterizado por ou angustiado de tristeza e dor.

Felizmente, o drama da droga que era apenas chá afastara os meus pensamentos do que ia dizer quando visse Nihal. Deveria exigir com toda a minha indignação que desistisse do trabalho? Ou seria melhor experimentar o truque do polícia bom para o encorajar a falar e ouvir compreensivamente os seus problemas? Não tive muito tempo para decidir, porque tínhamos parado numa rua de casinhas apinhadas e pintadas de cores brilhantes. O meu motorista jovem e silencioso abriu-me a porta e fez-me um gesto com a cabeça para que o seguisse pelo labirinto de ruelas. Começou a andar com passo decidido e tive de trotar atrás dele para poder segui-lo. As crianças sorriam e cumprimentavam-nos quando nos viam passar. Algumas aproximaram-se a correr para dar uma olhadela à mulher ocidental suada que, praticamente, brilhava à luz do sol, enquanto outras ficaram para trás, observando com dissimulação. Naquele bairro, via-se que as crianças estavam muito bem cuidadas. Tinham o cabelo e os olhos brilhantes e usavam roupa limpa e colorida, não como aquelas crianças pobres que vira a mendigar nas ruas. Ouviam-se barulhos de panelas e o ar quente transportava os cheiros das especiarias. Havia pequenos grupos de mulheres ao redor de grandes bacias azuis, a rir-se e a mexericar enquanto lavavam a roupa.

Apertei o passo para não perder o meu motorista de vista, que cumprimentava as crianças e assentia cortesmente para cumprimentar as mulheres, que coravam e se riam. Finalmente, parou e abriu uma porta de madeira que dava para um pequeno pátio traseiro com uma horta e algumas peças de sucata metálica. Apontou para uma porta azul-turquesa a que se acedia por uns degraus de pedra.

— Nihal — disse. Era a primeira palavra que dizia desde que eu o conhecera e surpreendeu-me que a sua voz fosse tão jovem e suave.

— Ah, está bem.

Inclinei a cabeça para lhe agradecer e, com cautela, adiantei-me e bati à porta, com a esperança de conseguir as respostas de que precisava. Segundos mais tarde, uma mulher vestida com um sari azul-marinho abriu e olhou para mim com receio. Usava uma trança comprida e fina que serpenteava pelas suas costas e tinha um *bindi* vermelho brilhante no centro da testa enrugada. Franziu o sobrolho.

— Olá, o meu nome é Louise. Quero dizer, Georgia. Georgia Green. O Rashid deu-me a morada. Estou à procura do Nihal — expliquei amavelmente.

A mulher, que era de meia-idade, olhou para mim de cima a baixo rapidamente, estalou a língua e chamou o condutor sem desviar os seus olhos castanhos de mim. Tinha um sinal grande no queixo, de onde saía um pelo branco comprido, e as faces pálidas manchas de algo que parecia farinha. Senti-me como se tivesse sido julgada por um gorila em alguma discoteca da moda de Manchester,

embriagado de poder pelo facto de decidir quem podia entrar ou não. Sorri ainda mais, mostrando os dentes, embora não soubesse se isso ajudava ou não. Acho que o pelo do sinal se ondudou para trás com a brisa.

O condutor, que ficara junto da porta de madeira, gritou qualquer coisa. A idosa resmungou, olhou para mim de cima a baixo e, lentamente, fechou-me a porta na cara. «O teu nome não está na lista. Não vais entrar.»

Que raios? Virei-me para o condutor com os braços abertos, com a esperança de que compreendesse que não sabia o que acabara de acontecer. Ele limitou-se a mexer a cabeça com aquele movimento inútil de afirmação e negação ao mesmo tempo. Oh, meu Deus! Tinha muito calor e estava muito inquieta. As moscas zumbiam ao meu redor e eu só queria que aquela viagem acabasse. Não sabia se voltar para o carro a bater com os pés no chão de aborrecimento ou voltar a bater à porta e exigir que me atendesse, quando alguém tomou a decisão por mim. A porta abriu-se novamente. Felizmente, não foi a mulher que apareceu, mas Nihal, que usava uma *t-shirt* larga e com manchas e uns calções rasgados. Parecia completamente desesperado e cansado.

— Eh, está no meu *tour*, não está? — perguntou, com os olhos esbugalhados ao ver a minha cara avermelhada à porta da sua casa. — Não há nenhum passeio planeado para hoje. O que está a fazer aqui?

Fazia uma confusão com as suas próprias palavras, devido à surpresa, e pôs inconscientemente um dos braços por cima do peito para esconder as manchas piores. O Nihal desinteressado e indelicado que conhecera na noite anterior fora substituído por um homem vulnerável.

— O Rashid enviou-me — disse, sem rodeios, olhando para ele de cima a baixo, tal como a idosa fizera comigo.

Não era de estranhar que não tivesse nada planeado para aquele dia, porque parecia que acabara de se levantar da cama. Questionei-me quando fora a última vez que dormira bem.

— Parece-me que temos de falar — declarei, mais suavemente daquela vez, e olhei para além dele, para a casa.

— Não entendo — disse e abanou a cabeça. — O que quer dizer com o Rashid a ter enviado aqui?

— O meu nome é Georgia Green e sou a dona de O Clube de Viagens para Corações Solitários.

Pela sua cara, pareceu-me que, a pouco e pouco, começava a entender porque aparecera à porta da sua casa.

— Não se lembrava de mim da entrevista que fizemos pelo Skype há uns meses? — perguntei. A cara de Nihal foi como um quadro enquanto ia somando dois e dois. — Esperava que pudéssemos falar de algumas coisas.

Algo se refletiu nos seus olhos cansados. Não soube se era preocupação, medo ou uma mistura de ambas as coisas. Mordeu o lábio inferior e assentiu lentamente.

— É claro, é claro. Por favor, entre.

Disse qualquer coisa em hindi ao meu motorista, que assentiu, e foi para onde deixara o carro.

— Oh, não... Tem de me levar ao hotel mais tarde — expliquei, com inquietação. Não queria ficar sozinha e ter de descobrir como voltar.

— Não se preocupe, disse-lhe para voltar mais tarde. Não sei quanto tempo vamos demorar, portanto, não queria que esperasse — explicou Nihal e manteve a porta aberta para que eu entrasse. — Por favor, entre.

Ao atravessar a soleira de pedra, o nariz encheu-se de um cheiro a folhas de caril, açafão e

coentros. Havia uma panela grande a ferver num fogão muito pequeno, sem vigilância, numa sala à direita. Chamar-lhe cozinha teria sido um exagero. Naquela sala, só havia um fogão, um armário e um lava-loiça grande apoiado de maneira precária contra a parede de tijolo.

Segui Nihal para o interior da moradia, baixando a cabeça cada vez que ele me avisava.

— Por favor, sente-se. Lamento muito, não esperávamos visitas hoje — replicou, corando ligeiramente enquanto mexia um braço para a sala pequena e acolhedora da frente.

— Obrigada. A tua casa tem muito encanto — redargui, com um sorriso, para tranquilizar Nihal. Parecia que estava muito espantado, porque começara a endireitar uma almofada pequena. Rodeei uns pufes suaves e esponjosos que havia nos tapetes descoloridos com desenhos. No centro havia uma mesa baixa cheia de chávenas de chá junto de uma chaleira reluzente e de umas jarrinhas minúsculas cheias de Deus sabia o quê. Todas as bravatas em que pensara antes, ao imaginar que ia até lá para discutir com ele, tinham desaparecido da minha mente ao vê-lo naquele estado na sua própria casa.

— Quer beber alguma coisa? — perguntou, esfregando nervosamente as mãos.

— Sim, seria ótimo, obrigada — agradei e sorri suavemente.

Ele assentiu e disse alguma coisa em hindi através da porta. Numa questão de segundos, a idosa que me abrira a porta apareceu na sala. Continuou a olhar para mim fixamente, mas não parecia muito surpreendida ao ver-me sentada no seu sofá. Disse qualquer coisa a Nihal num tom agudo e Nihal corou. Depois, afastou-lhe as mãos do serviço de chá com palmadinhas, enquanto estalava a língua sonoramente, e começou a servir com cuidado água quente com leite, misturando-a com ervas e palitos de canela das jarrinhas.

— Ena, isso parece bastante complicado — disse, para preencher o silêncio. — Costumo pôr um saquinho de chá numa chávena de água quente — comentei. Tirei da mala a caixa de saquinhos de chá *Tetley's* e dei uma gargalhada estridente que não parecia minha. Ela ignorou-me e continuou a mexer a água com as especiarias.

— É a minha mãe. Não fala inglês — explicou Nihal, educadamente.

Assenti e fiquei em silêncio enquanto a mãe enchia duas chávenas e as deixava na mesa do centro. Depois, lançou-me um último olhar e foi-se embora, deixando-nos a sós.

— Por favor, beba este chá. É um chá *chai*, uma especialidade indiana — convidou. Passou-me uma chávena fumegante e, finalmente, sentou-se. Pigarreando levemente, perguntou-me: — Bom, e, Georgia, como, eh, como posso ajudá-la?

Apercebi-me de que lhe tremiam ligeiramente as mãos enquanto segurava o seu chá. Pousei a chávena na mesa e ergui-me.

— Bom, em primeiro lugar, não quero que os outros membros do grupo saibam quem sou. Para eles, o meu nome é Louise e será assim durante o resto da viagem. A sua experiência neste *tour* tem de ser positiva e o facto de revelar a minha verdadeira identidade — disse e corei um pouco de vergonha ao recordar o incidente do *karaoke* da noite anterior —, poderia afetar a forma como veem o nosso serviço e fazer com que desfrutassem menos da viagem.

Nihal bebeu um longo gole de chá e inclinou-se para a frente.

— Então, é realmente a dona de O Clube de Viagens para Corações Solitários?

— Sim.

— Ah, está bem — disse ele e coçou a barba escura que lhe salpicava as faces. Parecia que não sabia o que dizer de repente. Eu pigarreei. Estava desesperada por preencher aquele silêncio

incômodo.

— Nihal, quando te contratamos, só tínhamos ouvido elogios sobre ti e sobre o teu trabalho como guia turístico — comecei a dizer. Ele corou e baixou o olhar para o chão de pedra. — Portanto, tivemos uma surpresa desagradável quando, recentemente, recebemos uma crítica má sobre este *tour*. Depois, recebemos mais críticas negativas da viagem e há uma em particular que... — Fiz uma pausa enquanto rebuscava na minha mala e tirava a cópia amarrotada dessa crítica. Passei-lha e continuei a falar. — Vim até aqui para descobrir o que está a acontecer, porque quero... não, tenho de resolver as coisas.

Vi que engolia em seco e respirava fundo enquanto lia a descrição que aquele *blogger* anónimo fizera do seu trabalho. Observei-o enquanto lia e juntei as mãos, sem saber o que fazer. No fim, baixou o papel e observou-me.

— Lamento muito.

Estava prestes a fazer mais perguntas, quando começou a chorar. Merda.

— Nihal. Nihal, o que se passou?

Inclinei-me para o consolar. Estava a soluçar com tanta força que parecia uma criança que se perdera. Era um contraste com o homem mal-humorado e desinteressado que conhecera na noite anterior.

— Eu... eu... — balbuciou e engoliu em seco, enquanto as lágrimas caíam pelas suas faces por barbear e encharcavam a folha impressa.

— Nihal?

— Achava que estava a disfarçar bem o que se passou, que ninguém ia perceber...

Senti um nó no estômago ao pensar que podia ter-lhe acontecido algo verdadeiramente terrível. Porque é que Rashid não me avisara? Naquele momento, ouvi uma voz feminina pela casa. Nihal secou os olhos rapidamente e ergueu-se. Em poucos segundos, entrou uma rapariga na sala. Tinha umas tranças pretas e compridas e usava umas calças largas e uma *t-shirt* branca com uma grande flor cor-de-rosa e arroxeadas no meio.

— Oh... — murmurou, ao ver-me, e parou.

— Olá — cumprimentei, suavemente, sem saber se ia entender-me.

— Olá — respondeu a rapariga, observando-me com cautela, tal como fizera a mãe de Nihal. Ele virou-se para ela e, quando ela viu a cara húmida por causa das lágrimas, desatou a rir-se.

— Oh, meu Deus, o que se passou agora? — perguntou, revirando os olhos com uma expressão de paciência. — Espera um momento... Quem és tu? — perguntou, sem rodeios.

— O meu nome é Georgia e vim visitar o Nihal. E tu? Quem és?

Nihal assoou o nariz ruidosamente. Era óbvio que não estava interessado em fazer as apresentações.

— Eu sou a Priya, a irmã deste tolo triste — apresentou-se Priya e assentiu com a cabeça para o irmão.

— Não sou um tolo triste — defendeu-se Nihal, antes de cair novamente no pufe. Parara de soluçar e só choramingava de maneira intermitente.

— Priya, sabes o que aconteceu? — perguntei à rapariga, enquanto ela se acomodava na almofada da frente e se servia de uma chávena de *chai*. Nihal resmungou que estávamos a tentar manter uma reunião de negócios e que ela devia deixar-nos em paz. Ao ouvi-lo, ela desatou a rir-se novamente.

— Oh, vá lá! Tu? Um homem de negócios? Nem sequer serias capaz de vender cacau a um viciado

em chocolate desde que a Ameera te deixou.

— Não fales assim dela — pediu Nihal, com brusquidão.

— Espera, quem é a Ameera?

— É... — Começou a dizer Nihal, mas Priya interveio antes de conseguir acabar.

— Não para de choramingar, de andar por aí deprimido atrás das saias da minha mãe e de me incomodar e tudo por causa da Ameera. Ameera é o nome da ex-namorada dele — esclareceu a rapariga. Recostou-se numa almofada, fechou os olhos e acrescentou: — Parece-me uma tolice.

— Espera, Nihal, as coisas estão a correr mal no trabalho por causa de uma rapariga? — perguntei-lhe.

Nihal ignorou a minha pergunta e fulminou a irmã jovem com o olhar.

— Só porque nenhum rapaz mostrou interesse por ti, não te metas no que não entendes.

Priya deitou-lhe a língua de fora.

— Espera, Nihal. Então, estás a dizer-me que todas estas críticas más são porque a tua namorada te deixou? — perguntei, com incredulidade.

Priya respondeu em vez de deixar o irmão falar.

— Sim, não é irónico? Uns mochileiros com o coração partido são guiados pela Índia por um guia turístico com o coração partido — troçou e riu-se. — Se o inventássemos não seria tão curioso.

Parecia que Nihal queria atirar-lhe uma almofada, mas ficou surpreendido com o meu ar de horror e apercebeu-se de que discutir com a irmã talvez não fosse a forma mais profissional de se comportar à frente da patroa.

— Essa é a única razão? — repeti.

Nihal assentiu tristemente.

— Graças a Deus!

Quase desatei a rir-me com Priya por causa da situação ridícula. Pensei na crítica, que agora estava encharcada pelas suas lágrimas.

— Por um instante, pensei que se tratava de algo mais grave.

— É grave — murmurou Nihal e baixou a cabeça. — Lamento. Quero dizer que adoro trabalhar com os grupos turísticos e que me orgulho de me certificar de que todos se divertem e voltam para o seu país mais alegres do que quando chegaram, mas a Ameera e eu acabámos recentemente e foi muito difícil para mim sentir-me suficientemente motivado para prestar este tipo de serviço.

— Tenho a certeza de que conseguimos resolver isto. És muito bom no que fazes, Nihal — disse. Ele pestanejou orgulhosamente e esfregou a cara. — Não podes deixar que o fim de uma relação destrua o que fizeste até agora. Eu sei que és capaz de fazer o teu trabalho. O que se passa com o grupo que está à espera no hotel?

Não era necessário que soubesse que estavam a fazer uma visita pela cidade velha, graças ao facto de Rashid ter intervindo e ter resolvido o desastre.

Priya desatou a rir-se.

— Se eu fosse a ti, cancelaria o resto da viagem — avisou a rapariga. Tive a esperança de que Nihal se levantasse e se defendesse, de que, para contrariar a irmã, se certificasse de que isso não acontecia. No entanto, aconteceu o contrário: Encurvou visivelmente os ombros e assentiu com abatimento.

— Por uma vez, tens razão. Viste-me ontem à noite no restaurante. Assim que ouvi essa canção de amor, tive de sair dali. Não consigo funcionar sem a Ameera.

— Não — disse, ignorando Priya, que começou a fazer barulhos na brincadeira. — Estas pessoas também passaram por um mau bocado e não vieram até aqui para ter outra desilusão — declarei.

Nihal ficou calado, a brincar com uma das borlas cor de laranja das franjas da almofada em que estava sentado.

— Lamento muito, mas não consigo fazê-lo. Não consigo comer, não consigo dormir, só consigo pensar na Ameera — admitiu ele, em voz baixa.

A irmã continuou a gozar. Eu não queria rir-me, porque compreendia que era muito doloroso.

— Mas talvez o trabalho te distraia. Dizem que o melhor remédio é mantermo-nos ocupados — sugeri, antes de me aperceber de que, certamente, ter de estar todo o dia com outras pessoas que também tinham o coração partido não fosse um bom remédio para ninguém.

Nihal fez um gesto negativo com a cabeça.

— Não. Lamento imenso que tenhas vindo até aqui para me ver, mas, realmente, acho que seria melhor despedir-me. Prefiro não trabalhar a estragar o *tour*.

Pelo amor de...! Não, não podia deixá-lo.

Lamentava muito por ele e entendia. No entanto, o meu lado racional chamou amavelmente a minha consciência: Tinha de gerir um negócio. Tinha ido até à Índia, criando problemas com Ben e com Marie por causa da viagem, para resolver aquele problema. Não estava disposta a deixá-lo passar.

— Bom, porque não me contas o que aconteceu entre ti e a Ameera? — pedi pensando que, se tivesse toda a informação, talvez pudesse pensar em algum plano. Ele enxugou os olhos e contou-me que estavam juntos há dois anos e que tudo fora perfeito até ter começado a trabalhar para a Corações Solitários. De repente, passava mais tempo fora de casa e, quando voltava, contava aquelas histórias incríveis e inspiradoras dos homens e mulheres que ajudara. Então, Ameera começara a ficar ciumenta.

— Ciumenta das outras mulheres da excursão? — perguntei.

Ele abanou a cabeça.

— Não. Ciumenta das coisas que estava a fazer. Trabalha numa agência de viagens pequena e espera ver o mundo todo algum dia, mas, até agora, nunca saiu desta cidade.

— Então, não houve nenhuma infidelidade da tua parte?

— Não! — exclamou ele. Ficou horrorizado ao ouvi-lo.

— E não disse especificamente que queria acabar tudo contigo porque já não te ama?

Ele voltou a abanar a cabeça.

— Bom, então, conseguimos resolver tudo! — exclamei.

Observou-me com ceticismo. Priya voltou a gozar e ignorei-a.

— É muito fácil: Só temos de ir procurar a Ameera e de lhe pedir para se juntar a um dos *tours*. Depois de participar, saberá o que fazes e, quem sabe, talvez possamos prepará-la para ser também guia turística...

Tínhamos tido tantos pedidos para aquele *tour* pela Índia que, se organizássemos dois grupos ao mesmo tempo, poderíamos ajudar mais gente. A parte comercial da minha mente orgulhou-se.

— Não sei — murmurou Nihal, passando lentamente os dedos pelo copo.

— Por favor, Nihal, disseste que gostavas do teu trabalho. Está claro que não devia interpor-se entre ti e a Ameera, mas ficar aqui sentado a chorar também não vai ajudar-te. Além disso, se não te recompuseres, como vou encontrar outro guia turístico em tão pouco tempo?

Tentei não parecer desesperada. Priya suspirou e atirou uma pequena almofada ao irmão.

— É verdade, Nihal. Pelo menos, tens de tentar, mesmo que seja apenas para saíres da casa da mamã e para me deixares em paz. Além disso, também não é como se fosses um príncipe rico que pode rejeitar o dinheiro, pois não? Portanto, tens de reagir e resolver o problema.

Nihal choramingou um pouco.

— Então, aceitas? — perguntei, para o pressionar um pouco.

Ele suspirou.

— Está bem, mas, por favor, não te zangues se a tua ideia não funcionar. A Ameera pode ser muito teimosa quando quer.

Juntei três dedos e fiz-lhe a saudação dos escuteiros.

— Juro.

— Bom, se estragares tudo, pensa que poderás reservar um lugar no *tour* — acrescentou Priya e teve um ataque de riso.

— Não faças caso. Vamos resolver isto — decidi, fazendo figas por trás das costas.

Capítulo 14

Titubeio (s. m.): Vacilação, comportamento indeciso.

Quinze minutos depois, andávamos pela rua em direção à agência de viagens onde Ameera trabalhava. O local era entre uma loja de eletricidade e uma lavandaria. Disse a Nihal para ficar lá fora enquanto eu entrava, com a esperança de poder usar a minha empatia feminina com Ameera para a ajudar a voltar para o triste apaixonado que suspirava por ela na rua. Na verdade, presumia que ia correr tudo bem.

Uma campainha tocou quando entrei na agência, como acontecia na Corações Solitários de Manchester, e isso fez-me pensar novamente no trabalho. O bonito rosto de Ben encheu a minha mente e senti um formigueiro tolo e estranho no estômago. Interroguei-me como Kelli, Trisha e ele estariam a safar-se sem mim e como estariam a lidar com a carga de trabalho. Quando entrei naquela agência de viagens, que era a um mundo de distância de casa, pensei que, desde que deixara Shelley no aeroporto, não estivera obcecada com as coisas que tinha de fazer ou as mensagens de correio eletrónico que tinha de enviar. Senti-me estranha e não sabia se gostava da sensação.

Mexi a cabeça para um lado e para o outro para me concentrar na tarefa: Assim que conseguisse que Nihal e Ameera voltassem a estar juntos, poderia deixar o grupo de viajantes nas suas mãos e voltar para casa para tratar da minha empresa. Entrei numa pequena sala em que havia duas secretárias grandes e cadeiras vazias à frente delas. No pequeno espaço entre ambas as mesas, tinham posto um arquivo já velho. Em comparação com aquele local, a minha agência parecia um palácio. As paredes caiadas estavam cobertas de imagens belas de praias exóticas e palmeiras, o que acrescentava pinceladas de cor àquela sala deteriorada. Havia uma mulher gordinha sentada atrás de uma das secretárias, encurvada por cima de um computador portátil que assobiava enquanto escrevia. Caíam-lhe gotas de suor pelas faces e enxugou-as com a parte posterior do pulso.

— Olá, como posso ajudá-la? — perguntou-me, com um sotaque indiano suave, quando me viu.

— Olá — cumprimentei. — Eh... É a Ameera?

A mulher fez uma careta.

— Não, não sou a Ameera! Mas, se a vir, diga-lhe que não vai conseguir nenhuma boa referência da minha parte depois de ter saído da agência dessa maneira.

— Como? Então, a Ameera já não trabalha aqui?

A mulher abanou a cabeça.

— Oh, não!

— Não. Levantou-se e foi-se embora, assim, sem avisar com alguns dias de antecedência. Deixou-me com uma confusão tremenda. Tive de faltar à festa de aniversário do meu sobrinho para poder

abrir hoje e não gostei nada disso — declarou e suspirou.

Então, olhou para trás de mim e viu Nihal, que tinha a cara colada à montra, porque estava a tentar ver como corria a nossa missão.

— É o Nihal? — perguntou ela. — Diga-lhe para se afastar da minha agência antes que eu saia para lho dizer. Sei que a Ameera se foi embora por alguma coisa que tem a ver com ele — acrescentou. Estava a tentar levantar-se, torpemente, da cadeira em que estava encaixada.

— Muito bem, muito bem. Lamento tê-la incomodado — desculpei-me e saí rapidamente pela porta, enquanto ela continuava a resmungar e a tentar endireitar-se.

Nihal assustou-se ao ver-me a sair.

— O que se passou? Não vi a Ameera. Estava nas traseiras? Estás bem? O que disse a gorda? Porque me olhas com essa cara? — perguntou, rapidamente, enquanto eu tentava afastá-lo dali.

Respirei fundo e respondi:

— Não correu bem, Nihal, lamento muito. A Ameera não estava lá.

— Como? Onde está? — perguntou ele, com um ar de preocupação.

— Deixou o trabalho. A patroa está muito zangada e devíamos ir-nos embora o quanto antes.

Olhei para trás, receando que a mulher suada saísse da agência para nos perseguir.

Nihal pigarreou, sem se mexer, enquanto assimilava o que eu lhe dissera.

— Então, foi-se embora?

Eu assenti.

— Foi o que a dona me disse.

Parecia que Nihal ficara completamente a sós com os seus pensamentos, que o barulho de Nova Deli não existia. Continuei a olhar nervosamente para a porta da agência. Depois da pausa mais longa do mundo, ele voltou a falar.

— Bom, isso muda tudo. Tenho de ir procurá-la.

— O quê? — perguntei, tossindo, ignorando um homem que puxava um carrinho velho e que cuspiu *paan* vermelho para os meus pés.

Nihal virou-se, olhou para mim e assentiu com veemência.

— Não, tens de liderar o grupo do *tour*. Tens de te comportar como se estivesse tudo bem. Se ela já virou a página, tens de fazer o mesmo — supliquei.

Nihal suspirou.

— Georgia, não sei se consigo.

Senti um nó no estômago. Há um minuto, estava a preparar-me para voltar para Manchester e, agora, estava numa esquina de uma rua, com calor e com um guia turístico que tinha uma missão. Não era possível que tivesse atravessado meio mundo para nada.

— Nihal, todos foram abandonados alguma vez na vida e, sim, é horrível, mas isso não significa que possas ficar em casa a chorar. Não podes perder o trabalho por isso. Tens de demonstrar à Ameera que consegues seguir com a tua vida perfeitamente sem ela.

Nihal olhou para mim.

— Não consigo viver sem ela. Amo-a com toda a minha alma. Os homens indianos não são como os homens que tu conheces. Não somos orgulhosos. Para nós, o coração rege a mente. Lamento muito, mas tenho de ir procurá-la.

— Mas não podes deixar o grupo sem guia! Espera... e se for contigo? — perguntei, de repente, sem pensar duas vezes.

Ele deu um salto. Depois, coçou o queixo.

— O quê?

— Sei que queres encontrar a Ameera, mas tens de cumprir com as tuas responsabilidades primeiro.

— Georgia, disse-te que quase não consigo concentrar-me desde que me deixou. Ontem à noite, viste-me no restaurante, mas, agora que sei que deixou o emprego, não vou conseguir fazer nada até a ver. Se quiseres, posso tentar arranjar outro guia para me substituir.

Senti um nó no estômago. Estava a perdê-lo e não podia permiti-lo, sabendo qual era o seu potencial. Em silêncio, despedi-me da viagem de regresso a Manchester.

— Nihal, peço-te, por favor... acaba este *tour* e prometo-te que, depois, podemos procurar a Ameera juntos. Eu posso... intervir durante a viagem para te ajudar, sem que os outros se apercebam, claro — ofereci-me e pigarreei novamente. — Assim, poderás sair de casa da tua mãe, livrar-te das brincadeiras da Priya e manter-te ocupado com o que gostas de fazer. Além disso, estarei lá para te apoiar se as coisas ficarem difíceis. Por favor.

Parecia que ele ia começar a chorar outra vez.

— Nihal?

Suspirou e acedeu:

— Está bem. Aceito.

Regressei ao hotel, cansada. Nihal dera-me a sua palavra de que estaria lá no dia seguinte para liderar o *tour* e de que adiaria a busca de Ameera até os viajantes se irem embora. Agradei a Rashid pela caixa de chá, sem lhe explicar como me assustara com a forma de me a entregar. Ficou desanimado quando lhe contei que Ameera se fora embora, mas sorriu ao ouvir a notícia de que Nihal voltara a trabalhar para nós. De repente, apercebi-me de que não eram apenas os viajantes do *tour* e o nosso saldo bancário que iam sofrer se cancelássemos aqueles *tours*. Todos os fornecedores que tínhamos escolhido também sairiam a perder. Rashid disse-me que os outros viajantes do grupo tinham tido um dia de turismo ótimo e que lhes explicara que eu não me sentia bem e que fora por isso que não fora ao passeio.

Fui para o quarto e deixei-me cair na cama. Finalmente, permiti que o meu corpo relaxasse e que a minha mente examinasse tudo o que acontecera naquele dia. Um pouco mais tarde, consegui ligar-me a um sinal decente de *wi-fi* e recebi uma mensagem dos meus pais, que me perguntavam se chegara sã e salva e outra de Shelley, que me contava que uma das empregadas do *pub* entregara o seu passaporte no bar. Suspirei de alívio. Graças a Deus, estávamos enganadas a respeito de Marie. O passaporte devia ter caído da mala sem nos termos apercebido. Rapidamente, escrevi-lhe que aquela missão era mais difícil do que imaginara, mas que estava a começar a encontrar as respostas para as minhas perguntas.

Enviei uma mensagem aos meus pais para que soubessem que estava bem e uma mensagem de Whatsapp a Ben, a pedir-lhe para me ligar. Precisava de lhe contar tudo o que descobrira. Além disso, recordei que, afinal, não lhe dera a minha palavra-passe e os dados para iniciar a sessão e poder ler as minhas mensagens de correio eletrónico e, a julgar pelo sinal fraco do *wi-fi*, não ia poder aceder às minhas mensagens, portanto, valeria a pena pedir a Kelli para verificar se não ignorávamos algo urgente na rede. Sobretudo, sabendo que ia ficar ali mais tempo do que planeava.

Depois de uns minutos, ouvi o sinal do FaceTime. Arranjei o cabelo e, com a esperança de que a iluminação brilhante não realçasse as olheiras, pressionei o botão verde. O rosto de Ben encheu o

pequeno ecrã do meu telemóvel e eu senti um nó no estômago. Apareceu-me um sorriso nos lábios.

— Olá — cumprimentou Ben, retribuindo o sorriso. — Estás viva — acrescentou, como se o aliviasse ver-me bem. — Estava preocupado contigo — murmurou e o meu sorriso aumentou.

— Sim, estou aqui.

Meu Deus, era tão bonito. O seu cabelo ondulado emoldurava os seus lindos traços e destacava ainda mais a forma amendoada dos seus olhos. Usava a famosa camisa aos quadrados que me deixava a boca aberta por marcar os seus braços muscudos. A minha vagina encolheu-se de repente e tive de fazer um esforço para me concentrar.

— A Shelley ligou-me e contou-me que tinha perdido o passaporte, mas que tu continuaste a viagem sem ela — declarou, com uma ruga de preocupação na testa.

Eu assenti.

— Sim. Tive medo, mas, bom, estou aqui, inteira — respondi. Tinha a sensação de que tudo aquilo acontecera há semanas. — Meu Deus, Nova Deli é uma cidade de loucos — queixei-me e ri-me com suavidade. Ele olhou para um lado, distraidamente, porque começara a tocar telefone da sua secretária. — Não quero distrair-te, mas apercebi-me de que me tinha esquecido de te enviar a informação para entrar no meu correio eletrónico. Vou mandar-te os dados para que possas rever as mensagens — expliquei.

Fiz uma pausa e respirei fundo enquanto ele assentia. Pareceu-me que revirava os olhos, mas talvez fosse um atraso da imagem no ecrã.

— Bom e como está tudo?

O telefone parou de tocar e Ben suspirou. De repente, apercebia-me de que tinha os olhos avermelhados e uma barba parecida com a de Nihal.

— Não muito bem.

Senti um nó no estômago.

— Como? Porquê?

— A Trisha caiu.

— O quê? Oh, meu Deus! Como está?

Ben pigarreou e assentiu lentamente.

— Está bem. Tropeçou no meio de um corredor da Boots. Disse-me que o que mais lhe doeu foi a vergonha. Por sorte, só tem uma entorse no tornozelo. Os médicos aconselharam repouso.

— Ah, graças a Deus! Claro, é lógico que tenha de levar as coisas com calma e repousar durante uma temporada.

— Sim — confirmou, com um suspiro. — Não é por ser insensível, mas ficámos abandonados. Como contava com ela, aceitei o trabalho extra enquanto estavas fora, mas, agora, duvido que a Kelli e eu consigamos fazer tudo. Estava a pensar em contratar uma pessoa para te substituir durante o tempo que estiveres de viagem. O que pensas?

Eu respondi sem hesitar.

— Pobre Trisha... desejava voltar à agência. Bom, sim, acho que devias contratar um assistente. De facto, tenho uma lista de candidatos na secretária, numa pasta cor de laranja ou verde, acho. Não me lembro bem.

Ben sorriu e assentiu.

— Então, já tinhas previsto as coisas para o caso de acontecer uma coisa dessas? — perguntou e, sem me dar tempo para responder, disse: — Claro, é claro que sim.

— Não, não é isso — contradisse e mordeu o lábio inferior. — Comecei a procurar uma pessoa quando ainda não sabíamos que a Trisha ia substituir-me — expliquei. Ele assentiu. — De todos os modos, dividi a lista em dois grupos: Um, os candidatos adequados e, o outro, os que nunca seriam adequados, nem num milhão de anos. Pareceu-me que podia ser útil.

— Eu sei — afirmou e esfregou a cara com uma mão. Eu também tivera aspeto de estar tão cansada como ele? Ouvi alguém a falar de fundo e ele desviou a atenção. — Bom, muito obrigado. Vou lê-la e contratarei alguém. Olha, Georgia, tenho de desligar. Estamos muito cheios hoje.

— Ah, bom, está bem... Eu...

A ligação terminou antes de conseguir despedir-me e o ecrã ficou negro. Ben desligara. Eu nem sequer conseguira falar-lhe de Nihal. Deitei-me de barriga para cima e fiquei a olhar para o teto. Talvez devesse cancelar aquele *tour*, devolver o dinheiro aos viajantes e voltar para casa para ajudar Ben na agência. Tinha a sensação de que aquela viagem nunca teria sucesso. Caiu-me uma lágrima e fechei os olhos. Tomara que uma boa noite de descanso me ajudasse a resolver tudo no dia seguinte. Pela primeira vez, sentia-me desamparada, como se não tivesse o controlo de nada...

Capítulo 15

Ladainha (s. f.): Conversa confusa ou sem sentido.

Ainda estavam todos ensonados, sobretudo, devido a irmos a caminho de Agra, apertados como sardinhas num autocarro, para passar o dia no Taj Mahal, e tudo antes de ter amanhecido por completo. O céu azul-marinho estava a começar a clarear com uma luz dourada, mas, embora fosse tão cedo, as estradas estavam cheias de pessoas a montar bancas para o dia de trabalho, de homens de fato que iam a correr para o escritório e de crianças que passeavam pela rua, recolhendo garrafas de plástico. Cumprindo a sua promessa, Nihal fora pontual. Aparecera com roupa limpa e elegante e parecia muito mais descansado do que quando o vira pela última vez. Além disso, recordava o nome de todos os viajantes e até nos deu umas garrafinhas de sumo de laranja e uns pastelinhos à medida que íamos entrando, como sonâmbulos, no autocarro.

«Vês? Isto vai correr bem. O começo do *tour* foi apenas um tropeção, mas estamos a voltar para o bom caminho. O Ben contratará um assistente temporário e recuperará o ritmo e, assim que começarem a chegar críticas fantásticas dos viajantes deste *tour*, tudo isto terá valido a pena.»

Sorri para Nihal, que se barbeara perfeitamente, antes de me aninhar no meu lugar para tentar dormir um pouco mais, apesar de o caminho estar cheio de buracos. Ollie e Chris já tinham adormecido, dando cabeçadas, e Liz e Flic iam apoiadas na janela, usando xales de algodão como almofadas. A cabeça de Bex virava-se e, de vez em quando, caía para a frente, surpreendendo-a o suficiente para conseguir limpar o fio de baba da boca antes de voltar a adormecer.

Todos estavam demasiado ensonados para lhes perguntar onde tinham estado no dia anterior. Enquanto esperávamos para entrar no autocarro, Liz contivera um bocejo enquanto me perguntava se me sentia melhor e eu, que ainda estava sonolenta, demorara uns segundos a recordar que devia manter a mentira. Embora me atrasasse a responder, não levantara nenhuma suspeita, porque ela continuara a falar, contando-me, num tom rouco de quem acabara de acordar, que tinham passado o dia a fazer turismo, mas que não perdera nada do outro mundo, porque tinham ido a um mercado velho que cheirava a urina e a couves e tinham sido perseguidos por um homem que tentava vender-lhes os seus legumes velhos. Jurei que aquele *tour* ia conseguir a emoção e admiração de que precisava.

Depois de umas horas e de algumas posições fora do comum para dormir, chegámos a Agra, uma cidade muito mais pequena do que Nova Deli e com uma história rica. As vacas vagueavam calmamente pelas lojas de tijolos vermelhos, em cujas paredes velhas havia anúncios pintados à mão e já descoloridos. Os animais não se alteravam ao ver passar uma grande quantidade de motas que transportavam famílias inteiras empilhadas à sorte e que deixavam uma nuvem de fuligem e pó pelo

caminho. As crianças iam aninhadas nos braços das mães que, por sua vez, viajavam junto dos maridos com aspeto relaxado, algumas, até, sentadas de lado no selim de alguma mota pequena. Estava tão absorta a olhar pela janela que mal ouvia Nihal. Virara-se para os passageiros, que começavam a acordar.

— Bem, quando chegarmos ao Taj Mahal, haverá imensa gente, amigos. Assim, vigiem as vossas malas e não se percam de vista uns aos outros. Vou comprar os nossos bilhetes para que não tenham de ficar na fila. Vemo-nos aqui dentro de quinze minutos! — gritou, antes de sair com um salto do autocarro e começar a correr.

— O que se passa? — perguntou Bex, bocejando com vontade.

— A que te referes? — perguntei, nervosamente.

— Bom, é como se lhe tivessem dado uma injeção de energia ou uma coisa dessas. Não me queixo, mas não te parece estranho?

— Talvez tenha passado um mau bocado na outra noite — sugeri. Senti que corava por causa da mentira.

Bex encolheu os ombros. Estava mais interessada no que se passava fora do autocarro do que na nossa conversa.

Quando o nosso condutor paciente encontrou um lugar para estacionar, abriu a porta pesada da carrinha e todos saímos. Acho que todos se sentiram aliviados por poderem esticar as pernas. Embora ainda fosse relativamente cedo, o calor já era asfíxiante e havia hordas de pessoas na fila para ver aquela maravilha do mundo.

— Ena, isto é uma loucura! — exclamou Ollie, com espanto. — Estamos num bom lugar? Porque não vejo o Taj.

Flic revirou os olhos com resignação.

— Tens de entrar para poder vê-lo.

— Então, já o conheces?

— Não, mas sei que é o meu lar espiritual — declarou Flic, num tom tão etéreo como o vestido estranho que usava. — Embora seja um abuso que nos cobrem tanto por um bilhete. Sabem que os cidadãos indianos entram por alguns tostões? — queixou-se. Soprou e cruzou os braços. — É injusto.

— No entanto, é o turismo que permite que monumentos como este se conservem e não acabem transformados em ruínas — explicou Chris. Bebeu um gole de água e ignorou o ar carrancudo que Flic lhe lançara por não estar de acordo com ela quando dizia que todos devíamos ser iguais no planeta.

— Todos puseram protetor solar? — perguntei, para mudar de assunto. Percebi que, como Nihal estava a comprar os bilhetes, tinha de fazer de guia. — Também li que as mulheres têm de se vestir de forma conservadora — acrescentei, olhando para os ombros descobertos e rosados de Bex, que vestira uma *t-shirt* de alças. — Trouxeste um xaile ou uma coisa dessas?

— Merda! Deixei-o no hotel.

— Posso emprestar-te um — ofereceu-se Liz. Rebuscou na pequena mochila e tirou um lenço cor-de-rosa. Deu-o a Bex.

— Muito obrigada... acho — agradeceu e segurou o tecido nas mãos com um suspiro. — A minha mãe nunca vai acreditar que usei algo cor-de-rosa.

— Estás muito bonita — elogiou Flic e lançou-lhe um beijo que Bex esquivou imaginariamente.

— Também tenho protetor solar — informou Liz e passou um frasco de creme com um fator de

proteção cinquenta a Ollie, que era o que tinha a pele mais branca de todos nós. Quase o deixou cair quando tocou nas mãos de Ollie.

— Oh... eh... obrigado — gaguejou ele, observando-a por entre as pestanas espessas.

— Malta! Por aqui! — gritou Nihal, interrompendo aquele momento de afeto entre Liz e Ollie. Dirigimo-nos para ele, evitando homens que nos observavam enquanto nos ofereciam passeios de camelo para nos levar até à porta principal. Chris teve de se afastar com um salto quando uma língua comprida e preta tentou lambe-lhe a cara.

— Acho que fizeste um novo amigo — trocei, com um sorriso.

Chris fez um ar de repugnância e adiantou-se.

— Bom, estamos às portas do famoso Taj Mahal — informou Nihal. Entregou-nos os bilhetes e certificou-se de que havia água suficiente para todos. — Agora, sigam-me, mantenham-se juntos e vejamos a maravilha que é o Taj Mahal — acrescentou, com um sorriso de emoção, e piscou-me o olho. Apercebi-me de que Chris me observava, mas não lhe dei importância e comecei a andar entre as pessoas que avançavam lentamente.

Senti o calor da pedra acastanhada à medida que nos aproximámos do pátio. O ambiente estava carregado de vibrações elétricas. Parecia que um íman gigante atraía todas as pessoas para as portas pesadas e escuras que havia à nossa frente.

— Meu Deus, não consigo acreditar que estou aqui, prestes a ver o Taj Mahal com os meus próprios olhos — comentou Bex, fingindo que enxugava uma lágrima na beira do xaile de Liz.

— Eu também não! — exclamei, num sussurro.

Estava emocionada e, rapidamente, recordei a rapariga enervada que esperava no consulado de Manchester e que vira um póster na parede com aquela cúpula creme. Naquele momento, estava a poucos passos de a ver na vida real. Era como um sonho do qual ninguém ia tirar-me se me beliscasse.

De repente, alguém me beliscou.

— Ai! — gritei.

Virei-me para enfrentar o meu atacante. Era uma mulher indiana que tinha os lábios pintados de cor-de-rosa choque e uns brincos de aro muito grandes.

— Desculpe! Questionava-me se poderia tirar-lhe uma fotografia com a sua amiga.

— Ah! Bom... eh... está bem — concordei e dei uma cotovelada suave a Bex para que se virasse e sorrisse. Aquilo era estranho. — Acho que pensa que somos famosas — sussurrei.

A mulher sorriu com agradecimento e tirou o telemóvel da mala. Bex assentiu ao meu comentário.

— Sim, li qualquer coisa sobre isso. Parece que adoram tirar fotografias com ocidentais. Seria como se o Jeremy Kyle passasse à nossa frente. Teria de me precipitar para ele e pedir-lhe para tirar uma *selfie* comigo — replicou e encolheu os ombros. — Espera, vou tirar o xaile. Não quero que ninguém me tire uma fotografia com esta coisa tão feminina — disse, puxando o tecido delicado.

Parei-a.

— Não podes tirá-lo. É de muito má educação exhibir-te e mais ainda num lugar sagrado como este — expliquei. Então, Bex ajeitou o xaile sobre os ombros. — E, de qualquer forma, fica-te muito bem — acrescentei.

— Aqui vai! — exclamou a mulher. Sorriu-nos e focou a máquina fotográfica do telemóvel. — Um sorriso!

De repente, todos os que estavam em redor se aproximaram e começaram a sorrir para a máquina

fotográfica. Puseram-me um bebé ao colo e Bex segurou uma rapariguinha com o cabelo preto e encaracolado. O bebé que eu segurava torpemente começou a chorar e uns homens que estavam à minha direita fizeram o sinal da paz com os dedos. Bex e eu entreolhámo-nos e rimo-nos. Bex segurava a menina com desconforto, que estava mais interessada em pôr-lhe os dedos nos olhos do que em sorrir para a fotografia.

— Ena e eu que achava que íamos ter uma entrada tranquila — comentei, rindo-me, enquanto devolvia o bebé aos pais.

— Oh, meu Deus, é por causa do xaile, não é? — Bex gemeu, quando a menina, finalmente, lhe soltou a madeixa de cabelo que puxava e voltou para a mãe. — Já te disse que o cor-de-rosa não é uma boa cor. As pessoas ficam com ideias estranhas.

Ainda estávamos a rir-nos da sessão de fotografias improvisada, pensando que íamos estar nas casas de toda a Índia, quando as pessoas começaram a avançar novamente. As portas abriram-se de par em par e... ali estava. O Taj Mahal, a poucos metros de nós.

Fiquei com a garganta seca. A multidão ficou em silêncio e todos partilhámos aquele momento de respeito e adoração pelo edifício deslumbrante que resplandecia à luz do sol.

Lentamente, andámos para a frente, observando o monumento que se erguia ao fundo dos lagos retangulares e impecáveis. Era opulento e elegante, mil vezes mais impressionante do que imaginara.

— Meu Deus, isto é belo e eu não gosto de revistas de decoração — sussurrou Bex, com reverência.

Eu assenti sem conseguir falar. De repente, senti que a calma me rodeava. Uma vez, Marie levarame de rastos a uma aula de ioga ao seu ginásio, mas aquele estado de relaxamento não era nada comparado com a paz que sentia ali. Era como se o resto do mundo tivesse ficado mudo e a única coisa que importasse fosse eu própria e aquela obra construída por um verdadeiro amor.

— Estás bem, Louise? Estás a assustar-me com essa cara de alucinada.

— Sim. Bom, bem, não. Melhor do que bem. As pessoas falam sempre dos lugares que temos de visitar antes de morrer, mas... Ena, nunca esperei que houvesse uma reação assim num deles.

— Vá lá, tonta, vamos tentar encontrar os outros — replicou Bex, rindo-se, e começou a descer um lance de degraus, esquivando-se de *selfie sticks* e *iPads* no ar. Todos estavam a tentar tirar fotografias, mas, na verdade, destruía a magia.

Percorremos um caminho de cascalho rodeado de erva, de arbustos e de flores exóticas até chegarmos ao lugar onde Nihal reunira todos.

— Eh, raparigas! Achávamos que vos tínhamos perdido — comentou e sorriu. — Impressionante, eh? Nunca me canso de olhar para ele — declarou e virou-se para as cúpulas brancas. Inclinou a cabeça como sinal de respeito e virou-se novamente para nós. — Como estava a dizer, o Taj Mahal é um exemplo perfeito de simetria e desenho. Ao olhar para ele com atenção, pode apreciar-se que os minaretes brancos dos cantos foram pensados para se inclinarem para fora para o caso de haver um terramoto e, assim, evitar que, na sua queda, esmagassem o Taj. Acho que todos concordarão que este edifício irradia amor. Foi criado pelo imperador Shah Jahan como demonstração de adoração à sua amada esposa, Mumtaz Mahal...

Nihal ficou em silêncio.

Estava demasiado ocupado a observar, com a boca aberta, uma rapariga de cabelo preto e brilhante e olhos verdes como esmeraldas, que guiava um pequeno grupo de turistas. Estava tão concentrado que não conseguiu acabar a frase. Ela tinha um dos seus braços esbeltos levantados,

como se fosse um sinal para o grupo a seguir. Além disso... Não tinham todos *t-shirts* iguais com o desenho de um coração partido?

— Eh... como dizia... — murmurou Nihal.

Tentou captar novamente a nossa atenção, mas voltou a calar-se. A bela mulher indiana aproximou-se e parou junto do nosso grupo.

Os outros viajantes entreolhavam-se, questionando-se porque o nosso guia emudecera. Tentei cruzar o meu olhar com o de Nihal, mas ele não parava de olhar para a rapariga. Quando ela o observou e deitou o cabelo para trás, eu estremeci.

Não. Aquela não podia ser...

— A... Ameera? — balbuciou Nihal.

Capítulo 16

Afundar (v.): Derrotar ou acabar com qualquer coisa.

Merda. Aquela rapariga espampanante era Ameera? Não deixara a agência de viagens onde trabalhava para ficar em casa, não. Tornara-se guia turística! Era óbvio que o que o ex-namorado conseguia fazer, ela conseguia fazer melhor.

Nihal ficara muito pálido e estava a tremer ligeiramente. Flic e Bex entreolharam-se, tentando entender o que estava a acontecer. Ameera lançou a Nihal um sorriso significativo e mostrou os seus dentes brancos e perfeitos. Depois, continuou a falar com o seu grupo. Era evidente que estava a desfrutar do efeito que tinha nele.

— O Taj Mahal é um dos edifícios mais reconhecidos do mundo. Demoraram vinte e dois anos a construí-lo e foi encomendado pelo imperador como mausoléu para a esposa, que morreu tragicamente ao dar à luz ao seu décimo quarto filho. Quem teria pensado que o ato de um homem cheio de dor pela sua perda iria criar semelhante beleza? — replicou ela. Todos estávamos a ouvir o seu sotaque indiano suave, que deixara Nihal sem fala. Depois, fez uma pausa, antes de continuar com o seu discurso: — A maioria dos homens nem sequer demonstra que valoriza as namoradas e muito menos construiria algo tão grandioso para celebrar o seu amor — acrescentou.

Ao ouvir aquilo, Nihal pigarreou. Ergueu-se e voltou a olhar para nós, embora evitasse olhar para mim nos olhos.

— Bom, onde ia? Ah, sim... As pessoas sempre pensaram que esta era a maior história de amor da Índia, mas não foi tudo romantismo e felicidade. O imperador ordenou que cortassem as mãos aos artistas que tinham ajudado a desenhar a tumba, para que nunca mais pudessem recrear algo tão bonito — explicou e cuspiu para junto dos seus pés.

Ameera levantou ainda mais o tom de voz para competir com Nihal.

— No entanto, não deve fazer-se caso a essas histórias do folclore. As pessoas costumam mentir. Pode ser muito difícil distinguir se o que estão a dizer é a verdade ou uma tolice.

Bex e Ollie viraram-se para mim e eu tentei aparentar que estava tão confusa como eles. Não podia ser verdade o que estava a acontecer. O único que parecia desfrutar daquele intercâmbio entre os guias era Chris. Pegara no seu telemóvel para tirar fotografias e pô-lo à frente da cara de Nihal.

Então, o grupo de Ameera, que era composto por três homens e uma mulher, já se apercebera de que se passava alguma coisa, mas também não sabiam porque a bela guia turística estava a explicar a história do Taj Mahal de uma maneira tão estranha. Um dos homens, um senhor chinês e bastante gordo, levantou a mão para fazer uma pergunta, mas Nihal interrompeu-o, pigarreando.

— Na minha opinião, é injusto que as pessoas fiquem sempre do lado das mulheres ao aceitar que

é maravilhoso que um homem faça tal gesto de amor. Para muitos, é algo completamente exagerado e ostentoso. O tipo de mulher que espera uma declaração de amor tão excessiva é, certamente, o tipo de mulher que temos de evitar. Não tenho razão, rapazes? — perguntou a Chris e a Ollie. O homem chinês começou a aplaudir para demonstrar a sua aquiescência, mas parou quando Ameera lhe lançou um olhar fulminante.

Ollie franziu a testa. Por sorte, parecia que não tinha a mínima ideia do que estava a acontecer.

— Eh... bom, suponho que sim — concedeu.

Flic suspirou e murmurou que ela já sabia desde o começo que era um machista.

Ameera ignorou-a e aumentou o tom de voz.

— O belo e comovente Taj Mahal é visto como uma das Sete Maravilhas do Mundo Moderno devido às suas formas graciosas, belas e simétricas. É óbvio que o imperador Shah Jahan amava tanto a esposa que se dedicou de corpo e alma a demonstrar-lho com esta edificação. Sei que nem todas as mulheres esperam declarações de amor grandiosas como esta, mas, realmente, se os homens demonstrassem às mulheres o que sentem em vez de esperar que as mulheres o deduzam, então, as mulheres entenderiam tudo muito melhor, tenho a certeza disso — declarou Ameera e lançou outro dos seus olhares a Nihal. — Uma ação vale mais do que mil palavras.

— Quando vamos entrar? — perguntou um homem do grupo de Ameera. Era alto e magro e tinha um sotaque alemão marcado.

— Ah, sim. Claro — afirmou Ameera, que corou. Afastou o cabelo da cara, que ficara rosada da emoção. — Bom, agora, têm um pouco de tempo livre para explorar os jardins. Vamos encontrar-nos aqui dentro de trinta minutos para entrarmos todos juntos e ver o mausoléu maravilhoso.

O seu grupo, demonstrando alívio, afastou-se. Alguns murmuraram que era uma rapariga muito estranha.

Nihal viu que Ameera se afastava e, rapidamente, disse:

— Bom, agora, vamos fazer uma pausa curta. Vemo-nos aqui dentro de trinta minutos.

Encolhi os ombros à frente dos outros, como se não soubesse o que se passava e agarrei Nihal pelo braço antes de ir a correr atrás de Ameera.

— O que raios foi isso? — perguntei, com os dentes cerrados. — O que está a fazer aqui?

Nihal estava confuso. Olhava para os jardins esmeralda, tentando avistar Ameera entre a multidão.

— Não sei! Embora... Não disseste que ela também poderia trabalhar para ti como guia turística?

— Foi uma ideia, uma sugestão de como poderia ajudar-vos a superar o fim da vossa relação. Não pode tornar-se guia da noite para o dia!

Sabia que estava quase a gritar, mas sentia-me completamente confusa. Tentara ajudar Nihal a melhorar, mas não podia permitir que a ex-namorada estragasse a nossa viagem com o seu próprio grupo de corações partidos e *t-shirts* a condizer.

— Está bem, está bem ... — disse, apertando a ponte do nariz com os dedos. — Vamos fazer uma coisa. Vai ter com ela e pede-lhe desculpa pelo que lhe fizeste. Voltem um para o outro e diz-lhe que podemos arranjar-lhe um emprego contigo. Talvez possam guiar os grupos entre os dois — sugeri.

Ele abanou a cabeça e deixou escapar um gemido.

— Não.

— Não? Porquê?

— Há séculos que não sabia nada dela, desde que discutimos. Estava preocupadíssimo com ela, mas parece que ela não se preocupa comigo. Veio sabendo que eu ia estar aqui a trabalhar, de

propósito, para me sabotar e para se vingar de alguma forma. Não quer que nos reconciliemos. Quer vingar-se! — exclamou.

Parecia que ia explodir de raiva. De repente, uma veia na têmpora direita inchava e tinha os punhos cerrados. Portanto, adeus ao senhor Coração Partido e bem-vindo ao senhor Nada de Paspalhices.

— Nihal, temos de resolver isto! — gritei. Ainda não acreditava no que vira com os meus próprios olhos. Embora talvez tivéssemos de fazer umas *t-shirts* a condizer ou chapéus. Ou ambas as coisas? Ficava muito bem. — Se não vão resolver isto como pessoas adultas, pelo menos, esforça-te para que o teu grupo tenha um dia esplêndido. Quero que sintam uma descarga de adrenalina, não que se deprimam porque um casal os faz pensar nos problemas que têm em casa com as suas discussões. Pagaram um bom dinheiro para fugir de tudo isso!

— Oh, meu Deus, tudo faz sentido! — exclamou Nihal e deu uma palmada na testa. Era óbvio que não ouvira nenhuma palavra do que eu dissera.

— O quê? O que faz sentido?

— Já discutíamos há imenso tempo, sempre sobre o meu trabalho e, há mais ou menos um mês, voltei de um dos passeios muito contente porque tinha corrido tudo muito bem. O estranho é que, em vez de me ignorar quando lhe contei, parecia que estava muito interessada. Fez-me perguntas e anotou coisas, se bem me lembro.

— Nihal...

Ele engoliu em seco e inalou uma baforada de ar.

— Lembras-te dessa crítica má que me mostraste de um dos meus *tours*?

Assenti.

— Reli-a ontem, depois de teres ido embora e havia qualquer coisa que não estava bem. Alguns detalhes não eram reais. Agora, acho que sei quem a escreveu.

Não teve de me dizer o nome. Então, fui eu que fiquei furiosa. Aquela bruxa destruidora de empresas!

— Achas mesmo que a Ameera a escreveu? Porquê?

Nihal assentiu lentamente.

— Acho que queria demonstrar-me que ela consegue fazê-lo tão bem como eu.

— Meu Deus!

Portanto, eram mentiras. O nosso *tour* não tinha problemas. Estava tudo bem, para além de uma ex-namorada psicopata que queria vingança.

— Falo a sério, Georgia. Perdeu qualquer oportunidade de voltar para mim depois desse truque tão sujo — declarou Nihal e cuspiu para o cascalho. Depois, virou-se e foi-se embora, deixando-me ali sozinha.

Levantei a cabeça para o céu e olhei para o Taj Mahal com aversão. «Pensava que eras uma obra de amor, não de sabotagem.»

Tinha de ir procurar os outros. Sentia-me nervosa por saber qual seria a sua interpretação daquele drama. Ao virar-me, encontrei alguém.

— Oh, lamento — desculpei-me, com horror, ao ver que se tratava de Chris.

Há quanto tempo estava ali? Tinha o telemóvel na mão, mas, em vez de estar a tirar fotografias do Taj Mahal, virara-o para nós. Devia ter ouvido tudo.

— Estás bem, Chris? — perguntei. Ele quase deixou cair o telemóvel.

— Sim, é incrível, não é? — inquiriu, rapidamente. — Muito... eh... interessante.

Eu murmurei qualquer coisa em resposta e, com um sorriso falso, tentei avistar o xaile cor-de-rosa de Bex ou os caracóis alaranjados de Ollie entre a multidão.

— Estão ali! — exclamei e afastei-me Chris, que estava a sorrir com petulância.

— Eh, ouve a teoria da Flic — disse Ollie, rindo-se, quando me aproximei deles.

Flic revirou os olhos.

— Só estava a dizer que sei qual é o motivo por que o Nihal é tão estranho.

— Estranho? — perguntei, num tom alto.

— Sim, bom, é mal-humorado e distante e, depois, serviçal e informativo, mas pouco atento — esclareceu Flic. Respirei fundo, questionando-me se devia explicar-lhes o que estava a acontecer. — Toma drogas.

— Como? Não... — neguei, rindo-me fracamente.

— Sim, sim. Pensa nisso. Tem subidas e descidas, emoções contraditórias. Acho que é viciado no *crack*.

— Não, claro que não — neguei, baixando o tom de voz ao perceber que um grupo de suecos nos observava. Oh, meu Deus, não podia permitir que o grupo pensasse que Nihal era drogado. Imaginava quais seriam as críticas. — É... é... — Hesitei, porque não sabia o que dizer. Se lhes falasse de Ameera, perguntar-me-iam porque sabia, mas, senão dissesse nada, acreditariam nas ideias de Flic.

— É diabético — disse Chris, enquanto se aproximava de nós. — É bastante comum entre os indianos da sua idade. O seu estado de espírito depende dos níveis de insulina.

— Eh? — perguntei, boquiaberta. — Ah, oh... sim. Disse-nos antes.

— Ah... pobrezinho. Deve ser horrível ter de picar o braço todos os dias — redarguiu Bex, compreensivamente, e olhou com reprovação para Flic. Ollie revirou os olhos e Liz deixou escapar um suspiro.

— Ah, claro — murmurou Flic. — Bom, pelos sintomas, também podia ser drogado.

— Sim, mas não é — insistiu Chris e afastou-se para tirar uma fotografia ao banco da princesa Diana. Tive de me conter para não abanar a cabeça de incredulidade enquanto o via a afastar-se. Acabara de me salvar. Talvez não fosse um tipo assim tão estranho.

— Bom, está tudo resolvido! — exclamei, alegremente.

Estivera muito ocupada a procurar Ameera e o seu grupo entre as pessoas, em vez de admirar o mausoléu de mármore. Queria encontrá-la e ter uma conversa com ela por ter escrito aquela crítica falsa, mas não a vi. À medida que percorríamos o caminho entre as plantas de perfume doce que rodeavam os lagos, as cúpulas brancas começaram a refletir-se nas águas azuis tranquilas e obriguei-me a acalmar-me. Deixei escapar um suspiro de alívio, porque, a partir daquele momento, as coisas seriam mais fáceis. De certeza. Todos íamos comer qualquer coisa e tudo correria bem.

— Aqui. Este parece bom — declarou Nihal, quando chegámos a um bar próximo, mas afastado do monumento e da parte mais turística.

Havia alguns taxistas sentados em cadeiras de plástico, à sombra de tamarindeiros, a beber *chai masala* junto de grandes camelos que estavam atados aos troncos das árvores e de cujas bocas pendiam longos fios de baba, que chegavam ao chão poeirento, enquanto comiam. O meu estômago queixou-se sonoramente enquanto Nihal ia pedir a nossa comida. Precisava de comer qualquer coisa e depressa, mesmo que fosse apenas para me livrar do nó que tinha no estômago. Para mim, era

óbvio que Nihal estava a atravessar a etapa do fim de uma relação. Começara com a negação e, depois, passara à raiva e a raiva podia impulsioná-lo a tomar decisões precipitadas. Até ao momento, parecia que o enfrentara recuperando o controlo do grupo. Só esperava que aquilo durasse.

— Bom, trouxe comida variada — informou, dando-nos sacos de plástico cheios, guardanapos de papel e talheres de plástico.

— Pediste caris suaves? — perguntei, nervosamente.

Ele assentiu.

— Pedi um forte para mim, mas todos os outros são insípidos, perdão, suaves — esclareceu e piscou-me o olho. — Vamos, ao ataque!

Passou uns pratos de alumínio a todos e o grupo completo começou a servir-se e a comer.

— Isto é incrível! — exclamou Bex, enquanto tirava a tampa do que parecia um caril de lentilhas.

Liz assentiu.

— Que marido tão romântico — comentei.

— O meu ex-namorado nunca fez algo parecido por mim — resmungou Flic, mexendo o conteúdo de uma das embalagens com o garfo.

— Bom, na verdade, acho que a maioria dos homens não poderia fazê-lo — defendeu-se Ollie. — Quase nenhum tem os milhões de rupias necessários para fazer algo tão enorme como isto — acrescentou, rindo-se.

Flic fez uma careta.

— Não, mas os homens podiam ser um pouco mais imaginativos nos assuntos românticos. Ver séries do Netflix e relaxar não é a melhor maneira de conquistar o coração de uma mulher, a sério.

Liz corou.

— Concordo que isto é excessivo, mas seria agradável se os homens, e refiro-me ao meu ex-namorado, pelo menos tentassem ter alguma simpatia — declarou e fez uma pausa. Depois, acrescentou: — No ano passado, esqueceu-se do meu aniversário.

Aquilo causou exclamações de indignação de todas as mulheres do grupo, inclusive minhas.

— O meu lembrou-se, mas ofereceu-me um triturador de documentos — resmungou Bex. Tremi. — Não há nada mais romântico do que o material de escritório.

— Bom, talvez se as mulheres não nos chateassem tanto, conseguissem algo mais agradável — interveio Chris. Reagiu como se Bex tivesse tocado num assunto sensível. Talvez tivesse oferecido um triturador de papel a alguma mulher ingrata alguma vez...

— Eu... eu não chateava — defendeu-se Liz, corando. Sinceramente, não parecia ter carácter para partir um prato, portanto, duvidava que fosse autoritária em alguma relação.

— Pessoal, a comida está a arrefecer — avisei, para mudar de assunto, antes de Chris dar um sermão a Bex por não ter sido agradecida, mesmo que lhe tivessem oferecido um triturador de papel.

Para dar o exemplo, afundei a colher no caril que tinha mais perto. Parecia um guisado de cogumelos. O molho era de um tom de laranja brilhante e tinha azeite. Engoli a colherada e pensei que ia explodir-me a boca. A pimenta arranhou-me a garganta e cravou-me as garras na epiglote. Tossi e peguei no copo de *lassi* mais próximo. Dei um enorme gole ao iogurte líquido para aliviar o inferno que tinha na boca.

— Estás bem, Louise? — perguntou Bex. Abriu uma garrafa de água mineral e passou-me ao ver a minha cara corada. — Acho que isso foi o que o Nihal pediu.

Ollie desatou a rir-se sem conseguir evitá-lo, mas ficou calado ao ver que Liz franzia o sobrolho.

No fim, depois de beber a água toda de Bex, a dor mitigou.

— Cuidado com esse caril — avisei. — Está um pouco picante.

— Bom, Chris, e qual é a tua história? — perguntou Bex.

Ele pousou os talheres. Percebi que comia como um pássaro, escolhendo os pratos de legumes e complementando-os com o arroz *pilau*.

— O que queres saber?

— De onde és? — perguntou Bex. Parecia que ela era a única que não se deixava amedrontar pelo seu olhar de aborrecimento.

— De Londres.

— Quantos anos tens?

— Trinta e quatro.

— Em que trabalhas?

— Sou consultor de Tecnologia da Informação.

Meu Deus, aquilo era muito doloroso. No entanto, não parecia que Bex tivesse intenção de esquecer o assunto.

— E porque vieste nesta viagem?

Com aquela pergunta, Chris ergueu-se ligeiramente, partiu um pedaço de pão *naan* e começou a mastigá-lo com lentidão antes de responder. Bex observou-o com os olhos semicerrados, esperando pela resposta.

— Eu... eu... A minha namorada e eu acabámos no Natal e queria fugir — disse, hesitando, e as suas faces angulosas e pálidas coraram.

— Ena, o que estavam a dizer sobre receber presentes maus não é nada comparado com isso. Ser abandonado no Natal deve ser horrível — declarou Ollie. Chris assentiu rapidamente e continuou a comer. — Ainda que, também, ser abandonado no aniversário deva ser bastante doloroso — acrescentou Ollie.

— Ou durante o inverno, porque ninguém quer sair, por estar tanto frio — raciocinou Bex.

— Sim, mas no verão também é uma chatice, porque estão todos em festivais ou de férias com o namorado — acrescentou Flic.

Ele riu-se.

— Em resumo, é um horror ser abandonado em qualquer momento — concluiu.

— Bom, Nihal, e tu? Estás com alguém? — perguntou Liz. Quase me engasguei com um pedaço de *chapati* enquanto ela continuava: — De certeza que é difícil encontrar alguém aqui, embora haja tanta gente e suponho que não tenhas oportunidade de iniciar conversas com frequência.

— Não, eu... — murmurou Nihal, mas ficou calado e o queixo começou a tremer.

— É demasiado mulherengo para se preocupar com isso — indicou Ollie, para o ajudar, e deu-lhe uma palmadinha no ombro, poupando-lhe as explicações.

Nihal baixou a cabeça e bateu as palmas.

— Sim, sim. Sim, uma coisa dessas. Bom, se já acabaram de comer, temos de continuar a visita — declarou, depois de pigarrear.

Achei que a decisão de acabar a refeição se devia à conversa embaraçosa que estávamos a ter, mas, quando segui o seu olhar, vi Ameera, que se aproximava com o seu grupo.

Ouvi que dizia:

— Bom, pessoal, mudança de planos. O restaurante em que íamos comer está muito sujo. Vamos a

outro lugar que é muito melhor.

Virou o seu lindo nariz no ar e passou à nossa frente. Alguns dos membros do seu grupo, com as suas *t-shirts* a condizer dos corações partidos, sorriram com um ar de desculpa.

— Isto não está sujo, pois não? — perguntou Liz, que já tinha um frasquinho de gel antibacteriano na mão.

— Não, está perfeitamente limpo. Havia muitos aldeãos aqui e diz-se sempre que, se queremos comer a melhor comida de um lugar, temos de ir onde estão os aldeãos — declarei, com um sorriso. Esperava que Nihal tivesse verificado se o lugar era aceitável antes de nos levar ali. Bom, havia algumas moscas e o empregado era gordo e não tinha aspeto de estar muito saudável, mas de certeza que não havia nada de mal.

Só para me irritar, o meu estômago ferveu sonoramente.

Oh, não!

Capítulo 17

Doente (adj.): Que padece de uma alteração mais ou menos grave de saúde.

O resto da tarde foi um desastre. Depois de sairmos do Taj Mahal, abrindo caminho entre vendedores desesperados por levar o nosso grupo à joalheria do primo, do irmão ou do amigo por um «bom preço, bom preço», chegámos ao Forte Vermelho. Na verdade, era uma cidade murada imponente que devia o seu nome à cor do arenito com que fora construída. As formas da edificação recortavam-se contra o céu azul brilhante.

Eu não poderia dizer mais nada sobre aquele edifício impressionante, porque tive de ir a correr para a casa de banho pública mais próxima. Tratava-se de um buraco malcheiroso no chão, com enxames de moscas e mosquitos, onde tive de me pôr de cócoras e tentar manter o equilíbrio enquanto suava.

Finalmente, saí de lá, esfregando as sandálias de viagem resistentes e feias no chão para tentar livrar-me do que os outros visitantes das casas de banho tinham deixado e que eu pisara acidentalmente. Agarrando-me ao estômago e coxeando, encontrei um lugar à sombra, por baixo de uma árvore próxima, para me sentar. Todos tinham entrado na fortaleza, portanto, tive tempo para descansar e tentar hidratar-me antes de acabarem. Deixei-me cair no banco de pedra e bebi lentamente uma garrafa de água mineral, amaldiçoando Nihal por deixar o seu caril ao meu lado e pelo olhar petulante de Ameera, que impulsionara o meu estômago a experimentar uma lembrança que ninguém queria: A barriga de Deli.

Tentei ignorar os dois indianos muito magros e bem vestidos que queriam mostrar-me tapetes e um grupo de crianças que se aproximou de mim com as mãos estendidas, pedindo dinheiro. No entanto, como só tinha notas escondidas na minha carteira de viagem e estava demasiado dobrada para aceder a elas, fiz-lhes um gesto para que se afastassem. A testa encheu-se de gotas de suor. Esperava que a visita guiada de Nihal não durasse muito, ainda que, ao pensar na longa viagem de regresso ao hotel, tivesse vontade de voltar para a sanita pestilenta para vomitar. Uns dez minutos mais tarde, ouvi passos que se dirigiam para mim. Estava quase desmaiada. Olhei para cima pateticamente e vi Nihal, que se dirigia para mim. Estava pálido e retorcia as mãos com preocupação.

— Temos de ir — declarou, rapidamente.

Fiquei atónita. Deixara-os sozinhos durante menos de trinta minutos e acontecera mais qualquer coisa com o grupo de Ameera e com Nihal. Estava prestes a perguntar o quê, mas não foi necessário usar a pouca energia que me restava, porque as caras cinzentas do resto do grupo me deram a resposta. Todos vinham a cambalear lentamente atrás de Nihal. Parecia que estavam tão mal como eu.

— Oh, não! Não fui só eu, pois não? — perguntei.

Bex tinha um ar de dor, Ollie agarrava o estômago e tanto Liz como Flic respiravam lenta e profundamente. Pareciam *zombies*. Bom, todos, exceto Chris.

— Acho que foi a comida. Essa guia do outro grupo disse que o restaurante estava sujo — declarou Bex e o seu estômago fez um barulho para lhe dar razão.

— Todos ficámos maldispostos — declarou Liz. Tinha madeixas de cabelo coladas à testa húmida.

— Não, todos não — corrigiu Chris. Não soube se a sua atitude era compreensiva ou se estava a divertir-se ao ver os outros a retorcer-se de dor. — Bem vos disse para não comerem carne e lácteos aqui.

Podia ter-lhe dado um murro, mas não tinha energia suficiente.

— Ah, claro! Bom, também não me sinto muito bem — afirmei.

Nihal, no entanto, estava lindamente. Certamente, o seu corpo estava mais habituado às intoxicações alimentares. Tinha um ar de tristeza e de vergonha.

— Tínhamos de ir visitar um mercado, mas... — começou a dizer e olhou para as caras do grupo. — Podemos voltar mais cedo para o hotel.

Todos assentiram com veemência, para além de Chris, que se comportou como se se sentisse incomodado, ainda que, na verdade, achasse que passear por um mercado cheio de gente com aquele calor não fosse uma das suas atividades preferidas. O autocarro apareceu pouco depois, com garrafas de água mineral frescas e muitos lenços de papel. Todos respirámos fundo e entrámos no veículo para voltar para Nova Deli.

Com cada buraco ou lombada que o autocarro encontrava no caminho, ouviam-se gemidos de dor do resto dos passageiros. Tentei dormir, mas não conseguia controlar a urgência de ir à casa de banho. O autocarro teve de parar de vinte em vinte minutos para algum de nós se esconder entre os arbustos da berma. A viagem se regresso pareceu-me eterna e, para o rematar, Chris não parou de abrir saquinhos de nozes e outros frutos secos que trouxera consigo. O cheiro a comida, por muito neutro que fosse, incomodava-me ainda mais o estômago.

Quando chegámos ao hotel, todos foram rapidamente para o seu quarto. Rashid viu-nos passar com horror.

Depois de várias viagens à casa de banho do meu quarto, fiquei convencida de que já não tinha nada no organismo. Felizmente, Nihal deixara-nos bananas e mais garrafas de água junto da porta dos nossos quartos, para além de uns pacotes de reidratação. Oxalá conseguisse engolir o suficiente para fazer efeito.

Deitei-me na cama e, instintivamente, adotei uma posição fetal. Tive a necessidade imperiosa de ligar a Ben. Precisava de ouvir o seu tom tranquilizador. Precisava que me dissesse que ia ficar bem, que aquilo era apenas um rito indiano de iniciação. Precisava do consolo de alguém que me conhecesse. Também queria saber como estavam a correr as coisas no escritório e se encontrara algum substituto adequado. E precisava de esquecer todas as vezes que fora a correr para a casa de banho e me deixara cair nos ladrilhos frescos e duros.

Mas, por muito que tentasse com os movimentos limitados que podia fazer, não consegui ligar-me ao *wi-fi* do meu quarto e nem sequer podia ir a gatinhar até à receção para conseguir um bom sinal. Deixei-me cair na almofada, sentindo-me tão murcha e repugnante como uma folha de alface num churrasco de verão. Fiquei assim, a agarrar o estômago com os olhos fechados, até outro vômito forte me obrigar a abandonar a minha posição confortável.

Mas... porque raios pensara que tinha de fazer aquela viagem?

Capítulo 18

Verde de inveja (adj. e s. f.): Ciumento, invejoso, desconfiado.

Tínhamos o dia para descansar e recuperar, porque todos, exceto Chris, ainda sentiam um certo mal-estar. Passei o tempo todo com o ar condicionado ligado, na cama, a comer torradas secas e a beber água mineral, a preocupar-me com o facto de o *tour* estar a correr tão mal e a pensar que tudo tinha de melhorar depressa.

Ainda não conseguia sair do quarto e não conseguia ligar-me ao *wi-fi*, mas, como precisava de ouvir a voz de Ben, ignorei o preço e liguei para o telefone do escritório.

— Sim? — atendeu uma mulher, distraidamente, ao quarto toque.

— Olá, Kel! — cumprimentei, afetosamente, por muito que lhe tivéssemos pedido que atendesse dizendo: «Olá, ligou para O Clube de Viagens para Corações Solitários, fala a Kelli, em que posso ajudar?»

Houve uma pausa do outro lado da linha.

— Com quem estou a falar? — perguntou a mulher, com um sotaque beto e um tom sarcástico.

Claramente, não era Kelli. De repente, pensei que me tinha enganado no número. Talvez a intoxicação me tivesse feito delirar.

— Oh, desculpe, é de O Clube de Viagens para Corações Solitários? — perguntei.

— Sim — confirmou, como se se aborrecesse com o mero facto de falar comigo.

— Com quem estou a falar, por favor?

— Diz-lhe respeito? — inquiriu ela e bocejou.

— Na verdade, sim. Sou a coproprietária da empresa, a Georgia Green. Quem é? — perguntei, cerrando os dentes.

Houve uma longa pausa e aquela mulher mal-educada trocou o seu tom indelicado por um mais suave.

— Oh, lamento muito, menina Green. Acho que houve alguns problemas com a linha — desculpou-se, mentindo descaradamente. — Chamo-me Serena DeVere. Como posso ajudá-la?

— Eh... O Ben está?

Quem raios era Serena DeVere e porque atendia o meu telefone da agência?

— Ben! — exclamou, como se acabasse de ter um orgasmo com ele. — Vem já, menina Green. Posso ajudá-la de alguma outra forma?

— Não, obrigada. Só queria falar com o Ben — disse, secamente.

— Ah, muito bem. Então, tenha um bom dia — despediu-se. Ouvi como passava o auscultador a Ben. Ele riu-se suavemente e ela deixou escapar um risinho de criança.

— Olá, Georgia! Como estás? — perguntou e eu percebi o sorriso na sua voz. No entanto, não soube se sorria porque estava a falar comigo ou porque tinha aquela humanoide tão sensual ao lado.

Mordi a língua e esbocei um falso sorriso.

— Oh, muito bem, muito bem. Só ligava para saber como está tudo...

Ben desatou a rir-se e interrompeu-me.

— O que tem tanta graça? — perguntei, num tom leve, como se me interessasse pela brincadeira.

— Oh, nada! Só uma coisa que a Serena disse — respondeu ele.

— Ah, sim... E quem raios é a Serena?

— Desculpa! A Serena é a substituta temporária.

Como? Mas só passara um dia!

— Ah, ena... Que rapidez — murmurei, tentando disfarçar como me sentia magoada. O que era uma tolice da minha parte, porque tinha sido eu a dizer-lhe para contratar alguém. Serena DeVere. Com aquele nome e pelo seu tom de voz, que poderia derreter a manteiga, imaginei uma mulher muito sensual e senti um nó no estômago. Já a odiava.

«Vai casar-se com ele e terão filhos e tudo isso antes de conseguires tirar o rabo de Nova Deli», disse-me uma vozinha que ecoou na minha mente.

— Sim, eu sei. É muito estranho. Entrou na agência com o seu currículo poucos segundos depois de eu desligar a chamada. Foi o destino, ou algo parecido, porque me salvou de ter de fazer a seleção ou de ir a uma agência de trabalho temporário — explicou ele e voltou a rir-se. — Encaixou muito bem e deu-nos muitas ideias novas e muito boas. Vais adorá-la.

Tive vontade de ir a correr para a casa de banho para vomitar outra vez.

— Magnífico — murmurei.

«Georgia, não sejas ciumenta.»

Talvez fosse muito feia e só tivesse uma voz sensual e um nome que parecia exótico. Talvez os seus pais se tivessem compadecido dela quando nascera, porque assustara todas as enfermeiras, portanto, tinham-lhe dado qualquer coisa para conseguir sobreviver neste mundo cruel, pensei. Se as coisas estivessem melhor entre mim e Ben quando me fora embora, certamente, não estaria tão paranoica naquele momento nem pensaria que a menina Novas Ideias chegara para estragar tudo. «O que foi? Vai estragar o facto de realmente lhe dizeres como o amas?» Imaginei-o com a mão na anca, a olhar para mim com descaramento, e imaginei também Shelley, a olhar para mim com uma expressão de «Eu bem te disse» e uma careta, mexendo o dedo indicador à frente da minha cara por não admitir que gostava de Ben. Oh... Talvez pudesse mandar Shelley para espiar na agência por mim?

— Georgia? — chamou-me Ben. — Ouviste o que estava a dizer?

— Ah, sim, sim. É muito boa ideia.

Houve uma pausa.

— Achas mesmo uma boa ideia? Ena, não sabia se ficarias de acordo tão rapidamente, sobretudo, porque não a conheces, mas acho que será bom para nós se ficar, sobretudo, agora que a empresa vai ter muito mais trabalho.

Um momento... do que estava a falar?

— Hum... — murmurei, somente porque tinha vergonha de reconhecer que não ouvira o que dissera antes. Fosse o que fosse, parecia que estava muito entusiasmado com a ideia.

— Fenomenal, vou enviar-te o contrato o mais depressa possível.

Contrato? Que contrato? Para quê?

— Ah, sim. É preciso estar aí para o assinar? — perguntei, com a esperança de que a resposta me esclarecesse as coisas.

— Não, não. Tu já tens problemas suficientes com a viagem à Índia. A Serena tem muitas ideias e muito boas sobre como tirar o maior partido possível do mercado asiático. Agora, só estamos na superfície, mas suponho que, quando começar a trabalhar a tempo inteiro, possamos fazer muito mais — declarou. Estava muito animado. Há muito tempo que não o ouvia a falar assim.

— A tempo inteiro? — perguntei.

Tínhamos os lucros exatos para pagar o nosso salário e, além disso, ambos tínhamos aceitado reduções drásticas para a empresa sobreviver ao primeiro ano. Duvidava que pudéssemos dar-nos ao luxo de contratar mais alguém. Ela acabara de começar e, além disso, seria apenas uma substituta temporária, até eu voltar. Porque raios é que Ben queria que ficasse? «Porque gosta dela, porque precisa de um motivo para a ver todos os dias», disse-me o lado maligno do meu inconsciente.

— Sim — confirmou, como se estivesse a falar com uma menina de três anos. — Sabes, o contrato que te disse que ia preparar.

— Bom, talvez devamos esperar até eu chegar, para poder conhecê-la e...

— Não, não. Já te disse que tens mais do que suficiente com a viagem à Índia e falámos várias vezes sobre confiar um no outro. *Fifty-fifty*, não te lembras? Não te preocupes com isso, Georgia. Tenho tudo sob controlo. Concentra-te em resolver os problemas do *tour* — declarou, com firmeza.

— Oh... está bem — acedi. Tinha de lhe demonstrar que confiava nas suas decisões empresariais, mesmo que o meu coração e a minha mente não pensassem o mesmo.

— Bom e como estão a correr as coisas por aí?

Pensei na noite que passara, sentada na sanita, e em como mostrara os seios no restaurante indiano.

— Muito bem, muito bem.

— Ah, ótimo! Espero que estejas a divertir-te. Mereces. Conseguiste descobrir alguma coisa sobre essa crítica tão terrível?

— Sim, era falsa.

— Falsa? E como sabes?

— Foi escrita pela ex-namorada do Nihal, para se vingar por causa do fim da relação. Portanto, o guia do nosso *tour* também tem o coração partido. Bom, tinha. Acho que, agora, está mais irritado do que outra coisa.

— Claro — disse Ben, lentamente, como se tentasse entender o que lhe dizia. Ouvi um risinho ao fundo e soube que não era Kelli. — É uma boa notícia, não é? Não que a namorada o tenha deixado, claro, mas que crítica fosse um punhado de mentiras.

— Sim — confirmei e esfreguei a cara, tentando concentrar-me naquela conversa de trabalho. — Só que continuo a sentir-me nervosa com o que esta mulher possa continuar a fazer para se vingar do que quer que seja que ele fez.

O som dos risinhos aumentou.

— Bom, Georgia, tenho de desligar. Estamos a reorganizar a zona dos folhetos — desculpou-se. «Sim, claro, de certeza que foi ideia da Serena», pensei. — E a agência está um pouco desarrumada, portanto, tenho de acabar antes de nos irmos embora.

— Ah, está bem — disse, em voz baixa.

— Parece que tu também tens tudo sob controlo aí. Cuida-te, falamos depois — despediu-se e

desligou antes de conseguir perguntar-lhe porque dissera «irmos» e não «ir».

Assim que o meu quarto ficou em silêncio, a cabeça encheu-se com a imagem de uma loira deslumbrante e esbelta que rodeava Ben com um braço bronzeado, que deitava a cabeça para trás e que se ria de tudo o que ele dizia, tocando nos seus músculos, deixando a mão sempre um bocadinho mais até, de repente, os seus olhos se encontrarem e, num abrir e fechar de olhos, ele a ter deitada em cima da minha secretária.

Fui a correr para a casa de banho, com a sensação de que estava prestes a vomitar.

Limpei a boca com a toalha branca e suave e evitei olhar para a minha imagem horrenda no espelho. Então, transformei-me numa mulher com uma missão e fiz o que qualquer mulher ciumenta faria: A Operação Perseguição Cibernética. Finalmente, consegui ligar-me ao *wi-fi*, deitando metade do corpo pela janela do meu quarto, e entrei no Google. No entanto, a única Serena De Vere que encontrei foi uma surfista australiana que morrera há sete anos. Entrei no Facebook e procurei-a, mas não havia ninguém com esse nome, e o mesmo acontecia no Instagram e no Twitter. «Quem vive neste século sem estar ligado às redes sociais?», interroguei-me, antes de pousar a mão por acidente no cocó peganhento de um pássaro no parapeito da janela.

Fui à casa de banho para me limpar, pensando que tinha de parar de ser tão neurótica. Só esperava que, se o repetisse o suficiente, talvez acabasse por acreditar.

Capítulo 19

Intratável (adj.): Que tem ou demonstra pouca inclinação para as relações sociais. Associal.

A primeira coisa que me atingiu foi os cheiros. Um cheiro corporal de vários dias vindo das plataformas da estação cheias de pessoas e que se misturava com os cheiros do alho, dos excrementos de vaca e do incenso. Tentei não respirar pela boca para evitar o pior. E não eram apenas os cheiros rançosos que me incomodavam o estômago, ainda delicado. Estávamos tão apertados que parecia a hora de ponta no metro de Londres, corpos colados a outros corpos, braços escorregadios por causa do suor e olhos a observar qualquer lugar, menos os olhos dos outros. Bem-vindo à estação de comboio de Nova Deli. Tentei sorrir tranquilizadamente para o resto do grupo, que estava atrás de mim. Chris tinha os dentes cerrados e um ar carrancudo, Bex estava a abanar a cara avermelhada e Ollie folheava o seu guia como se a resposta para aquele momento horrível se encontrasse naquelas páginas. Estávamos à espera do próximo comboio para Bombaim. A viagem durava quinze horas e íamos percorrer campos de arroz e paisagens rochosas, desfrutando do panorama do conforto dos nossos compartimentos privados de beliches.

Enquanto observava a multidão de pessoas que gritava ao redor das janelas minúsculas das bilheteiras, sentia um agradecimento enorme pelo facto de Nihal ter tomado as rédeas. Passavam famílias que levavam o que pareciam os seus lares inteiros em sacos de plástico por baixo dos braços e por cima das cabeças. Esperava ver as pessoas como sardinhas em lata no tejadilho dos comboios e a espreitar pelas janelas dos vagões cheios de gente, mas, pelo contrário, o único lugar cheio era o vestíbulo da estação, que estava cheio de gente, malas e animais e pássaros em grandes gaiolas. As crianças saltavam à nossa volta, serpenteando entre a multidão estática e passando por baixo das pernas dos estranhos enquanto os pais abriam caminho às cotoveladas pela plataforma. As mensagens que se emitiam através de grandes altifalantes pareciam apagadas e incoerentes por cima do zumbido e do barulho dos passageiros que esperavam.

— Por aqui! — exclamou Nihal, gritando e mostrando-nos um maço de bilhetes, sem perder de vista três homens muito gordos que resmungavam por ter passado à frente.

— Graças a Deus... ou deveria dizer a Alá? — murmurou Chris, enquanto passava por cima de uma caixa de mangas maduras que uma idosa desdentada estava a vender. O cheiro de uma fruta pisada chegou-me ao nariz. A idosa estendeu a mão para pedir umas moedas a Chris pela peça que pisara, mas ele corou de nojo e medo e ignorou-a.

Nem sequer pude procurar alguns trocos para ela, porque Nihal era tão rápido como as crianças na hora de encontrar espaços entre as pessoas, baixando-se e esquivando-se como um pugilista no ringue, metendo-se em frestas e abrindo-as para que nós pudéssemos passar atrás dele.

— Por aqui, pessoal! Depressa, não temos muito tempo!

Sentia-se o pânico no seu tom de voz e, ao ver a longitude do comboio junto do qual tínhamos de passar para encontrar os nossos compartimentos, começámos a correr, apesar do calor asfíxiante, com as mochilas a ricocheteiar às nossas costas e o suor a escorrer pelas nossas clavículas.

Homens de meia-idade, com fatos e com malas, atravessavam as vias vazias para se mexer entre as plataformas e outros entravam nos comboios em movimento. O ambiente era agressivo e muito intimidante, como se houvesse regras não escritas e limites invisíveis que não podiam cruzar-se. Vi dois tipos colados a uma parede limpa, embora estivessem pendurados nos puxadores de um comboio de mercearias, onde havia cerca de treze pessoas apertadas no espaço de uma cabina telefónica. Aquilo era uma maneira horrível de começar um dia de trabalho.

Havia rapazes adolescentes que espreitavam pelas janelas, inclinando-se para baixo e chamando os outros passageiros em dialetos que eu não entendia. Seguiam-nos com os olhos pela plataforma. Alguns olhavam para nós com dureza e, outros, com ar de alegria, ao ver-nos a correr com aquele calor.

— Falta muito? — perguntou Bex, com um suspiro. Os seus seios volumosos agitavam-se para cima e para baixo ao correr.

— Já cá estamos! Vamos, depressa!

Nihal abriu uma porta e olhou para a plataforma para se certificar de que todos entrávamos antes de o revisor tocar o apito. Agrupámo-nos no corredor do vagão um instante antes de o comboio começar a andar e sair da estação.

Com destino a Bombaim!

O grupo ia a conversar com emoção sobre a viagem. Encontrámos os nossos beliches e, finalmente, pudemos tirar as mochilas. O vagão tinha um corredor central estreito e, de ambos os lados, estavam os beliches duplos de metal. Os bancos estavam abatidos de maneira a formar uma espécie de cama. As pessoas tinham de se baixar para evitar os pés de desconhecidos, que pendiam do beliche superior. Os homens, as mulheres, os adolescentes e as crianças tinham o seu próprio espaço. Em alguns casos, esse espaço era partilhado por casais ou por famílias inteiras, o que aumentava o calor, mas também a animação do ambiente. As janelas não tinham vidros, mas barras transversais de ferro azul que, juntamente com os ventiladores ruidosos do teto do vagão, proporcionavam uma brisa quente e inútil.

— Bom, não é exatamente um vagão de luxo, mas é o melhor lugar para experimentar o que é uma viagem num comboio indiano. Sabiam que a rede ferroviária da Índia é a terceira mais longa do mundo? — perguntou Nihal, com orgulho. Depois, murmurou qualquer coisa, porque um homem gordo de cabelo preto tentou passar entre nós aos empurrões. — Está muito cheio, portanto, por favor, prendam as mochilas aos cadeados que há por baixo dos bancos. E não deixem cair comida ao chão ou os ratos virão visitar-vos rapidamente.

— Ratos? — perguntou Liz. Tremeu e levantou os pés para o banco, olhando para o chão.

— Sim, mas, na verdade, são muitos engraçados — comentou Nihal. — Fiquem à vontade, porque temos uma viagem muito longa pela frente, e desfrutem!

Tentei tirar da cabeça que talvez tivesse de partilhar a cama com o *chef* roedor do *Ratatouille* e olhei para os outros viajantes que iam fazer a viagem connosco. Sorri ao ver um casal indiano jovem num beliche, um pouco mais à frente. A mulher estava sentada com as pernas esticadas e ele estava deitado com a cabeça no seu colo e os olhos fechados, perdido num sono relaxado e feliz.

Acariciava-lhe suavemente o cabelo preto e espesso e lia um livro que segurava com a outra mão. Durante os primeiros dias, depois de saber que Ben ia trabalhar comigo na Viagens para Corações Solitários, sonhava com viajar por países exóticos, entrelaçados, a partilhar aqueles momentos lindos, tal como eles. Não sabia que, embora trabalhássemos numa agência de viagens e falássemos de viagens todo o dia e todos os dias, seríamos nós que ficaríamos firmemente ancorados num lugar, literal e figurativamente. A mulher surpreendeu-me a observá-la e lançou-me um olhar estranho. Corei e desviei o olhar.

Só podia olhar pela janela ou olhar para as solas do homem idoso que estava deitado no beliche à frente do meu. Estavam cinzentas devido à quantidade de pó seco colado às sandálias de borracha. A visão das suas unhas retorcidas e descascadas deu-me a volta ao estômago. Concentrei-me nas vias. A pouca distância, havia um grupo de seis crianças que brincava na parte de terra seca que havia entre umas casas de tijolo ruínas. Gritaram e riram-se quando o mais alto de todos fêz um pontapé novamente e teve de passar por cima de montes de lixo para recuperar a bola. Abanou a mão para nos cumprimentar ao ver o comboio a passar.

Na verdade, era melhor do que as vistas que há dos comboios em Inglaterra. Ali, as pessoas podiam fazer a viagem a ver o mundo exterior a passar e, a cada poucos minutos, havia algo novo. Adolescentes a brincar, famílias sentadas em muros de tijolo que esperavam para poderem atravessar para o outro lado das vias, rebanhos de cabras e vacas brancas e sujas, com as costelas visíveis e os flancos ossudos, vagueando sem rumo com a única preocupação de comer algumas ervas daninhas secas que encontravam pelo caminho.

— Está tudo bem, Louise? — perguntou amavelmente Ollie.

Voltei para o vagão ruidoso. Desde que tínhamos chegado à Índia, o nariz enchera-se-lhe de sardas e os olhos verdes brilhavam ainda mais.

— Sim, muito bem. E tu? Como estás?

Ele sorriu ainda mais.

— Melhor do que há alguns dias, graças a Deus. Há séculos que não me sentia tão mal.

— Ah, suponho que seja um rito de iniciação — comentei, com um sorriso.

Ollie tinha algo que me fazia feliz. Não sabia se era a sua personalidade tranquila, o seu sorriso sincero ou o facto de parecer realmente interessado em saber como me sentia. Sabia que não perguntara só para conversar. Ouvi-o a contar uma história sobre um dos amigos, alguém chamado Sam, o Duro, que uma vez quisera impressionar uma rapariga num *pub* do seu bairro fazendo levantamento de pesos com os bancos do bar. Infelizmente, tudo acabara numa viagem às urgências.

Mal ouvia enquanto ele falava com facilidade e segurança e pensava em Ben. Finalmente, tinha de admitir que nunca íamos funcionar como casal. Se ainda não acontecera, certamente, nunca aconteceria. Parecia que estava desesperado por me mandar embora de viagem para fazermos uma pausa um do outro. Senti um nó no estômago ao recordar a pontada de dor que aquelas palavras me tinham causado. Além disso, aproveitara a primeira oportunidade para contratar uma substituta bonita, quase um instante depois de eu me ir embora, e isso dizia muito do que sentia por mim: Éramos colegas de trabalho e mais nada. Tinha de esquecer a faísca que achava que surgiria entre nós quando estávamos na Tailândia no ano anterior e deixá-la passar como um breve romance de férias, se é que podia chamar-se assim. Nem sequer nos tínhamos beijado.

Olhei com carinho para Ollie, que se ria da sua própria história. Era muito bonito e passara tanto tempo desde que tivera relações sexuais... Marie dissera uma vez que, se não fosse usada, ficava

selada. Não sabia se era uma brincadeira ou não. Ollie era uma pessoa encantadora e alegre que queria sempre fazer as pessoas sorrir. Era adorável. Ben podia ficar com Serena e eu teria Ollie. Simples.

— Estás bem, Louise? — perguntou Ollie e interrompeu os meus pensamentos. — Tens uma cara muito estranha. É porque os meus pés cheiram mal? Às vezes, tenho pé de atleta e, com este calor, pode aflorar — explicou, timidamente, e inclinou-se para tentar cheirar os ténis velhos.

E, assim, tão facilmente, a magia desapareceu. Não podia enganar o meu coração para o obrigar a gostar de alguém e muito menos se tivesse fungos nos pés, por muito bonito que fosse.

Desatou a rir-se.

— Não, lamento muito. Estava a milhares de quilómetros daqui.

Ollie assentiu e tirou um livro desgastado que começou a ler. Antes, cheirou os pés pela última vez.

— *Chai, chai, garam chai.*

Ia a dormir graças ao ar húmido e ao movimento de balanço do comboio, mas acordei, assustada, quando alguém começou a gritar ao fundo do nosso vagão. Virei-me no beliche e, de mau humor, olhei para um homem alto e magro que vendia chá, o *chaiwallah*, que se detivera aos meus pés e tinha a palma da mão estendida.

— *Chai.* Quer *chai*? — perguntou.

Fiz um gesto negativo. Nihal avisara-nos sobre os serviços dos comboios e eu estava a tentar ver quanto tempo conseguia passar sem descobrir se estavam muito sujos.

— São apenas três rupias — insistiu o homem.

— Não, obrigada — respondi, com amabilidade.

Ele murmurou qualquer coisa em hindi e seguiu o seu caminho.

— Não gosta do chá *chai*? — perguntou um homem elegantemente vestido, com uns óculos de meia-lua e uma barba grisalha que estava sentado à minha frente.

— Sim, sim. É muito bom. Mas, neste momento, não me apetece.

— Bom, ele vai fazer rondas durante toda a viagem — informou. — De onde é?

— De Manchester, em Inglaterra — respondi.

— E o que faz? Está a estudar? É muito bom estudar e aprender coisas novas.

— Não, não estudo. Eu... — Estava prestes a dizer que tinha uma empresa quando, por sorte, recordei a minha personagem. — Sou cabeleireira.

Compreendia que as pessoas sentissem curiosidade pelos estrangeiros. Também compreendi, rapidamente, que uma longa viagem de comboio, sem possibilidade de escapatória, era o momento perfeito para começarem a conversar connosco. O que não me ocorrera era que «conversar» podia significar que um indiano curioso com um tique estranho me faria tantas perguntas a que dificilmente podia responder. Depois de dizer pela terceira vez «Não, não tenho marido» e «O meu pai está reformado», estava a cansar-me de fomentar as relações internacionais.

— Se não se importar, queria dormir um pouco — desculpei-me.

O homem da barba assentiu e continuou a olhar para mim fixamente, para ver se dissera a verdade. Sorri fracamente, virei-me para um lado e fechei os olhos, enquanto ele continuava a murmurar que não estava bem que fosse solteira com a minha idade.

Naquele momento, invadiu-me um sentimento de nostalgia. Era como se a Índia me tivesse consumido. Estava farta de me sentir tão peganhenta e suada, de tentar manter a aparência de que era tudo positivo e de me certificar de que os outros estavam a divertir-se. Estava farta de ser observada e de sentir constantemente que os desconhecidos me seguiam com o olhar. Tentei esquecer o barulho do vagão e isolar-me durante um momento. Estava enjoada por causa da desidratação, do calor e do suor constante. O meu próprio odor corporal repugnava-me.

Não conseguia suportar a pobreza que havia do outro lado da janela, a perseguição interminável dos vendedores e dos condutores de riquexós, o facto irritante de não conseguir obter uma resposta sólida de ninguém e os cães abandonados que vagueavam pelos montes de lixo, competindo pelos restos como as crianças sem teto. Aquele país partia-me o coração. Estava cansada, farta de comer caril, farta de usar as sanitas de cócoras e farta de passar o tempo a fazer com que a viagem estivesse bem organizada e decorresse sem contratemplos.

E não só ali, mas também em casa. Uma dor profunda invadiu-me o peito e comecei a chorar em silêncio na almofada suja. Regressara da Tailândia emocionada com a ideia da agência de viagens, decidida a ajudar os outros viajantes como eu, mas estava realmente a ajudar alguém? Afastara-me da minha família e dos meus amigos ao tentar conquistar o mundo sozinha. Não me apercebera de como Alex destruíra a minha confiança e a minha fé nos outros. Fechara o meu coração por medo. Era isso, medo de Ben conquistar o meu coração e me magoar, como Alex fizera?

Apercebi-me de que, inconscientemente, me obrigara a criar um escudo para proteger os meus sentimentos, a não confiar em ninguém e a pensar que conseguia fazer tudo sozinha. Mas não, não conseguia fazê-lo sozinha. Não conseguia fazer nada sozinha. A minha empresa estava a descolar, sim, mas em detrimento da minha vida social, das minhas relações e do meu bem-estar físico. Se continuasse a esforçar-me assim, ia acabar completamente esgotada. Fora uma loucura absoluta ir àquele país famoso pelos seus extremos e expor-me às emoções que causava aos viajantes que o visitavam.

Sequei os olhos com brusquidão e tentei não pensar na voz de Trisha e nas suas palavras. Avisaram-me de que a Índia nos tratava como um elástico, que nos esticava ao ponto de pensarmos que podíamos partir-nos, até afrouxar a força e podermos adotar a forma escolhida. Bem, naquele momento, estava prestes a partir-me.

— Olá, tudo bem? — perguntou-me alguém que me puxava a perna com um braço magro para me acordar. Mal-humoradamente, virei-me e vi um rapaz adolescente com um sorriso grande e uma bandeja de *chai* nas mãos. — *Chai*?

Resmunguei entredentes e mandei-o à merda. O rapaz inclinou a cabeça e seguiu em frente para acordar a pessoa do próximo beliche.

— É como se conseguissem cheirar o cansaço. Um bando de abutres que espera para atacar o mais fraco — comentou uma mulher, que tinha um bebé a dormir ao colo, e sorriu.

Revirei os olhos.

— É exatamente isso — concordei, com exasperação.

— Veem a cor da sua pele e acham que é uma presa fácil — redarguiu, afastando a franja da testa com a mão livre. — Bom, é assim, mas multiplicado por cem, quando chegar a Bombaim. Depressa perceberá que todos tentam ter sucesso. Mas tem de recordar que só querem ganhar a vida.

Assenti. Já me sentia como uma bruxa por ter respondido assim ao rapaz. Ele só estava a fazer o seu trabalho. Pensei que ia comprar-lhe uma garrafa inteira de chá quando voltasse a passar por ali.

— Eu sei — concordei, com um suspiro. — É difícil ser amável às vezes, sobretudo, quando temos tanto calor e mal-estar e acabaram de nos acordar. Se vendessem gelados, talvez fosse diferente — acrescentei e sorri.

A mãe inexperiente pôs o bebé com cuidado junto dela, remexeu num saco de plástico e tirou duas frutas brancas com forma de pera. Deu-me uma.

— Toma. Não é gelado, mas serve para refrescar.

Abanei a cabeça.

— Não. Muito obrigada, mas não me apetece.

— Não te preocupes, estão limpas — defendeu-se, enquanto corava de vergonha.

— Oh, não o dizia por isso — redargui e senti que as minhas faces também coravam. — É porque tem de alimentar um bebé. Posso ir ao bar mais logo e comer qualquer coisa.

Ela pôs a fruta estranha nas minhas mãos.

— Não há bar nem loja de aperitivos no comboio e, se não quiseses um *chai* quente, não conseguirás beber nenhuma outra coisa durante o resto da viagem. Gostaria que aceitasses, a sério.

Fi-lo e inclinei a cabeça.

— Obrigada — agradei e ela sorriu. — Eh... O que é?

— Um pequeno aperitivo celestial num comboio quente — replicou e riu-se. — Chama-se *jamun* branco ou maçãs do amor. São uma fruta da época, portanto, desfruta delas enquanto podes — acrescentou. Deu uma boa dentada à dela, rompendo a pele, e eu fiz o mesmo.

Era uma fruta fresca como a maçã, com o interior branco, de sabor fresco e ligeiramente doce. Exatamente o que precisava. E, num segundo, passei de querer dar um murro a alguém a sentir-me reconfortada e embargada pela generosidade daquela desconhecida, daquela mãe inexperiente amistosa, que não tinha nada, mas oferecia tudo. Algo que eu devia aprender. Sorri ao pensar novamente no que Trisha dissera. Talvez estivesse a começar a dar forma ao meu elástico, afinal de contas.

Capítulo 20

Cândido (s. m.): O estado ou a qualidade de ser sincero, aberto e franco na fala ou na expressão.

Quinze longas horas depois, o nosso comboio chegou finalmente ao seu destino e todos começaram a pegar nas suas coisas e a esticar as pernas cansadamente. Com as mochilas ao ombro, fomos saindo pacientemente do comboio, para a luz do sol.

Despedi-me do homem a quem contara a história da minha vida e da amável mãe inexperiente e saí a correr para não perder os outros. Era difícil, porque a estação também estava cheia. Uma multidão pululava sob o calor sufocante, muito caras que iam na mesma direção, levando-nos com elas.

Felizmente, o autocarro já estava à nossa espera, e o condutor, um homem gordo com um grande bigode, que tinha um palito entre os dentes, começou a pôr rapidamente as nossas mochilas no tejadilho do veículo e a prendê-las com correias.

— Será seguro? — perguntou Liz e roeu a unha do polegar.

Olhei para as correias desgastadas e fiz-me a mesma pergunta.

— Bom, se caírem, algum pobre desgraçado vai apanhar com a minha roupa interior suja — troçou Bex. Riu-se e deu uma palmada nas costas de Liz. — Não te preocupes tanto, mulher.

Liz assentiu e deu uma última olhadela ao tejadilho. Entrou no autocarro e eu segui-a. Apercebi-me de que se sentava junto de Ollie. Ambos coraram quando os seus cotovelos se encontraram no braço do banco peganhento.

Nihal fechou a porta e ficou no primeiro lugar. Depois, virou-se para nós. A camisa suja prendeu-se nas missangas da capa do assento.

— Bom, conseguimos. Vamos ao hotel deixar as coisas e tomar um duche — informou-nos e todos desatámos a aplaudir. — Sim, sinto o cheiro de metade de vocês daqui — troçou e piscou o olho. — Dentro de duas horas, encontramo-nos novamente para nos dirigirmos para a paragem seguinte do nosso *tour*. Vamos fazer outra viagem, mas, desta vez, será de barco. Não se preocupem, é um trajeto curto até à Ilha de Elefanta. Garanto-vos que vale a pena o esforço.

Depois de tomar um duche no nosso pequeno hotel, senti-me completamente limpa e fresca. A água ficou castanha por causa do pó e do suor e levou todo o meu *stress* pelo cano enferrujado. Em breve, estávamos novamente no autocarro, a dirigir-nos para a famosa Porta da Índia, circulando por faixas largas e cheias de trânsito barulhento e rápido, contra o fundo de uma metrópole vibrante de arranha-céus que refletiam os raios do sol. O som incessante das buzinas não era apenas típico de Deli. Ali, também acontecia. A humidade era sufocante, o cabelo encaracolara-se e caíam-me gotas de suor salgado pelos braços. Tinha a sensação de que o meu coração nunca parava de martelar.

Durante o caminho, Nihal explicou-nos que Bombaim é o lugar para onde os indianos ambiciosos

vão para fazer fortuna. Olhei para os arranha-céus altos e imaginei os multimilionários a brindar aos sucessos num bar de coquetéis com vista para os subúrbios de barracas aos seus pés. Em contraste com os arranha-céus elegantes, passámos por zonas de edifícios coloniais decadentes e velhos, que davam um matiz de estilo àquela cidade de loucos. A minha cabeça dava voltas ao ver as demonstrações de desigualdade por todo o lado: Crianças agachadas na rua, a defecar nos esgotos e mendigos amputados com desagradáveis chagas abertas que tinham sido abandonados, junto das pilhas de lixo.

Finalmente, chegámos à Porta da Índia, o símbolo daquela cidade caótica. Era um arco alto de basalto situado no passeio marítimo, junto do porto. Nihal guiou-nos desde o autocarro até um *ferryboat* velho e pequeno. Acho que todos estavam atordoados com o cansaço daquela viagem épica de comboio e com o mero facto de estar em Bombaim, portanto, seguimo-lo sem dizer uma palavra. Parecia que o plano de Nihal para superar o fim da relação com Ameera estava a funcionar e isso significava que podia ocupar um banco traseiro enquanto ele ocupava o lugar central com deleite e começava a explicar a história de Bombaim. Aquele era o tipo que contratara. Sentia verdadeira paixão pelo seu trabalho. Pelo menos, uma coisa correria bem graças ao facto de estar ali. Parecia que esquecera finalmente a ex-namorada.

À medida que a cidade ia ficando para trás e íamos avançando lentamente através das ondas castanhas e agitadas, rumo à misteriosa Ilha de Elefanta, apercebia-me de que Flic tinha um ar esverdeado e de que estava agarrada à beira dos bancos vermelhos em que estávamos sentados.

— Estás bem? — perguntei, em voz baixa, enquanto ela fechava os olhos.

— Já chegámos? — perguntou, com um suspiro, entre respirações profundas.

— Eh... vejo qualquer coisa ao longe. Não devemos estar muito longe — respondi, ao ver um cais comprido de pedra que emergia de uma ilha de colinas verdes. — Não gostas de andar de barco?

Flic abanou a cabeça e as suas rastas dançaram de um lado para o outro. Os nós dos dedos estavam brancos por se agarrar com tanta força ao banco. Tive vontade de me rir. Ali estava aquela viajante que, aparentemente, não tinha medo de nada, aterrorizada com uma travessia tranquila. Devíamos ir a uma velocidade equivalente a oito quilómetros por hora. No entanto, em vez de me rir, acariciei-lhe o braço peganhento e fiz com que as suas pulseiras tilintassem.

— Concentra-te noutra coisa. Porque não me falas da tua família? — sugeri, para a distrair da viagem.

Ela engoliu em seco e assentiu, mas continuou a olhar fixamente para a garrafa de água que havia aos meus pés.

— A minha mãe é psicóloga e o meu pai é cirurgião — disse, lentamente. — Eu sou a mais nova de três irmãs. As minhas irmãs, Harriet e Mimi, trabalham na cidade, na Bolsa.

— Ena! Que genes tão inteligentes que há na tua família! — exclamei, com um sorriso.

— Sim, embora os meus pais digam que as minhas irmãs os levaram todos e que eu fiquei com os restos que não queriam.

Oh...

— Tenho a certeza de que não pensam isso — tranquilizei-a, esfregando-lhe suavemente as costas.

Flic virou-se para mim, com os olhos avermelhados e cheios de lágrimas.

— Louise, tu não conheces os meus pais. Sou apenas uma grande desilusão para eles. Faça o que fizera, nunca serei tão boa como as minhas irmãs.

— De certeza que te amam da mesma forma. O que disseram desta viagem? É uma aventura, não é?

— Eles não entendem o que é uma aventura. A minha mãe pensa que estou a passar por uma fase e o meu pai nem sequer quer saber. Por muito longe que vá ou por muitos lugares impressionantes que conheça, não se apercebem de que me fui embora.

Pensei que a política britânica não era a única coisa que Flic rejeitava. Também se dececionara com a política familiar.

Estava prestes a dizer-lhe qualquer coisa para a consolar, quando passou um cargueiro muito grande junto de nós e o nosso *ferryboat* começou a balançar perigosamente. Flic agarrou-se ao estômago e espreitou pela amurada para vomitar nas águas barrentas.

Enquanto nos aproximávamos da margem, vi um homem elegantemente vestido à nossa espera no pontão, a cumprimentar o nosso barco. De repente, tive uma estranha sensação de *déjà vu*. Vira aquele tipo em algum lugar.

Capítulo 21

Aficionado (adj. s. m.): Uma pessoa que gosta de uma atividade, que tem conhecimentos sobre ela ou que cultiva fervorosamente algum interesse.

O nosso barco aproximou-se mais do pontão e o homem sorridente apareceu com toda a nitidez à frente dos meus olhos. Sorria como se estivesse prestes a receber a família no aeroporto. Recordei onde vira aquela cabeça de cabelo preto e aqueles olhos verdes: Era o homem do consulado de Manchester, Raj, Rahul ou algo do estilo. O que raios estava a fazer ali e porque cumprimentava o nosso barco? Olhei ao meu redor, procurando Nihal para lhe perguntar, mas ele estava a falar com alguns dos homens da tripulação. Pensei que devia esquecer aquelas tolices. Mesmo que fôssemos encontrar-nos com ele, era improvável que me reconhecesse. No entanto, ele sabia qual era o meu nome verdadeiro e podia estragar-me o álibi e esse pensamento fez-me suar mais do que o calor.

Contrariada, saí do barco e mantive-me atrás das costas largas de Ollie. Flic quase beijou a terra firme e Chris pegou novamente no telemóvel para tirar fotografias.

Olhei fixamente para o chão como se estivesse muito concentrada para não tropeçar. Os outros estavam a comentar como aquele lugar era maravilhoso.

Estava tão concentrada a olhar para os meus pés que não me apercebi de que quase chocava com alguém. Alguém que também não via por onde ia. Alguém que me agarrou pelos braços para evitar que caísse de costas na água. Deixei escapar um grito e agarrei-me ao braço musculado do desconhecido para me salvar da morte. Bom ou, pelo menos, de uma figura ridícula.

— Agarrei-te — disse alguém, num tom de voz grave e masculino e com um sotaque marcado de Manchester.

É claro, tinha de ser ele a salvar-me. Levantei o olhar e reparei que todos os componentes do grupo me observavam com os olhos esbugalhados. Murmurei uma desculpa e soltei-me. Sacudi-me, pensando em como os meus braços deviam estar peganhentos por causa do creme protetor e do suor. Agradável.

— Obrigada — agradei.

— Georgia?

Lembrava-se de mim.

Mostrei um ar de confusão. Os outros continuavam a olhar para mim e para aquele homem tão atraente e sorridente, que me estendeu a mão como se fôssemos velhos amigos.

— És a Georgia, não és? — perguntou, novamente. — Rahul.

— Lamento muito, acho que está a confundir-me com outra pessoa — declarei, sem lhe apertar a mão.

— Conhecemo-nos em Manchester, não te lembras? No consulado — indicou, embora com menos segurança do que antes.

Abanei a cabeça.

— Não, lamento muito, não era eu.

Rahul assentiu lentamente.

— Ah... lamento — desculpou-se, então. — Pareces-te imenso com uma mulher que conheci.

Finalmente, Nihal aproximou-se e interrompeu aquele momento tão embaraçoso.

— Apresento-vos o meu amigo Rahul — apresentou, dando uma palmada nas costas do homem petulante dos vistos, e virou-se para o resto do grupo. — Conhecemo-nos há anos e acedeu a mostrar-vos a ilha, que é o seu lugar de nascimento. Temos sorte por estar aqui de visita, porque conhece todos os cantos.

Rahul voltou a olhar para mim com estranheza. Depois, sorriu para o grupo.

— Fui viver para Inglaterra quando era adolescente, daí o meu sotaque, mas divido o meu tempo entre o trabalho e as visitas à minha família, que continua a viver aqui, e ajudo quando posso, fazendo visitas guiadas para pessoas maravilhosas como vocês, para partilhar a minha ilha. Bom, estamos todos? — perguntou Rahul, que evitou olhar para mim.

Tive medo de que o grupo achasse estranho que ele pensasse que me conhecia, mas parecia que estavam todos demasiado interessados naquele monumento indiano para se aperceber. Liz assentia como uma louca. Estava prestes a derreter-se e a formar um charco de luxúria aos seus pés. Reparei que Ollie, que estava junto de mim, se irritava.

— Muito bem, vamos começar — disse Rahul.

Seguimo-lo enquanto andava à frente de uma fila de bancas que havia nos muros do cais. Ali, vendiam-se figurinhas esculpidas em pedra e saris de cores vivas.

— Pensa-se que os templos desta ilha foram criados entre quatrocentos e cinquenta anos antes de Cristo e setecentos e cinquenta da nossa era. Não se chama Ilha de Elefanta porque viveram aqui elefantes, mas porque os portugueses descobriram uma rocha com forma de elefante perto da beira-mar, que colapsou quando estavam a tentar movê-la — explicou, enquanto andávamos.

— Não há elefantes? Isso é uma fraude — queixou-se Bex. Cruzou os braços e suspirou.

— Sim, o nome pode enganar, mas, faz-me caso, este lugar tem muito mais coisas do que uns mamíferos com tromba.

De repente, a cúpula das árvores que havia por cima de nós mexeu-se e apareceram uns macacos pequenos que se atiravam de ramo em ramo. Um deles quase tirou um olho a Ollie com a cauda.

— Esqueci-me de vos dizer que, embora não tenhamos elefantes, temos muitos macacos — acrescentou Rahul, sorrindo.

— Ah... olha para eles no seu habitat natural — indicou Flic, observando os animais peludos. As suas faces tinham recuperado a cor e questionei-me se o nosso guia bonito tivera alguma coisa a ver com isso.

— Parecem muito inocentes, mas, por favor, não lhes deem nada de comer, porque já vivem como príncipes — avisou Rahul. — E tenham cuidado, porque são os ladrões da ilha.

— Ai! — gritou Chris.

Tinha uma mão na cabeça descoberta e, com a outra, tentava alcançar um macaco que lhe roubara o chapéu. Parecia que o macaco estava a rir-se dele e desapareceu com o chapéu entre os dentes. — Eh! Preciso dele!

Rahul riu-se.

— Perdeste-o para sempre, amigo — declarou, dando-lhe uma palmada nas costas. — Não te preocupes, poderás comprar outro.

Os macacos estavam sentados nuns portões de ferro, a beber umas latas de *Coca-Cola* que tinham roubado aos turistas. Parecia que estavam a rir-se de nós porque tudo lhes parecia hilariante. Chris fulminou-os com o olhar e sacudiu o punho para eles enquanto se afastava. Passámos junto de alguns tamarindeiros e mangueiras e Chris não parou de murmurar enquanto olhava para todos os lados à procura do ladrão do seu chapéu. Finalmente, chegámos à entrada, que estava lavrada na rocha. Estávamos à frente de quatro colunas de pedra equidistantes. Parecia que estavam a segurar a ilha inteira.

— Ena, isto é lindo — disse Ollie e inalou profundamente, olhando para a montanha escavada.

Dei um passo atrás e perdi-me no que tinha à minha frente. Sentia-me embargada pelo tamanho da entrada. Rahul tinha um ar de orgulho e era um orgulho justificado. Foi um alívio entrar no interior daquele templo húmido e fresco e poder refugiar-me do sol abrasador. Dentro daquela gruta colossal, havia estátuas esculpidas na pedra que se erguiam na sala e nos observavam à medida que íamos avançando.

— São os guardas que vigiam a casa de Shiva — explicou Rahul, apontando com um assentimento.

Contou-nos a história da ilha e das obras de arte em pedra, que datavam do século V, enquanto percorríamos os túneis escavados na rocha. Entrámos noutra gruta que era muito maior do que as outras e que estava adornada com cenas da mitologia indiana, também gravadas nas paredes. Apercebi-me de que Rahul e Nihal ficavam calados e inclinavam a cabeça como demonstração de respeito.

A poucos metros de nós, rodeado apenas por uma corda vermelha, estava a maior figura esculpida das que eu já vira. Era um homem de três cabeças que emergia de um nicho gigante da parede. Tinha os olhos fechados e um sorriso vago nos lábios carnudos. A atenção ao detalhe era impressionante.

— Conseguem imaginar quantas horas demoraram a lavrar a rocha e a pedra para conseguir esses relevos — comentou Rahul, enquanto apontava para a pedra cinzenta.

— Ena, irradia serenidade. Tem os olhos fechados como se estivesse absorto na meditação ou na oração — murmurou Liz, batendo suavemente nos lábios com um dedo.

— Esperem, acho que sei onde estamos e quem é! — exclamou Flic, com emoção. Todos se viraram para ela. Bex e Ollie reviraram os olhos com resignação, como que dizendo: «Claro que ela tem de saber.» — É Shiva, um deus dos hindus.

A Rahul iluminou-se-lhe a cara.

— Ah, sabes.

— É o santo padroeiro do ioga. Inclinamo-nos sempre à frente dele no princípio das aulas. Juro que funciona, porque faço perfeitamente a posição do cão de barriga para baixo.

— Hum... Bom, parece-me que não entendes realmente o poder de Shiva — disse Rahul. Pigarreou e inclinou-se para nós como se fosse revelar um grande segredo. Eu já não tinha medo de que dissesse aos outros quem era. Pelo contrário, estava contente por ele ser tão apaixonado e saber tanto. Além disso, cheirava terrivelmente bem. — Shiva é uma entidade ilimitada e transcendente, mas também é alguém que devemos rezear — explicou. Aproximou-se da corda vermelha e estendeu um braço para cima. — Olhem. Veem o terceiro olho que tem no meio da testa? — perguntou. Todos assentimos. — Serve para demonstrar que está sempre a vigiar. Além disso, devem ter visto que o

seu cabelo não é como o nosso; é o rio sagrado, o Ganges, que flui do seu couro cabeludo.

— De certeza que é muito difícil mantê-lo limpo — troçou Bex e desatou a rir-se, mas ficou muda quando Rahul lhe lançou um olhar.

— Em redor do pescoço tem a serpente Vasuki, para demonstrar que está acima do poder da morte e do veneno. Alguns pensam que é o deus dos iogues devido ao controlo que exerce sobre si próprio e, com frequência, é representado em alguma posição de ioga — disse e olhou para Flic, que tinha uma careta nos lábios porque a contrariara anteriormente. — Mas é mais do que tudo isso: Shiva é o destruidor do mundo.

Liz deixou escapar um suspiro.

— O quê? Então, rezam a um tipo com um rio no cabelo para destruir o mundo? — perguntou Ollie, perturbado.

— Não — contradisse Rahul, suavemente. — Entendestes mal. Shiva é visto como o destruidor do mundo porque tem o poder da mudança, de nos permitir libertar-nos de velhos hábitos e compromissos que já não nos servem — explicou, olhando para todos. — Também é uma divindade que ouve os assuntos do coração com atenção. Sabem, relações antigas e tóxicas que é necessário superar antes de seguir em frente.

— Então, foi por isso que nos trouxeram aqui? Para que possamos libertar-nos da energia negativa das nossas relações fracassadas? — perguntou Bex, lentamente.

Rahul assentiu.

— Exato. Destruam esses laços e sigam em frente — declarou e pigarreou. — Tudo o que tem um começo também tem um fim. Isso não é algo que devemos recear, mas, algo de que devemos desfrutar. Temos uma vida curta, portanto, temos de aproveitar cada segundo. Não esbanjem esse tempo precioso, nem essa energia, a sofrer com o passado.

Ena. Era muito bom. Percebi que, durante aquele discurso apaixonado, Nihal se afastara, ignorando o que Rahul dizia.

Rahul viu-o a observar.

— Não se preocupem. Para alguns, é difícil ouvir estas verdades. Mas chegarão — declarou. Depois, voltou a pigarrear e olhou para mim diretamente. — No entanto, isto não afeta apenas as relações. Também pode aplicar-se às situações de trabalho. Por exemplo, alguém que tem um trabalho enervante que o incomoda. Shiva pode ajudar a ver a realidade de uma maneira muito mais clara do que antes. Conhecem o ditado: «Às vezes as árvores não deixam ver o bosque»? — perguntou e eu assenti sem me aperceber porque tinha momentos assim a toda a hora. — Shiva será o vosso guia no bosque — disse Rahul e riu-se. — Shiva representa a libertação do mundano.

— Portanto, queres que falemos com um tipo que é de pedra — concluiu Bex, com ceticismo.

Rahul desatou a rir-se.

— Dito assim, parece uma loucura.

— Parece-me uma ideia maravilhosa — afirmou Flic, com entusiasmo.

— Lógico — troçou Bex. — Isto é muito parecido com as tuas tolices hippies.

— Pelo menos, acredito em qualquer coisa, uso a minha voz e não me deixo levar como se fosse uma ovelha de um rebanho — defendeu-se Flic, com amargura, e começou a balir.

— Por favor, senhoras, recordem onde estamos — pediu Rahul e pôs-se entre elas com os braços esticados, enquanto se desculpava com outros visitantes do templo. — Vamos fazer uma pausa. Saiam. Organizei uma surpresa para vocês.

Flic resmungou, dizendo que algumas pessoas tinham medo de pensar por elas próprias e de experimentar coisas novas, mas calou-se rapidamente quando Bex começou a resmungar. Se houvesse uma discussão a sério, ela conseguiria partir Flic como se fosse um palito.

Sáímos do templo e começámos a andar à luz do sol, entre arbustos baixos. Rahul avisou-nos de devíamos ter cuidado. Ao fim de um momento, parou. Estávamos à frente de um templo enorme coberto por um gradeamento complexo. Nos longos degraus da entrada havia três idosos seminus que nos observavam fixamente.

— Por favor, aproximem-se. Devem ter-se apercebido de que não estamos sozinhos — comentou Rahul e apontou com a cabeça para os três homens, que estavam sentados com as pernas cruzadas e vestidos com umas peças de tecido cor de açafrão. Tinham o cabelo comprido e grisalho e uma expressão vazia nas caras enrugadas e curtidas. — Estes homens sagrados recebem o nome de *sadhus*. Escolheram viver afastados da sociedade para se concentrar na sua viagem espiritual, afastados da tecnologia, dos McDonald's e dos *iPhones*. Vivem em grutas, no bosque e em templos como este, por toda a Índia.

— O meu amigo Giles visitou a Índia durante um ano sabático. Trabalhou num leprosário — contou Flic. — Passou algum tempo com um *sadhu* porque queria entender realmente este modo de vida, mas é tudo uma patranha, porque estes ermitões fumam erva e passam o tempo a dormir.

— Achava que adorarias um tipo assim, que cheirasse a *eau* de haxixe — troçou Bex e deitou a língua de fora a Flic.

Rahul tremeu ligeiramente.

— Parece-me que, algumas vezes, podem interpretá-los mal. Os *sadhus* são como as nuvens, estão sempre em movimento.

— Como os nómadas — replicou Chris e assentiu lentamente.

Olhei para os três homens, que estavam absortos, repetindo um cântico cujas palavras não entendia.

— Estão a recitar os seus mantras. Todos deviam ter os seus — redarguiu Rahul. — De facto, agora que estamos aqui, gostaria que todos pensássemos num mantra adequado para a pessoa que temos ao nosso lado.

Flic virou-se para mim e juntou as mãos.

— Louise, o teu devia ser: «Vou deixar de estar sempre tão tensa» — disse.

— Não estou tensa!

Rahul levantou uma mão e ignorou a minha expressão ofendida.

— Louise, é o momento de deixar que os outros falem e de ouvir as suas palavras de sabedoria. Às vezes, os outros veem-nos melhor do que nós próprios.

Suspirei e virei as costas a Flic, com a sua cara de inocente. Estava sentada junto de Chris e disse:

— Eh... acho que o teu mantra devia ser: «Deixarei o chapéu partir.»

Ollie conteve um risinho.

— Por favor, deve ser algo sério — pediu Rahul.

— Falei a sério! — protestei, mas parei ao ver que os outros estavam a pensar em coisas adequadas. Respirei fundo: — Está bem. Chris, o teu mantra é: «Participarei mais.»

Chris não disse nada. Assentiu com veemência e virou-se para dizer um mantra a Liz, que estava sentada com as pernas cruzadas ao seu lado. Depois de todos termos partilhado a nossa sabedoria, Rahul bateu as palmas para chamar a nossa atenção.

— Bom trabalho. Agora, gostaríamos de vos convidar a falar com os *sadhus* e a repetir três vezes o mantra que vos outorgaram.

Levantei-me com um certo receio, mas segui os outros. Fiquei no final da fila e vi que Ollie se ajoelhava à frente dos sábios e repetia o mantra que Bex lhe atribuíra, algo sobre ser «mais atrevido e valente». Os três gurus assentiram majestosamente e Ollie levantou-se e fez um gesto com os polegares para cima. Depois, dirigiu-se para Rahul, que estava à nossa espera.

Quando, finalmente, chegou a minha vez, ajoelhei-me no cascalho e repeti o mantra de Flic. Dois dos *sadhus* assentiram e estava prestes a levantar-me, pensando que o terceiro devia ter adormecido, quando me agarrou pela mão com a sua garra retorcida e calejada e me passou um dedo sujo pela palma. A unha comprida, castanha e curva quase me arranhou a pele.

Deixei escapar um grito de surpresa.

Os seus olhos castanhos e aquosos fixaram-se nos meus. Tive a sensação de que o resto do grupo estava à espera com a respiração contida para ouvir o que aquele homem ia dizer. O *sadhu* assentiu lentamente, virou a cabeça e cuspiu para o chão, junto dos meus pés. Ficou com alguns fios de tabaco vermelho entre os dentes e na barba. Puxei a mão para escapar e corri para o grupo. Todos estavam a rir-se.

— Bom, e... o que raios significa isso? — perguntei a Flic.

Em vez de me explicar que era o símbolo de algum propósito alto, encolheu os ombros.

— Suponho que precisava de expulsar os escarros.

Ena e eu que me aproximara dela em busca de uma explicação...

Capítulo 22

Estrela (s. f. ou adj.): Pessoa célebre ou perita numa arte, profissão ou outro campo.

Segundo o itinerário, tínhamos um dia previsto na praia e a ideia de me atirar para a areia branca e de tentar esclarecer a cabeça parecia-me uma bênção. No entanto, Nihal não nos avisara de que aquela praia de Bombaim era uma das mais contaminadas do mundo. Como pano de fundo da costa sujíssima, havia um bosque de gruas móveis, montes de escombros, lixo e edifícios em construção. Já dava a impressão de que a vida em Bombaim estava confinada em pequenos espaços e a praia não era diferente. Havia barracas apoiadas contra os muros do cais e parecia que tinham montado algumas bancas na areia durante a noite. Os vendedores ambulantes percorriam a beira-mar com a esperança de vender algumas das suas mercadorias. Ao olhar ao meu redor e ver o ar poluído e a neblina, ao perceber o fumo dos motores onde devia cheirar a protetor solar de coco e ao ver a água castanha em vez de um oceano cristalino, quase comecei a chorar.

— Bom, não é precisamente um paraíso — comentou Bex, com um suspiro, e espantou um mosquito com uma palmada.

— Normalmente, há um céu muito azul — indicou Nihal, porque se apercebera de que o espírito do grupo decaíra. — Não é, Rahul?

O muito bonito Rahul juntara-se a nós naquele dia. Sem conseguir evitá-lo, sorri ao ver a sua cara na receção do hotel naquela manhã.

— Sim, tenho a certeza de que o céu brilhará mais tarde — disse Rahul, alegremente. Era uma das pessoas mais positivas que alguma vez conhecera. Talvez tivesse estado demasiado tempo com os *sadhus*. — Sigam-me, há uma parte mais bonita de areia um pouco mais à frente e poderemos relaxar um pouco — indicou e começou a andar com vontade, enquanto nós arrastávamos os pés atrás dele, tentando não pisar os ossos de frango e as latas de *Coca-Cola* que havia por todo o lado.

— O que se passa ali? — perguntou Ollie, apontando para outra parte da praia.

Havia um grupo grande de pessoas ao redor de umas palmeiras. Estavam a olhar para qualquer coisa. Nihal aproximou-se a correr para investigar e esticou o pescoço para ver o que estava a acontecer. Na sua cara, apareceu o primeiro sorriso real que o vira esboçar desde que o conhecera. Brilharam-lhe os olhos e apertou as mãos. Depois, bateu as palmas para nos avisar.

— Pessoal, venham! — chamou-nos, com emoção. — Em Bombaim, rodam-se muitíssimos filmes em hindi, é por isso que se chama Bollywood. Fazemos mais de novecentos por ano — acrescentou e começou a recitar os títulos dos filmes mais famosos que se tinham rodado naquela cidade. Nós não os conhecíamos, embora Flic fingisse que sim. — Normalmente, há sempre números musicais e de dança e os protagonistas são homens e mulheres muito bonitos que estão loucamente apaixonados,

mas que, por algum motivo, não podem estar juntos — explicou. Então, o olhar toldou-se um pouco e eu soube que estava a pensar em Ameera. — Têm muita sorte por termos encontrado uma rodagem! — exclamou.

— Fixe! — gritou Bex, quase a dar uma cotovelada a Chris para partilhar um olhar oculto com ele.

Havia câmaras, espingardas e mulheres vestidas com saris maravilhosos das cores das penas dos pavões. O sol fazia brilhar as pedras que enfeitavam os tecidos suaves, que inchavam com a brisa do mar. Ao ouvir a conversa emocionada do grupo, lembrei-me de Marie e, por um instante, fiquei muito triste por ser tão má amiga. Ali, Marie teria estado no seu elemento. Não voltara a saber nada dela desde que se afastara de mim no *pub*, mas prometera a mim mesma que ia fazer as pazes com ela, que aquilo seria uma das minhas prioridades assim que voltasse para casa.

Nihal perdera-se entre a multidão. Desejava ver algum ator famoso. A poucos metros da beira-mar, um realizador com aspeto de estar enervado gritava por um megafone em hindi e em inglês. Um rapaz que tinha cara de estar ainda mais enervado aproximou-se de nós a correr.

— Olá! — gritou. Enxugou a testa quando nos alcançou e parou. — Faltam muitos figurantes. Há alguma possibilidade de nos ajudarem e de fazerem parte da rodagem? — suplicou-nos, olhando nervosamente para o realizador zangado.

— Sim, claro que sim! — aceitou Bex, quase a gritar de entusiasmo. O rapaz deu um saltinho para trás com o susto, mas, depois, sorriu com gratidão.

— Muito bem. Fantástico! — exclamou. Virou-se para começar a correr para o realizador, mas detive-o.

— Espera, o que temos de fazer? — perguntei, com apreensão.

— É muito fácil. Precisamos de ocidentais para dar mais classe ao filme. Só precisamos que dancem como se estivessem numa discoteca da praia, atrás do casal protagonista. Estão apaixonados e querem demonstrar o que significam um para o outro através dos seus movimentos — explicou ele.

O diretor começou a destrambelhar em hindi pelo megafone e o seu jovem assistente deu um salto.

— Por favor, ajudar-nos-iam muito. O outro grupo de turistas que tínhamos selecionado não apareceu.

— Claro que vamos, não é? — perguntou Ollie, respondendo por todos nós. Todos assentiram com veemência.

— Obrigado. Por favor, apressem-se e venham comigo.

Seguimos o assistente pela areia e apercebi-me de que Chris ficava para trás.

— Não vens? — perguntei e ele abanou a cabeça.

— Não... eh... vou tirar algumas fotografias — declarou.

Parecia que se empenhava em não fazer parte de nada daquilo. Era estranho que se afastasse sempre quando íamos tirar fotografias, mas que estivesse feliz a fazer de fotógrafo.

— Como queiras... — murmurei.

Comecei a correr para alcançar os outros, que estavam junto de uma carrinha branca com as portas totalmente abertas. Lá dentro, havia uma mulher com um coque enorme, a remexer entre os fatos que enchiam umas malas enormes. Esperava que Bex não se apercebesse de que dera um salto ao ver o seu corpo volumoso e que estalara suavemente a língua.

A mulher do coque fez-nos entrar na carrinha e pôs-nos umas roupas vermelhas e azuis nas mãos. Disse-nos para as vestirmos. Nunca imaginara que um *trailer* fosse assim. Ollie foi afastado de nós e enviaram-no para a caravana dos homens para mudar de roupa.

— Que nojo, cheira mal! Não sei se alguma vez lavaram este vestido — queixou-se Liz, franzindo o nariz ao tocar no tecido sujo.

Alguém bateu com força à porta da caravana e assustou-nos.

— Senhoras, apressem-se, por favor!

Entreolhámo-nos e eu tive de conter a gargalhada.

Todas usávamos um vestido sem mangas, de decote reto e cuja saia chegava até aos joelhos. O tecido era áspero e Liz tinha razão, cheirava mal. Além disso, não nos ficava bem. Viam-se todos os pneus do corpo de Bex, enquanto Liz parecia usar um lençol de cama de casal que se enrugava e amontoava por baixo dos braços magros.

— Achava que tinham dito que tínhamos de parecer os convidados de uma festa na praia. Com isto, parece que fugimos de um sanatório mental e roubámos a loja de beneficência mais próxima e com as luzes apagadas — queixou-se Bex, com um suspiro.

— Vamos, quero ver o que vestiram ao Ollie — declarei, entre risinhos.

Ollie não tivera mais sorte. Tinha uma camisa de poliéster vermelha e justa, com botões dourados, e uma corrente grossa pendurada ao pescoço. Além disso, tivera de vestir umas calças de licra que, verdadeiramente, mostravam o seu rabo perfeito, mas, ao mesmo tempo, não deixavam nada à imaginação na parte da frente. Embora eu não tivesse queixas.

— Uau! — aclamou-o Bex e Ollie corou tanto como a camisa. — Os setenta reclamam que lhes devolvas o seu estilo.

Não ouvi o que ele disse depois, porque um grupo de turistas caminhava pela praia, conversando alegremente. Ao ver-nos, apontaram para nós.

— Oh, meu Deus... olhem. São os do grupo com que nos encontrámos no Taj Mahal — observou Bex.

Virei-me e encontrei Ameera. Que raios...? Naquele momento, tive a certeza de que roubara o meu itinerário, que eu traçara com tanto cuidado. A Índia era um país demasiado grande para haver tantos acasos.

— Eh, para onde estás a olhar? — gritou Bex ao homem chinês do grupo, que estava a devorar os seus seios com os olhos.

Ameera afastou o cabelo preto brilhante e, no seu semblante, refletiu-se uma expressão tímida, antes de franzir o sobrolho.

— Fomos nós que reservámos os lugares para participar nesta rodagem. Portanto, se eu estivesse no vosso lugar, ir-me-ia embora e mudaria de roupa — avisou. O seu inglês era perfeito e usou um tom desagradável.

Apercebi-me de que eram o grupo de turistas que devia ter aparecido, segundo o assistente, e que eles deviam ter vestido aquela roupa que causava tanto ardor na pele.

— Chegaram atrasados e, por isso, convidaram-nos para participar — respondi, embora fosse difícil enfrentar alguém enquanto usava tanto tecido inflamável.

— Bom, já chegámos. Portanto, mudem de roupa e desapareçam.

— Nem pensar! Não vou perder esta oportunidade — declarou Bex. Cruzou os braços e fulminou-a com o olhar.

— Nós também não — disse um homem alto e magro do grupo de Ameera, com um sotaque alemão forte.

Bex ergueu-se para o enfrentar, embora lhe chegasse à altura da axila.

— Desapareçam. Procurem outro filme de Bollywood para fazer de figurantes.

Rapidamente, Liz pôs-se à frente dela para evitar que se precipitasse sobre ele.

Aquilo estava a começar a parecer uma versão pirosa de *Amor Sem Barreiras*, com dois grupos que se enfrentavam. Naquele momento, apareceu Nihal e, a julgar pela sua expressão, estava prestes a rebentar de raiva.

— Ameera — resmungou, olhando fixamente para a ex. O seu tom de voz estava cheio de coisas que não tinham dito.

O assistente chegou, angustiado. Achava que ia dizer qualquer coisa sobre a roupa, porque parecia que os seios de Bex iam escapar pelo decote, ou do nosso confronto com o outro grupo, mas, em vez disso, deixou escapar um grande suspiro.

— Lamento muito, mas têm de mudar de roupa.

— O quê? Eu não posso vestir outra coisa. É culpa deles — queixou-se Bex.

O alemão não pestanejou.

— Oficialmente, estávamos aqui antes de vocês.

O assistente empurrou-os para os separar.

— Não, lamento muito, mas a rodagem foi cancelada.

— Porquê? — perguntei.

Toda a zona estava pronta para rodar a cena e, depois do que Marie me contara sobre as rodagens, por muito pequenos ou por muito pouco orçamento que tivessem, eu sabia que preparar um *set* era muito caro.

— Os protagonistas ficaram doentes — esclareceu o assistente.

— E não pode substituí-los? — inquiriu Flic.

O assistente abanou a cabeça.

— Não. É a última cena do filme, quando percebem que ainda se amam. É o clímax do filme, portanto, a menos que conseguíssemos encontrar os seus irmãos gémeos, não podemos rodar hoje.

Bex, Liz e Ollie voltaram a resmungar para as caravanas para mudar de roupa. O grupo de Ameera afastou-se, queixando-se de que aquilo era culpa nossa, e Nihal ficou ali, como se quisesse começar a chorar. Estava entusiasmado por poder ver a sua estrela favorita de Bollywood tão de perto. O assistente estava prestes a correr para se encontrar com o resto da equipa de gravação, que estava a dismantelar o *set*, quando o agarrei suavemente pelo braço.

— Espera, tenho uma ideia.

Capítulo 23

Acordar (v.): Determinar ou resolver algo de comum acordo, em harmonia.

Não precisara de muita persuasão. Ambos os grupos queriam participar na rodagem, parecia que o assistente enervado só queria que o dia acabasse e o realizador queria culminar a sua obra-prima. Não queria deixar que o meu grupo tivesse tal desilusão e, além disso, a julgar pela linguagem corporal dos nossos ex-namorados beligerantes, sabia que ambos estavam desejosos de ser as estrelas principais de um filme. O assistente queria beijar-me de emoção antes de ir a correr vender a ideia ao realizador. O homem, que era gordo e áspero, virou-se na sua cadeira e, depois de lançar um olhar à bela Ameera, deu o seu consentimento.

A rodagem reiniciou-se.

— Mas... não nos parecemos em nada com os protagonistas — disse Ameera.

— Na verdade, pareces-te muito com a atriz principal e mais ainda quando te vestirmos a roupa, te maquilharmos e te pentearmos — disse o assistente e Ameera corou. — E tu — acrescentou, apontando para Nihal —, terás de usar maquilhagem para parecer que estás ferido por teres lutado para defender o teu amor por ela. Isso servirá para te esconder um pouco. Além disso, filmaremos os planos à distância e, assim, depois poderemos acrescentar primeiros planos dos verdadeiros atores.

— Bom, então, podemos começar? — perguntei, cruzando os braços por trás das costas.

O assistente suspirou.

— O único problema é que não temos fatos suficientes para tantos figurantes, porque não tínhamos planeado que houvesse o dobro das pessoas.

Não conseguia suportar a ideia de perdermos a rodagem, nem queria começar outra guerra com o grupo de Ameera, portanto, rapidamente, olhei ao meu redor pela praia em busca de algum tipo de inspiração.

— Xailes! — exclamou Liz e deu-me uma cotovelada. Estava a apontar com o seu braço pálido para uma vendedora ambulante que estava na praia, que carregava uma cesta de palha muito pesada e tentava vender *sarongs*, sem muito sucesso, às escassas pessoas que apanhavam sol.

O assistente encolheu os ombros.

— Suponho que sim...

Flic já estava a correr para a mulher, cujos olhos brilharam de alegria ao saber que ia vender tudo. Flic voltou a correr com os braços cheios de tecidos sedoso de cores brilhantes e foi entregando os lenços a ambos os grupos.

— Podias usar este vestido, porque acho que é do teu tamanho — disse a uma mulher calada, com o cabelo encaracolado, do grupo de Ameera, referindo-se ao vestido de Bex. — E as outras podem

tapar-se com isto, como se fossem saris.

O assistente contou a ideia ao realizador e à equipa. O realizador assentiu e fez-nos um sinal com os polegares para cima.

— Graças a Deus! Achava que ia morrer asfíxiada com isto — redarguiu Bex e suspirou alegremente enquanto pegava num sari cor de jade.

Tirámos os fatos de tecido áspero e embrulhámo-nos naqueles lenços suaves. Suspirei de alívio e olhei para Nihal e para Ameera, que estavam sentados à sombra de palmeiras diferentes. Os seus olhos encontraram-se por um momento, antes de um turista entusiasmado lhes tirar uma fotografia. Só Deus sabia como Nihal conseguia aguentar estar tão perto da ex-namorada depois das suas tentativas sujas de sabotagem, mas, pelo menos, o grupo ia ter uma experiência totalmente única.

— Bom, todos aos vossos lugares em menos de cinco minutos — avisou o assistente.

Os dois grupos, incluindo um Ollie que parecia muito mais confortável depois de ter posto o seu *sarong* azul-escuro como se fosse uma toga, dirigiram-se para a zona da praia que estava delimitada para a rodagem. Havia centenas de pessoas que tinham escolhido os melhores lugares em redor do cordão, emocionadas para ver o que ia acontecer. Senti um nó de nervosismo no estômago devido à incerteza daquele momento e fiz figas em segredo por trás das costas enquanto rezava em silêncio para que corresse tudo bem e não houvesse mais dramas.

A multidão aplaudiu quando Nihal e Ameera saíram, pavoneando-se. Fiquei boquiaberta ao ver Ameera: Usava um vestido cor de lavanda que parecia desenhado expressamente para os seus membros esbeltos. Nos tornozelos magros tinham-lhe posto uns braceletes de ouro que tilintavam e brilhavam à luz do sol e usava um diadema bonito e intrincado, que ficava como um halo no cabelo preto. A maquilhagem chamativa dos olhos era de tons bronze e conseguia fazer com que os seus olhos cor de esmeralda se destacassem ainda mais.

Nihal estava muito elegante com um fato branco e brilhante que tinha joias e pedras brilhantes bordadas nas lapelas e as feridas falsas que lhe tinham pintado no rosto davam-lhe uma espécie de encanto tosco. Não conseguia desviar os olhos da ex-namorada. «Nihal, pensa com a cabeça, não com o teu membro», disse-lhe telepaticamente.

— Bom, agora, põe-te ali e, quando começar a música, tens de te aproximar dela a dançar para lhe rogar que te perdoe, enquanto os dançarinos que estão com ela formam um escudo à frente dela e a afastam — explicou o assistente.

— O Nihal nunca pede desculpa por nada — indicou Ameera, num tom tão baixo que o assistente não a ouviu, mas Nihal, sim.

— Porque me obrigarias a pedir perdão por tudo se eu cedesse! Contigo, nunca consigo ganhar, Ameera — queixou-se Nihal, enquanto ajustava o colarinho preto da camisa. — Além disso, sei que foste tu que escreveste essa crítica tão horrível nesse blogue. Como pudeste cair tão baixo só para te vingares de mim?

Os seus olhos ficaram presos durante um instante, até ela baixar o olhar para a areia.

— Lamento muito. Vou apagá-la. Eu só... só...

— Só o quê? Porque estás a fazer isto? Porque estás a seguir o nosso grupo?

Ameera respirou fundo.

— Se não tivesses passado tanto tempo longe nem te tivesses esquecido de mim, não teria tido de o fazer — replicou ela e olhou para o seu grupo, que estava a ensaiar os passos de dança básicos que nos tinham ensinado rapidamente.

— O quê? — perguntou Nihal, recuando com uma expressão de horror. — Eu nunca poderia esquecer-me de ti, Ameera. Estava a trabalhar para nós. Aceitei este trabalho para poupar dinheiro suficiente para poder pedir ao teu pai...

Nihal ficou calado. Ficou com as faces muito vermelhas e deu umas pancadinhas na areia.

— Não importa — disse.

O diretor gritou qualquer coisa pelo megafone e o assistente traduziu:

— Bom, pessoal, em três, dois, um...

— O que disseste? — perguntou Ameera a Nihal, ignorando o realizador por completo.

— Nada — replicou Nihal. Abanou a cabeça e ocupou o seu lugar.

A música começou a tocar, uma melodia indiana muito rápida que ia *in crescendo*. Começámos a ensaiar os passos de dança, dando pontapés com os pés e balançando as ancas ao ritmo estranho da música. Não conseguia parar de olhar para Ameera.

— O que disseste, Nihal? — insistiu ela.

— Muito bem. Nihal, em frente! — gritou o assistente e os bailarinos afastaram-se. Nihal lançou um olhar a Ameera que dizia que a conversa acabara e avançou, dançando como um profissional.

— E, agora, Ameera, mexe-te! — gritou o realizador.

Ela não teve outro remédio senão virar-se delicadamente para Nihal e o seu lenço quase transparente flutuou atrás dela com a brisa do mar. As vibrações que irradiavam eram elétricas. Quase pisei o alemão, porque estava demasiado absorta a olhar para os amantes frustrados.

— Oh, cuidado! — exclamou ele.

Levantei uma mão para lhe pedir desculpa e tentei aproximar-me de Ameera e de Nihal a dançar para ouvir o que estava a acontecer.

— O que querias dizer? O que ias pedir ao meu pai? — estava a perguntar Ameera, com um sorriso falso nos lábios, quando ficaram a poucos centímetros de distância. Nihal baixou a cabeça e fletiu os braços ao ritmo da música, como se tivesse ensaiado aqueles movimentos. Talvez tivesse passado anos a refiná-los no seu quarto. Eu tinha o pescoço torcido para tentar ouvir o que Nihal respondia, mas, naquele momento, Bex passou ao meu lado, deu-me um empurrão e mostrou-me os polegares para cima.

— Cortem! — gritou o diretor.

Nihal aproveitou a oportunidade para voltar para o seu canto do ringue como se fosse um pugilista, a preparar-se para a ronda seguinte. Ameera ficou a olhar para ele com desejo enquanto uma maquilhadora se aproximava, lhe retocava a maquilhagem e punha mais laca nos caracóis. Parecia que a aparência glacial de Ameera estava a derreter-se com aquele calor tropical. Já não tinha o olhar férreo de antes e a sua expressão tornou-se infantil, vulnerável. Oxalá não fosse apenas uma atuação.

O assistente aproximou-se e chamou os figurantes para que se aproximassem.

— Muito bem. Nós gostamos da vossa energia, mas precisamos de mais. Tu — disse, apontando para o homem alemão. — Como te chamas?

— Stefan — replicou, com firmeza.

— Muito bem, Stefan, tens de mexer as mãos e fá-lo de uma forma relaxada. Imagina que as estás a usar para agradar a uma mulher linda.

Ao ouvir aquilo, Stefan ficou da mesma cor que o seu *sarong* bordô. A julgar pelo seu ar incomodado, parecia que nunca seduzira ninguém.

— Tu — indicou o assistente, apontando para Bex. — Sê mais feminina. Dança como uma deusa, não como um homem.

Bex cerrou os dentes. Aquilo tocara numa fibra sensível, mas, surpreendentemente, não protestou. Assentiu e mexeu um pé descalço pela areia. Eu vi que Stefan e ela se entreolhavam rapidamente e murmuravam qualquer coisa.

— Os outros fizeram um trabalho fantástico. Vamos... três, dois, um...

Bateu as palmas e repetiram a cena completa.

Daquela vez, Nihal aproximou-se de Ameera e ela observou-o fixamente.

— Para que querias o dinheiro? O que ias pedir ao meu pai? A minha mão? — sussurrou ela, mexendo o cabelo e balançando com gentileza na areia.

Nihal suspirou e assentiu.

— Sabia que, de outro modo, ele não ia permitir que nos casássemos. Tinha de lhe demonstrar que estaria sempre ao teu lado, que te sustentaria e cuidaria de ti — explicou. Então, de repente, ficou calado, como se se envergonhasse por ter falado demasiado.

Por sorte, vários lenços flutuaram ao seu redor, de modo que o rubor de Ameera não foi filmado pelas câmaras. Estavam a aproximar-se um do outro e a tensão que emanavam era incrível. Esperava que o realizador se apercebesse de quanta emoção estava a criar-se naquela cena ridícula e casual.

— Ter-me-ia casado contigo, mesmo sem dinheiro — admitiu Ameera, em voz baixa.

Nihal levantou a cabeça e observou-a.

— Muito bem, continuem assim. Agora, Nihal, aproxima-te dela e tenta oferecer-lhe a mão para dançar. Tu, Ameera, rejeita-o! — gritou o assistente, por cima da música, e interrompeu aquele momento tão especial.

Nihal obedeceu às suas ordens e aproximou a palma da mão de um dos pulsos delicados de Ameera. Então, disse-lhe:

— Queria que te sentisses orgulhosa de mim.

Ameera virou-se, inclinou a cara para Nihal e sussurrou:

— Já me sinto — declarou e, nos seus lábios pintados com batom, desenhou-se um sorriso tímido e coquete.

— Fantástico. Desta vez, Ameera, dá-lhe a mão e dancem juntos através da fila de figurantes.

O assistente voltou a interromper aquele momento de sinceridade, enquanto virava folha após folha do guião que tinha nas mãos, preso a uma prancheta.

Para mim, era como se estivesse a ver o filme em vez de atuar nele. Tive de reagir e de me concentrar, porque não estava ali para ficar boquiaberta a ver a cena de amor tão verdadeira que se desenvolvia à minha frente.

— Os figurantes têm de se juntar em casais de homem e mulher, rápido! — gritou o assistente, dando umas pancadinhas ao seu relógio de pulso.

Procurei um homem disponível ao meu redor, mas o único que restava era Rahul.

— Queres ser o meu par, Louise? — perguntou-me, oferecendo-me a mão com um sorriso sincero e tímido.

— Claro, é claro — afirmei, pigarreando. De repente, tive muito calor.

— Muito bem. Vejamos quais são os teus melhores movimentos — redarguiu e piscou-me o olho.

Não sei se foi por causa da tensão que aumentava entre Ameera e Nihal, pelo cenário romântico ou pela música romântica que se transformou numa canção de amor, mas tive uma vontade tremenda de o

beijar. Virei-me para olhar para ele e ele sorriu. Tinha o cabelo cheio de gel e apanhado num rabo de cavalo que lhe ficava muito bem.

— Vais ver que tenho dois pés esquerdos — avisei, rindo-me. Ou foi um risinho tolo? Não sei. Rahul olhou para os meus pés, cujo bronzeado se realçava contra a areia clara, e abanou a cabeça com segurança enquanto me segurava pela cintura. Tentei desfrutar daquele momento e fiz com que nos mexêssemos para Nihal e Ameera, que estavam no meio de um grupo de outros três bailarinos. Tinham as mãos dadas e mexiam-se ao ritmo da música com facilidade.

— Agora, aos três casais, todos, vão dar um beijo no preciso instante em que o casal protagonista partilhar o seu momento de paixão! — gritou o assistente.

— O quê? — gritou Flic, com horror, olhando para o homem chinês que se precipitara sem dissimulações para ela para que fosse o seu par. — Não falaram disso quando nos recrutaram!

Os outros dois também protestaram. Rahul tinha o braço em redor da minha cintura e apercebi-me de que não nos queixávamos.

— É apenas um beijo fingido, um beijo rápido nos lábios como faziam quando eram pequenos — explicou o assistente, com um pouco de angústia. — Se não quiserem, podem deixar a cena, mas nós teríamos de começar do zero.

Aquela leve chantagem convenceu os outros. Por muito bom que fosse tudo aquilo, estávamos há muito tempo ao sol e ao calor e todos estávamos cansados e desejosos de ouvir o realizador a gritar: «Cortem!»

Flic resmungou e fez uma careta.

— Nem penses em tentar usar a língua — avisou.

— Muito bem, Nihal e Ameera, estão prontos? — perguntou o realizador, pelo megafone. Estavam muito perto um do outro, com as cabeças inclinadas e um sorriso de apaixonados nos lábios. Naquele preciso instante, entendi porque valia tudo no amor e na guerra. Pareceu-me que Ameera não entendia o mal que fizera ao escrever aquela crítica falsa. Só estava desesperada por chamar a atenção de Nihal. As pessoas estavam sempre a fazer tolices em nome do amor. Ao ver aqueles dois amantes, apercebi-me de que talvez fosse melhor fazer algo grande, atrevido e estúpido para que o outro recordasse a nossa existência do que ficar calado e tentar esconder os sentimentos, como eu fizera com Ben.

— Não tens de me beijar a sério, se não quiseres — disse Nihal, suavemente, a Ameera, olhando para ela com timidez. Toda a fanfarronice fora apenas uma atuação.

Ela baixou o olhar e assentiu quase impercetivelmente, algo que agitou com delicadeza a cascata do seu cabelo negro.

— Quero beijar-te — afirmou, por cima da música romântica que saía pelos altifalantes e que se ouvia por toda a praia.

Nihal sorriu. Em poucos segundos, estavam a tentar disfarçar o sorriso.

Rahul ainda tinha o braço na minha cintura e fazia com que balançássemos com a música.

— Não te importas, Louise? Não terás algum namorado secreto que esteja prestes a saltar de entre os arbustos para me dar um pontapé no rabo, pois não?

Sorri ao ver a sua expressão de falso receio, embora não tivesse sabido quem venceria numa luta entre Ben e ele. Ambos eram altos e muscudos e ambos eram muito bonitos.

— Não, não tenho namorado.

Ele suspirou teatralmente de alívio e enxugou a testa.

— Ufã... — murmurou e sorriu.

Ben não era o meu namorado e, para além de alguma sedução e de algum olhar da sua parte, não havia nenhuma prova de que gostasse de mim. Lembrei-me de Serena. Sem dúvida, os dois estariam a fazer horas extra, fechados na nossa linda agência de viagens e a rir-se de algo engraçado até uma coisa levar a outra. Ao pensar naquilo, senti um nó no estômago.

— Sabes? Lamento ter-te confundido com outra mulher ontem. Pareces-te tanto com uma mulher que conheci há algumas semanas... Estava a tirar um visto para vir aqui, à Índia — desculpou-se Rahul, em voz baixa.

— Oh... — murmurei e deixei escapar uma gargalhada esquisita. — Que estranho!

— Hum... — murmurou ele e olhou para a praia cheia de pessoas como se estivesse prestes a dizer qualquer coisa. Então, devia ter-se arrependido e perguntou: — Bom e em que trabalhas?

— Sou cabeleireira. E o que fazes, quando não és estrela de Bollywood em Bombaim?

Rahul desatou a rir-se.

— Bom, isto não é o normal, embora esteja habituado às câmaras.

«Por favor, não me digas que és ator pornográfico a tempo parcial.»

— Sou operador de câmara. É ótimo, porque vou rodar a muitos sítios e, quando não estou a trabalhar, posso vir até aqui para visitar a minha família e ganhar um dinheiro extra como guia turístico na minha ilha.

— Bom, começamos... três, dois, um... — disse o assistente e impediu-me de fazer mais perguntas.

Como se tivesse sido ensaiado, todos, incluindo Ameera e Nihal, aproximaram as cabeças e uniram os lábios.

Rahul segurou-me suavemente pelo queixo e inclinou a minha cabeça para o sol, enquanto eu fechava os olhos. Os seus lábios quentes acariciaram os meus durante o que me pareceu um milissegundo. Então, a música parou e o realizador voltou a gritar pelo megafone.

— Bom trabalho! Bom *take*! Muito bem, muito obrigado a todos.

As pessoas começaram a aplaudir. Flic estava a limpar os lábios com a manga e o homem chinês estava a sorrir sem parar. Rahul piscou-me o olho quando o realizador disse que a rotação acabara e afastou-se pela praia. Observei-o. Por algum motivo, queria mais. Sabia que o beijo era só uma atuação, mas a sensação que os seus lábios me tinham causado, o sabor salgado que tinham deixado nos meus e o facto de saber muito bem o que fazia, causavam-me um formigueiro no estômago.

— Graças a Deus que já acabou! — exclamou Flic, que se aproximara de mim. — Tive vontade de dar um murro àquele asqueroso. Juro-te que tentou pôr-me a língua na boca — queixou-se, tremendo. — Estás bem, Louise?

Desviei o olhar de Rahul, que estava a rir-se com um dos membros da equipa, e virei-me para Flic.

— Sim, sim, muito bem. Vá lá, vamos mudar de roupa.

Há muito tempo que não me beijavam. Abanei a cabeça para afastar as ideias estranhas. Se estava a pensar aquilo sobre o indiano petulante do consulado, estava claro que tinha de pôr ordem na minha vida.

Enquanto andávamos pela areia, apercebi-me de que Ameera e Nihal continuavam a beijar-se. Não sei se tinham ouvido que o realizador já acabara a filmagem, mas, depois de ter tentado com tanto esforço fazer com que voltassem a estar juntos, não seria eu a dizer-lhes para pararem.

O assistente também os vira.

— Isto nunca acontece. Normalmente, os protagonistas odeiam-se e estão ansiosos por acabar a rodagem para não terem de voltar a ver-se — comentou, apontando para o casal com um assentimento. — O realizador quer falar com eles depois de... hum... sabe, de pararem para respirar fundo. Diz que nunca ficou tão impressionado com a atuação de figurantes.

— Bom, não acho que estivessem a atuar — indiquei, com um sorriso.

Ele não sabia da missa a metade.

Capítulo 24

Xanadu (n.): Um lugar idílio, exótico ou luxuoso.

Estávamos todos eufóricos quando saímos da praia. Encontrámos um pequeno restaurante onde pudemos descansar as pernas, beber alguma coisa e recuperar forças. Fui à casa de banho e, quando saí, encontrei Nihal, que estava à minha espera no corredor.

— Oh, tu! A estrela do filme! — exclamei, com um sorriso.

— Eh, olá... perguntava-me se poderíamos falar por um momento... — comentou. Corou. Tinha um brilho, uma aura, desde que começara a rodagem.

— Claro. Está tudo bem? — perguntei, nervosamente.

Ele assentiu.

— Melhor do que bem! Queria agradecer-te por me teres ajudado a recuperar o meu amor. Suponho que estarás a questionar-te o que aconteceu entre mim e a Ameera.

— Nihal, eu sei. Cometeste um erro e ela também, mas perceberam que preferem cometer erros juntos do que separados.

Nihal sorriu timidamente.

— Ela está muito arrependida da crítica que escreveu nesse blogue. Portanto, tenho uma proposta para te fazer. Seria possível que os dois grupos se transformassem num? — perguntou-me e encolheu-se ligeiramente à espera da minha reação. — A Ameera prometeu que vai apagar a crítica esta noite e disse-me que pode pedir desculpas a todo o grupo, se tu quiseses.

— Não, não façam isso. Não quero que saibam o que aconteceu. Não quero que se apercebam de quem sou. Em vez de apagar a crítica, podia escrever outra a dizer que inventou tudo?

— Está bem, considera-o feito. Ela sente-se muito mal e está envergonhada com o que fez — disse Nihal. E eu tinha a certeza de que era verdade. — Bom e o que achas dos dois grupos?

Pensei nisso por um momento. Tecnicamente, não era responsável pelos viajantes do grupo de Ameera, mas parecia provável que, de todos os modos, nos seguissem para todos os lados e era agradável contar com mais gente.

— Por mim, tudo bem.

Aquela noite foi uma das minhas favoritas desde que tínhamos chegado à Índia. Fomos a um restaurante e sentámo-nos ao redor de algumas mesas baixas. Falámos da rodagem, da experiência de ser um ator famoso e dos novos romances que tinham surgido por isso. Cheirava a coentros e a especiarias muito aromáticas e ouvia-se a música suave de um *sitar*.

— É claro, eu vou pô-lo no meu currículo — declarou Bex, falando com a boca cheia.

— Eu estou impaciente por o porem no Netflix para que todos os meus amigos o vejam, embora

não saiba se algum dia vão parar de gozar — redarguiu Ollie, rindo-se.

— E eu suponho que tenha pela frente uma carreira cinematográfica em Bollywood — comentei, entre risinhos.

Rimo-nos, conversámos e rimo-nos mais, depois daquele dia tão inesperado. O único que não participou na diversão foi Chris. A sua expressão continuava a ser sombria e tensa e eu não sabia se era porque se arrependia de não ter participado na rodagem ou se, na verdade, se sentia aliviado por não ter tido de se vestir como um idiota.

Ele pigarreou e mudou de assunto.

— A que horas sai o nosso voo amanhã? — perguntou.

— Temos de madrugar — informou Nihal.

No dia seguinte, íamos a Goa para ver o Holi, o Festival das Cores, que começava cedo.

— Além disso — prosseguiu Nihal —, vamos continuar a viagem como um só grupo.

— Parece-me bem — disse o senhor chinês, que olhou para Flic praticamente a lamber-se.

Ela cerrou os dentes e virou-se para Rahul.

— Também vens?

Ele abanou a cabeça.

— Não, receio que não. Mas espero que todos encontrem o que procuram — declarou e teria jurado que se dirigia a mim.

Embora tivesse vontade de ir a Goa na manhã seguinte, senti um nó no estômago ao pensar que era a última etapa da viagem. Estivera tão ocupada a fazer de árbitro entre Nihal e Ameera, que não prestara atenção ao facto de estar no país mais espiritual do mundo. Não conseguira concentrar-me em mim própria nem em melhorar. Não me sentia como se já tivesse acabado a minha viagem pela Índia. Quando voltasse para casa, ia transformar-me na vela do casal maravilhoso formado por Ben e Serena. Sabia que tinha de lhe ligar em breve, mas, sinceramente, não queria que me dissesse outra vez como aquela mulher era maravilhosa. Por outro lado, estranhamente, estava a desfrutar do facto de não ter de pensar no trabalho. Talvez estivesse no caminho da sabedoria, afinal de contas.

Era incrível que Nihal tivesse conseguido reunir todos, os dois grupos que tinham formado um só, e que embarcássemos no nosso voo para Goa sem incidentes. A mudança de Nihal, que já não era o tipo que eu conhecera há umas semanas, era realmente espantosa: Tinham desaparecido as olheiras profundas e os seus olhos tinham-se tornado brilhantes, a sua voz tinha um tom animado e estava cheio de energia e entusiasmo. À frente dos meus olhos estava a aparecer o Nihal que eu contratara há meses, baseando-me nas boas recomendações e na menção da sua personalidade divertida.

Por outro lado, senti-me aliviada por fazer aquela nova viagem de avião e por não ter de reviver as... hum... alegrias de uma viagem num comboio indiano. Uma vez fora suficiente. Já só faltavam alguns dias de *tour* e, depois, voltaria a Manchester e afastar-me-ia daquele grupo de personalidades tão pouco parecidas, mas adoráveis. Há uma semana, teria entrado alegremente no avião de volta a casa, mas desde que Nihal e Ameera tinham resolvido as coisas, e como estávamos a deixar para trás o caos de Bombaim e íamos a caminho das praias de Goa, já não queria ir. Ainda não. É claro, tinha saudades de Ben e da empresa, mas, sinceramente estava a começar a sentir-me eu própria outra vez.

Sentia-me mais como a Georgia em que me transformara quando viajara sozinha pela Tailândia, no ano anterior. A versão enervada de mim própria que entrara num avião para ir para Nova Deli

suavizara-se e relaxara, deixara para trás a tensão causada por administrar uma nova empresa e, em vez de estar nervosa com as finanças ou as reservas das viagens, podia desfrutar daquele tempo para ser eu própria. Era um sentimento interior, como se o nó apertado que tinha por dentro se afrouxasse. Isso era algo realmente estranho, porque nem sequer sabia que o tinha. Talvez aquele fosse o motivo por que precisava de recuperar a segurança e a confiança em mim própria que a minha primeira viagem me proporcionara. Relaxei no banco e fechei os olhos.

— Porque sorris? — perguntou Bex, baixando a revista da linha aérea.

— Por nada. Estava a pensar em como gosto de viajar. Estou desejosa de conhecer Goa.

— Eu também — afirmou ela.

Reparara que Stefan observara Bex durante quase todo o voo. Dei-lhe uma cotovelada.

— Acho que o caçaste.

Bex mexeu-se no banco e pigarreou.

— Não, linda, acho que tens de ir ao oftalmologista — troçou e começou a brincar com o *iPod*, dando por resolvida a ideia de ter um admirador não demasiado secreto.

— Err... Bex, juro-te que gosta de ti. Não consegue parar de olhar — insisti, em voz baixa.

— Psiu... — sussurrou ela e corou.

— O que se passa? Não acreditas? — perguntei.

Bex suspirou e virou-se para mim.

— Louise, quando se é uma rapariga tão grande como eu, as pessoas olham sempre. Eu sei. Mas não são os alemães bonitos e altos que olham, pelo menos, não desse modo que pensas. Não faz mal. Sei do que estou a falar.

la protestar, dizer-lhe que o seu tamanho não tinha nada a ver com isso, mas ela levantou suavemente a mão para me parar.

— Sempre fui a rechonchuda, a dos ossos grandes ou como quiseres chamar-lhe. Sou a Bex, a Gorda, e sei. E não quero mudar. Estou feliz com este tamanho. Quando tentei fazer dieta, e acredita, tentei todas, senti-me completamente desgraçada. Ser grande serve-me. A única coisa que se passa é que a maioria dos homens não gosta tanto como eu.

— O que queres dizer?

— Porque... Por exemplo, tive um namorado que me disse que, na verdade, seria muito bonita se emagrecesse, outro que se fartou de ouvir os amigos a dizer que saía com uma baleia e outros que me deixaram quando não conseguiram fazer com que eu emagrecesse.

— Ena! Não sabia que era um problema.

Ela pousou uma das mãos no meu braço.

— Não faz mal. Há muita gente gorda por aí. Não me importo de saber que o único que pensa que sou bonita é o James Blunt — troçou, rindo-se.

Olhei para Stefan. Pusera os auriculares e mexia suavemente a cabeça ao ritmo da música.

— Continuo a pensar que gosta de ti. Talvez seja o homem que vai amar-te tal como és.

Bex encolheu os ombros.

— Não acho que exista esse homem e não faz mal. Tenho uma família fantástica, uns amigos fantásticos e, se tiver de ser a divertida e a gordinha e ficar solteira, que assim seja. Não vou renunciar ao chocolate por ninguém — declarou e voltou a rir-se.

Eu sorri, mas via a realidade como se estivesse a lê-la num livro. Por baixo daquela atitude de segurança em si própria, Bex era tão vulnerável como todos os outros.

O voo era curto e decorreu rapidamente. Em breve, estávamos amontoados num autocarro, a dirigir-nos para o nosso novo alojamento na praia. Com as janelas abertas, que deixavam entrar a brisa quente e perfumada pelo mar e pelas flores exóticas, senti que, finalmente, conseguia respirar. Cheirava a paraíso. Ali, não existia o caos frenético de Nova Deli ou Bombaim. Ali, as estradas estavam praticamente vazias. Era como se todos tivessem ajustado a sua configuração para relaxar. Os cães de rua dormiam à sombra das palmeiras, as vacas mexiam-se pelos caminhos mais tranquilos, sacudindo a cauda para espantar as moscas, e o canto dos pássaros enchia-me os ouvidos. As casas castanhas, as igrejas brancas e as lojas amarelas contrastavam com o chão de pó vermelho. Ali, a influência portuguesa era evidente. Percebia-se na arquitetura relaxada e no ambiente da hora da sesta.

O sol brilhava com força e todos estavam de muito bom humor. Parecia que tínhamos chegado a um ponto de inflexão no *tour*. Até Chris estava mais relaxado. Tinha os ombros menos tensos. À medida que a estrada se transformava num caminho de lama seco e cheio de buracos, começou a tirar mais fotografias. Aprendi lentamente a delegar o controlo e permiti que Nihal tomasse a iniciativa, embora tivesse de continuar a esticar o pescoço para ver para onde o condutor nos levava. O homem abanava a cabeça ao ritmo da música indiana que o seu rádio minúsculo emitia, como se aquele trajeto fosse um passeio dominical.

— Bom, um pouco mais e teremos chegado ao nosso alojamento — informou Nihal, sorrindo para o grupo.

Parecia que estava desejoso de contar um segredo, mas, quando olhei para ele com uma expressão inquisitiva, virou-se para a frente no banco e começou a conversar com o condutor.

Segundo o itinerário, tínhamos reservado quartos num hotel simples, mas agradável, perto do centro de uma povoação, mas, a julgar pela forma como Nihal mexia os joelhos e como tamborilava com os dedos ao ritmo da música, parecia que planeava outra coisa. «Oh, por favor, não o estragues, Nihal», pensei. Senti um nó no estômago, tal como me acontecia sempre que não tinha a mínima ideia do que vinha depois.

— Ena, olhem! — gritou Flic, tirando o braço pela janela para apontar para qualquer coisa. Quase tocou numa vaca que parou à beira do caminho e nos observava com os seus olhos castanhos profundos.

O grupo virou-se para onde ela apontava. Tínhamos deixado o caminho principal e estávamos a tentar subir para um pequeno montículo por um caminho estreito de terra.

— O que é isso? — perguntou Ollie, inclinando-se por cima de mim. — É ali que nos alojaremos? Nihal virou-se para nós com um sorriso resplandecente.

— Claro que sim!

— Fixe! — exclamou Bex.

Então, também o vi. Estávamos à frente de uma praia onde havia uma fila de cabanas com pequenos terraços com vista para o mar, junto de barris reciclados que serviam de cadeiras e de um restaurante ao ar livre. Era uma versão indiana das cabanas A Borboleta Azul, o hotel onde me alojara na Tailândia, em Ko Lanta, a ilha onde conhecera Shelley, o primeiro grupo de mochileiros de Corações Solitários e Ben.

— Estás bem, Louise? — perguntou-me Nihal, observando-me com os olhos esbugalhados para decifrar a minha reação silenciosa.

Assenti. Tive de pigarrear, porque fora embargada por uma emoção intensa e estava prestes a

chorar.

— Sim. Sim, é maravilhoso. Obrigada.

Nihal continuou a olhar para mim durante uns segundos, antes de pedir ao condutor para parar alguns metros mais à frente. Todo o grupo saiu do autocarro e começou a esticar os membros suados, exclamando e dizendo uns aos outros que tínhamos chegado ao paraíso. Estavam certos. Aquela praia bela de areia dourada, na base de umas colinas escarpadas que desciam até ao mar, estava praticamente vazia. Havia alguns barcos de pesca virados e alguns restaurantes pequenos um pouco mais afastados. contei rapidamente as cabanas e apercebi-me de que tínhamos todo aquele lugar só para nós.

— Tens a certeza de que estás bem? — perguntou-me Nihal, enquanto Ameera se encarregava de fazer com que todos pegassem nas malas.

— Estou maravilhosamente bem — afirmei, com sinceridade.

Era verdade. Quem não estaria bem à sombra de uma palmeira enorme numa praia perfeita? No entanto, não estava a demonstrar o mesmo entusiasmo que os outros, porque me sentia estranha pelo facto de Ben não estar comigo. Quanto tempo ia demorar a deixar de pensar automaticamente nele? Pestanejei para que não me caíssem as lágrimas e apertei o braço de Nihal.

— Fizeste-o muito bem. Olha, estão todos tão entusiasmados...

Era verdade. Parecia que o grupo recebera uma descarga de energia, porque todos conversavam, riam e posavam para as fotografias.

— Obrigado — agradeceu Nihal e virou-se para dar instruções. Aplaudiu e sorriu. — É aqui que vamos alojar-nos durante as próximas noites. Depois do barulho e do caos das cidades que visitámos, pensei que mereciam um pouco de relaxamento! — exclamou e as pessoas aclamaram. — As cabanas são para duas pessoas, têm casa de banho no quarto e ar condicionado. — Mais vivas. — Portanto, por favor, escolham com quem querem partilhar o quarto e vão procurar uma cabana.

Eu fiz rapidamente as contas. Com o grupo de Ameera, éramos doze pessoas e isso significava que eu também tinha de partilhar a cabana com alguém. Bex juntara-se a Liz, Ollie a Stefan e Flic estava com a mulher calada do cabelo encaracolado, que se chamava Sarah. O senhor chinês, Bo, estava com outro rapaz do *tour* de Ameera, portanto, só restava Nihal, ela, Chris e eu.

— Eh... Bom, suponho que as mulheres deviam ficar juntas — comentei, num tom leve. Não queria ferir os sentimentos de Chris, mas também não queria partilhar o quarto com ele.

Ameera e Nihal mexeram os pés pela areia.

— Bom, sim, claro...

Conhecia aquele olhar. Queriam estar juntos na mesma cabana. Era lógico. Tinham de... hum... tratar da reconciliação. Olhei para Chris. Parecia que ele queria estar a fazer qualquer outra coisa menos a resolver aquele dilema.

— Oh... bom, talvez nós...

Antes de as palavras terem saído da minha boca, o semblante de Nihal e Ameera iluminou-se.

— Se não se importarem, claro está — apressou-se a dizer Nihal.

Então, deu a mão a Ameera e quase começou a correr para a cabana, sem nos dar a oportunidade de retirar a oferta.

— Bom, já só restamos nós — indiquei, com toda a alegria que pude.

Chris limitou-se a assentir, com a mesma cara sombria de sempre. Ótimo. Eu tinha a necessidade imperiosa de ir à casa de banho, portanto, rapidamente, tomei o controlo da situação e encaminhei-

me para a cabana, seguida por Chris.

Capítulo 25

Quadrilha (s. f.): Pequeno grupo de pessoas reunidas para a realização de um fim comum.

— Espero que não rессones — disse a Chris, brincando e tentando travar conversa a caminho da última cabana disponível, a que ficava à beira do semicírculo.

O silêncio era sufocante. Aquele era um dos homens mais mal-educados que conhecera e tinha de partilhar o quarto com ele.

— Não sei. Normalmente, estou a dormir quando acontece — troçou, ironicamente.

— Sim, claro. É claro — respondi.

Não era de estranhar que fosse solteiro. Certamente, aborrecera todas as namoradas até as deixar a dormir e, quando tinham acordado, tinham percebido o erro que estavam a cometer.

— Bom, já chegámos.

Subi os degraus de madeira até à porta. Ao abri-la, rangeu com tanta força que me assustei. Apesar de as cabanas se parecerem com as da Borboleta Azul no exterior, o interior era completamente diferente: A palavra «básico» era um eufemismo. O quarto tinha duas camas estreitas, cada uma delas colada a uma das paredes finas de madeira, com muito pouca distância de separação. Se esticasse o braço à noite, tocaria na cara de Chris. Continuei até à parte traseira da cabana, onde havia uma porta. Era uma casa de banho do tamanho da mesa da sala de jantar dos meus pais. Da parede de azulejos do duche saía uma torneira, que também servia de lavatório. Do outro lado havia um buraco no chão, que servia de sanita.

Nem sequer pensara que teria de partilhar a casa de banho com Chris. Um homem. Ir à casa de banho é o mais natural do mundo, portanto, porque causa tantos nervos e tantos problemas? Quando vivia com o meu ex-noivo, Alex, ir à casa de banho era uma das coisas que mais me incomodava ao princípio. Horrорizava-me que a minha sedução feminina se visse ameaçada por um cheiro pestilento, uma micção barulhenta ou, pior ainda, que restasse alguma coisa depois de puxar o autoclismo. Todos os seres humanos neste planeta têm de ir à casa de banho, mas, quando se começa uma relação, desejamos que não fosse assim. Obviamente, à medida que o tempo ia passando, já não me importava tanto com Alex, até acabei por o deixar entrar enquanto fazia chichi. Mas as águas maiores permaneceram firmemente vetadas por trás da porta, com um frasco de ambientador à mão e música alta para amortecer o som dos *plafs* e dos salpicos na sanita.

Questionei-me se era demasiado tarde para ver se mais alguém queria partilhar o quarto. Sentir-me-ia muito mais confortável com alguma das outras raparigas. Então, apercebi-me de que, provavelmente, Chris estava tão incomodado como eu naquela situação.

«Bom, não vamos estar aqui muito tempo», pensei.

— Vou à casa de banho — informei.

Já não conseguia continuar a aguentar a vontade de fazer chichi, portanto, subi os três degraus da casa de banho. Fechei a porta e, ao fim de um segundo, encolhi-me ao ouvir Ollie a falar com Stefan junto da cabana e, também, Ameera e Nihal a conversar na cabana do lado. Que embaraçoso. A minha bexiga não me permitiu encontrar uma solução alternativa, portanto, baixei-me e apoiei a mão na parede de pedra para manter o equilíbrio. Ouvia perfeitamente Chris junto da porta da casa de banho. Ouvi o som do fecho da mochila e o barulho da roupa. Até ouvia a sua respiração. As paredes pareciam de papel.

«Vá lá, esquece isso e faz chichi.» A minha bexiga recusou-se a cooperar.

— Estás bem, Louise? — perguntou Chris, batendo à porta.

— Sim, sim, só estou a dar uma olhadela — respondi, em voz alta.

Tinha as mãos peganhentas e a cara avermelhada e doíam-me as coxas por permanecer naquela posição tão incómoda.

«Só tens de fingir que não estás aqui e fazer chichi.»

— Bom, vou à aula de ioga, que está prestes a começar.

A aula de ioga? Tinha-me esquecido de que estava programada para aquele dia!

— Sim, muito bem. Vemo-nos lá — disse eu, apertando os músculos de Kegel com força até ouvir os seus passos a afastar-se. Quando a porta da cabana se fechou, esvaziei a bexiga. Meu Deus, senti-me tão bem. Rapidamente, lavei a cara, pus desodorizante e fui encontrar-me com os outros na praia.

Havia uma mulher idosa, esbelta e flexível, que usava umas meias roxas por cima de umas *leggings* azuis e que sorriu ao ver-me chegar. O resto do grupo já estava pronto nuns tapetes de ioga perto da beira-mar.

— Olá! *Namaste* — cumprimentou a senhora da licra. Juntou as palmas das mãos e inclinou-se para mim. — Por favor, sente-se naquele tapete.

Tinha a pele castanha como o tronco de uma árvore e delicada como um papel crepe, sobretudo, em contraste com o seu cabelo prateado. Tinha uma trança que lhe caía pelo corpo esquelético. Devia ter mais de sessenta anos, mas tinha o corpo de uma mulher de vinte anos.

Assenti e sentei-me no último tapete livre, o que estava à frente de todos. Magnífico. Carecia de flexibilidade. Deixara de tentar tocar nos dedos dos pés com as mãos nas aulas de ginástica da escola primária. Aquilo seria divertido.

— Bom, olá a todos. O meu nome é Yvonne e vou ser a vossa professora esta noite. Para os que nunca fizeram ioga, vou fazer tudo com calma, mas os que já beneficiaram do poder desta atividade maravilhosa — disse e assentiu para Flic, que retribuiu o sorriso —, podem aumentar o nível dos exercícios e sentir a força do sol, que está prestes a pôr-se.

A sua voz flutuava no ar. Falava como se estivesse drogada... Talvez estivesse.

— Eh... sim? — disse.

Bo levantara a mão.

— Acho que todos devíamos pôr vaselina para evitar os arranhões. A combinação de areia, aquecimentos e sol pode causar alergias.

— Não tenciono encher-me de óleo — queixou-se Bex, com horror.

— Obrigada pela sugestão, mas acho que não vai acontecer-nos nada — tranquilizou-o Yvonne. — Bom, comecemos. Vamos deitar-nos nos tapetes e concentrar-nos na respiração.

Enquanto seguia as suas instruções, apercebi-me de que Nihal e Ameera não estavam lá. Hum...

questionei-me que posições de ioga estariam a praticar em privado. Flic estava ansiosa por começar e parecia que a irritava que Ollie, Stefan e Bo estivessem mais atentos a um jogo de críquete que havia um pouco mais à frente, na praia, do que em abrir os seus chacras. Liz e Sarah estavam a espantar mosquitos e Bex bocejou sonoramente. Estava claro que já se sentia *zen*.

— Agora, respirem fundo e, depois, expirem — indicou Yvonne e expirou uma baforada de ar. — E outra vez — indicou.

Continuou a inspirar e expirar como se fosse um comboio a vapor e eu quase não consegui conter um risinho.

— Excelente! Agora, vamos fazer a posição do gato.

Adotou a posição sem esforço, enquanto os outros tiveram de se impulsionar para cima para se pôr em quatro patas. Cravei os joelhos no tapete e inclinei a cabeça para trás, observando o entardecer que estava a começar a aparecer entre as folhas das palmeiras.

— Agora, mantenham-se assim enquanto eu vou examinar as vossas posições.

Durante a nossa sessão de ioga ao ar livre, o céu ia mudando a cada segundo. A luz do dia apagava-se enquanto um reflexo ardente do sol tingia a parte superior das ondas que quebravam à nossa frente. Franjas cor de framboesa misturavam-se com tons alaranjados mais suaves, que tocavam no resplendor brumoso do pôr do sol. Era mágico.

Yvonne levantou-se com um salto e andou à nossa volta, pela areia.

— Um pouco mais alto, mais nada. O trabalho abdominal é excelente. Já só têm de mexer as mãos para as pôr um pouco mais por baixo dos ombros — explicou ao grupo, suavemente, antes de se aproximar de mim.

Inclinou o rosto bronzeado para olhar para mim.

— Bom, tem de levantar mais o rabo — indicou. Fiz o que me indicava, sentindo-me um pouco tola. — Perfeito!

Então, voltou para o tapete dela e retomou aquela posição ridícula que todos estávamos a fazer.

— Agora, inalem e, ao exalar, quero que curvem as costas para baixo, mas mantendo os abdominais contraídos. E... exalem — indicou.

Então, todos deixámos cair o estômago até ao tapete. Com aquele movimento simples, repentinamente, apercebi-me de que antes não precisava só de fazer chichi, porque me escapou um peido enorme.

Merda!

Fechei os olhos e, enquanto morria de vergonha, fingi que não fora eu a conseguir o recorde mundial na categoria de peido mais barulhento. Fora tão sonoro que até os meus pais poderiam tê-lo ouvido em Manchester. Durante o instante interminável que se seguiu, juro que a única coisa que se ouvia era o som das ondas e o barulho das folhas das palmeiras.

Surpreendentemente, Yvonne não prestou atenção ao acontecido e começou a dizer a todos para pararem de se rir e repetirem o movimento. O ardor das minhas faces acalmou, mas mantive-me concentrada no meu exercício para não me denunciar.

«Oh, meu Deus, livrai-me da vergonha. Ninguém sabe que fui eu!»

Foi então que me atingiu com toda a forma.

Senti vômitos e tossi ao sentir o cheiro penetrante e acre, um cheiro a ácido sulfúrico e a gás propano que se espalhou pelo ar e se tornou mais intenso devido ao calor. As pessoas também começaram a tossir com força e as gargalhadas aumentaram de volume.

— Quem é o responsável? — gritou Bex. — Meu Deus!

— Vá lá, vá lá, é natural que deixemos que o nosso corpo relaxe de todas as maneiras possíveis

— replicou Yvonne. Reparei que olhava para mim com os olhos semicerrados e uma expressão ligeiramente divertida.

«Continua a olhar para o tapete, continua a olhar para o tapete.»

— Essa explosão de gás mostarda não teve nada de natural! — continuou Bex e os outros riram-se ainda mais. — Quem foi? Vá lá, confessem.

«Olha para o tapete, olha para o tapete.»

— Por favor, estamos aqui para relaxar e para nos concentrarmos. Vá lá, agora, quero que façam a posição da criança — indicou Yvonne, que estava a tentar desesperadamente continuar com a aula. Todos tinham começado a rir-se abertamente.

Eu também me ri e olhei ao meu redor como os outros, tentando encontrar o culpado. Até encontrar o olhar de Chris. Estava mesmo atrás de mim, portanto, teria recebido a minha flatulência em plena cara. Merda! Olhou para mim com ceticismo, como se estivesse a desafiar-me a confessar que fora eu. No entanto, eu não disse nada.

— Bom, seja quem for, tem de parar de comer caris — avisou Bex, abanando teatralmente o nariz.

— Já chega, menina. Agora, por favor, sentem-se todos no tapete e ponham as pernas por baixo do corpo.

Yvonne olhou para Bex com severidade. Bex murmurou qualquer coisa e, em segundos, a aula estava novamente a funcionar. Não me atrevi a olhar outra vez para Chris e esforcei-me para manter as nádegas apertadas até ao fim.

Quando acabámos as aulas, enrolei o meu tapete e deixei-o numa pilha, junto dos pés de Yvonne. Ela sorriu. Sabia. Depois, voltei para a cabana a correr e verifiquei se não manchara a roupa interior.

«Deus existe, afinal de contas», pensei. Tapei a cara corada com as mãos, deitei-me na cama e amaldiçoei aquele país estúpido, as paredes de papel estúpidas, a ideia estúpida de ter de partilhar o quarto, os caris estúpidos e o ioga estúpido. Chris entrou pouco depois e cumprimentou-me, assentindo. Depois, continuou a desfazer a mala. Parecia que todas as suas camisas estavam engomadas tão impecavelmente como as de uma loja de roupa.

— Sabes? As lentilhas são um dos ingredientes mais propensos a causar problemas intestinais — comentou, sem rasto de sarcasmo, e continuou a tirar a roupa.

— Obrigada. Eu... eh... vou tê-lo em conta — declarei, em voz baixa.

Depois, virei-me na cama e tapei a cabeça com o lençol. Oxalá estivesse em qualquer outro lugar, exceto ali.

Capítulo 26

Efervescente (adj.): Ter ou demonstrar vivacidade e entusiasmo. Exuberante.

Poucas horas depois, saí da cabana. Chris fora-se embora um pouco antes para dar um passeio, segundo o bilhete que me deixara. Tomara um duche frio para me refrescar e fui encontrar-me com os outros ao anoitecer. Ao ouvir as vozes alegres do grupo, o coração acelerou de alegria. Estava contente por todos se darem tão bem. Ninguém se importava com a adição do outro grupo, nem que o *tour* tivesse sido tão caótico até àquele momento. A voz de Nihal ecoou pela praia enquanto contava uma piada. Quando acabou, todos desataram a rir-se. Recordei a viagem à Tailândia, com um guia desonesto, Kit, e as pessoas com quem tivera de conviver durante aquela primeira viagem como mochileira. Aquele *tour* horrível fora um dos motivos por que fundara O Clube de Viagens para Corações Solitários. Não queria que alguém que ficara solteiro de repente tivesse de viver aquele pesadelo.

Distingui as silhuetas dos membros do grupo. Estavam sentados em grandes almofadas e em colchões ao redor de uma fogueira. Era por isso que estava ali: Para ajudar aquelas pessoas a superar os seus problemas, vendo o outro extremo do mundo. Cumprimentei-os e ocupei um lugar vazio na areia.

— Eh, perdi alguma coisa?

— Bom, estávamos prestes a jantar. Pedi ao cozinheiro para nos servir uma comida tradicional de Goa — explicou Nihal, com orgulho.

— Ena, parece delicioso — comentei. Recordei o comentário que Chris fizera sobre as lentilhas e decidi que não ia tocar no *dal*.

— Além disso, esta noite é muito especial, porque é a véspera do Holi. É tradição fazer uma fogueira para nos prepararmos para o festival de amanhã. Portanto, enquanto esperamos pelo jantar, porque não jogamos a qualquer coisa? Para nos conhecermos um pouco melhor.

Ameera assentiu e disse:

— Sei que talvez tudo tenha parecido um pouco desligado, mas, agora que estamos em Goa, e sendo dois grupos que se uniram, seria agradável saber um pouco mais uns dos outros.

Ouvi murmúrios de aprovação ao meu redor e Ameera dirigiu-se a mim:

— Bom... Louise, gostarias de começar? Podes dizer-nos porque estás aqui.

Tentei disfarçar o meu espanto. Nihal sabia porque eu estava ali, mas não devia ter explicado à namorada.

— Eh... sim, claro — replicou, enquanto todos se viravam para mim.

— Não tens de ser a primeira, se não quiseses — interveio Nihal, mas Ameera deu-lhe uma

palmadinha suave no braço.

— Não te importas, pois não? — perguntou ela. A pergunta era inocente, mas eu não sabia o que dizer. Inventava uma história falsa de desamor ou contava a verdade?

Abanei a cabeça e respirei fundo.

— Bom... eh... Há um ano, estava a preparar o meu casamento.

Fiz uma pausa. Quando pensava naquela rapariga, ainda me parecia incrível. A que estava obcecada por preparar um casamento perfeito, pela colocação das mesas, pelos enfeites e pelas provas do bolo nupcial e que não se apercebera de como era infeliz naquela situação até perder o controlo de tudo e ir de viagem à Tailândia para nunca mais voltar.

Liz sorriu compreensivamente e encorajou-me a continuar.

— Eh... poucas semanas antes do casamento, o meu noivo chegou a casa do trabalho uma noite e acabou comigo. Não queria casar-se. No entanto, não era um caso de medo do compromisso, mas de ter passado uma boa temporada a enganar-me com outra.

— Bode! — gritou Bex e fez-me sorrir.

— Sim, eu pensei o mesmo — concordei.

— E já não pensas? — perguntou Liz.

Eu fiz um gesto negativo.

— Não. O que penso é que foi um covarde por não se atrever a acabar comigo até só faltarem duas semanas para celebrar o casamento. Os preparativos tinham sido muito caros e muito trabalhosos para mim. No entanto, sei que me despertou. Estava obcecada com ser uma versão perfeita de mim própria e tinha-me adaptado para me ajustar exatamente ao que a família e ele queriam. Tanto que me tinha esquecido de quem era realmente. Já não era Georg... Quero dizer, Louise. Era Louise e Alex.

— Não consigo acreditar que demonstres tanta calma quando falas disso — indicou Sarah, a mulher do cabelo encaracolado, assentindo com sabedoria.

— Suponho que todos os fins de relações têm um aspeto positivo e que todos os finais trazem novos começos. Mesmo que seja um clichê, é verdade: O tempo cura tudo, mereces algo melhor e as coisas serão cada vez mais fáceis. Só tens de saber o que vales e que, no fim, correrá tudo bem.

Os outros olhavam para mim com um ar de preocupação, falta de segurança e dor devido ao que tinham perdido e eu continuei:

— Estão aqui, no outro lado do mundo, longe do vosso dia a dia, dos lugares em que se sentem confortáveis porque vos são familiares. Passaram pelo... eh... momento difícil do começo deste *tour*, mas espero que possam olhar para trás e ganhar confiança com as experiências que tiveram até agora. Bolas, sei que participar numa rodagem de Bollywood é uma oportunidade única na vida e que deve ter sido um impulso para vocês!

— E como, bom, já sabes... como superaste o fim da relação com o teu noivo? — perguntou Liz, enquanto brincava com a beira desfiada do seu tapete.

— Fui de viagem. Mudei de perspetiva, literal e figurativamente. Relacionei-me com outras pessoas fabulosas que, ao princípio, eram desconhecidas e permiti-me chorar pelo que perdera. No entanto, embora soubesse que não repetiria o que vivi com ele, sinto-me muito mais feliz com as coisas que aprendi a fazer sozinha, com os amigos que conheci e com os lugares em que estive por causa do que ele me fez. Portanto, para responder à tua pergunta e nas palavras de Kelly Clarkson, não permiti que aquilo me matasse, senão que me tornasse mais forte.

Houve aplausos, e corei e pestanejei os olhos cheios de lágrimas.

— Bom e porque vieste também a esta viagem? Se já tinhas viajado para o superar, porque voltaste? — perguntou Chris, tirando-me das nuvens de repente.

— Bom, eu... eh... — balbuciei. — Não há um momento concreto em que começamos a sentir-nos melhor e voltamos a ser nós próprios. Eu sempre quis conhecer a Índia, mas, apesar da segurança que adquiri durante a minha última viagem, ainda tinha um certo receio de vir aqui sozinha. Portanto, reservei este *tour*. Bom... mais alguém quer continuar? — perguntei, sorrindo, com a esperança de que a minha resposta rápida e inventada fosse suficiente.

Quando Flic levantava a mão para começar, Chris voltou a interromper.

— Então, pode dizer-se que foste o membro original de O Clube de Viagens para Corações Solitários?

Ri-me com torpor.

— Eh... bom, sim, poderia dizer-se que sim — concedi. Não queria dizer-lhes que era a dona da empresa e muito menos quando estavam prestes a abrir-se com os outros. — Bom, Flic, como estavas a dizer...

— Ah, sim. Eu...

— Então, suponho que já tenhas superado o fim da relação. Suponho que viajar te tenha ajudado a recuperar — insistiu Chris e os outros observaram-no com irritação. Realmente, não estava a fazer amigos.

Virei-me para ele com um sorriso falso, contendo um suspiro. Não tinha o coração partido, como da última vez que fora de viagem, mas a minha situação com Ben também não era um sonho tornado realidade.

— Bom... suponho que não esteja exatamente onde pensava que ia estar — concedi.

— Acho que o Ollie te ajudará a esquecer o teu ex-namorado! — gritou Bex, fazendo com que todos se rissem.

— Cala-te, Bex — pediu Ollie. Apanhei-o a olhar para Liz de soslaio. Ela estava sentada muito erguida e tinha um ar de desconforto.

— Então, Flic... — comecei e dizer e virei-me para ela, virando as costas a Chris para lhe indicar que acabara o interrogatório a Louise/Georgia.

— Não importa — redarguiu, com uma expressão de aborrecimento.

— Então, é a minha vez — declarou o senhor chinês, levantando o braço. — Chamo-me Bo.

Enquanto Bo nos falava do fim da relação com a namorada do liceu, que o deixara por um rapaz que conhecera no ginásio, abstraí-me e questionei-me o que estava a acontecer entre mim e Ben. Sentia-me como se estivesse numa montanha russa de emoções. Algumas vezes, queria obrigar-me a reunir a coragem necessária para lhe dizer o que sentia e, outras, dizia-me que, na verdade, era apenas uma tolice que devia ficar no passado. Alguma vez faria parte da minha vida e do meu futuro ou continuaríamos a ser apenas colegas de trabalho que se davam muito bem? Devia deixar tudo como estava e seguir em frente?

Era óbvio que Bo ainda estava na fase de ódio pela ex-namorada, porque acabou de contar a história dizendo, entredentes, que era uma verdadeira ordinária. Quase lhe disse que lhe passaria a vontade de encontrar uma boneca de *vudu* com a cara de Kiko, quando vi que Liz levantava um braço pálido, que quase era transparente contra as brasas brilhantes do fogo.

— Sim, Liz — disse Ameera, sorrindo afetuosamente.

Quando Liz pigarreou, Ollie levantou a cabeça.

— Entendo o que o Bo está a dizer — replicou, num tom fraco. — Eu... eu... estive numa situação muito parecida.

Foi quase doloroso vê-la a abrir-se com os outros. Tinha os ombros encurvados e estava a brincar com um fio das suas calças.

— Bom e queres contar ao grupo? — perguntou Ameera, encorajando-a suavemente.

Liz assentiu.

— Sei o que o Bo quer dizer porque eu fui essa rapariga. Enganei o meu ex-namorado.

Os olhos encheram-se de lágrimas. Preparei-me para o grupo, ou melhor, Bex, a atirar para a fogueira, mas todos ficaram em silêncio. Certamente, estavam espantados com o facto de Liz estar a falar em voz alta pela primeira vez.

— Estive com um homem maravilhoso durante quatro anos. Ele nunca me fez nada de mal. Tínhamos uma relação muito convencional, não sei se me entendem. Às vezes, era suficiente, mas, outras vezes... não era suficiente — explicou e começaram a cair-lhe as lágrimas pelas faces, sobre as calças. Parecia que Ollie não sabia o que fazer, se abraçar aquela mulher vulnerável de que, obviamente, gostava, ou esperar para ouvir toda a sua explicação. — Uma noite, embebedei-me num bar, sozinha, quando ele estava a trabalhar fora. Fui para casa com um homem desconhecido. Nem sequer sabia como se chamava. Depois, fiquei com um sentimento horrível de culpa, de arrependimento e de nojo devido ao que tinha feito.

Ela soluçou. Todos estavam em transe. Quem ia pensar que Liz tinha aquele lado obscuro.

— Mas continuei a fazê-lo. Excitava-me a possibilidade de me surpreender, de poder demonstrar que me tinha subestimado. Não era uma mulher fraca, calada e aborrecida. Uma noite, ele viu umas mensagens no meu telemóvel e, com razão, ficou furioso. Gritou que era uma ordinária e que lhe tinha partido o coração. Nunca esquecerei a sua expressão de repugnância. Fez a mala e foi-se embora. Nunca mais voltou. Depois disso, fui a uma psicóloga para falar do que tinha feito, de os meus impulsos me terem levado a magoar alguém que me importava muitíssimo — declarou Liz e respirou fundo antes de continuar. — Explicou-me que era natural que quisesse sentir-me realizada em todos os aspetos de uma relação e que, embora o tivesse resolvido da maneira errada, também tinha provado o que mais valorizava num companheiro. Por muito triste que fosse, o meu namorado e eu não éramos um para o outro.

Ollie tinha os olhos esbugalhados. Quase conseguia ouvir as engrenagens da sua mente a funcionar a toda a velocidade, a pensar que a rapariga de que gostava tanto era, na verdade, uma deusa do sexo.

— Nunca tinha contado a ninguém, para além da minha psicóloga — prosseguiu ela. Enxugou os olhos e olhou para todos. — Lamento imenso ter enganado o meu ex-namorado. Sei que muitos de vocês estão aqui porque os vossos parceiros vos fizeram algo parecido e que, provavelmente, me odeiam neste momento. Mas não podia continuar a fingir que era a vítima quando não é verdade.

— Anda cá, anda! — exclamou Bex e abraçou Liz com brusquidão. Parecia que Ollie desejava fazer o mesmo. — Claro que não te odiamos. És muito valente por o teres admitido e... — Olhou para todo o grupo, como se estivesse a desafiá-los a contradizê-la. — Estamos todos do teu lado.

— Obrigada! Não sabem como me sinto bem por isso — agradeceu Liz, entre lágrimas.

Realmente, estava muito arrependida do que fizera. Questionei-me se Alex sentiria algo parecido devido à forma como me tratara. No entanto, não queria pensar no passado e, rapidamente, tirei-o da minha mente.

— Queria justificar-me neste *tour*, mas, à medida que ia descobrindo que alguém fora enganado e o que sentia, não podia dizer nada. Sei que ninguém me partiu o coração, mas estou a habituar-me a estar sozinha, a tentar saber o que quero numa relação e a tentar ter mais segurança em mim própria, em vez de me sentir envergonhada.

— Então, acho que deste o primeiro passo para te transformares na nova Liz — declarei, com um sorriso. — A Bex tem razão. Foste muito valente por nos contares e tenho a certeza de que vais encontrar a pessoa que procuras muito em breve — disse. Não olhei para Ollie, mas senti que irradiava emoção e energia.

— Pessoal — disse Stefan.

— Queres ser o próximo? — perguntou Nihal. — Porque acho que o jantar já está quase pronto.

— Não, bom, posso esperar até depois de jantar, mas... olhem — indicou e esticou o braço para o mar. Havia peixes voadores a saltar entre as ondas e a brilhar à luz da lua.

— Incrível! — exclamou Ollie. Inclinou-se para trás, apoiando-se com os cotovelos na areia, e observou aquele espetáculo da natureza.

De repente, a maré baixou e os peixes ficaram parados na areia húmida.

— Temos de os levar novamente para o mar! — gritou Ollie, levantando-se.

Todos corremos para a beira-mar e começámos a pegar nos peixes e a atirá-los novamente para a água, antes de ser demasiado tarde. Foi um verdadeiro trabalho em equipa e conseguimos fazer com que todos os minúsculos peixes voltassem para as suas famílias.

Depois do jantar, voltámos para as nossas cabanas, satisfeitos, alegres e mais unidos como grupo. Anoitecera e ouvi os gritinhos e as gargalhadas das pessoas que iam para as cabanas, iluminando-se com a luz dos telemóveis. Chris já estava a dormir quando cheguei. Fora-se embora várias horas antes dos outros, porque parecia que aquelas conversas catárticas não eram para ele. Era uma pena, porque eu tinha uma grande curiosidade por saber porque estava ali e quem o magoara. Talvez devesse ir apertar-lhe a mão. «Não, Georgia, sê boa.»

Embora fosse estranho, não me importei de partilhar o quarto com um homem que mal conhecia, certamente, porque a única coisa que podia acontecer quando estivesse com ele era a morte por silêncios embaraçosos. Lavei os dentes e deitei-me.

— Louise.... Hum...

— O que foi, Chris? — sussurrei e apercebi-me de que estava a falar em sonhos. Magnífico. De certeza que ia risonhar.

— Empresa. Está bem, escrevo-o. Está bem.

Parecia que alguém devia abster-se de jantar antes de se deitar. Pus uns protetores auriculares nos ouvidos e adormeci.

Capítulo 27

Deleite (s. m.): Delícia, desfrute.

— Feliz Holi!

Nihal e Ameera corriam pela praia com uns sacos por baixo dos braços, rindo-se juntos. Depois dos últimos dias, todos precisavam de dormir bem, portanto, tínhamo-nos levantado tarde e íamos passar a manhã a fazer absolutamente nada. A maioria do grupo reuniu-se no restaurante e estava a tomar um pequeno-almoço tardio, a jogar às cartas ou a ler em alguma das espreguiçadeiras às cores.

— Pessoal! Feliz Holi! — exclamou Ameera e Nihal começou a dançar ao redor da mesa antes de se sentar connosco. — Hoje é o festival das cores e do amor, portanto, têm de vestir roupa branca. Trouxemos algumas *t-shirts* para vocês, para o caso de não terem nada branco. Depois, que comece a celebração!

— Isto é tinta para o Holi — explicou Nihal e mostrou-nos uns saquinhos com pós às cores, vermelhos, azuis, cor de laranja, amarelos brilhantes e cor-de-rosa.

— É pó? — perguntou Bex. — Achava que era um festival de tinta. Não podemos decorar a parede com isto.

— Ah, não! O que se faz é misturar este pó com água e formar uma massa que podemos atirar a todos — explicou Ameera. Estava feliz e emocionada. Entregou saquinhos a todos.

Muito em breve, tudo se transformou num carnaval de cores. As pessoas invadiram as ruas e parecia que lhes tinham entornado um balde de tinta em cima. As crianças corriam e riam-se com pistolas de água, apontando para qualquer pessoa que encontrassem pelo caminho, incluindo os cães da rua, que ladravam e perseguiam os jorros de água às cores que caíam no chão.

— Balões de água! — gritou Bex, correndo e atirando qualquer coisa que se parecia mais com um preservativo cheio de cores do que com pequenos balões.

Ouviu-se uma tamborilada melódica, cujo som aumentava à medida que passava pela vila uma procissão de homens e crianças que cantavam uma canção animada. Tinham as pestanas cobertas de tinta azul, o cabelo colado por causa das tintas e os braços cheios de manchas ao estilo de Monet.

— Conforme se aproxima a lua cheia, chega a primavera e o ambiente enche-se de possibilidades. É a temporada ideal para perdoar e esquecer o passado — explicou Nihal, com toda a seriedade que pôde, embora parecesse que acabara de sair de uma explosão química debaixo daquele caos de pó, giz e cores. — Era por isso que estávamos muito interessados em estar aqui a tempo para celebrar o Holi com vocês. É perfeito para O Clube de Viagens para Corações Solitários, porque assim poderão passar para a fase seguinte com uma sensação mais leve e mais feliz e estar prontos para encontrar novamente o amor. O pó às cores tem esse poder!

Estava despreocupada e livre. Tinha esquecido que era uma profissional disfarçada e afundei as mãos na tinta para atirar punhados a todos. Aqueles hindus tinham um bom festival. Fora com o velho e bem-vindo o novo. Era como uma boa limpeza na primavera, mas mais suja e muito mais divertida. Todos na vila estavam de muito bom humor, até as idosas que estavam sentadas nos seus bancos, com os pés inchados, e que lançavam os braços para se cobrir de cores enquanto se riam.

Quando acabámos as tintas, voltámos às cabanas e tirámos fotografias com aquele aspeto tão ridículo.

— Oh, Chris, tira-nos uma fotografia! Sorri, Louise! — gritou Bex.

Chris assentiu e focou-nos com a máquina fotográfica magnífica. Sorri e levantei os polegares.

— Agora, vamos tirar uma fotografia de grupo — acrescentou e passou um braço pelos ombros de Nihal. Depois de ter o grupo todo junto, obrigou Chris a passar o telemóvel a uma pessoa que passava na rua, para que nos fotografasse. — Diz: «Feliz Holi»!

— Feliz Holi! — gritámos todos.

Algumas horas mais tarde, quando o sol se pôs e nos observava a lua cheia e brilhante, pedimos uns riquexós amarelos e verdes de três rodas para ir da vila para as colinas. Íamos a Leopard Valley, onde se celebrava uma grande festa Holi na selva, durante toda a noite. Evitara partilhar o táxi com Chris que, de alguma forma, conseguira manter-se impecavelmente limpo. Nós, pelo contrário, ainda tínhamos a roupa manchada de tinta. Ollie fez-me um gesto para ir com ele à festa. O condutor ia muito sorridente porque estava contente por ter trabalho e não parecia incomodado com o facto de sujarmos os bancos com tinta.

— Não preferes ir com a Liz? — perguntei, enquanto baixava a cabeça para entrar no riquexó.

Ollie entrou também e, ao sentar-se, os joelhos quase lhe tocaram no queixo.

— Então, percebeste que gosto dela? — perguntou, timidamente.

— Ollie, todos sabem que gostas da Liz. Bom, menos a própria Liz e, talvez, a Bex — acrescentei. Ele apoiou a cabeça nas mãos.

— Bom, sim... Mas achas mesmo que a Liz não sabe?

Abanei a cabeça.

— Acho que a Liz estava demasiado preocupada com a hipótese de o grupo a rejeitar por causa do seu segredo.

— Ainda não consigo acreditar! — exclamou Ollie, com espanto. — É óbvio que não sou a favor da infidelidade, mas nunca me teria passado pela cabeça que tinha sido ela, precisamente, a fazer uma coisa dessas.

— Sim, bom... dizem que são sempre os mais calados — trocei, com um sorriso, e tive de me agarrar ao banco da frente quando o veículo fez uma curva sobre uma só roda. — Mas, se tu não tiveres problemas com as suas... eh... necessidades... — disse eu e fiquei calada, porque me sentia incomodada a falar da possível vida sexual de Liz e Ollie. De repente, estava muito calor no riquexó.

Ollie estava tão espantado como eu e olhou pela janela cheia de pó como se estivesse envergonhado.

— Na verdade... Bom, gosto de desafios.

— Magnífico! — exclamei, com demasiado entusiasmo. — Eh, muito bem. Vai falar com ela. Convida-a para passar o dia contigo, os dois sozinhos. Tenho a certeza de que o Nihal não se importará se se escapulirem, de facto, creio que adoraria indicar-vos lugares românticos onde possam ir.

— Hum... — murmurou Ollie. — Mas, Louise...

— O que foi?

— E se não estiver... sabes, à altura? — perguntou. Estava tão consternado e parecia tão vulnerável que tive de conter a gargalhada. Pus-lhe uma mão no ombro e dei-lhe um aperto suave.

— Ollie, seria parva se não saísse contigo. Não penses muito nisso, está bem?

Ele assentiu e, de repente, deu-me um abraço rápido.

Reparei que o condutor nos observava pelo espelho retrovisor.

— Obrigado, Louise. Falo a sério. Alegro-me muito por estares neste grupo — declarou Ollie. Soltou-me e esboçou aquele sorriso de atrevimento. Liz estaria louca se resistisse àquilo.

— Eu também te agradeço — afirmei, com sinceridade. — O que tens a perder? Nunca se sabe o que o dia de amanhã nos proporcionará.

— Bom, chegámos a Leopard Valley! — disse o condutor, interrompendo a conversa, enquanto entrava num estacionamento cheio.

O resto do grupo já estava à espera junto de um grande sinal. Ouvia-se a música de um DJ através de uns altifalantes, no meio do silêncio e das palmeiras enormes e exuberantes que nos rodeavam.

— Normalmente, em Goa, há uma observância muito rígida da lei contra o barulho, portanto, a diversão tem de acabar às dez da noite — estava a explicar Nihal, quando Ollie e eu chegámos junto deles, depois de pagar ao condutor. — Mas, como é o Holi, todas as regras desaparecem! — exclamou, rindo-se.

— Para os que não aguentarem o ritmo, os *tuk tuk* estarão disponíveis durante toda a noite, se alguém quiser ir dormir — disse Ameera, lançando um sorriso muito pouco subtil a Chris. — Para o resto dos farristas, a festa acabará muito tarde. Temos mais saquinhos de tinta para que desfrutem deste festival maravilhoso — redarguiu e entregou-nos mais saquinhos cheios de pó às cores. Depois, seguimos um caminho serpenteante assinalado com tochas acesas que nos levou à festa na selva.

Havia bailarinos escandalosamente vestidos que mexiam energicamente o corpo ao ritmo da música em pódios altos e resplandecentes. Um homem cuspiu fogo enquanto passávamos à frente dele e havia duas raparigas a girar e a rir-se serenamente, como se deitar faíscas pela vagina fosse algo totalmente normal. Centenas de aldeãos, mochileiros e expatriados dançavam ao som da música eletrónica, iluminados pelas luzes estroboscópicas brilhantes. Aquilo era diferente de qualquer festa em que eu tivesse estado.

Nunca entrara no mundo das *raves* quando era mais jovem, porque era demasiado paranoica e receava que me dessem uma bebida adulterada, era demasiado nervosa e receava que houvesse uma luta, já para não mencionar que receava o aborrecimento mortal de passar metade da noite à espera na fila das casas de banho das senhoras. Marie e eu preferíamos passar as noites de sábado num bar ou beber um copo em casa, o que significava que, normalmente, não saíamos de casa, porque eu acabava a segurar o cabelo ruivo de Marie enquanto ela vomitava na sanita.

Tentar chegar ao bar era como andar através de uma nuvem de fumo. Chegavam descargas de pó às cores de todas as direções.

— Eh, o que vão tomar? — perguntou-nos um empregado sorridente, que tinha um lenço atado à cabeça.

Pedimos uma cerveja e, então, Ollie virou-se para mim.

— Está bem. Vou falar com a Liz. Vou dizer-lhe que gosto dela — decidiu e ficou tenso, como se

estivesse a preparar-se para a batalha. — Como o Nihal disse, hoje é um dia para os novos começos. Consigo fazê-lo.

Dei-lhe uma palmadinha no ombro e sujei a mão de pó verde.

— Em frente. Fá-lo.

Ele assentiu e saiu disparado em busca da sua donzela. Oxalá ela o reconhecesse sob toda aquela tinta.

— Bom, estás a divertir-te? — perguntou Nihal, que se aproximou de mim a dançar e a saltar e apoiou o braço no bar.

— Sim! Isto é selvagem! — exclamei, rindo-me e apontando para a multidão enérgica que dançava, tocava apitos e mexia paus luminosos para o DJ. — Depois de Bombaim e Nova Deli, é exatamente o que precisava.

— É o mínimo que posso fazer para te agradecer por me devolveres o meu amor — disse ele e cumprimentou Ameera, que estava a dançar com elegância num canto, com Flic. Vestia uma saia comprida e o tecido estava cheio de manchas às cores. — Estamos muito agradecidos, Georgia — replicou e, rapidamente, olhou ao seu redor para verificar que ninguém o ouvira. — Quero dizer, Louise — acrescentou, em voz mais alta.

— Eu não fiz nada — respondi, corando.

— Bom, menos conversa e mais dança, menina Green! — exclamou Nihal. Rindo-se, puxou-me pela mão e levou-me para ao pé de Ameera.

Quando o DJ pôs uma versão de *Shake It Off* misturada com o ritmo *bhangra*, todos explodiram. Se a festa tivesse um teto, teria caído. Foi um daqueles momentos em que precisava de parar um minuto para assimilar tudo. Estava suada, cheia de tinta, a dançar como se ninguém me visse no meio de uma selva durante o Festival Holi, num *tour* que a minha própria empresa organizara. Caramba!

— Vou procurar a casa de banho! — gritei para Ameera, para me fazer ouvir. Ela assentiu.

Afastei-me da pista de dança e caminhei entre as árvores. Junto das casas de banho, tinham disposto uma zona de relaxamento por baixo de um caramanchão coberto de trepadeiras e, ali, havia vários mochileiros sentados em pufes enormes, a fumar cachimbos e a brincar com as suas garrafinhas de cerveja, como se não estivessem a poucos metros da festa indiana da lua cheia.

— Feliz Holi! — exclamou, uma rapariga com um corte de cabelo ao estilo *pixie*, enquanto eu lavava as mãos.

Assustei-me. Era exatamente como Shelley. Poderia ser a sua irmã gémea, com as suas sardas e os seus olhos verdes. Franziu o sobrolho ao ver que ficava a olhar para ela, certamente, de um modo estranho. Ao ver aquela dupla de Shelley, recordei que sobreviviera àquela viagem sem a minha amiga. Toda a ansiedade que tinha no aeroporto de Manchester desaparecera. Correria tudo bem.

— Eh... sim, lamento muito! Feliz Holi! — exclamei, com um sorriso. A rapariga assentiu e saiu rapidamente.

Eu também saí e percorri o caminho em busca dos outros, evitando três rapazes indianos que cambaleavam.

— Eh, pessoal, alguém quer beber alguma coisa? — perguntei, enquanto me aproximava a dançar de Ollie, Bex e Liz, que estavam ao redor de Chris, a olhar para o telemóvel.

Todos me ignoraram.

— Pessoal? — perguntei, em voz mais alta.

Olharam para mim com uma mistura de desgosto, irritação e tristeza.

— O que se passa?

Olhei para o ecrã do telemóvel de Chris e senti-me como se alguém me tivesse posto gelo dentro da *t-shirt*. Tudo o que eu estivera a tentar esconder estava ali, à frente dos meus olhos.

Capítulo 28

Verosimilhança (s. f.): Aparência ou semelhança com a verdade; probabilidade.

No meio do ecrã do telemóvel havia um vídeo curto em que aparecíamos Ben e eu na agência. Ele encoraja-me a fazê-lo porque podíamos usá-lo na publicidade, embora eu detestasse a câmara. Parecia-me que a minha voz era masculina, que tinha umas olheiras proeminentes e que devia ter ido ao cabeleireiro antes de o filmar.

Meu Deus, estava muito diferente.

Só tinham passado algumas semanas desde que tínhamos feito aquele vídeo e, ao ver os meus olhos cansados, o meu cabelo murcho e a minha voz esgotada, não me reconheci. Ainda que, ao ouvir a minha gargalhada tola e a música que algum amigo de Ben compusera, o meu aspeto fosse o que menos me preocupava.

— Onde encontraste isso? — perguntei a Chris.

— Bom, Georgia Green: Mochileira com o coração partido e, também, empresária e fundadora de todo o grupo turístico — acusou Chris e os outros olharam para mim com a boca aberta, à espera que dissesse alguma coisa.

— És mesmo tu, Louise? — perguntou Liz, com os olhos cheios de lágrimas. — Tu és a dona da empresa? Não és uma mochileira como nós?

Senti-me mal. Não tinha palavras, portanto, assenti. Oxalá Chris desligasse o telemóvel. Aproximaram-se outros membros do grupo para ver o que se passava e olhavam por cima do ombro de Chris para o ecrã. Depois, levantavam a cabeça e observavam-me com desconcerto. Parecia que Chris estava feliz por ser, finalmente, o centro das atenções. Notava-se o poder que o seu ego estava a absorver e tive vontade de vomitar.

— Louise? És a Georgia? — balbuciou Bex. Por uma vez, parecia que ela também não tinha palavras.

— Mentiste-nos? — perguntou Ollie, que estava a poucos centímetros de mim, com o corpo tenso como se quisesse dar-me um murro.

Assenti mais uma vez.

— Não consigo acreditar. Pensava que eras apenas mais uma — disse, com fúria. Apercebi-me de que tinha o braço por cima dos ombros de Liz.

— E sou! — exclamei, num tom suplicante.

Os únicos que faltavam naquele golpe de estado eram Nihal e Ameera. Procurei-os desesperadamente com o olhar, porque sabia que eles me defenderiam. No entanto, não consegui encontrá-los naquele mar de caras pintadas.

— Sim, sim, claro. Então, isto não foi uma experiência da dona, que veio disfarçada para ver como pode melhorar as vendas ou algo do estilo — acusou Ollie.

Não sabia que podia zangar-se tanto. Bex abanou a cabeça com desilusão enquanto se afastava.

— Bex, espera! Ollie, escuta! Estão a fazer com que pareça pior do que é. Organizei o *tour* e sou a dona da agência, mas tive um fracasso amoroso e sei como dói. E também sei que pode melhorar.

Ele revirou os olhos.

— E esperas que acredite, quando vieste espiar-nos antes de voltares para a tua mansão e usares as nossas histórias para vender mais viagens? Conseguiste fazer com que confiássemos em ti, não porque somos importantes, mas porque querias aumentar as vendas. Não consigo acreditar que nos tenhas mentido, Louise... Ou Georgia ou quem quer que sejas que te chamas! Eu confiei em ti — declarou. Tremia-lhe a cara toda e tinha um tom emocionado.

— Oxalá tivesse uma mansão! — exclamei, com ironia. Então, percebi que isso não era o mais importante e suavizei o tom de voz. — Ollie, por favor. Disse algumas mentiras. É verdade que sou a dona da agência, mas também sofri um desengano. Não vim nesta viagem para vos espiar. Foi apenas porque pensava que o Nihal estava a passar uma má temporada e deixei tudo em casa, no meu apartamento minúsculo, para me certificar de que todos podiam ter a experiência que mereciam na Índia — expliquei. Começara a chorar sem conseguir evitá-lo.

— Bom, certificaste-te de que seria inesquecível, certamente — queixou-se, secamente.

— Eu sei e lamento muito. Não tinha de ser assim. A única coisa que queria era ajudar-vos a superar o fim das vossas relações. A todos vocês — declarei e olhei ao meu redor em busca de uma cara amigável, compreensiva.

— Sim, sim. Se fosses tão experiente em relações amorosas, saberias como é difícil voltar a confiar — disse e afastou-se de mim, levando Liz.

— Ollie, por favor, espera! — roguei. Virei-me para falar com os outros, mas também se afastaram.

Chris e eu estávamos cara a cara.

— Não tinhas de fazer isso! — gritei.

— Eu não fiz nada — defendeu-se e pôs a mão no peito com petulância. Bode. — Pensei que os outros tinham o direito de saber que estão a ser alvo de uma experiência.

Cerrei os dentes.

— Não era uma experiência.

Chris suspirou e, finalmente, desligou o maldito telemóvel. Assentiu, como se estivesse a ouvir uma menina que explicava as suas teorias da vida.

— Hum... está bem, menina Green, quer dizer, patroa. Por favor, desculpa-me?

Afastou-se também, deixando-me sozinha, humilhada e triste na pista de dança.

Fugi da festa, apanhei um *tuk tuk* e voltei para a cabana sozinha. Fui dar um longo passeio pela praia vazia. Chutei a areia com os pés, atirei os seixos que encontrei para as ondas escuras e vi as suas ondulações iluminadas pelas estrelas que brilhavam na escuridão do céu. Tive de me conter para não saltar para a água e afastar-me a nadar. Deitara tudo a perder. Nunca devia ter ido ali. Aquelas pessoas tinham confiado em mim, tinham-se aberto comigo e esperavam que fosse como elas, não uma fraude, uma farsa, uma empresária patética que acabara de se queimar ao tentar fazer com que O Clube de Viagens para Corações Solitários fosse um sucesso.

No entanto, as coisas tinham corrido bem. Os dois últimos dias tinham sido os mais felizes para

mim em muito tempo, provavelmente, desde a última viagem à Tailândia, quando estava com o grupo original dos Corações Solitários e Ben e Jimmy. Tínhamos passado tantas noites numa praia isolada e perfeita como aquela de Goa, a desfrutar, a resolver o mundo e a deixar voar lanternas chinesas acesas com desejos escritos à mão. Bom, nenhum desses desejos se tornara realidade. Fechei os olhos e deixei escapar um suspiro profundo. Marie não me falava, Ben estava a sobreviver perfeitamente sem mim e os viajantes daquele *tour*, alguns dos quais se tinham tornado meus amigos, queriam que fosse à merda. Ao ver a mulher que aparecia naquele vídeo curto, não era de estranhar que Ben não mostrasse o menor interesse em mim.

Parecia um desastre. Era um desastre e continuava a sê-lo. E não sabia como ia resolvê-lo.

Capítulo 29

Fugir (v.): Escapar de um perigo ou uma perseguição.

Nihal organizara uma visita de grupo a um refúgio de animais que cuidava dos muitos cães abandonados que havia por todo o lado, seguida pela visita a uma plantação de especiarias. Ainda estava escondida por baixo do lençol. Não queria sair do meu próprio refúgio. Ignorara Chris enquanto ele se levantava e se arranjava, há uma hora. Tapei os ouvidos enquanto assobiava no duche, ainda que, depois, não conseguisse esquecer a maldita melodia da *Guerra das Estrelas*.

Quase não conseguira dormir. Não entendia porque Chris me fizera uma coisa daquelas. Bom, era lógico, se encontrara aquele vídeo, mas podia ter-me perguntado de que se tratava, em vez de pôr todos contra mim. Oh, meu Deus, imaginava as críticas que aquela viagem ia ter.

— Bom-dia, patroa — troçou Chris, com um sorrisinho malicioso. — Hoje não vais levantar-te para mexerica um pouco mais sobre nós?

— Sabes? Não tinhas de fazer isso, Chris — queixei-me, cerrando os punhos. Não ia permitir que aquele homem tão estranho e arrogante ganhasse. Tinha demasiado a perder.

— Fazer o quê? Dizer a verdade? — perguntou ele e riu-se amargamente, mostrando os dentes arranjados. — Estas pessoas confiavam em ti, Georgia. Contaram-te as suas intimidades e estavas a enganá-las.

Abanei a cabeça. Tinha um sentimento de raiva e de culpa.

— Está bem, talvez pareça que sim, mas juro-te que não era o meu plano.

Ele levantou o nariz e suspirou.

— Como queiras. Bom, patroa, se me desculpares, vou ter com os outros. Podes ficar aqui a escrever as tuas notas para aumentar as vendas, se quiseres. Entendo que não possas vir — comentou.

Virou-se e começou a preparar a mochila para aquele dia. De repente, questionei-me se magoaria os nós dos dedos se lhe desse um bom empurrão. Mas, como era a patroa, decidi que não era o mais adequado.

— Encontro-me com vocês mais tarde — murmurei e virei-me até ouvir que a porta se fechava.

O que podia fazer? Sabia que devia ter-me levantado e ter ido aos passeios com o meu melhor sorriso, como se não tivesse acontecido nada. Tinha de parar de me queixar. Sim, estragara tudo, sim, tinha de recuperar a diversão na minha vida e encontrar o equilíbrio com o trabalho e, sim, tinha de comprar um creme para as olheiras, mas, além disso, criara uma empresa e estava a mantê-la, num momento em que oito em cada dez negócios não cumpriam o primeiro ano de vida.

Por outro lado, era verdade que as coisas com Ben não estavam a correr como eu queria, mas isso

era porque me tinha transformado numa aborrecida que só conseguia pensar no trabalho, como aquelas mães que não paravam de se gabar no Facebook de tudo o que o seu bebé recém-nascido fazia. Marie reconciliar-se-ia comigo se a tratasse como uma amiga e não como alguém que estaria sempre lá, num segundo plano. Sabia que tinha de organizar uma reunião para explicar a todos o que acontecera, com a ajuda de Nihal e Ameera. Era simples.

A verdade era que não conseguia fazê-lo. Para começar, era um desastre na atuação. Era Marie que tinha talento para isso. Para mais, ainda me sentia muito culpada por não ter dito a verdade. Via a cara de indignação de Ollie, o lábio trémulo de Liz e Bex a afastar-se com um grande desgosto.

Não conseguia dormir outra vez, portanto, tomei uma decisão.

Não ia encontrar-me com os outros. Ia-me embora dali. Não conseguia enfrentá-los. Não saberia por onde começar, nem o que dizer, portanto, o melhor era ir para casa e preparar-me para as críticas terríveis que ia receber.

Por sorte, consegui ligar-me ao *wi-fi* da minha cabana e, rapidamente, reservei o próximo voo para Manchester. Saía no dia seguinte, à hora do almoço. Suspirei de alívio. Depois, reservei um quarto num hotel barato junto do aeroporto, onde me alojaria naquela noite. Ia deixar uma carta ao grupo a explicar-lhes como lamentava e que era melhor que acabassem o *tour* sem mim.

Voltei para a cama e pressionei as têmporas com os dedos. Sair dali era o melhor que podia fazer. Acabara o meu trabalho, reorganizara o *tour* e tinha a certeza de que, quando acabasse a viagem daquele grupo, as críticas dos próximos seriam muito boas, como ao princípio. Além disso, conseguira juntar Nihal e Ameera, para além de Ollie e Liz. Com um suspiro, afastei o lençol e desliguei o ar condicionado. Chris deixara-o ligado durante toda a noite e congelara-me o nariz. O quarto ficou novamente em silêncio e ouvi o barulho das ondas e o canto dos pássaros. Comecei a fazer as malas, olhando com tristeza para a roupa que usara para o Holi, toda manchada de tinta. Embora aquela festa fosse a dos novos começos, estava claro que o passado ainda não acabara comigo.

Quando acabei, fiz a cama e pus a mochila aos ombros. Decidi não deixar nenhum bilhete a Chris e saí. Tive de pestanejar por causa do brilho intenso da luz. Suspirei e inclinei a cara para o sol. Ia sentir saudades daquela sensação. Talvez devesse comprar um candeeiro solar ou pintar a agência de amarelo, para conseguir o mesmo efeito.

— Louise!

Alguém me chamava. Virei-me e pus a mão sobre as sobrancelhas para ver quem era. Achava que todos se tinham ido embora e não queria que gritassem comigo outra vez.

— Louise!

Não vi ninguém na praia e apercebi-me de que a voz saía da cabana de Ameera e Nihal, à minha direita.

— Ah, olá — cumprimentei.

Ameera estava sentada no terraço, descalça, com um vestido cor-de-rosa e o cabelo apanhado numa trança. Estava muito mais alegre do que eu.

— Estás bem? Vem beber um chá comigo — convidou.

Bom, está bem. Primeiro, um chá e, depois, encontraria um *tuk tuk* para me levar ao hotel do aeroporto. Andei rapidamente pela areia, que me queimava os pés, apesar de ter uns chinelos.

— Eh, porque não foste ao refúgio de animais? — perguntei, enquanto subia os degraus de madeira do seu terraço.

— Bom, precisava de estar afastada do Nihal por algum tempo.

Senti um nó no estômago.

— Aconteceu alguma coisa?

Ela desatou a rir-se.

— Não! Não te preocupes. Vá lá, senta-te.

Tirou uma chaleira e duas chávenas da cabana e serviu a infusão. O cheiro chegou-me ao nariz.

— É o aniversário do Nihal, portanto, precisava de acabar o seu presente — explicou e apontou para um tecido que havia na mesa.

— É o seu aniversário?

— Sim e estou a fazer-lhe uma coisa, porque não pude ir comprar nada durante a viagem. Bom, divertiste-te ontem à noite? Porque não foste com o grupo esta manhã? — perguntou, mexendo uma pequena agulha e deitando a ponta da língua de fora por uma das comissuras dos lábios.

— Não sabes?

— Saber o quê? — perguntou.

— Que todos me odeiam — esclareci e bebi um gole de chá quente.

— O quê? Do que estás a falar?

— Ontem à noite, todos os integrantes do grupo descobriram que não me chamo Louise e que não sou uma cabeleireira de Manchester. Sou a Georgia Green, a dona de O Clube de Viagens para Corações Solitários — expliquei. Soprei um pouco, para arrefecer o chá. Ela tremeu. — E, agora, todos me odeiam porque acham que lhes menti, que fiz uma experiência com eles para melhorar o negócio e aumentar as vendas.

— Ah...

— Sim.

Ameera não disse nada. Só assentiu e continuou com o seu ponto de cruz. Fiquei a olhar para o mar. Normalmente, havia ondas constantemente e a água castanha e esverdeada do mar da Arábia mexia-se sem parar, mas, naquele dia, só havia umas ondinhas que quebravam suavemente na areia. De repente, tive vontade de vestir o biquíni e tomar um bom banho.

— Não entendo porque não lhes disseste a verdade desde o começo — declarou, em voz baixa, sem olhar para mim.

— Como podia dizer-lhes? Olá, olá! Bem-vindos à Índia. Sou a dona da empresa. Por favor, contem-me todos os vossos segredos sórdidos — trocei e passei uma mão pela cara. — Entendo porque estão zangados comigo. Eu também estaria.

— Talvez estejas a subestimá-los. Estas pessoas sofreram, certamente, porque as pessoas que amavam lhes mentiram. Querem que as pessoas sejam sinceras com eles e ter-se-iam adaptado a isso — disse Ameera e olhou para mim nos olhos. — Mas, de todos os modos, quando construístes esse personagem não era apenas por eles, pois não? — perguntou. Quase entornei o chá.

— O que queres dizer?

— Bom, o Nihal falava-me de ti. Contava-me que recebia mensagens de correio eletrónico urgentes e chamadas noturnas em que lhe perguntavas, enervada, como estavam as coisas e que precisavas que te explicasse onde investia cada minuto do seu tempo, para poderes integrá-lo em algum plano grandioso de negócios — replicou e encolhi-me. Sim, era eu. — Para ser sincera, Georgia, tinha-me habituado à ideia de que eras uma bruxa viciada no trabalho e sedenta de poder — prosseguiu ela, encolhendo os ombros.

— Ena, muito obrigada — murmurei eu.

Ela desatou a rir-se e deu-me uma palmadinha na mão.

— Mas, quando te conheci, percebi que estavas desesperada para que este *tour* corresse bem, que estavas a esforçar-te para que o Nihal e eu voltássemos a estar juntos. Então, entendi que não querias controlar tudo para cumprir os teus objetivos de vendas, mas porque não querias que a tua empresa fracassasse — redargui.

Assenti. Queria que ela continuasse.

— Quando chegámos aqui e conseguiste relaxar, começaste a ser outra pessoa. Todos se aperceberam. Rias-te mais e deixavas-te levar.

— Porque a Índia me obrigou a ser assim! — exclamei.

— Sim. A Índia faz isso às pessoas. É uma besta complexa e maravilhosa que nem sequer os homens mais fortes conseguem domesticar. Mas também nos dá o que precisamos quando precisamos, mesmo que não percebamos. Estás a fazer um bom trabalho. A tua empresa vai prosperar, mas tens de te libertar da necessidade de controlar tudo e confiar que os outros vão apoiar-te.

Pensei em Ben, que estava sempre a dizer-me para confiar nele, para trabalharmos como equipa e que ele estava lá para me apoiar, se o permitisse. Ameera tinha razão. Tentara controlar até ao último detalhe da agência para que a empresa não fracassasse. Porque aquele era o único trabalho em que dera tudo de mim, porque queria que os meus pais se sentissem orgulhosos, porque queria ter algo de que também me sentisse orgulhosa.

— Suponho que sim.

— Podes ser a Louise e podes ser a Georgia. Só tens de encontrar o equilíbrio entre as duas — indicou, sorrindo. — Agora, serve-me outra chávena, por favor. Estou cheia de sede.

Servi-lhe a chávena de chá e pensei no que me tinha dito. Tinha de voltar a ser a Georgia divertida.

— Bom, achas que gostará? — perguntou, mostrando-me o tecido. Era cor de pêssego e Ameera bordara diferentes cenas nele. Era incrível.

Um coração de seda vermelha ocupava o centro da composição, com a legenda «Estás no meu coração» bordada na parte inferior. Ao seu redor estava o Taj Mahal, feito com renda branca. Um pedaço de cetim dourado sobressaía de uma parte de cor azulada. Ameera conseguira representar a cor exata do mar. Também bordara um pequeno comboio num canto e rematara os lados do tecido com pinceladas às cores. Criara O Clube de Viagens para Corações Solitários.

— Isto é por causa do Festival Holi e isto é por causa da rodagem na praia de Bombaim — esclareceu, com um sorriso, explicando a sua obra-prima.

— Oh, Ameera! Vai adorar! — exclamei, com um sorriso.

— É bonito, não é? — perguntou-me. Devia ter demorado muitas horas a fazê-lo.

— Exatamente como o *tour* que eu imaginara.

— Toma. É para ti — disse e deu-mo.

— O quê? Não! É o presente de aniversário do Nihal! — protestei eu.

— Eh... Bom, inventei isso — admitiu e sorriu timidamente. — O aniversário dele foi há três meses.

— O quê? — perguntei, perturbada.

— Já sabia o que tinha acontecido ontem à noite. As pessoas só falavam disso. Vim procurar-te,

mas estavas na tua cabana. Também sabia como devias sentir-te e que, certamente, não quererias ver ninguém. Que, decerto, estavas prestes a voltar para casa sem te despedir de ninguém.

Apontou com um gesto da cabeça para a mochila que eu tinha aos meus pés. Observei-a fixamente.

— Portanto, decidi tirar a manhã e deixar que o Nihal se encarregasse do grupo, para poder falar contigo a sós. Comecei a fazer-te esta prenda depois de Bombaim, mas não sabia quando ia acabar para poder dar-ta. Também queria dizer-te como lamento ter escrito aquele *post* no blogue de viagens — desculpou-se, olhando com uma expressão de culpa para o chão. — Não sabia que podia fazer tanto mal — acrescentou e pôs-me o tecido bordado nas mãos. — Tu criaste isto, Georgia. O Nihal e eu estamos juntos outra vez, a Liz e o Ollie estão felizes, a Bex encontrou a força necessária para ser sincera consigo própria e todos estão a curar-se das feridas do passado. E tudo porque criaste este *tour*. Mas também porque estiveste nesta viagem.

— Eh... — murmurei. Ficara sem palavras. Os seus olhos enormes e cheios de afeto davam-me vontade de chorar.

— Por favor, não te vás embora sem te despedires. Tens de te ir embora orgulhosa do que fizeste, não fugir com o rabo entre as pernas.

Era muito ardilosa. Eu assenti e aceitei o presente. Nunca me tinha sentido tão emocionada com uma obra de artesanato.

— Está bem.

— Obrigada. Bom, para quando reservaste o voo?

— Para amanhã à hora do almoço.

Ela assentiu.

— Há tempo suficiente para resolver as coisas. Queres tomar um banho? — perguntou. Assenti e, com um sorriso, abracei-a.

A água estava mais fria do que imaginava. Na Tailândia, o mar era de um azul penetrante e estava mais quente do que a da casa de banho de casa. Ali, as ondas atingiam-nos as coxas e forçavam-nos a saltitar e a nadar para aquecer. A água mexia-se rapidamente e tinha força e isso era exatamente o que precisava para voltar ao ativo. Ameera era muito boa nadadora e abria caminho entre as ondas com braçadas fortes, nadando ao estilo mariposa. Só sabia nadar de bruços e tirava a cabeça da água como se fosse uma avozinha que não queria molhar o penteado.

— Se chegarmos até ali, poderemos descansar nas rochas! — gritou Ameera, à minha frente, apontando para uma baía afundada na água e açoitada pelas ondas.

«Sim, parece um lugar fantástico para descansar», pensei, com sarcasmo.

— Não sei se consigo lá chegar! — avisei-a, enquanto continuava a nadar torpemente. Parecia-me que estava muito longe e a praia estava muito mais perto. Porque não podíamos voltar e apanhar sol?

— Vamos, Georgia! Consegues. A Louise conseguiria — disse. Riu-se e aumentou a velocidade, dirigindo-se para as rochas.

Respirei fundo e continuei a avançar, tossindo para expulsar a água salgada que me batia na cara. Ela estava muito mais longe e a praia ficava para trás.

De repente, senti uma dor horrível na perna direita.

— Ah! — gritei. No entanto, Ameera estava demasiado longe para me ouvir.

Estiquei o pescoço ao máximo para tentar avistar alguma barbatana entre as ondas. Havia tubarões na Índia? Pensei que ia ver uma nuvem vermelha de sangue na água, ao meu redor, mas não havia nada. No entanto, continuei a sentir aquela dor e toquei na perna. Não senti os dedos a afundar-se em

nenhuma ferida aberta. Assim, não era o ataque de um tubarão, mas uma câibra devido ao esforço. Doía-me tanto que tinha de tomar uma decisão: Voltar para a praia ou continuar.

Ameera já quase chegara às rochas. Não tinha pé e nem sequer via o fundo. O que estava a fazer? Detestava estar tão afastada da praia. Na Tailândia, quase morrera numa sessão de uma escola de mergulho, e ali estava a arriscar-me outra vez, voluntariamente.

«Vamos, consegues fazê-lo. Consegues fazer tudo! Não faças caso à câibra e continua. Não te rendas. Não sejas uma fracassada.»

Chapinhei, gemi, cerrei os dentes e continuei a nadar, pondo um braço cansado à frente do outro e mexendo as pernas cansadas para me impulsionar para a frente. Achava que íamos tomar um banho tranquilo, não fazer uma maratona no mar. Existiam maratonas no mar? Bom, agora, sim.

— Vamos! Já estás quase a chegar! — encorajou-me Ameera, enquanto saía das ondas enormes e subia por umas rochas, sem esforço. — Consegues fazê-lo!

«Continua a nadar, continua a nadar», dizia a minha mente com a voz do peixe azul de À Procura de Nemo. Não me parecia que estivesse mais perto das rochas. Estava prestes a pedir a Ameera para me ajudar a sair da água, quando ela começou a saltar.

— Tubarão! — gritou, apontando para algum lugar atrás de mim. — Vamos, despacha-te!

Merda! Fiz tudo o que pude, nadei como se a minha vida dependesse disso, coisa que, aparentemente, era verdade. Cheguei às rochas e comecei a subir, arranhando as mãos e os pés nas bordas ásperas, para sair daquelas águas infestadas de tubarões.

— Onde? Onde está? — perguntei, enquanto olhava ansiosamente para a água em busca da barbatana dorsal do tubarão. Estava prestes a desmaiar. O coração estava acelerado e as pulsações vibravam com força nas minhas têmporas.

— Claro, claro!

Ameera dobrou-se para a frente para se rir.

— Não há tubarões. Só queria que nadasses mais para chegares até aqui.

Tive vontade de a matar.

— Lamento muito! Lamento muito! Mas, olha, conseguiste!

Gritei-lhe, porque não via a graça da sua brincadeira e olhei para a água que não estava cheia de tubarões. A praia era uma pequena mancha de areia dourada e as nossas cabanas não eram mais do que pequenos pontos castanhos.

— Oh, meu Deus! Odeio o mar, mas consegui.

Ameera levantou a mão para bater na minha e exclamou:

— Claro que sim! Agora, vamos comer qualquer coisa. Estou cheia de fome.

Olhei para ela como se tivesse enlouquecido.

— Comer? Vamos pescar ou quê?

Ameera desatou a rir-se outra vez.

— Achas que te fiz vir a nadar até aqui para teres de voltar a nadar outra vez?

Sim, era exatamente o que pensava.

— Há um café escondido entre as árvores, que só as pessoas locais conhecem. Temos uma mesa reservada.

— Mas... Não temos dinheiro. Estamos de biquíni!

— Puf... Não te preocupes! Vamos, estão todos à espera.

Então, começou a saltar sobre as rochas como se fosse a Lara Croft e começou a andar entre as

árvores.

Engoli em seco. «Todos?»»

Capítulo 30

Confrontar (v.): Enfrentar uma hostilidade ou desafio. Opor-se.

Apertei o ritmo para a alcançar. Ardiam-me as coxas e os braços pareciam de chumbo. Aquelas eram as minhas feridas da vitória. Afastei folhas de palmeiras e pisei um musgo suave e esponjoso. Então, vi que havia algumas mesas agrupadas ao redor de uma cabana de ferro. Cheirava a churrasco. De repente, ouvi uns aplausos. Estavam todos ali, sentados a uma mesa comprida escondida, em parte, entre os arbustos, a aplaudir enquanto Ameera e eu nos dirigíamos para eles. O que estava a acontecer?

— Conseguieste! — exclamou Nihal. Levantou-se, deu um beijo a Ameera e apertou-me a mão.

— O que se passa? — perguntei.

Ainda estava a tentar recuperar o fôlego e senti-me muito nua ali no meio, de biquíni. Ollie devia ter-me lido o pensamento, porque me deu uma toalha seca e quente. Aceitei-a com agradecimento e embrulhei-me nela, sem parar de olhar para Ollie nervosamente, com medo de que começasse a gritar outra vez.

Ele sorriu suavemente.

— Boa entrada. Estávamos todos a ver e até fizemos apostas sobre se conseguias ou não.

Rapidamente, olhou para Chris que, de repente, parecia muito interessado no saleiro e no pimenteiro.

Mordi o lábio inferior ao ver-me à frente daquele grupo de pessoas que, na noite anterior, me odiavam. Olhei para Ameera, que sorria inocentemente.

— Obrigada. Nem sequer sabia se ia conseguir chegar às rochas — admiti. Sentei-me na única cadeira livre, à cabeceira da mesa, e pigarreei. Tinha de resolver as coisas com eles. — Por favor, ouçam-me. Lamento muito não vos ter dito a verdade desde o começo. Não queria magoar-vos.

Olhei para Liz. Ollie e ela estavam de mão dada e ela observou-me e assentiu para me encorajar a continuar.

— Amanhã, volto para casa, mas não podia ir-me embora sem me despedir e agradecer a todos, porque me demonstraram como estava perdida sem saber.

— Vais-te embora? — perguntou Bex e ficou boquiaberta.

Eu assenti.

— Por nós? — perguntou Ollie, mordendo o polegar.

— Não. Porque já está na hora... de me ir embora. Não ia ficar tanto tempo e, como sabem, tenho uma empresa que deixei abandonada — comentei e alguns riram-se um pouco. — Sei que vão ficar muito bem. O Nihal e a Ameera têm o resto da viagem perfeitamente controlada — declarei, com

certeza.

Era verdade. Se Nihal era capaz de lidar com aquele grupo e Ameera conseguia enganar-me para admitir os meus verdadeiros sentimentos, então, O Clube de Viagens para Corações Solitários estava em boas mãos.

— Vamos sentir saudades, Louise... quero dizer, Georgia — declarou Liz. Os outros assentiram.

Ameera sorriu e Flic pestanejou para conter as lágrimas, fingindo que acabara de comer um chili muito forte que havia no seu caril. O único que continuou a olhar para mim fixamente foi Chris. Parecia que ele não queria deixar aquele assunto, como se estivesse desesperado por entender se havia mais alguma coisa que não estava a contar-lhe.

— Sem ti, não vai ser o mesmo — queixou-se Bex e levantou o seu copo.

Todos brindaram ao mesmo tempo. A luz do sol, que se filtrava entre as palmeiras, arrancou brilhos das garrafas de cerveja *Kingfisher*.

— Obrigada — sussurrei e engoli em seco, porque se formara um nó de emoção na minha garganta.

— Bom, bom, já chega — declarou Bex. — Ninguém vai dizer nada sobre a Flic estar a comer carne?

Todos olhámos para a rapariga, que estava a mordiscar uma coxa de frango no churrasco. Parecia que estava a desfrutar imenso.

— O que se passa? — perguntou, com a boca cheia.

— Eh... Já te esqueceste do discurso que nos fizeste sobre a indústria alimentar e sobre o governo controlar tudo o que comemos. Pensava que tudo o que punhas na boca era puro? — replicou Ollie.

— Ao contrário do que sai por ela — disse Bex, resmungando em voz baixa.

Flic limpou os dedos gordurosos num guardanapo de papel. Ignorou Bex. Parecia que estava a ganhar tempo para poder inventar alguma teoria hippie para se justificar. No entanto, bebeu um longo gole de água mineral e desatou a rir-se.

— Senti a falta da carne! Não quero saber da moralidade, porque é muito boa.

Todos começámos a rir-nos com vontade, enquanto ela chamava o empregado para pedir mais.

Bex pôs-lhe um braço gordinho e rosado pelos ombros e abraçou-a contra as suas costas.

— Já só tens de tirar as rastas e podemos ser amigas.

— Falando de amigas — disse, em voz baixa, e sussurrei para Bex: — Tens de fazer qualquer coisa com o Stefan. Não posso ir-me embora sem saber que algum dos dois teve a coragem de dar o primeiro passo.

O sorriso de Bex apagou-se dos lábios e ficou calada. Olhou furtivamente para o alemão, que estava a conversar animadamente com Chris.

— Na verdade, convidou-me para sair...

— Vês? Disse-te que gostava de ti!

— Sim, mas, Louise... Georgia, eu nunca tive um encontro — admitiu e chupou a palhinha da sua *Coca-Cola* ruidosamente. Depois, tentou conter um arroto.

Ah...

— Bom, acho que não devias fazer isso — disse Flic.

— Vês? Sou tão burra... Não sei como me comportar, só sei ser como sou — queixou-se e olhou ao seu redor para ver se Stefan ouvira.

Era dilacerador ver como aquela mulher que, normalmente, demonstrava segurança, se

transformava de repente numa adolescente perdida e paralisada. Tentar fazer com que alguém gostasse de nós podia transformar a pessoa mais atrevida e segura de si própria num mar de dúvidas, num ser neurótico que tinha de analisar tudo. As horas que eu passara em pânico, a questionar-me se as minhas mensagens para Ben estavam cheias de brincadeiras engenhosas e de sedução ou se escondera bem as manchas da pele com a maquilhagem... era cansativo. Naquele momento, apercebia-me de que tinha de acreditar que era suficientemente boa tal como era e de que, se Ben estava à procura de alguém como Serena, então, estava melhor com ela, já que eu não podia mudar para ser alguém diferente. E sentia-me muito bem com a minha decisão.

— Exatamente — afirmei, com firmeza.

— O quê?

— Nunca deves mudar para fazer os outros felizes. É óbvio que gostou de ti tal como és, portanto, não penses mais nisso. Se algo te sair com naturalidade, di-lo ou fã-lo.

Bex arqueou uma sobrancelha e limpou o nariz com o dorso da mão.

— Caramba! Isso é muito mais fácil. Meu Deus, vou ter saudades! — exclamou. Abraçou-me e sussurrou-me ao ouvido: — Obrigada por estares aqui, obrigada por fundares esta empresa e por fazeres com que sinta que estou bem.

Afastei-me e enxuguei os olhos cheios de lágrimas.

— Sei que estás bem.

— Bom, que alguém me passe um pouco de frango. Estou cheia de fome — disse. Piscou-me o olho e chamou os outros. Em instantes, estávamos todos a comer pão *naan*, *paratha* recheada e caril de peixe na brasa sobre folhas de palmeira enormes, com algumas doses de frango no churrasco. A última refeição foi celestial.

Depois das despedidas, de trocarmos as moradas e os números de telefone e de nos abraçarmos, apanhei um *tuk tuk* e fui para o aeroporto. Afundei-me no banco e olhei pela janela para ver passar a selva exuberante. Conhecera a Índia. Sobrevivera a uma intoxicação alimentar, deixara escapar um peido durante uma aula silenciosa de ioga, fora uma estrela durante uma rodagem de um filme de Bollywood e, agora, tinha de voltar para casa e enfrentar o que me esperava. Não só o trabalho, mas, também, o facto de ver Ben com Serena, a supermodelo. Além disso, tinha de fazer as pazes com a minha melhor amiga.

Quando acordei, no dia seguinte, verifiquei as mensagens de Whatsapp, mas não tinha nenhuma notícia de Ben. Tentei parar de pensar nisso, convencer-me de que, em breve, estaria de volta à triste Manchester, à nossa agência, e poderia ver o que estivera a acontecer durante a minha ausência. Resolvera as coisas com o grupo, embora tivesse a sensação de que olhavam para mim de uma forma diferente depois do que fizera, o que me magoava, mas, pelo menos, não tivera de fugir. Só esperava ter feito o suficiente para que as críticas não fossem completamente mordazes. No entanto, tinha de avisar Ben de que talvez não conseguíssemos as cinco estrelas.

Depois de passar pela segurança, entrei num pequeno café e pedi a minha última chávena de *chai*. Finalmente, consegui ligar-me ao *wi-fi*. Enviei uma mensagem a Shelley e aos meus pais para lhes dizer que ia voltar mais cedo que o previsto. Decidi não ligar a Ben. Queria ver a sua cara quando entrasse no escritório. Queria manter o meu regresso em segredo para poder ver exatamente o que estava a acontecer entre Serena e ele. Assim, saberia onde estava. Bebi um gole do meu chá, mas

enjoei-me com aqueles sabores tão fortes. Senti-me como se tivesse uma onda de canela e açafrão a queimar-me o peito. Era como o começo de uma indigestão, mas pior.

Uma voz metálica anunciou pelos altifalantes que os passageiros do voo 10KV para Manchester deviam embarcar pela porta três. Com um suspiro, deixei o meu chá e pus-me na fila de embarque. Enquanto esperava, cheia de calor, a abanar a cara com o passaporte e rodeada de turistas curtidos e homens de negócios elegantemente vestidos, tive uma sensação angustiosa de medo, porque não sabia o que ia encontrar quando voltasse.

Capítulo 31

Desnortear (v.): Confundir, perturbar. Desgostar. Frustrar.

— Olá! Meu Deus, como me alegro por ter voltado! — exclamei, quando entrei na agência. Deixei o casaco na minha cadeira. Parecia que a «Barbie Princesa» se encarregara da minha secretária, a julgar pela quantidade de canetas cor-de-rosa e de fotografias de cachorros com molduras de brilhantes que havia nela.

— Olá! — exclamou Kelli e levantou-se para me dar um abraço. — Voltaste antes de tempo!

Parecia um cachorrinho a abanar a cauda quando o dono chegava a casa depois de um dia de trabalho.

— Alegro-me por te ver, Kel! — exclamei, com um sorriso. — Onde estão todos? — perguntei. A agência estava vazia. Não havia rasto de Ben nem da misteriosa Serena.

Kelli encolheu os ombros.

— Não sei.

Peguei no telemóvel para ligar a Ben, mas, naquele momento, a porta abriu-se e entraram, a rir-se como se fossem amigos há anos. Ben parou e assustou-se ao ver-me.

— Georgia?

Esboçou um sorriso genuíno. Aproximou-se e deu-me um abraço. O meu nariz encheu-se com o cheiro da sua loção de barbear.

— O que fazes aqui?

Antes de conseguir responder, apareceu uma mulher loira atraente atrás dele.

— Ah, Olá! Tu deves ser a Georgia. É um prazer conhecer-te, finalmente. Sou a Serena. Ouvi falar muito de ti — disse, cantarolando, enquanto deixava uma bandeja de cafés na minha secretária. Depois, apertou-me a mão.

— Sim... desculpem. Georgia, Serena. Serena, Georgia — apresentou Ben e sorriu para as duas.

— Olá, eu também me alegro por te conhecer — afirmei. Quase tossi por causa do perfume tão forte dela.

Usava um vestido justo e cinzento-escuro, que se adaptava como uma segunda pele ao seu corpo tonificado e curvilíneo, e uns sapatos vermelhos de salto muito alto com que eu nunca conseguiria andar. Parecia que lhe tinham alisado o cabelo resplandecente e com madeixas no cabeleireiro e que branqueara os dentes. Eu vestira apressadamente a minha blusa da New Look que tinha há anos e arrependi-me de não me ter arranjado melhor naquela manhã. Estava cansada depois do voo, portanto, deitara-me assim que chegara ao meu apartamento frio e silencioso. Sem querer, desligara o alarme, portanto, adormecera e acordada, espantada e sem possibilidade de engomar nada.

Maquilhara-me rapidamente e apanhara o cabelo gorduroso para trás, depois de pôr um champô seco para conseguir chegar a tempo à agência. Maldito *jet lag*.

— Bom e porque voltaste antes de tempo? Correu tudo bem? — perguntou Ben. O seu sorriso transformou-se num ar de preocupação.

— Sim, muito bem. Decidi voltar mais cedo — informei, fazendo um movimento de despreocupação com a mão. — Alguém quer uma chávena de chá? — perguntei, sem saber por onde começar, nem porque me sentia tão incomodada. — Não seria capaz de beber outro *chai*, nem que me pagassem.

— Já pedimos todos, obrigado — agradeceu Ben, apontando com a cabeça para os copos de café que Serena trouxera.

— Bom, então, chá para um — murmurei.

Entrei na cozinha e pus um saquinho de chá numa das chávenas que pendiam dos ganchinhos. As chávenas antigas, que não condiziam, tinham sido substituídas por umas novas que tinham o nosso logótipo. Não havia nenhuma mancha à vista.

— Que chávenas tão bonitas — elogiei, cantarolando.

Kelli levantou a cabeça por um segundo.

— Sim. Foi ideia da Serena.

Assenti, embora ela nem sequer estivesse a olhar para mim. Era assim que os gatos se sentiam quando alguém urinava no seu território? Pensei em deixar cair a chávena por acidente, mas arrependi-me. Tinha coisas muito mais importantes para resolver... e para confessar a Ben.

— Bom, estás livre para ter uma reunião hoje e pormo-nos em dia? — perguntei a Ben, que estava concentrado no seu computador portátil.

Ele suspirou e passou as mãos pelo cabelo. Cortara-o enquanto eu estava fora. Ficava-lhe bem.

— Parece-me que não. Não te esperava, portanto, hoje tenho o dia completamente ocupado. Amanhã?

Tive uma sensação estranha e dececionante no estômago. Era lógico que tivesse de trabalhar. Ele não sabia que eu voltava naquele dia. Pensara, tolamente, que Ben deixaria tudo para sair para almoçar comigo ou beber um café rápido, para que eu pudesse falar-lhe da minha viagem. Pensei que talvez tivesse sentido a minha falta.

Assenti.

— Sim, está bem. O que tinhas planeado? — perguntei.

Ben já estava a vestir o casaco.

— Tenho de ir ao dentista — informou, com um gemido, e Serena riu-se.

— Eh, não me culpes pelos bolos que comeste — brincou ela. Parecia que era uma brincadeira que partilhavam, porque eu não entendi. Viram a minha expressão e Serena esclareceu: — Devias tê-lo visto no outro dia, com o bolo *red velvet* que fiz. Parecia um menino numa loja de rebuçados.

— Não, foram essas bolachas brancas com a cobertura grossa. Eram incríveis — indicou Kelli e lambeu-se.

— Então, fazes confeitaria? — perguntei a Serena.

— Georgia, não consegues imaginar as coisas que faz. Juro-te que engordei seis quilos desde que começou a trabalhar connosco — redarguiu Ben, dando umas palmadinhas no estômago plano e perfeito.

— Oh, não digas isso. Estás ótimo — elogiou Serena e tocou-lhe no braço, deixando uma mão

esbelta nos seus músculos durante mais tempo do que o normal. Cerrei os dentes.

Ben abanou a cabeça com alegria e virou-se para olhar para mim.

— Temos de estar alerta — disse. — Qualquer dia deixa-nos para ir a um programa de confeitaria na televisão — acrescentou, rindo-se.

Serena corou e deu umas palmadinhas nas faces.

— Oh, não continues!

Senti vontade de vomitar. Nem sequer era capaz de fazer um bolo básico. Não se dizia que a melhor maneira de chegar ao coração de um homem era pelo seu estômago? Bom, ela já conseguira.

— Então, e o que mais vais fazer? — perguntei, para mudar de assunto de conversa.

— Ah, sim. Lamento muito. Depois do dentista, tenho de ir a um almoço de trabalho em Media City. Demorarei algum tempo, sabes que estes eventos para fazer contactos duram muito tempo. Amanhã, podemos encontrar-nos, parece-te bem? — perguntou, com um sorriso breve.

— Claro. Boa sorte — disse eu.

— Até mais tarde — despediu-se Serena, com um risinho. Quando Ben se foi embora, virou-se para mim. — Bom e como correu tudo na Índia?

— Eh... ótimo, tudo ótimo — afirmei, com um sorriso falso.

— Ah, muito bem. Bom, tenho muito para te contar. O Ben e eu trabalhámos muito para a Convenção de Turismo.

— Ah, fabuloso... — murmurei.

Queria ir a correr para a cozinha e fazer uma fornada de bolos ou qualquer coisa que demonstrasse que conseguia fazer melhor tudo o que ela fazia. Pelo contrário, ouvi a alegre Serena a conversar sobre o espaço da exposição e os artigos para a promoção da nossa marca. Era lógico que Ben quisesse que Serena estivesse ali e não eu. Quem não queria olhar para a sua cútis e para a sua maquilhagem perfeitas e para os seus braços perfeitamente tonificados? Com o meu fato, que comprara numa loja de beneficência e que se enrugava ao redor dos joelhos, e com o cabelo queimado pelo sol, senti-me como uma leprosa ao lado dela.

— O que te parece? — perguntou, olhando para mim com expectativa.

— Sim, sim, parece-me ótimo — afirmei, como se tivesse prestado atenção. — Sabes? Vou começar a ler as mensagens de correio eletrónico a que tenho de responder.

Aproximei-me do que costumava ser a minha secretária, mas Serena chegou antes de mim.

— O Ben não te disse? Depois de falar contigo, quando estavas fora, passou-me as tuas mensagens para que eu respondesse. Instalei um sistema nov...

— Sim, novo — disse e assenti. Claro, é claro que o fizera.

— Sim — confirmou e corou suavemente. — Espero que não te importes, mas sugeri algumas mudanças para melhorar os níveis de eficiência — acrescentou. Devia ter visto o meu ar de desagrado, porque disse rapidamente: — Só para melhorar um pouco as coisas.

Assenti.

— Lamento muito, parece-te estranho?

— Não, não. Parece-me bem — redargui e sorri com tensão. — Então, as minhas mensagens?

— Sim! Bom, respondi às mais importantes, é claro, depois de falar com o Ben. Pus o resto em diferentes pastas para as reveres — explicou e apontou para o meu computador. Tocou no rato e apareceu uma janela brilhante. Ali estavam todas as minhas mensagens, mas ordenadas em pastas às cores segundo a urgência. Merda, tinha bom aspeto.

— Se tiveres algum problema, avisa-me. De certeza que o Ben não se importará que use a secretária dele hoje, porque vai estar fora — comentou e sentou-se na cadeira de Ben. — Estou aqui, se precisares de mim.

— Muito bem, obrigada.

Deixei-me cair na cadeira, mas tive de mudar a altura. Inclinei-me por cima da mesa para o fazer e aproveitei para enxugar rapidamente as lágrimas e respirar fundo sem que Kelli me visse. O sistema de Serena era supereficiente. Estava tudo organizado e arquivado e ela enviara as minhas mensagens assinadas com um «Serena DeVere, em nome da menina Georgia Green», respondendo aos clientes de uma maneira muito profissional. Pareceu-me estranho não ter nenhuma mensagem pessoal na bandeja de entrada. Entrei na pasta de Spam e vi algumas mensagens dos meus pais, que tinham ido parar lá.

— Eh... Serena? — chamei-a.

Ela levantou a cabeça.

— Sim?

— Questionava-me onde puseste as minhas mensagens pessoais, porque encontrei algumas no Spam. Havia mais?

Ela corou.

— Oh, lamento muito, Georgia. Não sei. Mudei para aí o que parecia Spam ou apaguei-o.

Então, procurei no lixo.

— Mas apagava as mensagens ao fim do dia, lamento muito.

Sorri com tensão.

— Não te preocupes. De certeza que voltarão a escrever-me se for importante.

Estava furiosa por dentro, mas não queria fazer uma cena à frente de Kelli, portanto, respirei fundo e continuei a ler as mensagens. A minha cabeça dava voltas. Apenas vinte e quatro horas depois de ter voltado da Índia, já me sentia como se me tivessem expulsado da empresa que eu própria criara.

Eram apenas quatro da tarde, mas já tivera o suficiente. Ben não voltara naquela tarde. Ligara para o telefone de Serena e ela brincara com o cabelo e rira-se com qualquer coisa que ele dissera e, depois, avisara-nos de que Ben nos veria na manhã seguinte. Já não conseguia concentrar-me mais naquele ecrã brilhante que emitia uma música incómoda cada vez que chegava uma mensagem à minha bandeja de entrada, quase todas elas, dirigidas a Serena.

Levantei-me da cadeira e vesti o casaco.

— Vou-me embora — informei. Senti-me como se tivesse de dar alguma desculpa antes de ir. Kelli fora-se embora há uma hora, porque o combinara assim com Serena no dia anterior.

— Ah, muito bem. Eu tenho uma cópia das chaves, portanto, posso fechar — ofereceu-se Serena, docemente, enquanto levantava o olhar do ecrã. Claro, logicamente, tinha as chaves. Esperava que Ben tivesse verificado bem as suas referências antes de lhe dar tanto poder. — Vemo-nos amanhã cedo! Tem uma boa noite — despediu-se Serena.

Murmurei um adeus e saí para a rua. Sentia-me como uma estrangeira num lugar que antes considerava o meu lar. Dei um passeio pelas ruas de Manchester, vendo as montras com abatimento. Não queria voltar para o meu apartamento frio e solitário, onde a única coisa que me esperava era desfazer a mochila e lavar a roupa e um frigorífico vazio.

Decidi tentar ver os meus amigos, mas Shelley já me enviara uma mensagem a dizer que ia fazer uma viagem com Jimmy. Pensei em ligar a Marie para resolver as coisas com ela, finalmente, e ver

se queria abrir uma garrafa de vinho comigo. No entanto, não voltara a saber dela desde a nossa discussão e, por teimosia, não queria ser primeira a ceder.

Telefonei aos meus pais e o meu pai atendeu o telefone imediatamente. Ficou muito contente ao ouvir-me e animei-me. Encaminhei-me para a estação do comboio para ir a casa, onde a promessa de um jantar caseiro e o amor familiar seria uma maneira perfeita para acabar um mau dia.

Capítulo 32

Retroceder (v.): Voltar, retirar-se.

— Abro uma garrafa de champanhe, Len? — perguntou a minha mãe, da cozinha. O meu pai e eu estávamos na sala e chegava-nos o cheiro da carne assada e do puré de batata. — Isto é uma celebração, afinal de contas!

— Champanhe? Não têm de fazer uma festa só porque voltei — disse, rindo-me.

— Sim, muito bem, Sheila — disse o meu pai e virou-se para mim, dando umas palmadinhas no sofá para me indicar que se sentasse ao seu lado. — Oh, lamento muito, Georgie. Na verdade, não é apenas porque voltaste, mas porque temos de te dar uma notícia — explicou. Corou e brincou com o comando à distância. — É champanhe do barato, acho. Sabes que prefiro uma cervejita, mas a tua mãe emocionou-se. Sabes como é. Vou deixar que te conte a notícia. Não quero estragar a surpresa.

— Não lhe contaste, pois não? — perguntou a minha mãe, enquanto entrava na sala com uma bandeja onde havia três copos de champanhe cheios até ao bordo.

— Contar-me o quê? — perguntei e olhei para ela com confusão enquanto, cuidadosamente, pegava num dos copos.

A minha mãe sorriu e chamou o meu pai para que se pusesse ao seu lado.

— Bom, para além de celebrar o facto de teres voltado sã e salva — começou a dizer e olhou para o céu como se estivesse a agradecer por a filha ter sobrevivido à Índia —, também queríamos dizer-te uma coisa muito importante.

Mal conseguia conter-se.

— Conta-lhe — disse ao meu pai, assentindo. — Não, espera, eu conto-lho! Bom, olha, o teu pai e eu decidimos que vamos vender esta casa.

Fez uma pausa para ver qual era a minha reação.

As bolhas doces entupiram-me a garganta.

— Não! Não podem! Este é o lar familiar, a casa da minha infância. Não podem vendê-la! O que se passa com as lembranças e as histórias que há em cada divisão? Um momento, porque vão vendê-la?

Aquilo não era uma celebração, mas o fim de uma era!

— Georgia Louise Green — repreendeu-me a minha mãe e suspirou.

— Lamento muito. Mas fiquei muito surpreendida. Nunca pensei que quisessem vender esta casa — desculpei-me, enquanto assimilava a notícia. Naquele dia, já não conseguia suportar mais mudanças.

— Bom, depois do que aconteceu no ano passado, com o meu acidente e o teu casamento, e de ver

que ias de viagem com a valentia de cumprir o que o coração te pedia, que voltavas e fundavas a tua própria empresa... A tua mãe e eu estivemos a falar de que também devemos divertir-nos — explicou o meu pai, enquanto deixava o copo de champanhe intacto no suporte da lareira.

— Têm problemas de dinheiro? — perguntei, em voz baixa.

O meu pai desatou a rir-se.

— Não, mas apercebemo-nos de que já não somos assim tão jovens. Esta casa está paga há anos e já está na hora de gastarmos algumas das nossas economias em nós próprios. Nos três. Agora, estás a viver em Manchester e quem sabe para onde o teu trabalho te levará. Talvez expandas para Londres, Paris, Nova Iorque... E queremos ter a liberdade de ir ver-te onde estiveres.

— Mas porque não vão de férias? Eu tenho algumas viagens ótimas para pessoas mais velhas — disse ao meu pai, enquanto ele me acariciava o cabelo.

— Talvez o façamos, mas, primeiro, queremos vender esta casa, comprar uma mais pequena e que dê menos trabalho, talvez no centro. Assim, poderíamos arrendá-la se saíssemos de casa durante uma temporada.

Na verdade, fazia sentido. Desde que o meu pai se reformara e a minha mãe, que trabalhava a servir e a fiscalizar a comida das crianças numa escola, encurtara o dia de trabalho, eram livres para fazer o que quisessem. No entanto, ia doer-me muito pensar que outras pessoas viveriam naquela casa, que mudariam a decoração e deixariam marcas num lugar que tínhamos construído entre os três. Presumia que eles viveriam sempre ali. Imaginara-me a levar os meus filhos e a mostrar-lhes os sinais que o meu pai fizera na parede do meu quarto para marcar a minha altura quando eu era pequena. No entanto, ter filhos estava tão longe da minha situação atual que seria uma loucura pedir-lhes para esperar por algo que talvez nunca acontecesse.

— Meu Deus, lamento muito. Parabéns. Fiquei boquiaberta — repliquei. Levantei o copo sem demasiado entusiasmo e apercebi-me de que estava quase vazio.

— Obrigado, amor. É muito bom. Para começar, assim poderemos estar mais perto de ti — afirmou o meu pai e sorriu.

— Vimos um apartamento de dois quartos que não é longe do teu — indicou a minha mãe e tirou o *iPad* que tinham comprado antes de eu ir de viagem no ano anterior, para poderem falar comigo pelo Skype. Abriu rapidamente a página da Rightmove e entrou na lista de apartamentos que guardara nos «Favoritos», para me mostrar.

Estavam felizes e emocionados. Era como se eu estivesse no meio de um casal de recém-casados que ia comprar a sua primeira casa.

— Vou continuar a fazer o jantar e tu, dá uma olhadela — pediu, dando-me o *iPad* e enchendo-me o copo de champanhe. — Precisas de uma boa refeição.

A minha mãe foi para a cozinha, cantarolando, e o meu pai abriu uma lata de cerveja e mexeu o dedo pelo ecrã, apontando para os metros quadrados e para os preços. De repente, senti vontade de chorar.

— Estás bem, pequenina? Lamento ter-te dado a notícia assim — desculpou-se o meu pai. Apertou-me o braço suavemente e afastou o *iPad*.

— Não, não, não é isso — disse e enxuguei os olhos. — Estou muito contente por vocês. Merecem ser felizes. É só que, dos três Green, só vocês é que sabem o que querem.

O meu pai recostou-se e inclinou a cabeça.

— O que queres dizer? As coisas não estão a correr bem no trabalho?

— Sim, sim. Mas, ao voltar da Índia, está tudo diferente... estranho. É como se tivesse a vida em suspense. Fui para o apartamento da Marie por uma temporada, mas já passaram cinco meses e continuo lá, sem nenhum plano para me mudar. Nunca vos vejo, nem aos meus amigos e o Ben apaixonou-se pela Serena. Não tenho vida social, nem vida sentimental — expliquei. O meu pai mexeu-se com desconforto. — Lamento, papá, não queria desanimar-te. E muito menos hoje.

— Eh, nunca me desanimas. Já me tinha apercebido de que não eras a mesma das últimas vezes que estivemos juntos, mas sempre pensei que gostavas de estar tão ocupada. Mas, se isso está a fazer-te infeliz, então, tens de mudar qualquer coisa.

— Sim, sou feliz. A empresa tem muito sucesso. Para uma empresa nova, devíamos estar a viver um dia de cada vez, mas, por algum motivo, as pessoas adoram o que oferecemos. Estou a tentar satisfazer todos os pedidos e fazer com que todos fiquem satisfeitos e felizes.

— Até a patroa? — perguntou o meu pai, assentindo lentamente.

— Sim, até ela.

— Bom, sabes uma coisa, Georgia? Em momentos como este, tens de ser valente. E, mesmo que não sejas, tens de fingir que és. Juro-te que ninguém vai notar a diferença. Escuta, porque não dormes cá hoje? De certeza que a tua mãe pode emprestar-te um pijama. Amanhã de manhã, posso levar-te ao trabalho — sugeriu ele, suavemente.

Assenti.

— Sim, papá. É perfeito.

Depois de jantar bem e de ver um filme pacóvio que fez com que o meu pai ressonasse na poltrona assim que começaram os créditos, senti-me um pouco melhor. Fui para o meu quarto da infância e deixei-me cair na minha cama, com o edredão cor-de-rosa claro e o peluche do Robbie, a ovelhinha, com quem dormia todas as noites em homenagem a Robbie Williams. Desmaquillei-me, vesti o pijama que a minha mãe me dera e tentei não ouvir a conversa dos meus pais.

— Não pensava que se incomodasse tanto — comentou a minha mãe.

— Bom, ninguém gosta de mudanças.

— De todos os modos, já tem quase trinta anos. Não é normal que se incomode tanto.

Pus a almofada por cima da cabeça e tentei não ouvir o seu tom de preocupação. Estava tudo a mudar e eu não podia fazer nada para o evitar.

Dormi muito bem, melhor do que em muito tempo, e acordei com o cheiro a café e a bacon do pequeno-almoço. Demorei um momento a perceber onde estava quando abri um olho e vi os Take That e os Boyzone a sorrir para mim. Lembrei-me de que ficara a dormir em casa dos meus pais, certamente, pela última vez na minha vida. Aquele pensamento apoderou-se da minha mente. Não encontrava a roupa, que deixara, amarrotada, junto da cama na noite anterior, portanto, descí as escadas com o robe da minha mãe, que ela deixara na casa de banho.

— Bom-dia, pequena! — cumprimentou o meu pai, com um sorriso. Tinha um avental com o desenho de uma mulher nua e estava a servir leite em duas chávenas cheias de café fumegante. — Dormiste bem?

Bocejei e dei-lhe um beijo na face.

— Muito bem, obrigada e tu?

— Acho que essa cerveja me deixou K.O. Dormi como uma pedra. Mas sabia que és muito madrugadora, portanto, já fiz o pequeno-almoço. A tua mãe está a engomar-te a roupa e já fui ver o trânsito para saber quando devemos sair. Temos de ir dentro de meia hora. Toma, toma isto —

indicou e passou-me um prato cheio de torradas grossas, brancas e untadas de manteiga. Também havia fatias de bacon. De repente, emocionei-me. Quando fora a última vez que alguém me fizera o pequeno-almoço? Na verdade, quando fora a última vez que tomara o pequeno-almoço?

— Ena! Obrigada, papá. Não tinhas de te incomodar.

— Não é um incómodo, filha. Vamos, vai para a sala de jantar, começa a comer e diz à tua mãe que o dela está a caminho.

Saí da cozinha para a sala, onde estava a minha mãe, inclinada por cima da tábua de engomar, a ver um programa matinal na televisão. O meu coração inchou como só acontece quando os pais cuidam de nós e há o carinho reconfortante de um lar. A minha mãe lavara e engomara a roupa do dia anterior. Cheirava tudo a limpo e a fresco. Até me trouxera os seus cosméticos para que pudesse maquilhar-me. Devorei o pequeno-almoço e preparei-me. Já estava pronta para tomar o controlo da situação, ao estilo de Louise.

Capítulo 33

Paroxismo (s. m.): Uma emoção ou ação repentina e violenta. Uma explosão.

— Bom-dia! — exclamou Serena, com uma voz cantarina, quando entrei na agência.

Costumava percorrer a rua a toda a pressa para chegar à minha secretária, mas, por algum motivo, naquele dia, cada passo que dava estava cheio de receio, embora me tivesse convencido, no carro do meu pai, de que conseguia fazê-lo.

— Bom-dia.

— Vou ligar a cafeteira, queres? Parece que precisas de um bom café.

— Obrigada — agradei, mordendo a língua para não dizer nada sobre a sua forma de olhar para mim, dos pés à cabeça, antes de fazer aquela oferta. Ben já estava no seu lugar, ao telefone, portanto, cumprimentei-o alegremente com a mão. — A Kelli não veio?

— Não, ainda não. Dei-lhe a manhã de folga — replicou Serena, enquanto se ocupava do fervedor. Assenti e tentei disfarçar a irritação.

— Muito bem. Bom, vou começar.

Olhei para a minha secretária e tive medo de, ao tocar nela, alterar a ordem antiga de todas as coisas que havia lá.

— Bom-dia, Georgia. Pensei que poderias usar a secretária da Kelli hoje — sugeriu Ben, depois de desligar o telefone.

Olhei para ele.

— Ah...

— Só esta manhã — acrescentou, rapidamente. — É para a Serena ter tempo de organizar as suas coisas e mudar-se. Então, teremos de encontrar um lugar permanente.

— Sim, muito bem.

Sorri com tensão e fui sentar-me do outro lado do escritório, na secretária desordenada de madeira de Kelli, que estava junto da lareira. A sala ficaria muito cheia se tentássemos pôr outra secretária. Não conseguia suportar que Kelli tivesse de se sentar no chão, com as pernas cruzadas, mas ainda não sabia onde poderia ficar.

Por sorte, a manhã passou rapidamente. Tivemos um fluxo de clientes lento, mas constante. Decidira concentrar-me nas minhas mensagens de correio eletrónico, na papelada e noutras tarefas administrativas, enquanto Ben e Serena se ocupavam das pessoas que entravam na agência. Doía-me admiti-lo, mas Serena tinha muita astúcia e bons modos. Empurrava subtilmente a caixa de lenços de papel para os que estavam chorosos e preparava-lhes uma chávena de chá e encorajava os mais nervosos com uma emoção contagiante. Tentara falar a sós com Ben, sem Serena meter o nariz em

tudo, para poder contar-lhe o que acontecera na Índia, mas não tivera a oportunidade de o fazer. Era estranho, mas ele não me perguntara nada sobre a viagem. Era como se pensasse que fora de férias ou algo do estilo.

Ao meio-dia chegou Kelli, eufórica, e mostrou-nos uns bilhetes.

— Tenho-os! Tenho-os!

Serena deu um salto.

— Não me digas! A sério? — perguntou e Kelli assentiu. — Oh, meu Deus, fantástico!

Kelli esboçou um sorriso resplandecente.

— Não consegui os da primeira fila, mas, de todos os modos, também é perto. Não consigo acreditar! Nunca pensei que veria os Battlestar Death Wing ao vivo!

— Quem? — perguntei, com os nervos em franja ao ver Serena tão vibrante.

Kelli revirou os olhos.

— Meu Deus, Georgia, os Battlestar Death Wing. São o grupo mais importante dos anos noventa.

— Ah, claro. Sim, sim — concordei e vi que Ben estava a tentar conter a gargalhada, como se ele também não soubesse quem eram.

— Não te lembras deles? — perguntou Serena que, finalmente, parou de dançar em círculo com Kelli. Abanei a cabeça. — Eu tinha todos os seus discos. Era um pouco *emo* quando era jovem — sussurrou, como se fosse um segredo, por trás de uma mão.

— Bom, então, vão juntas? — perguntei.

— Sim. Um dia, estávamos a falar de música e foi a Serena que descobriu que iam reunir-se para dar um único concerto. Aqui, em Manchester! — exclamou Kelli, olhando para Serena com adoração. — Muito obrigada por me dares a manhã para poder ficar na fila.

— Oh, não! Eu é que agradeço por ires comprar os bilhetes. Dou-te o dinheiro depois, está bem? — indicou Serena, corando e tirando importância ao elogio de Kelli.

Ben encolheu os ombros e sorriu. Voltei a olhar para o ecrã do computador, com a sensação de estar excluída e de não ser nada fixe, com aborrecimento.

— Ia trazer sushi para o almoço, porque disseste que gostavas, mas não queria chegar tarde — disse Kelli a Serena.

— Ah, que simpatia da tua parte. Mas não te preocupes, porque fiz um caril em honra à chegada da Georgia — replicou Serena. — Tenho para todos, embora me tenha esquecido de trazer arroz — desculpou-se. Certamente, o que fizera não atingira os seus padrões de qualidade, pensei mal-humoradamente.

— Já é hora de almoço? — perguntou Ben, vendo as horas no seu telemóvel.

— Sim. O tempo passa a voar quando nos divertimos, não é? — perguntou Serena, com um risinho. — Bom, queres caril, Ben? Lembro-me de que disseste que gostavas de picante, portanto, fiz um especial para ti — acrescentou. Meu Deus, parecia o robô de uma esposa perfeita.

O olhar de Ben iluminou-se.

— Magnífico! Tenho de ir ao banco, portanto, o que acham de comprar um pouco de arroz para fazermos no micro-ondas? Queres alguma coisa, Georgia? — perguntou, enquanto se levantava para sair.

— Vou contigo. Acho que vou comprar qualquer coisa para comer no Boots — comentei.

Serena ficou apagada por eu não estar tão emocionada como o resto do pessoal do escritório com o seu caril.

— Lamento muito, Serena, mas comi caril suficiente para um ano. Muito obrigada, de todos os modos.

— Ah, claro. Noutra ocasião... — murmurou Serena, com tristeza.

Sabia que estava a comportar-me como um bebé chorão que atirava os seus brinquedos para fora do carrinho, mas alegrava-me por passar um momento a sós com Ben, finalmente. Peguei no meu casaco enquanto o telefone tocava. Serena estava na cozinha, a aquecer o caril, portanto, chamei Kelli para atender e apontar o recado.

— Georgia, mesmo que estejas farta de caril, ela deu-se ao trabalho de fazer a comida para todos, em tua honra — sussurrou Ben, apontando para a cozinha com um movimento da cabeça.

— O que realmente me apetece é uma sandes de ovo com maionese — murmurei.

— Ninguém quer sandes de ovo com maionese — contradisse Ben, arqueando uma sobrancelha.

— Sei que é um pouco estranho para ti voltar e encontrá-la aqui, mas, a sério, é uma grande aquisição.

— Parece-me uma grande chatice — sussurrei e Ben lançou-me um olhar. — Lamento. É que acho que vai custar-me a habituar-me à Dona Perfeita. Quase não a conhecemos, sabes?

Ben suspirou.

— Não confias nela?

Kelli chamou-me e poupou-me de ter de responder.

— Georgia, espera!

Rapidamente, desligou. Tinha uma expressão estranha e ficara pálida.

— Era um jornalista — anunciou. Observei-a pacientemente e senti que o estômago se queixava.

— Trabalha para o *Daily Times* e está a escrever um artigo sobre nós.

— Que tipo de artigo? — perguntou Ben, que voltou a entrar na agência. — O que disse exatamente, Kelli? — inquiriu. Depois, mordeu o lábio inferior e cruzou os braços.

Kelli olhou para o céu com resignação e começou a dar pancadinhas no queixo com um dedo para recordar a informação.

— Disse que, por cortesia, nos avisava que, dentro de alguns dias, vão publicar um artigo a analisar a nossa empresa.

— Por cortesia? — repetiu Ben que, por uma vez, parecia incomodado por Kelli estar a demorar tanto tempo a explicar a mensagem que lhe tinham transmitido por telefone.

— Sim, isso.

— Um artigo para analisar a nossa empresa? E porque é que o *Daily Times* haveria de fazer isso?

— Eh... O jornalista disse que foi à viagem organizada da Índia e que está a escrever esse artigo sobre a nossa agência. Alguma coisa sobre os nossos métodos de gestão pouco ortodoxos ou uma coisa dessas.

Senti um nó no estômago.

— Kelli, disse como se chamava? — perguntei.

Ela assentiu e olhou para a mão, onde escrevera os detalhes.

— Eh, sim. Christopher Kennings — disse e olhou para os dois.

Ben virou a cabeça para mim para ver qual era a minha reação.

— Merda! — exclamei.

— O que significa isso? — perguntou. O tom da sua voz e o cheiro do caril de Serena, que se espalhara por toda a agência, deu-me vontade de vomitar. — Correu tudo bem no *tour*, não foi? Não

foi, Georgia?

Assenti e encolhi os ombros.

— Georgia?

Bolas! Tencionara contar-lhe tudo enquanto íamos fazer os recados, quando finalmente estivéssemos a sós, para poder explicar-me devidamente.

— Encontrei-o! — exclamou Kelli, do computador de Ben.

Começara a procurar Christopher Kennings rapidamente na Internet. Ignorei o sobrolho franzido de Ben e corri até ao ecrã.

— Era este que estava na viagem? — perguntou. — Um momento... conheço-o. Era o bicho-do-mato que veio há séculos perguntar pelas finanças. Não te lembras, Georgia?

A cara desdenhosa de Chris enchia o ecrã. Kelli começou a ler em voz alta o texto que havia por baixo da sua tez cinzenta, sem reparar na minha expressão.

— Aqui diz que é um jornalista de investigação de renome e muito cáustico, especializado no mundo dos negócios.

Chris era jornalista. Era lógico que tivesse descoberto a minha verdadeira identidade e que quisesse revolver as coisas dentro do grupo. Entendi porque nunca participava nem se envolvia em nada, porque apontava sempre tudo no caderno e porque estava sempre a tirar fotografias. Não era, precisamente, para escrever um diário de viagem.

— Ena! — exclamou Kelli e parou.

— O que se passa? — perguntou Ben, olhando alternadamente para o computador e para mim.

Serena ouvira o alvoroço e aproximou-se da secretária de Ben, com um avental cor-de-rosa com folhos que devia ter trazido de casa.

— Está tudo bem? — perguntou, com nervosismo.

Ninguém lhe respondeu.

— Lembram-se daquela padaria, a Grãos e Cevada? A que fechou porque um jornalista fez uma reportagem encoberta sobre cometerem erros na gestão? — perguntou Kelli e todos assentimos. — Bom, o jornalista era o bom do Kennings.

Eu já estava prestes a vomitar.

— Georgia — disse Ben, com uma cara sombria. — O que aconteceu com este tal Chris durante o *tour*?

— Eu... eh... Ele... podemos falar a sós, Ben? — pedi, apontando com o polegar para a porta da agência.

Cerrou os dentes e assentiu com secura. Voltei a pegar na mala e no casaco e saí atrás dele, ignorando o olhar magoado de Serena por não poder descobrir o que ia dizer e o protesto de Kelli, que dizia que ela perdia sempre os detalhes suculentos.

Depois de sairmos, comecei a dirigir-me para o café que havia na calçada da frente, mas Ben agarrou-me pelo braço.

— Vais dizer-me o que se passou?

— Lixei tudo, está bem? Lixei tudo — confessei, estendendo tanto os braços que quase bati numa senhora que passava ao meu lado e que estalou a língua sonoramente. — Por favor, deixa-me pedir qualquer coisa para os dois no café e já te explico tudo.

— Explicar o quê? Primeiro, dizes que vais à Índia resolver o problema de umas críticas más e, agora, vamos ser perseguidos por um jornalista com um artigo em que fala de algo censurável sobre

nós? — queixou-se, quase a gritar. A senhora a quem quase batera estava a olhar para nós fixamente, como se estivesse a ver um episódio do *Coronation Street* ao vivo. — Porque escreveram um artigo sobre nós? O que se passou? — perguntou Ben, entre a raiva e a confusão.

Estava desesperada para entrar no café tranquilo. Com um capuchinho, podíamos falar sobre aquilo como adultos, não ter um confronto adolescente no meio da rua. Estava prestes a chorar. Respirei fundo e fulminei a senhora com o olhar para que se fosse embora, mas ela ignorou-me.

— Fui ver o que estava a acontecer com as más críticas e procurar o Nihal para descobrir o que se passava — expliquei. Ben assentiu, porque já conhecia aquela parte. — Estava devastado porque tinha acabado com a namorada, Ameera, tanto que tive de me encarregar de vez em quando do grupo, para que houvesse um bom ambiente de diversão. Estava a correr bem. No fim, encontrámos a Ameera, que estava a trabalhar como guia para o seu próprio grupo. Participámos numa rodagem de Bollywood e o Nihal e a Ameera voltaram a ficar juntos. Os dois grupos uniram-se e transformaram-se num só.

— Está bem — replicou, com um suspiro sonoro. — Mas o que aconteceu com esse jornalista?

Tremi. A segunda parte era mais difícil de ouvir. A senhora teve o atrevimento de começar a comer um rebuçado *Werther's Original*, sem nos tirar os olhos de cima. O barulho do papel brilhante deixou-me ainda mais nervosa.

— Bom, o Chris estava no grupo, mas era muito estranho. Estava sempre afastado do resto do grupo. — Ben esbugalhou os olhos, mas continuou calado, à espera que continuasse. Estava furiosa comigo própria por não ter feito caso ao meu instinto, que me dizia que alguma coisa não estava bem com Chris. — Bom, de qualquer forma, as pessoas começaram a abrir-se, começaram a contar os seus segredos, a interagir... confiaram em mim e contaram-me muitas coisas e estava a correr tudo muito bem, até... o Chris encontrar o nosso vídeo — admiti. — O que filmámos no escritório.

— Portanto, sabia que não eras a Louise, a cabeleireira... — concluiu Ben, lentamente.

— Sim. O resto do grupo zangou-se muito comigo por os ter enganado.

— Merda, Georgia! — exclamou Ben e deu uma palmada na testa. A senhora chupou o rebuçado com gosto. — Há mais alguma coisa que deva saber?

Arrastei os sapatos pelo chão. Era incapaz de olhar para Ben nos olhos.

— Bom, talvez tenha deixado escapar um peido durante uma aula de ioga...

Ben ficou horrorizado. «Bom, aí vai um pouco de sedução feminina. Bem feito, Georgia, bem feito.»

— Eu sei! Mas achava que tinha resolvido tudo. Nadei no mar para pedir perdão a todos eles — defendi-me. Ben ficou perturbado. Explicando-o assim, em voz alta, não parecia um feito muito grande. — No dia seguinte, fui-me embora, com a sensação de que tinham entendido porque não tinha sido sincera com eles desde o primeiro dia.

— Mas parece que o Chris não o entendeu — concluiu Ben.

— Não, parece que não — concedi. Enxuguei as lágrimas e engoli em seco. — Ben, lamento muitíssimo. Achava que tinha resolvido tudo. Foi apenas um erro tolo.

— Um erro tolo? — perguntou ele, com os olhos esbugalhados. — Georgia, somos perseguidos por um jornalista nacional que, certamente, vai escrever que mentimos aos nossos clientes e que os enganamos para fazer com que nos contem os seus segredos íntimos só para melhorar os nossos lucros. Sabes o que um artigo assim pode fazer-nos?

Assenti e encolhi os ombros.

— Lamento muito. Só queria ajudar.

Ele suspirou e olhou para o céu durante uma longa pausa.

— Acho que o melhor será tirares o resto da semana.

— O quê?

— Parece-me que é melhor tirares algum tempo e afastares-te um pouco da Viagens para Corações Solitários. De mim. E resolverei isto o melhor que puder.

Tinha um olhar frio e a sua voz era monótona. Estava cansado.

— Ben, por favor. Eu não queria estragar tudo. Pensava que o que estava a fazer era o melhor.

Ele assentiu.

— Eu sei. Escuta, é melhor voltar a entrar e pensar numa maneira de dar uma reviravolta positiva a tudo isto. Vemo-nos na segunda-feira.

Deixou-me ali, com um sorriso triste, e entrou novamente na agência. As minhas pernas ficaram paralisadas enquanto ele se afastava e tinha a certeza de que via a cara de Kelli colada ao vidro, a observar-nos. A senhora revirou os olhos e abanou a cabeça. Deixou cair alguns papéis de rebuçados e afastou-se.

Fui a cambalear pela rua, a esfregar a cara e a assimilar tudo o que acontecera naquele dia. Chris era Chris Kennings e tinha o poder de destruir o nosso negócio, tudo por causa do que eu fizera. O coração pedia-me para voltar à agência, para demonstrar a Ben que era capaz de resolver o problema que eu própria causara e ligar a Chris para exigir que se abstivesse de publicar o artigo. Mas a sensatez dizia-me que devia deixar arrefecer o assunto e que, se enfrentasse um jornalista nacional, podia piorar as coisas em vez de as resolver. Provavelmente, era muito positivo que não tivesse guardado o número de Chris no meu telemóvel, porque, assim, não podia ligar-lhe e muito menos no estado em que me encontrava.

Lera o artigo sobre a padaria e lembrava-me. Os jornais tinham enlouquecido com a história. Naquela época, estava de acordo com muitas outras pessoas que era uma boa coisa que um negócio tão mal administrado tivesse o seu castigo. Agora que estava a acontecer à minha empresa, nunca me tinha sentido tão solidária com a causa de outra pessoa. Se o negócio se afundasse por causa dos meus erros, não só ficaria desempregada depois de ter perdido muito dinheiro, mas também perderia Ben. E isso era muito, muito pior.

O falatório ocioso das pessoas, as canções de rap que as crianças ouviam a todo o volume nos seus telemóveis e os assobios dos elétricos intumesceram o meu abatimento. Sabia com quem tinha de falar, quem me daria bons conselhos sobre o que devia fazer. A minha melhor amiga. Tirei o telemóvel e tentei ligar a Marie. Aquele aborrecimento estúpido já durara o suficiente. Tinha de ser madura e pedir perdão. No entanto, o seu telemóvel foi para o correio de voz. Deixei uma mensagem baralhada, pedindo-lhe para me ligar e dizendo que precisávamos de falar. Meu Deus, sentira a falta da sua voz. Não conseguia suportar a ideia de dizer aos meus pais o que estava a acontecer e Shelley não voltara do lugar para onde fora com Jimmy.

Entrei num Tesco e, no meio do meu atordoamento, atravessei o supermercado, cheio de trabalhadores na pausa para o almoço. Peguei numa garrafa de vinho branco, o favorito de Marie, e num pacote enorme de *Monster Munch* e decidi que ia vê-la. Se íamos resolver aquela situação, então, íamos fazê-lo como Deus manda. Saí da loja e voltei a ligar-lhe, mas, como tinha a cara colada ao ecrã do meu telemóvel e os braços cheios de sacos, não vi que o homem que andava à minha frente parava de repente. Pisei-lhe o calcanhar e tropecei contra ele. Por pouco, consegui que

a garrafa de Sauvignon Blanc não caísse no seu casaco de lã.

— Ai! — disse ele e virou-se para mim.

— Cuidado! — exclamei e, então, sorri. — Rahul?

— Louise!

— Ena! O que estás a fazer aqui? — perguntei e fiquei boquiaberta ao ver novamente aquele homem tão bonito. Porque é que os nossos caminhos se cruzavam sempre?

— Tenho a aprovação para um novo programa de televisão, portanto, tive de voltar rapidamente para planear tudo. Vou para as alturas vertiginosas de Roterdão para rodar — explicou. Desatou a rir-se e revelou os dentes perfeitamente brancos, que lhe iluminaram a cara bronzeada. — Eh, alegro-me por te ver, porque preciso de um corte de cabelo.

Observei-o como se fosse tola.

— Eh, sabes, no cabeleireiro...

— Ah! Sim. Claro...

Lembrei-me de qual era o meu suposto trabalho. Então, de repente, senti uma onda de emoção. Tinha o trabalho dos meus sonhos, mas, certamente, não por muito tempo.

— Estás bem? Não tens de me cortar o cabelo se não quiseses — tranquilizou-me e eu comecei a soluçar, agarrando-me ao telemóvel, à garrafa de vinho que estava a aquecer e a um saco de aperitivos de tamanho familiar, no meio da rua.

— Não é isso... é que...

Tirou-me as compras das mãos e pô-las num banco coberto de *graffiti*. Sentei-me com gratidão e respirei fundo várias vezes.

— Obrigada. Eu... não sou a Louise. E não sou cabeleireira.

Ele assentiu lentamente, sem demonstrar a mínima surpresa. Embora, certamente, estivesse a encolher-se para se afastar da ponta do meu nariz húmido.

— Toma — ofereceu. Passou-me um lenço de papel e acariciou-me suavemente o braço enquanto eu me assoava ruidosamente. — Tinha razão, não é? És a Georgia.

— Lamento não ter podido dizer quem era. Tinha de o manter em segredo à frente dos outros viajantes. Sou, ou devia dizer «era», a coproprietária da agência, sabes?

Rahul franziu o sobrolho.

— Eras?

Respirei fundo e assenti.

— No fim, descobriram a minha verdadeira identidade e, agora, temos um jornalista que vai publicar um artigo sobre como mentimos aos clientes. Essa história vai arruinar-nos.

— Ah... — murmurou e esfregou as têmporas. Parecia que estava realmente preocupado. — Agora, entendo a garrafa de vinho. Mas, escuta, pelo pouco que sei de ti, parece-me que tens uma veia muito resistente.

— Isso seria o que Shiva diria? — perguntei, na brincadeira, para aliviar um pouco a situação, e porque queria que os deuses ficassem do meu lado.

— Suponho que ele diria que tens de confiar no teu instinto. É evidente que tens força, se criaste uma empresa do nada. Agora, só tens de te certificar de que ninguém ta tira.

Franzi o sobrolho, pensando no que ele estava a dizer, e assenti. Senti-me um pouco melhor. Oh, meu Deus, se Flic nos ouvisse, estaria no seu elemento com aquelas palavras de sabedoria tão hippies. No entanto, pronunciadas por Rahul, com aquela boca que causava tanta vontade de a beijar,

não pareciam tão pacóvias.

— Se puder fazer alguma coisa para te ajudar, avisa-me, mas parece-me que só tens de te preparar para uma boa batalha e ter fê de que vais ganhar — declarou. Depois, olhou para o relógio de prata que aparecia por baixo da manga. — Lamento, mas tenho de ir. A sério, foi ótimo voltar a ver-te, mas temos de parar de nos encontrar assim!

Funguei um pouco e, finalmente, consegui recuperar para empreender novamente o meu caminho.

— Muito obrigada, Rahul. Eu também me alegro muito por te ter visto. Boa sorte com o teu programa e faz figas por mim.

Ele levantou-se e fez um gesto negativo com a cabeça.

— Não precisas de sorte. Consegues fazê-lo, Georgia.

Apanhei um autocarro e, ao chegar à paragem de Marie, fui a pé até à casinha arrendada em que vivia com Mike e toquei à campainha. Alguns segundos depois, Mike abriu a porta. Normalmente, a sua expressão era de calma, mas, naquele momento, tinha o cabelo emaranhado e um ar de angústia.

— Ah, olá — cumprimentou. Ficou tão surpreendido por me ver como eu a ele.

— Olá, Mike, não estás no trabalho?

— Não... eh... tirei a tarde para poder ir buscar o Cole — explicou. Ficou a olhar para a garrafa de vinho, mas não me convidou para entrar. Aquele não era o Mike que eu conhecia.

— Ah, bom. Está tudo bem? Vim ver a Marie, porque faz uns dias que não sei nada dela. Quero mostrar a bandeira branca, oferecer o ramo de oliveira, bom, já sabes.

Ele assentiu, mas continuou no meio da porta.

— Sim. Não é normal que estejam tanto tempo sem se falar.

— Não. Então, está em casa?

Olhou para trás, para o vestíbulo.

— Eh... sim, mas o que se passa é que não se sente muito bem. Foi por isso que não fui trabalhar — redarguiu e apontou para a garrafa de vinho com a cabeça. Sabia que devia ter-lhe trazido umas flores. — Não vai poder beber isso contigo e, de todos os modos, não é um pouco cedo para beber?

Corei.

— Sim, suponho que sim. É que tive um dia de merda no trabalho.

Ele assentiu como se compreendesse.

— Ah, sim...

— E não posso entrar para a cumprimentar? Não vou ficar muito tempo.

Meu Deus, aquilo era estranho. Marie quase nunca ficava doente e, se acontecia, não ficava na cama. Era muito estranho que pedisse a Mike para fazer recados. Normalmente, tinha de a deitar na cama e ameaçá-la para que não se mexesse, enquanto preparava toneladas de rebuçados de limão e mel e várias temporadas de uma das nossas séries favoritas, *Gavin & Stacey*, para a distrair.

Ele franziu o nariz.

— Não pode ser, Georgia. Talvez, dentro de uns dias, tenha mais vontade de ter companhia. Lamento — desculpou-se. Ficou a olhar para mim durante uns instantes e, depois, encolheu os ombros com tristeza e tentou fechar a porta.

— Ah, bom, eu...

— Vou dizer-lhe que vieste. Bom, deixo-te. Tenho de ir buscar o menino. Sabes como são essas encarregadas nazis das creches com os horários.

Assenti, embora, na verdade, não soubesse.

— Está bem, obrigada.

Sorri fracamente e virei-me, enquanto Mike entrava em casa.

Que estranho!

Capítulo 34

Coragem (s. f.): Atrevimento ou determinação na hora de enfrentar um perigo, sobretudo, numa batalha.

Estava à espera do autocarro para voltar para casa, a pensar com resignação numa sessão solitária de bebida, quando o meu telemóvel tocou. Marie! Rebusquei na mala e, quando peguei no telemóvel, vi o nome de Kelli no ecrã.

— Kelli?

— Georgia! — exclamou ela, em voz muito baixa, como se estivesse a pôr uma mão no auscultador para que mais ninguém a ouvisse. — Tens de voltar rapidamente.

— O que foi? Kelli? Estás bem?

— Não, não. Eu... O Ben...

— Kelli, não te ouço bem — repliquei e percebi que quase não tinha bateria. — O que se passa?

— Georgia... vem...

— Kelli! Não te ouço. Não podes ligar-me do fixo?

— Não... A Serena... O Ben... mentiras...

— Kelli, Kelli, estás aí?

A chamada desligou-se. Tentei ligar-lhe novamente, mas foi para o correio de voz. Do que estava a falar? Chamei um táxi e dei-lhe a morada da agência.

A viagem de regresso durou séculos. Era a hora da saída das escolas e as estradas estavam cheias de pais cansados que iam buscar os filhos. Além disso, ficara sem bateria e não podia ligar a Kelli. A minha mente não parava de dar voltas ao que me dissera.

— Quer que vá por Mancunian, linda? — perguntou o taxista, ao ver todos os carros parados à nossa frente.

— Eh... sim, o que achar que é mais rápido — acedi, distraidamente. O que é que Kelli quisera dizer e porque é que Ben não me ligara em vez dela?

— Bom, a esta hora saem as crianças de Saint Mary, que é junto da autoestrada, mas se tentarmos cortar por Elderware Street, talvez não apanhemos os autocarros de Green Oaks, embora já não haja nenhuma garantia, porque construíram um Tesco aí ao lado — explicou, como se me interessasse.

— Hum... Por mim, tudo bem.

Tinha vontade de gritar que me levasse de uma vez à agência, mas não o fiz. Nem sequer tinha o telemóvel para ocupar a mente e distrair-me.

— Para que precisamos de outro supermercado tão grande? Tem três andares! Três andares cheios de porcarias de que não precisamos. É como ir ao IKEA. A minha mulher leva-me sempre de rastos.

É como entrar numa nave TARDIS. Enervamo-nos sempre, perdemo-nos e acabamos por nos ir embora sem o que queríamos comprar. Na minha opinião, é uma loucura. Não entendo porque as pessoas gostam tanto de complicar a vida. Porque não pode ser tudo mais simples, para sabermos o que temos de fazer?

Finalmente, parámos numa rua lateral e eu paguei-lhe, deixei-lhe a garrafa de vinho já quente no banco traseiro e, a ele, a falar do caos que eram as estradas do país.

Fui a correr para a agência e abri a porta, com falta de ar. Kelli observou-me com os olhos esbugalhados, como se estivesse prestes a chorar. Ben estava curvado por cima do computador, com o telefone colado à orelha. Não havia rasto de Serena.

— O que se passou? Estás bem? — perguntei a Kelli, enquanto enxugava o suor da testa e pousava a mala na minha secretária.

— Não — respondeu ela e apontou para Ben com o dedo. Ele levantou uma mão para me indicar que estaria comigo num minuto. Kelli escapuliu-se para a casa de banho antes de eu conseguir fazer mais alguma pergunta e deixou-nos a sós.

— Muito bem, muito bem. Obrigado pela sua ajuda — agradeceu Ben e desligou o telefone com um ar de aborrecimento. Virou-se para mim, observando-me como se alguém tivesse morrido.

— O que se passou?

Oh, meu Deus, acontecera alguma coisa a Trisha? Tinha intenção de ir vê-la, mas estivera demasiado ocupada com tudo desde que chegara da Índia. O coração subiu-me à garganta, até recordar que Kelli pronunciara as palavras «Serena», «Ben» e «mentiras» ao telefone.

— Senta-te — pediu Ben, com firmeza, e fi-lo.

— É a Trisha, não é? Está bem? Pareceu-me que estava pálida da última vez que a vi. Não foi apenas uma queda, pois não? — perguntei, com um nó na garganta.

Ben suspirou.

— Não, não se trata da Trisha, embora me tenha esquecido de te dizer que a internaram outra vez.

— Oh, meu Deus! Porquê?

— Está bem. Só a internaram para lhe fazer mais exames ao tornozelo, porque não sarou adequadamente, mas dizem que não é nada de grave. Só querem vigiá-la por causa da sua idade, mais nada.

Deixei escapar um grande suspiro. Senti um alívio enorme ao saber que estava bem.

— Bom, então, de que se trata?

Ben pigarreou.

— A Serena foi-se embora.

— Para onde?

— Roubou-nos.

— Como? O que queres dizer?

— Lembras-te de que te disse que tinha de ir ao banco? — perguntou. Eu assenti. — Bom, pedi à Serena para ir, porque queria tentar entrar em contacto com o tal Chris — explicou Ben. Passou a mão pela cara e suspirou. — Bom, não voltou.

Fiquei a olhar para ele, espantada.

— Tinhas razão, Georgia. Não devíamos ter confiado nela. Levou o dinheiro. Não o depositou no banco.

— Não!

— Sim — confirmou, com abatimento.

— Mas... só tínhamos cerca de duzentas libras aqui — repliquei, olhando para o cofre. Estava tão paranoica com a hipótese de nos roubarem que me certificava de que íamos com frequência ao banco para não termos demasiado dinheiro na agência.

Ben abanou a cabeça.

— Antes de voltares, fizemos muitas reservas. Tínhamos mais de cinco mil libras. Estava tão ocupado que não pude levar o dinheiro ao banco.

— O quê? — gritei. A maioria das pessoas pagava com cartão de crédito ou com um cheque. — Quem pagou tanto dinheiro?

— A Kelli ouviu que a Serena dizia aos clientes que tínhamos os terminais dos cartões avariados. Imaginou que fosse verdade, porque, às vezes, acontece. Bom, quando nos apercebemos de que a Serena estava fora há muito tempo e não voltava, liguei para o seu telemóvel, mas foi para um correio de voz. Pensei que era estranho que tivesse levado o casaco e a mala, quando o banco é a dois minutos daqui. Então, a Kelli percebeu que esvaziara todas as gavetas da secretária. E isso não é tudo. Através do novo sistema de gestão que instalou nos computadores, entrou em contacto com muitos dos nossos fornecedores e disse-lhes que não tínhamos recebido os pagamentos, que todos os seus cheques tinham sido devolvidos pelo banco e que era muito urgente que voltassem a fazer os pagamentos, sempre através dela, claro.

Bela vigarista! Ainda estava com falta de ar, não por ter ido a correr para a agência, mas de fúria. Estava furiosa com aquela mulher que nos roubara.

— Liguei para o banco e disseram-me que ninguém tinha feito nenhum depósito no dia de hoje e pedi à Kelli para te ligar enquanto falava com a polícia — explicou Ben. Parecia que ia começar a chorar.

Assim, não só tínhamos a espada de Dâmocles do artigo de Chris Kennings a pender sobre as nossas cabeças, mas também imensos clientes furiosos. Tínhamos perdido muito dinheiro e faltava-nos um empregado. Magnífico.

— Lixei tudo — disse Ben, em voz baixa, mordendo o lábio inferior.

Suspirei, aproximei-me da secretária dele e, com cuidado, pus-lhe as mãos nos ombros tensos.

— Já somos dois.

Observou-me.

— Isto pode ser a nossa ruína.

— Eu sei — confirmei, pestanejando para que não me caíssem as lágrimas.

Não sabia o que mais podia dizer. Ambos tínhamos cometido erros e as nossas decisões tinham tido como resultado movimentos empresariais imprudentes. O telefone tocou e interrompeu os meus pensamentos de contratar um capanga para seguir aquela ordinária.

— Eu atento! — gritou Kelli.

Tinha-me esquecido de que estava ali sentada, num canto, a abanar a cabeça e a retorcer as mãos pálidas ao aperceber-se de que Serena, a perfeita, não existia e de que, além disso, levava os bilhetes para o concerto dos Battlestar Death Wing.

— Falei com a polícia e com o banco. Como ainda não tínhamos feito o contrato, outra coisa que tinha de resolver, e a morada que figura no seu currículo é falsa, não sabemos como encontrá-la. Até o nome era falso: Serena De Vere não existe. E, como se tratava de dinheiro vivo, não acho que recuperemos um tostão.

Kelli desligou o telefone e gritou:

— Era do *Daily Times*. O artigo sai amanhã.

— Era o que nos faltava... estamos fodidos — queixou-se Ben e deu um murro na mesa.

Tremi e percebi que os olhos de Kelli se enchiam de lágrimas.

— A sério? — perguntou, sem parar de retorcer as mãos.

Tentei captar o olhar de Ben para lhe transmitir telepaticamente que tinha de se acalmar e não assustar mais a nossa jovem assistente, por muito furioso que estivesse.

Pareceu-me que conseguia, porque Ben suavizou o tom de voz.

— Lamento muito, Kel, mas é o que parece. Não sei como vamos recuperar economicamente, nem como vamos superar a má publicidade dos jornais.

— Mas... vão resolver tudo, não é? Conseguem sempre! — exclamou Kelli, olhando para ambos.

— O Clube de Viagens para Corações Solitários não pode acabar. O Ben e a Georgia têm de continuar. Vão resolver tudo, não vão?

— Não acho que possamos, Kel — disse eu. — O melhor será fecharmos cedo hoje e irmos para casa descansar. Dá-me a sensação de que amanhã vai ser um dia muito ocupado — sugeri, com tristeza.

Ben tossiu e assentiu.

— Boa ideia!

Todos desligámos os computadores e apagámos a luz.

— Bom, então, até amanhã? — perguntou Kelli, assoando o nariz com um lenço de papel. Depois, olhou para mim fixamente. — Por favor, Georgia. Sei que o Ben e tu conseguem resolver tudo. São os melhores sócios que conheci.

Sorri apagadamente.

— Faremos tudo o que pudermos — prometi e despedi-me.

Fechei a porta atrás dela e virei-me para Ben, que estava a bater com a caneta na secretária distraidamente. Parecia que tinha todo o peso do mundo sobre os ombros.

— Pobre rapariga! Está muito assustada. Este era o seu primeiro emprego a sério, sabes? — perguntei, enquanto observava Kelli, que se afastava pela rua, e senti uma pontada de emoção por ela. — Está convencida de que vamos resolver tudo. Oxalá estivesse tão certa como ela.

Ele suspirou.

— A Kelli tem razão.

— O quê?

— Tem razão quanto a nós. Somos bons sócios.

Apertou os olhos fechados com os dedos e continuou:

— Quando sugeriste a ideia de O Clube de Viagens para Corações Solitários, emocionei-me muito por saber o que podíamos fazer entre os dois. Mas, à medida que o tempo passava, a empresa avançou demasiado rapidamente em comparação com o que esperava e suponho que não estava pronto para isso. Nunca tinha estado tanto tempo seguido num lugar, nem tinha tido um trabalho das nove às cinco e, para ser sincero, às vezes, é muito difícil. Porque haveria de querer trocar as viagens por todo o mundo pelo facto de ver como outras pessoas viajavam? Os trabalhos de escritório nunca foram para mim e, muito menos, ter de conquistar os clientes e ter de suportar todas as tolices corporativas.

Olhei para o chão com horror. Ele nunca fora tão sincero comigo sobre o trabalho.

— Mas... sabias que todas as empresas novas têm de lutar durante os seus primeiros anos, não é?

— perguntei, trémula.

— Sim, sim. Não me interpretes mal. Acho que a empresa e a marca, o que estás a tentar conseguir, é incrível.

Não sabia se gostava do rumo daquela conversa.

— O que estamos a tentar conseguir.

Ben suspirou e assentiu com tristeza.

— Sim, nós os três — concordou e olhou para mim fixamente: — Mas, embora algumas vezes me sinta como se me tivessem cortado as asas, não quereria estar em nenhum outro lugar. Nem sequer hoje. O motivo por que O Clube de Viagens para Corações Solitários funciona és tu — declarou e pigarreou antes de continuar. — És tu. Sempre foste tu.

A minha cabeça deu voltas. Não conseguia respirar. Aquelas lembranças nossas, as que tinham começado a perder-se, voltaram de repente com nitidez. Senti-me como se não existisse mais ninguém no mundo. Só existíamos nós, naquele mesmo instante.

— Mas... somos apenas colegas de trabalho. Pensava que gostavas da Serena.

Ao ouvir o seu nome, ele cerrou os dentes e respirou fundo.

— Georgia, não sabes como és especial. Quando estávamos na Tailândia, a Shelley contou-me o que te tinha acontecido, que estavas noiva de um tipo que te deixou. Um idiota que não sabia como era sortudo por te ter ao seu lado.

Fiquei a olhar para ele, desejando que continuasse. Espantava-me que nunca me tivesse dito que conhecia o meu passado. Nunca quisera que ele me visse como um refugo.

— Muitas vezes, quis ter coragem para te convidar para beber um café comigo, mas tinha medo de que pensasses que era outro tipo que estava desesperado por ir para a cama contigo ou que era o prémio de consolação. Mereces mais do que isso.

Caiu-me uma lágrima pela face. Oh, meu Deus, Ben gostava realmente de mim... Era demasiado.

— Mas... mas quase não me conheces.

— Sei o que vejo. Vejo uma mulher forte e valente que teve de superar uma situação horrível e que teve a dignidade e a coragem necessárias para mudar as coisas. Não sabes como és uma inspiração. Não sabes como és fantástica.

Ele mexeu a mão, segurou numa madeixa solta do meu cabelo e pôs-a atrás da orelha, enquanto olhava para mim nos olhos.

— Sei mais do que pensas. Como, por exemplo, o pequeno barulho que fazes quando comes qualquer coisa de que gostas muito — disse e corei. — Também sei que praticas os discursos na casa de banho quando achas que ninguém te ouve. Que respiras fundo quando estás a ler uma mensagem de correio eletrónico importante. És tu, Georgia — declarou Ben e sorriu. — Onde estiveres, também quero estar.

Senti a garganta seca. Sentia-me confusa, feliz, cansada e assustada, tudo ao mesmo tempo.

— Mas e a empresa? Por muitas esperanças que a Kelli tenha de que conseguiremos resolver tudo, estamos falidos, como tu disseste — sussurrei, porque não queria que ele afastasse os seus lindos olhos dos meus. Meu Deus, cheirava tão bem. Eu, certamente, cheirava a sanita portátil de festival de música.

— Eu sei. Não me interpretes mal. Amanhã, vamos ter de lutar desesperadamente contra o que vier, mas, no caso de acabar tudo, queria que soubesses o que sinto. Devia ter-to dito há muito, muito

tempo. Percebi que, se realmente desaparecesse tudo, talvez não tivesse oportunidade de to dizer. Talvez o facto de estar aqui a declarar-me assim seja o mais pacóvio do planeta, mas tinha de tentar.

Abanei a cabeça.

— Não, não é pacóvio.

De repente, tive mais vontade do que nunca de encontrar Serena, mas não para a estrangular, mas para lhe dar um beijo por tudo o que fizera para impulsionar Ben a dizer-me quais eram os seus sentimentos. Era como se flutuasse. Os meus sentidos tinham-se agudizado, as minhas íris tinham-se transformado em corações. De certeza que ele via os batimentos do meu coração por baixo da blusa.

— Acho que estou a apaixonar-me por ti, Georgia — admitiu.

Olhou para mim com tanta intensidade que tive de me agarrar à secretária que estava atrás de mim para manter o equilíbrio. Começaram a cair-me as lágrimas.

— O quê? A... a sério? — perguntei e abanei a cabeça ligeiramente. — Ben, eu apaixonei-me por ti há muito tempo.

Enxuguei os olhos com o dorso da mão enquanto ele, com cautela, dava um passo para mim e me rodeava a cintura com um braço. Aquele movimento tão leve pareceu desajeitado ao princípio, mas, quando ambos nos encorajámos, tornou-se assombrosamente selvagem. Pus-me em bicos dos pés e ele inclinou a cabeça. Nunca estivera tão perto da sua cara. Nunca vira uma cicatriz quase impercetível que tinha no lábio, nem as manchinhas verdes dos seus olhos castanhos. Tremeram-me as pernas quando ele me tocou e, por todo o meu corpo, espalhou-se um formigueiro de impaciência.

— És maravilhosa — sussurrou. Então, lentamente, beijou-me.

A minha mente encheu-se de pura alegria, felicidade e luxúria. Beijava melhor do que pensara. Apertou-me contra o seu corpo e, com delicadeza, passou-me uma mão pelo cabelo. O meu coração acelerou enquanto as nossas línguas se exploravam. Começámos a respirar fundo. Nunca me tinham beijado assim. Era gentil e apaixonado ao mesmo tempo. Aquele beijo estava cheio de palavras ainda não pronunciadas e de tempo perdido que tínhamos de recuperar.

No fim, tivemos de parar para respirar. Os nossos peitos inchavam e desinchavam. O silêncio que nos rodeava tornou-se ensurdecedor enquanto tentávamos controlar os nossos suspiros, sem parar de nos olhar. Estava sempre tudo tão silencioso ali, perguntei-me.

De repente, senti vontade de me rir.

— O que foi? — perguntou-me, afastando-se nervosamente e passando a mão pelo cabelo.

Abanei a cabeça.

— O Ben Stevens beijou-me.

— E já estava na hora — afirmou ele.

Com um sorriso, segurou-me o queixo e voltou a beijar-me.

Capítulo 35

Reparação (s. f.): Desagravo por uma ofensa, dano ou injúria.

Andei pelos corredores limpos, com cheiro a antisséptico, do hospital onde o meu pai estivera tão doente no ano passado. Estava desorientada, porque todos os corredores pareciam iguais, com paredes verdes idênticas, o que significava que estivera a andar em círculos à procura da ala Honey Oak, onde Trisha estava há um século. Sentia-me como se flutuasse depois de Ben me ter revelado os seus verdadeiros sentimentos. Não conseguia parar de sorrir, o que era estranho, tendo em conta que a minha empresa estava à beira do desastre. Suponho que, depois de sobreviver à viagem à Índia e de ouvir Ben a sussurrar as palavras que desejara que me dissesse desde que o conhecera, as coisas tinham tomado perspectiva. Sentia-me mais forte e estava pronta para a luta do dia seguinte, sabendo que ele estava ao meu lado.

Depois de nos obrigarmos a afastar os nossos lábios, tínhamos fechado a agência e eu fora ao hospital para ver como estava Trisha. Embora Ben me tivesse dito que estava bem, só aborrecida pelo facto de ter de repousar, sentia que devia fazer o esforço de ir vê-la. Além disso, precisava de tempo para assimilar tudo o que acontecera nas últimas vinte e quatro horas, tanto as coisas boas como as más, e tentar traçar um plano para salvar a nossa empresa.

Não vi nenhum membro do pessoal do hospital, portanto, com um suspiro, decidi ir ao pequeno café para perguntar. Uma senhora gordinha sorriu quando entrei.

— Olá, querida. O que te sirvo?

— Oh, lamento muito, só queria perguntar como se chega a...

Fiquei calada ao aperceber-me de quem estava algumas mesas mais à frente. O que estava a fazer ali?

— Não se preocupe — disse, distraidamente, à senhora, que estalou a língua. Dirigi-me para a mesa com ansiedade.

— Oh, meu Deus! Então, estás mesmo doente? O que se passa? Sabia que devia ter ido ver-te muitas mais vezes, ser melhor amiga... — balbuciei, a mil quilómetros por hora, à frente de Mike e de uma Marie palidíssima, olhando para eles com os olhos cheios de lágrimas. — Lamento muitíssimo.

Marie olhou para mim com estranheza.

— Georgia, o que estás a dizer?

— Estás doente, não estás?

Olhei bem para eles e apercebi-me de que Mike tinha um ar de felicidade que não concordava com o facto de a namorada estar a morrer.

Marie abanou a cabeça e riu-se. Puxou uma cadeira e disse-me para me sentar.

— Não estou doente.

— Oh, graças a Deus...

— Bom, estive durante alguns dias, mas não estava doente, doente — explicou Marie e olhou para mim como se eu tivesse de adivinhar o que estava a tentar dizer.

— O quê?

— Georgia, estou grávida — informou-me. Deixou escapar um pequeno grito e agarrou-me as mãos.

Olhei para ambos e, de repente, vi que, na mesa, entre as suas chávenas vazias, havia uma fotografia a preto e branco. Era uma ecografia.

— Não! Oh, meu Deus, é maravilhoso! — exclamei e abracei-os.

— Obrigada e sou eu que devia desculpar-me por ter sido uma má amiga — desculpou-se Marie, brincando com um pacotinho de açúcar, enquanto Mike ia pedir uma bebida ao bar.

— Não, eu.

— Não. Tenho de te confessar uma coisa — declarou e respirou fundo. — Sabes que dizem que a gravidez nos torna um pouco loucas às vezes?

— Ah, sim — concordei. Revirei os olhos e ela riu-se. — Lembro de que, quando soube que ias ter o Cole, de repente, te tornaste quase uma perseguidora do Shane Richie.

Ela corou e certificou-se de que Mike não ouvira.

— Sim. Desta vez, as hormonas também se alteraram, mas, em vez de perseguir o Shane Richie, roubei passaportes.

Demorei um momento a assimilá-lo.

— Roubaste o passaporte da Shelley?

— Sim. Lamento imenso. Entrei em contacto com ela para lhe pedir desculpas e pedi-lhe para não te contar até eu conseguir falar contigo, mas, de repente, começaram os enjoos matinais, bom, duravam todo o dia. Além disso, não queria contar-to ao telefone. Queria ir ver-te este fim de semana para te contar. Por favor, diz que me perdoas.

Não era de estranhar que tivesse tido tão poucas notícias de Shelley.

Abracei Marie.

— Claro que sim.

— Bom e, de todos os modos, não tinhas de estar no trabalho?

— Bom, digamos que não és a única que tem notícias.

Suspirei e contei-lhe tudo.

Capítulo 36

Repercussões (s. f.): Consequências. Resultados.

Na manhã seguinte, depois de ter dormido apenas duas horas, fui a correr para o quiosque mais próximo, que estava a abrir. Ainda tinha o pijama e apanhara o cabelo por cima da cabeça. Não podia ser pior do que as fotografias que Chris tirara quando estávamos na Índia e que, certamente, teriam sido publicadas com o artigo. Tencionava ir a todos os quiosques próximos para comprar todos os exemplares da revista. Por muito que Marie me tivesse ajudado no dia anterior, ainda não encontrara uma solução para o nosso problema empresarial e aquilo fora o melhor que me ocorrera. Pus todos os exemplares que pude no balcão.

— Mais alguma coisa, amor? — perguntou-me o empregado, com um bocejo.

— Não terá mais exemplares, pois não?

Ele abanou a cabeça.

— Então, é só isto, obrigada.

— Obrigado, volta novamente — declarou, depois de me cobrar, quando eu saía rapidamente do quiosque.

Sentei-me num banco e fechei os olhos. Respirei fundo e comecei a virar as páginas. Notícias, notícias, notícias. Ah, negócios. Oh, merda! A minha cara contraída, coberta de tinta durante o Festival Holi, ocupava metade da página, com o título:

«PATROA DISFARÇADA DESMASCARADA DURANTE UMA VIAGEM ORGANIZADA.»

Tudo isso, em letras maiúsculas intimidantes e em negrito. Comecei a ler...

«O Clube de Viagens para Corações Solitários, a agência de viagens desenhada para ajudar os solteiros tristes a recuperar do fim das suas relações, foi uma estrela ascendente no mercado turístico desde que foi fundada, em novembro passado. Mas, depois de uma crítica muito má online, esta nova empresa com sede em Manchester terá a força necessária para sobreviver? Por Chris Kennings.

A dona da agência de viagens O Clube de Viagens para Corações Solitários pôs a sua reputação em perigo ao fazer-se passar por uma cabeleireira para conhecer o seu próprio negócio por dentro, mas... enganou os seus próprios clientes? Georgia Green, que fundou a agência para pessoas recentemente separadas depois de sofrer o seu próprio desengano, viajou para a Índia disfarçada para descobrir o porquê de uma crítica péssima sobre as viagens organizadas pela sua agência, publicada num conhecido blogue de viagens.

Num *post* especialmente mau, acusava-se O Clube de Viagens para Corações Solitários de enviar os seus clientes para uma viagem de qualidade inferior, desorganizada e caótica, liderada por um guia preguiçoso e indelicado. O *Daily Times* reservou um lugar na viagem de duas semanas à Índia para investigar estas acusações que, depois, foram retiradas pelo autor da crítica, e descobriu que a menina Green estava entre os integrantes do grupo, fazendo-se passar por Louise, uma cabeleireira de Manchester, abandonada pelo noivo poucas semanas antes do casamento.

Escondeu a sua verdadeira identidade dos outros cinco viajantes do grupo, certamente, para investigar a veracidade das acusações vertidas no blogue.

No entanto, foi correto que mentisse sobre a sua identidade aos seus próprios clientes? No *tour*, que levou o grupo pelo Taj Mahal, à loucura de Bombaim e às praias da Goa, a menina Green conseguiu enganar os outros, mas não me enganou.»

«Oh, oh...», pensei. «Aqui vem.»

«Antes de reservar a viagem, fiz uma visita rápida à agência em Manchester e fiquei impressionado com o profissionalismo e a boa disposição da sua pequena equipa de empregados.

Assim, quis saber porque pensava que era necessário mentir. Era uma desculpa para procurar uma escapatória ou um passo extraordinário para se certificar de que a agência tinha um nível de qualidade adequado?

Ao princípio, foi-me difícil sabê-lo.

Durante a primeira noite em Nova Deli, a menina Green exibiu-se de uma maneira indecente enquanto cantava horivelmente no *karaoke* de um restaurante indiano cheio de pessoas. Partilhei uma cabana pequena e básica com ela numa praia de Goa e até presenciei como lhe escapavam gases durante uma aula de ioga mesmo em cima de mim.

À medida que o tempo passava, a menina Green não tomou notas de nenhum tipo. Não entregou relatórios à equipa de vendas nem fez perguntas ao resto do grupo sobre como as coisas poderiam melhorar. Também não quis saber se havia uma boa relação entre a qualidade e o preço do *tour*. Se me tivessem perguntado durante os primeiros dias, teria respondido que não.

No entanto, depressa ficou claro que a menina Green estivera a fazer melhorias de um modo muito mais subtil.

Sem que ninguém soubesse, ajudara o nosso guia, Nihal, a recuperar. Aquele homem preguiçoso e abstraido que conhecemos durante a nossa primeira noite transformou-se num guia apaixonado e competente. Para isto, contribuiu de maneira decisiva a contratação de uma nova guia para o *tour*, Ameera. Entre os dois, criaram uma dinâmica perfeita.

As relações e o profissionalismo do *tour* tinham melhorado exponencialmente no fim, coisa que, sem dúvida, se deveu à instrução e à tutela da menina Green e à boa disposição na hora de sujar as mãos.

Arriscou a sua reputação para fazer com que os seus clientes passassem as melhores férias da sua vida e deixassem os seus problemas para trás.

Como parte do *tour*, o grupo participou numa rodagem de Bollywood que se levou a cabo numa praia de Bombaim e teve um momento de espiritualidade com homens sagrados num templo assustador. O itinerário e as atividades conseguiram fazer com que os viajantes, que tinham começado o *tour* como desconhecidos, acabassem como amigos. Confiaram uns nos outros sobre o

fracasso das suas relações e voltaram para casa com mais força.

Um dos mochileiros descreveu a viagem como algo inestimável e outro declarou que nunca esqueceria aquelas duas semanas na Índia.

A falta de transparência da menina Green ao ter participado no *tour* foi muito arriscada, visto que podia ser descoberta com facilidade.

No entanto, a sua paixão, a sua atenção aos detalhes e o seu empenho em proporcionar o melhor dos serviços acabaram por prevalecer. Pensei que ia recordar aquela viagem por maus motivos, mas enganava-me.

O Clube de Viagens para Corações Solitários vai fazer com que se sinta contente por o terem abandonado.»

«Oh, meu Deus! Oh, meu Deus!». Rapidamente, liguei a Ben.

Ele atendeu ao primeiro toque.

— Georgia!

— Ben! Viste?

— Sim. Que artigo deslumbrante! Não sei como conseguimos — declarou, num tom rouco.

Abanei a cabeça enquanto lia o texto, escolhendo alguns fragmentos para os dizer em voz alta.

— Embora, bom, a fotografia...

— A fotografia é como a Georgia. A que eu conheci na Tailândia, a que conheço e de quem gosto — declarou Ben.

Corei.

— Ah...

— Estás fantástica. Não te preocupes. Além disso, apercebi-me de que não me contaste tudo o que aconteceu na Índia... Alguma coisa sobre um *karaoke* nudista?

Sorri.

— Bom, não foi assim tão terrível...

Ben desatou a rir-se.

— De todos os modos, adoraria que me contasses. Queres tomar um café? Encontramo-nos na agência.

— Parece-me perfeito.

Acabávamos de abrir quando Kelli apareceu, com os olhos esbugalhados e um ar de incredulidade, com um exemplar da revista na mão.

— Sabia que conseguiam fazê-lo! — gritou, antes de se aproximar a correr para me dar um abraço.

— Sim, sim, bom-dia — cumprimentei-a, rindo-me, e apertei o seu corpo magro entre os meus braços, ao mesmo tempo que sentia o cheiro da tinta do seu cabelo.

— Partilhei-o no Facebook e no Twitter. Têm de ver quantas pessoas comentaram e partilharam. Tenho mais *likes* do que quando publiquei um GIF de um cão a dançar Marilyn Mason.

— Obrigada, Kel — agradei e sorri com afeto. Ela pegou na moldura de Serena, que ainda estava na minha secretária, e atirou-a para o lixo sem pensar duas.

— Toma lá, vigarista!

Parei de me rir quando me apercebi de que ainda tínhamos de resolver aquele problema. O artigo fora um sucesso muito grande e inesperado, mas tínhamos perdido muito dinheiro e tínhamos de fazer

devoluções a muitos fornecedores. Ben devia ter visto a minha expressão de angústia quando me deu uma chávena de café e pôs a mão em cima da minha.

— Vou ligar outra vez à polícia para ver se sabem alguma coisa. Temos de ser otimistas e pensar que vão detê-la e que este artigo magnífico vai trazer-nos muitos clientes. Talvez a polícia consiga segui-la com os bilhetes e apanhá-la quando menos esperar, a meio do concerto.

Sorri com agradecimento e assenti.

— Vamos fazer figas.

O resto do dia foi um redemoinho. Os meus pais ligaram-me para me dizer que tinham mandado o artigo fotocopiado a todos os que conheciam, embora o meu pai tivesse de impedir a minha mãe de tapar a parte em que eu dava um peido em cima de um jornalista nacional. Shelley ligou-me para me dizer que o lera online e que já fizera dois comentários, embora estivesse muito triste por ter perdido o que parecia uma viagem épica.

Os telefones não paravam de tocar. Recebemos muitas chamadas de pessoas que tinham lido o artigo de Chris e queriam reservar lugares num dos nossos *tours*. A agência encheu-se de viajantes que viam os folhetos e entregavam sinais e, a certa altura, a nossa página de Internet caiu devido a tantos acessos. Parecia que, pelo menos, íamos recuperar o dinheiro que Serena nos roubara ou, pelo menos, a maior parte.

— Georgia? — chamou-me Ben. Tapava o microfone do telefone com uma mão e a sua cara tinha uma expressão sombria. — É a polícia. Querem falar contigo.

Acabei a minha entrevista com uma mulher que estava muito emocionada e que se foi embora com o folheto para a viagem à Índia e atendi a chamada.

— Sim?

— Menina Green? Sou o detetive Wilkinson. Estive a falar com o seu colega, o senhor Stevens — disse. Ouvi o barulho dos papéis enquanto o polícia da voz nasal revia os detalhes e continuava: — Gostaríamos de fechar a investigação, porque, infelizmente, temos muito pouco com que continuar. Como a sua empresa não seguiu o protocolo oficial de verificar as referências e antigos empregos, já para não mencionar a forma pouco ortodoxa de contratação, não temos pistas para seguir a menina DeVere. Continuaremos a vigiar os movimentos dos bilhetes que o senhor Stevens mencionou, mas eu não teria demasiadas esperanças.

Fiquei atónita. Sabia que era pedir muito e Ben já se desculpara por ter sido suficientemente tolo para oferecer aquele lugar a Serena. Além disso, não redigira o seu contrato, portanto, não tínhamos nenhum detalhe concreto sobre ela. Não perdia todas as esperanças e esperava que uma pequena chama de *karma* lhe desse o que merecia.

— Entendo.

— No entanto, conseguimos comparar a sua declaração com um caso prévio em que um dos meus colegas trabalhou há poucos anos, no Hull. As circunstâncias são muito parecidas e a descrição da mulher coincide com a que nos deram.

Portanto, já o fizera antes.

— Sei que é um consolo pequeno, mas não são os primeiros e, certamente, não serão os últimos. No futuro, sugiro que sejam mais rigorosos com a vossa política de contratação.

Olhei pela agência e sorri para Kelli, que estava no seu elemento, a falar com segurança com uma cliente que tinha à sua frente.

— Não se preocupe. Não voltará a acontecer. Já tenho os empregados perfeitos.

Quando o último cliente se foi embora, deixei-me, literalmente, cair no sofá. Estava cansada e emocionada. Tínhamos sobrevivido. Quase chorei de felicidade.

— Acho que devíamos abrir isto — declarou Ben, sorrindo e mostrando uma garrafa de champanhe.

— Obrigada, mas o champanhe sabe a chichi de gato — resmungou Kelli.

— Vá, Kel, por sorte, também tenho algumas garrafas de *alcopops* verde fluorescente — disse Ben e os olhos de Kelli iluminaram-se.

Endireitei-me, abanei a cabeça para despertar e aceitei um vinho borbulhante servido na minha chávena favorita. Por sorte, ele salvara-a da queima quando Serena deitara as outras fora.

— Obrigada. Pedi comida para jantarmos.

— Devias estar prestes a deitar tudo a perder todos os dias — declarou Kelli, rindo-se. — O que pediste?

— Comida indiana, é claro — disse.

— Muito boa escolha, portanto, vamos brindar. Chávenas para cima, todos! — exclamou Ben. — Quero dizer que todos estivemos muito bem hoje e, é claro, merecemos uma bebida. Kel, tu foste uma superestrela e sei que estás muito triste por perderes o concerto dos Battlestar Death Wing. — Kelli encolheu os ombros para tentar disfarçar a desilusão que sentia. — Por isso, fiz algumas chamadas e consegui bilhetes para o concerto de Liverpool. Não são na primeira fila, mas, pelo menos, estarás lá.

— O quê? A sério? — Kelli levantou-se com um salto, derramou um líquido verde horrível e abraçou Ben.

— Bom, bom, acalma-te — pediu ele. — Nem sequer tens de pedir à Georgia ou a mim para te acompanharmos.

Sorri ao ver como Kelli estava emocionada. Prometeu a Ben que ia levar um rapaz de que gostava em vez de nós e foi buscar o telemóvel para partilhar a notícia no Twitter.

— Georgia, também tenho uma coisa para ti.

Queria dizer que esperava que não fosse o seu corpo nu, mas mordi o lábio inferior e olhei para ele com expectativa.

— A sério?

Aproximou-se e sentou-se no sofá comigo. Tremi quando me passou o braço pelos ombros. Parecia-me tão natural... No entanto, também me enchia de um sentimento incrivelmente fantástico.

— Pensei no que me contaste sobre as crianças da rua de Nova Deli.

Senti um nó no estômago. Imediatamente, vi os olhos vulneráveis e fantasmagóricos daquela menina que pedia na rua.

— Sim.

De repente, senti-me culpada por estar ali sentada, a beber champanhe e a brindar ao nosso sucesso, quando Deus sabia onde ela estava e com quem.

— Ia dizer-te durante a nossa próxima reunião de empregados — contou-me Ben e sorriu lentamente —, mas queria propor uma nova iniciativa para a empresa, sobretudo, agora que estamos tão longe de ter de fechar — replicou e inclinei a cabeça. — Ainda não pensei em todos os detalhes, mas quero que constituamos a Fundação dos Corações Solitários, uma organização sem espírito lucrativo com um património destinado a contribuir para as ONG da nossa escolha. Assim, poderei usar todos os meus conhecimentos sobre as organizações humanitárias e poderão ajudar os outros. É

uma oportunidade para nós, e para os nossos clientes, de devolver um pouco aos países por onde viajam.

Sorri e olhei para o quadro bordado que Ameera me fizera e que me oferecera em Goa. Estava pendurado por cima da minha secretária.

— É uma ideia muito boa — sussurrei. — A sério, és incrível, sabias?

Inclinei-me e dei-lhe um beijo suave nos lábios. A emoção de poder fazer aquilo e de não ser um sonho de que ia acordar era enorme.

— Arranjem um quarto! — gritou Kelli, enquanto tapava os olhos.

— Está bem — disse eu, rindo-me. — Quando acabarmos o caril, vamos ao *pub* — decidi, levantando-me.

Kelli ficou a olhar para mim fixamente e assentiu admirativamente.

— Nunca achei que dissesse isso.

— Bom, temos muito para celebrar — indiquei e olhei para Ben, que me piscou o olho. Levantei a minha chávena de champanhe. — Às novas aventuras!

— Adoro brindar a isso!

Agradecimentos

Ah... Esse difícil segundo livro de uma série... Espero que tenha conseguido fazer com que se sintam orgulhosos.

Agradeço à minha melhor amiga, Jen Brown, que nunca deixa de me espantar e de me inspirar. Falando de mulheres inspiradoras, quero agradecer publicamente às mulheres fantásticas que há na minha família, que me influenciaram para que me tornasse na melhor versão de mim própria. As mulheres Taylor devem ser receadas e reverenciadas, sobretudo, quando «estão a fazer de avó». Todos deviam ter cuidado, isso é a única coisa que posso dizer!

Escrevi *Destino: O Teu Coração* quando estava a viver em França, coisa que não teria sido tão divertida sem o apoio de Manu, Laura, Anthony, Alexia, Edouard e, sobretudo, de Gill Lethuillier, que foi muito mais do que uma tia. *Merci pour tous*. Agradeço aos meus incríveis pais e irmãos, Charlotte, Isobel, Jack e James, por me manterem com os pés na terra em alturas em que pensei que nunca conseguiria fazê-lo.

Tenho muita sorte por poder trabalhar com mulheres tão brilhantes... Victoria Oundjian, Lydia Mason, Jennifer Krebs, Hannah McMillan e a agente incrível Juliet Mushens. Um grupo magnífico a que pertencer. Fiquei alucinada com o apoio fantástico e infindável de todos, tanto por parte de Carina, como da HarperCollins. Quem ia imaginar que ia bater recordes? Ao meu grupo de escrita, também conhecido como «As Animadoras Incansáveis», sabem quem são. Adoro-vos.

Aos meus antigos e novos amigos de todo o mundo. As vossas mensagens de apoio fazem-me rir, chorar e explodir de orgulho. Agradeço a Anna Lloyd por me deixar trocar ideias com ela durante um jogo de pingue-pongue e por conseguir fazer com que o esparguete à bolonhesa se transformasse na refeição definitiva dos descansos. Agradeço a um punhado de repórteres experientes, incluindo Alice McKeegan, Nina Warhurst e Mel Dawkes, por partilharem a minha história e a de Georgia com o mundo. Um agradecimento muito especial a John Siddle: Sinto-me muito sortuda por poder partilhar isto contigo. Um dia, vou convidar-te para tomar um copo e para esse frango assado ao estilo Greggs que te devo.

Fico sempre espantada com os *bloggers* dedicados aos livros, que trabalham com esforço e cuja paixão pela leitura é contagiante. Aqui, incluo Laura Lovelock, Maryline VP, Simona Elena Schuler, Kelly e Lucy, também conhecidas como The Blossom Twins, Sophie Hedley, Kirsty MacLennan, Rachel Gilbey, This Chick Reads, Alba Forbe, Ellen Faith, Rebecca Pugh e Sharon Wilden.

Agradeço a todos os que compraram, leram e partilharam o meu primeiro romance, *Destino: Um Novo Começo* e que desfrutaram dele. Espero que gostem ainda mais desta nova entrega das viagens de Georgia! Quero cumprimentar e mandar abraços a todos os seguidores e amigos do NotWedOrDead's Twitter, Facebook e Instagram. Obrigada pelos comentários, partilhas, mensagens e *likes*. São a minha inspiração e estou entusiasmada com o facto de todos fazermos parte desta aventura. Bom e... para onde vamos agora?

Se gostou deste livro, também gostará desta apaixonante história que cativa desde a primeira até à última página.



www.harpercollinsiberica.com